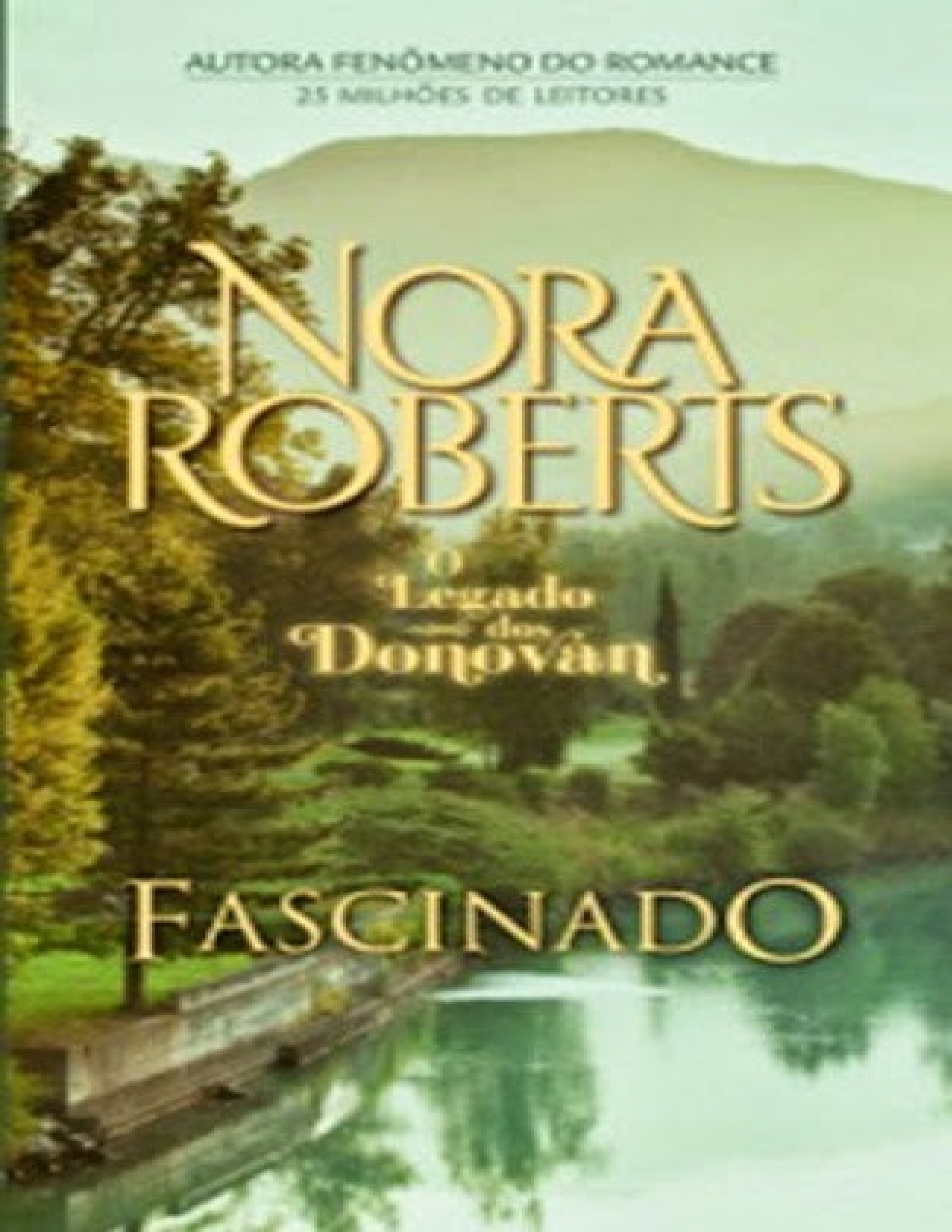
AUTORA FENÔMENO DO ROMANCE
25 MILHÕES DE LEITORES



NORA ROBERTS

O Legado dos Donovan

FASCINADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Fascinado
Série Família Donovan
Livro 2: Sebastian
Nora Roberts

Título original: Entranced

SINOPSE:

Dentre as muitas e inesquecíveis famílias criadas por Nora Roberts, a autora nº 1 da lista dos livros mais vendidos do jornal New York Times, o clã dos Donovan é o mais extraordinário. Pois, além de charme irresistível, seus componentes herdaram alguns dons notáveis de seus ancestrais celtas.

O clã dos Donovan é uma das mais bem-sucedidas criações de Nora Roberts. Descendentes de irlandeses estabelecidos na Califórnia, os membros da família têm duas características comuns: charme irresistível e o dom da magia herdado dos ancestrais celtas.

O segundo livro dessa série conta a história do vidente Sebastian Donovan, que usa seus dons para ajudar a encontrar uma criança raptada. Mary Ellen, a detetive que investigava o caso, sente-se ultrajada pela intromissão de um "charlatão", mas acaba tendo de dar o braço a torcer quando ele lhe oferece pistas preciosas do bebê e o mais intenso amor que ela poderia conceber.

PRÓLOGO

Desde muito cedo Sebastian percebeu seu poder. Aquilo que corria em seu sangue, transformando-o no que ele era, nunca precisou ser-lhe explicado. Nem precisaram lhe dizer que este era um dom que bem poucos possuíam.

Ele podia ver.

As visões nem sempre eram agradáveis, mas eram sempre fascinantes. Quando chegavam, mesmo quando chegaram a uma criança pequena, cujas pernas ainda nem se firmavam, ele as aceitava com a mesma facilidade com que aceitava o nascer do sol todas as manhãs.

Muitas vezes sua mãe sentava-se no chão com ele, o rosto próximo do seu, os olhos perscrutando os dele.

Mesclada com seu grande amor, havia a esperança de que Sebastian sempre aceitasse o dom, que jamais fosse ferido por ele.

Embora ela soubesse que não seria assim, nos dois aspectos.

Quem é você? Ele podia ouvir seus pensamentos com tanta clareza como se ela falasse em voz alta.

Quem você será?

Havia perguntas que ele não podia responder. Mesmo então, já compreendera que era mais difícil enxergar dentro de si mesmo do que enxergar nas outras pessoas.

Com o passar do tempo, seu dom não impediu as brincadeiras, as disputas e provocações com as primas mais novas. Embora com frequência, com muita frequência, ele tentasse ir além de seus limites e experimentasse sempre mais, isto não o impedia de desfrutar de uma casquinha de sorvete nas tardes de verão, nem de rir assistindo desenhos nas matinês de sábado.

Sebastian era um menino normal, ativo e travesso, com uma aguçada e, às vezes, tortuosa inteligência, e um rosto notavelmente belo, realçado pelos hipnóticos olhos azul-acinzentados e pelos lábios cheios e de sorriso fácil.

Passou por todos os estágios que levam um menino na direção da masculinidade. Os joelhos esfolados e ossos quebrados, as pequenas e grandes rebeldias, o primeiro e excitante sorriso recebido de uma garota bonita. Como todas as crianças, tornou-se adulto, saiu do território de seus pais e criou o seu próprio.

E o poder cresceu, na mesma medida que ele.

Considerava sua vida como bem ajustada e confortável.

E aceitava, como sempre fizera, o simples fato de que era um feiticeiro.

CAPÍTULO 1

Mel sonhava com um homem que estava sonhando com ela. Mas ele não estava dormindo. Podia ver, com uma nitidez tão perfeita que nem parecia ser um sonho, que ele estava parado junto a uma grande e escura janela, com os braços relaxados ao longo do corpo. Mas seu rosto era tenso, determinado. E os olhos...

Eram tão profundos, inexoráveis. Cinzentos, ela pensou enquanto virava-se no sono. Mas não exatamente cor de cinza. Havia neles um toque de azul, também. Tal cor a fazia pensar em rochas arrancadas de um alto penhasco num momento, e nas águas calmas e suaves de um lago, no outro.

Era estranho, muito estranho, que ela soubesse que seu rosto estava tenso e rígido, embora fosse incapaz de vê-lo. Via apenas aqueles olhos fascinantes e perturbadores.

E sabia que estava pensando nela. Não somente pensando, mas, de alguma forma, enxergando-a. Como se ela tivesse ido para o outro lado daquela janela e ficasse parada ali, olhando-o através da imensa vidraça.

Por algum motivo, tinha certeza de que, se levantasse a mão para tocar a vidraça, seus dedos a atravessariam e encontrariam os dele.

Se ela quisesse.

Em vez disso, ela rejeitou-o, enroscando-se nos lençóis e murmurando no sono. Até mesmo em seus sonhos Mel Sutherland não gostava do que era ilógico. A vida tinha suas regras, regras muito básicas. E ela acreditava firmemente que todos estariam em melhor situação se as seguissem.

Assim, não estendeu a mão para a vidraça, nem para ele.

Virou-se na cama, quase com violência, atirando o travesseiro no chão e desejando que o sonho se dissipasse.

Ele dissipou-se e, tão aliviada quanto desapontada, Mel mergulhou profundamente num sono sem sonhos.

Poucas horas depois, com a visão noturna relegada ao seu subconsciente, ela acordou com o estardalhaço produzido pelo despertador de Mickey Mouse, em seu criado-mudo. Uma única e experiente pancada o silenciou. Não havia o perigo de enroscar-se na cama e deslizar novamente para o sono. A mente de Mel era tão disciplinada quanto seu corpo.

Sentou-se, entregando-se ao prazer de um enorme bocejo enquanto afundava os dedos nos cabelos loiros e embaraçados. Seus olhos, de um verde-escuro e intenso, herdados do pai de quem não se lembrava, ficaram enevoados por apenas um instante. Depois, focalizaram-se nas cobertas reviradas.

Noite agitada, pensou, desenroscando as pernas dos lençóis. E por que não? Seria bem difícil esperar que tivesse dormido como um bebê, com o que teria de fazer naquele dia. Depois de respirar fundo, pegou o short de ginástica que estava no chão e vestiu-o, sem trocar a camiseta com que havia dormido. Cinco minutos depois, saía ao encontro do ar ameno da manhã, para sua corrida diária de quatro quilômetros.

Ao passar pela porta, beijou a ponta dos dedos e encostou-os na madeira do batente. Porque ali era o seu lar, a sua casa. Dela. E, mesmo depois de quatro anos, ainda não o tinha como certo.

Não era grande coisa, pensou enquanto fazia um rápido aquecimento. Apenas um prédio de tijolos espremido entre uma lavanderia e um escritório de contabilidade que se esforçava para progredir. Mas ela não precisava de muito mais do que isso.

Mel ignorou o assovio vindo de um carro que passava, o motorista sorrindo com apreciação para suas pernas longas, esguias e musculosas. Ela não se exercitava para ficar mais bonita, mas sim porque a corrida rotineira disciplinava a mente e o corpo. Um detetive particular que se entregasse à preguiça e indolência acabaria encrencado. Ou desempregado. Mel não tinha intenção de enquadrar-se em nenhuma dessas categorias.

Começou com uma corrida leve, apreciando o barulho que seus tênis faziam quando batiam na calçada, adorando ver a luz perolada do céu, que indicava o início de um lindo dia. Era o mês de agosto, e Mel pensou no calor miserável que devia estar fazendo em Los Angeles. Mas ali, em Monterey, havia aquela eterna primavera. Não importava o que dizia o calendário, o ar era sempre fresco como um botão de rosa.

Ainda era muito cedo para que o tráfego estivesse intenso.

E, ali no centro da cidade, era raro que ela encontrasse algum companheiro de corrida. Se tivesse escolhido correr em qualquer uma das praias, seria bem diferente. Porém, Mel preferia correr sozinha.

Seus músculos começaram se aquecer. Uma fina camada de suor brilhava saudavelmente em sua pele.

Ela acelerou os passos aos poucos, até alcançar o ritmo conhecido, que se tornara tão automático quanto respirar.

Pelo primeiro quilômetro, manteve a mente vazia, limitando-se a observar os arredores. Um carro com o escapamento aberto passou ruidosamente por um sinal de "Pare", fazendo apenas uma breve e hesitante pausa.

Um sedã Plymouth 82, azul-escuro. A anotação mental era apenas para manter a prática. Porta do motorista arranhada. Placas da Califórnia, Able Charlie Robert 2289.

Havia um homem deitado de bruços na grama do parque.

No instante em que Mel interrompeu a corrida, ele sentou-se, espreguiçou e pegou o rádio portátil ao seu lado.

Um estudante universitário viajando de carona através do país, ela concluiu enquanto retomava novamente o passo, embora fizesse mais uma anotação mental da mochila... Azul, com um emblema da bandeira americana... A cor dos cabelos dele... castanhos... e... Qual é a música?, Perguntou-se enquanto a melodia começava a enfraquecer atrás de si.

Bruce Springsteen. Cover Me.

Nada mau, congratulou-se com um sorriso, quando virou numa esquina.

Podia sentir o cheiro de pão fresco vindo da padaria. Um aroma matinal, agradável e pungente. E o perfume de rosas. Mel aspirou o ar profundamente, embora preferisse submeter-se à tortura antes de admitir que tinha uma fraqueza por flores. As árvores agitavam-se levemente sob a brisa e, se ela se concentrasse, se concentrasse de verdade, poderia sentir o cheiro do mar.

E era bom sentir-se forte, alerta e sozinha. Era bom conhecer aquelas ruas e saber que este era o seu lugar. Que poderia ficar ali pelo tempo que quisesse. Que não precisaria mais perambular no meio da noite num carro velho e amassado, seguindo os caprichos de sua mãe.

Está na hora de ir embora, Mary Ellen. É hora de seguir em frente. Estou com o pressentimento de que devíamos seguir para o norte durante algum tempo.

E, assim, elas iriam, ela e a mãe que adorava, aquela mãe que sempre seria mais infantil e imatura do que a filha que encolhia-se no assento rasgado e remendado ao seu lado. Os faróis do carro cortariam a estrada, abrindo caminho para uma nova cidade, com uma nova escola e novas pessoas.

Mas elas nunca ficavam o bastante para se acomodar, jamais tinham tempo para tornar-se parte de qualquer coisa que não fosse a estrada. Logo sua mãe seria atacada pelo que sempre chamava de "comichão nos pés". E lá iriam elas novamente.

Mas por que Mel sempre sentia que estavam fugindo, em vez de estarem indo ao encontro de algo diferente?

Isso tudo, é claro, havia acabado. Alice Sutherland tinha agora seu próprio e confortável trailer, que Mel ainda teria vinte e seis prestações para pagar, e vivia feliz como um passarinho, saltitando de um Estado para outro, de uma aventura para outra.

Mel, por sua vez, estava se fixando num lugar. Era verdade que não havia dado certo em Los Angeles, mas ela sentira o gostinho de como seria criar raízes. E passara dois anos muito frustrantes e educativos no Departamento de Polícia de Los Angeles. Dois anos que lhe ensinaram que o cumprimento da lei

era exatamente o que gostava de fazer, ainda que preencher multas de trânsito e formulários intermináveis não fosse.

Assim, mudara-se para o norte e abrira a sua própria firma, a Investigações Sutherland. Ainda preenchia formulários, aos montes, geralmente, mas eram os seus formulários.

Chegou à metade de sua corrida, e fez a volta para retornar.

Como sempre, sentia um rápido fluxo de satisfação ao saber que seu corpo reagia tão automaticamente.

Nem sempre fora assim, não na época em que era uma criança alta demais, desajeitada demais, com cotovelo e joelhos que pareciam implorar para ser batidos e esfolados. Havia exigido muito tempo e disciplina de sua parte, mas agora, com vinte e oito anos, ela tinha seu corpo sob controle. Sim, senhor. Mel jamais ficara desapontada pelo fato de não ter desabrochado e adquirido formas curvilíneas. Ser magra e esguia era bem mais eficiente. E suas longas e ágeis pernas, que no passado sugeriam apelidos como "Varapau" e "Magrela", agora estavam fortes, atléticas e, ela admitia em segredo, valendo a pena um olhar mais demorado.

Foi então que ela ouviu o choro do bebê. Um choro nervoso e impaciente, que jorrava através da janela de um dos apartamentos do prédio por onde ela estava passando. Seu estado de espírito, animado pela corrida, afundou de repente.

O bebê. O bebê de Rose. O doce David com suas bochechas rosadas.

Mel continuou a correr, pois o hábito era arraigado demais para ser quebrado. Mas sua mente encheu-se de imagens.

Rose, a inocente e ligeiramente amalucada Rase, com os cabelos vermelhos e crespos e seu sorriso fácil.

Mesmo com a natural reserva de Mel, havia sido impossível recusar sua amizade.

Rose trabalhava como garçonete no pequeno restaurante italiano que ficava a duas quadras do escritório de Mel. Tinha sido bem fácil iniciarem uma conversa casual, especialmente considerando-se que Rose era quem mais falava, enquanto Mel saboreava um prato de espaguete ou uma xícara de cappuccino.

Mel lembrava-se do quanto admirava o desembaraço com que Rose equilibrava as bandejas cheias, mesmo com a barriga de oito meses de gravidez esticando-lhe o avental. E lembrava-se de Rose lhe dizendo o quanto ela e seu marido Stan estavam felizes por esperar o primeiro filho.

Mel até havia sido convidada para o chá de bebê e, embora estivesse certa de que se sentiria deslocada e estranha numa reunião deste tipo, divertira-se ao ouvir as exclamações admiradas de Rose diante de cada pecinha de roupa ou bichinho de pelúcia. E havia simpatizado imediatamente com Stan, também,

com seus olhos tímidos e sorrisos lentos.

Quando David nascera, oito meses atrás, ela fora visitar Rose no hospital. Enquanto olhava para os bebês que dormiam, choravam ou agitavam-se nos bercinhos de grades, ela entendera porque as pessoas rezavam, lutavam e sacrificavam-se para ter filhos.

Eles eram tão perfeitos. Tão perfeitamente adoráveis.

Ao sair do hospital, estava feliz por Rose e Stan. E mais solitária do que jamais se sentira em toda sua vida.

Acabara tornando-se um hábito passar pelo apartamento deles de vez em quando, sempre levando um brinquedinho para David. Como desculpa, é claro, uma desculpa para ficar com o bebê por uma hora ou mais.

Havia se enchido de amores pela criança, de forma que não se sentia nada tola ao deslumbrar-se com o nascimento do primeiro dentinho, nem por ficar atônita quando ele aprendera a engatinhar.

Então, houvera aquele telefonema desesperado, dois meses atrás. A voz de Rose, estridente e quase incoerente.

— Ele desapareceu. Ele desapareceu...

Mel percorrera o trajeto entre seu escritório e a casa dos Merrick num tempo recorde. A polícia já havia chegado. Stan e Rose estavam juntos no sofá, agarrados um ao outro como duas almas perdidas num naufrágio. E ambos chorando.

David desaparecera. Havia sido sequestrado quando estava dormindo no cercadinho, que Rose levara para a sombra no pequeno quintal dos fundos do apartamento térreo.

Dois meses tinham se passado, e o cercadinho continuava vazio.

Tudo o que Mel aprendera, tudo o que fora treinada para fazer e que os instintos lhe ensinaram, não foram o suficiente para trazer David de volta.

Agora, Rose queria tentar algo mais, algo tão absurdo que Mel teria achado risível, se não fosse pelo duro brilho de determinação que vira nos olhos de Rose, normalmente tão dóceis.

Rose não se importava com o que Stan dizia, com o que a polícia dizia, com o que Mel dizia. Ela iria tentar qualquer coisa, tudo, para ter seu filho de volta.

Mesmo se isso significasse procurar um médium.

Enquanto seguiam rapidamente pela estrada costeira de Big Sur no velho e desengonçado MG de Mel, ela fez uma última tentativa de convencer Rose a recuperar o bom senso.

— Rose...

— Nem adianta tentar fazer-me mudar de idéia. — Embora Rose falasse em

voz baixa, havia nela uma dureza que só viera à tona naqueles últimos dois meses. — Stan já tentou.

— Isso é porque nós dois nos preocupamos com você. Não queremos vê-la sofrendo ao deparar-se com mais um beco sem saída.

Embora tivesse somente vinte e três anos, Rose sentia-se tão velha quanto o mar que se abria diante delas. Tão velha quanto o mar, e tão dura quanto as pedras que se projetavam dos rochedos nas margens da estrada.

— Sofrer? Nada mais é capaz de me fazer sofrer, agora. Sei que você se preocupa, Mel, e sei que é pedir demais que me acompanhe hoje...

— Não é...

— É, sim. — Os olhos de Rose, antes tão luminosos e alegres, estavam turvos pela dor e medo que pareciam não ter fim. Sei que você acha que isso é bobagem, e talvez até se sinta ofendida, desde que está fazendo tudo o que pode para encontrar David. Mas eu preciso tentar. Tenho de tentar qualquer coisa.

Mel ficou em silêncio por um instante, pois se envergonhava ao perceber que realmente sentia-se ofendida. Ela era uma pessoa treinada, uma profissional, e lá estavam elas, cruzando a costa para consultar algum doutor em feitiçaria.

Porém, não fora ela quem perdera o filho. Não era ela quem tinha de enfrentar a tortura de ver o berço vazio, dia após dia.

— Nós vamos encontrar David, Rose. — Mel tirou a mão do câmbio crepitante pelo tempo suficiente de dar um aperto nos dedos frios da amiga. — Eu juro.

Em vez de responder, Rose limitou-se a assentir e virou a cabeça na direção dos altos penhascos. Se não encontrassem seu bebê, e logo, seria fácil demais simplesmente saltar de um destes rochedos e libertar-se do mundo.

Sebastian sabia que elas viriam, mas isso nada tinha a ver com seus poderes. Ele próprio atendera o telefonema daquela mulher cuja voz estava trêmula, suplicante. E ainda se maldizia por isso. Não fora para evitar este tipo de coisas que seu número não constava da lista telefônica? Que comprara uma daquelas maquininhas tão úteis que atendiam os chamados sempre que alguém conseguia descobrir o seu número?

Mas ele havia atendido o telefonema. Porque sentira que devia. Soubera que devia. Portanto, sabia que elas estavam chegando e preparou-se para recusar qualquer coisa que viessem lhe pedir.

Diabos, ele estava cansado. Mal acabara de voltar para casa, para sua vida, depois de três angustiantes semanas em Chicago, onde ajudara a polícia a seguir os rastros daquele que a imprensa, com muita esperteza, havia apelidado de "Fatiador da Zona Sul".

E ele havia visto coisas que esperava nunca mais ver novamente.

Sebastian aproximou-se da janela, a ampla janela de onde avistava um extenso e ondulante gramado, o colorido jardim de pedras e, mais adiante, o vertiginoso vertedouro das rochas que mergulhavam até as profundezas do mar.

Gostava daquele cenário dramático, dos declives perigosos, do mar agitado, e até mesmo da faixa de asfalto que cortava as rochas como uma prova do esforço humano, da determinação humana de abrir caminhos e seguir em frente.

Mas, acima de tudo, gostava da distância, a distância que lhe proporcionava alívio, afastando-o daqueles que invadiriam não apenas seu espaço; mas também sua mente.

No entanto, alguém cruzara aquela distância e já havia invadido, e ele ainda se perguntava o que isto significaria.

Sebastian tivera um sonho na noite anterior, um sonho no qual ele havia ficado parado ali, exatamente onde estava agora.

Mas houvera uma mulher no outro lado da vidraça, uma mulher a quem ele queria muito.

Porém, estava tão cansado e exaurido que não conseguira reunir as forças para concentrar-se em seu foco. E ela desaparecera.

O que, naquele momento, não o preocupava nem um pouco.

Tudo o que ele realmente queria era dormir e passar alguns dias entregue à preguiça, simplesmente cuidando de seus cavalos, divertindo-se com seus negócios e interferindo na vida de suas primas.

Sebastian sentia falta de sua família. Já fazia um bom tempo desde a última vez que fora para a Irlanda visitar seus pais, seus tios e tias. Suas primas estavam mais perto, apenas a alguns quilômetros além da sinuosa estrada que contornava os penhascos, mas parecia que fazia anos, e não apenas algumas semanas, que não se encontravam.

Morgana estava ficando cada vez mais arredondada, com o filho que carregava no ventre. Não, com os filhos. Sebastian sorriu consigo mesmo, imaginando se ela já saberia que eram gêmeos.

Anastásia devia saber. Sua prima mais delicada e bondosa sabia de tudo o que havia para saber sobre métodos de cura e medicamentos naturais. Mas Ana não diria nada, a não ser que Morgana lhe perguntasse diretamente.

Sebastian queria vê-las. Agora. Sentia até um anseio de passar algum tempo com o marido de Morgana, embora soubesse que Nash estava totalmente absorvido com um novo roteiro. Queria pular na sua moto, acelerar e correr em disparada até Monterey, cercando-se de sua família e das coisas que conhecia. Queria, a todo custo, evitar as duas mulheres que naquele exato instante seguiam pelas colinas, vindo na direção dele.

Vindo a ele com suas necessidades, seus pedidos e sua desesperança.

Mas ficaria ali mesmo.

Ele não era um homem altruísta, e jamais afirmara ser. No entanto, realmente compreendia as responsabilidades que andavam de mãos dadas com seu dom.

Mas não podia dizer sim a todos. Se dissesse, acabaria enlouquecendo aos poucos. Havia vezes em que dizia sim, depois descobria que o caminho estava bloqueado. Era o destino. Havia outras vezes em que queria dizer não, queria desesperadamente dizer não, por motivos que nem ele próprio entendia. E ainda havia vezes em que seu desejo não significava nada, se comparado com a grandeza da tarefa que teria de empreender.

Isso, também, era o destino.

E agora Sebastian sentia medo, um medo incômodo, de que aquela era uma das ocasiões em que seus desejos não significavam nada.

Ouviu o carro forçando o motor na subida da colina, antes mesmo de avistá-la. E quase sorriu. Ele construíra a casa bem no alto, no ponto mais ermo, e a estradinha estreita e pedregosa que levava até lá não era um sinal de boas-vindas. Porém, mesmo um vidente tinha direito à privacidade. Ele viu o carro, um borrão cinzento e feio, e suspirou.

Elas estavam ali. E quanto mais depressa as despachasse, melhor seria.

Saiu do quarto e desceu as escadas, um homem alto, quase um metro e noventa contando as botas de montaria, esguio nos quadris e largo nos ombros. Os cabelos pretos afastados dramaticamente da testa e caindo pelo colarinho da camisa jeans, curvando-se um pouco nas pontas. Um rosto cujos traços, ele esperava, indicavam que era um homem educado, mas inacessível. Os ossos fortes e proeminentes, herdados de seus ancestrais célticos, projetavam-se sob a pele escurecida graças ao seu amor pelo sol.

Enquanto descia a escadaria, passou a mão pela madeira sedosa do corrimão. Tinha um carinho especial pelas texturas, tanto às macias como as mais ásperas. O anel de ametista que usava numa das mãos reluziu intensamente.

No instante em que o carro acabou de abrir seu caminho ruidosamente até o topo da colina, e quando Mel superou seu primeiro espanto ao ver a estrutura excêntrica e fluída de madeira e vidro que Sebastian chamava de casa, ele já estava parado na varanda.

Era como se uma criança tivesse jogado para o alto um punhado de blocos de montar e eles tivessem caído ao acaso, formando uma profusão de cores e formas que, depois, se fundiram. Pelo menos foi isso que Mel pensou, quando saiu do carro e foi assaltada pelos cheiros das flores, dos cavalos e do vento que vinha do mar.

O olhar de Sebastian pousou em Mel, demorando-se por um momento

enquanto seus olhos estreitavam-se. Com um leve franzir de testa, ele desviou a atenção, focalizando-a em Rose.

— Senhora Merrick?

— Sim, senhor Donovan. — Rose sentiu um aperto na garganta, ameaçando transformar-se num soluço. — É muita bondade sua me receber.

— Não sei se é bondade ou não.

Sebastian prendeu os dedos nos bolsos da calça jeans e observou-as. Rose usava um vestido azul simples, dolorosamente bem passado, que pendia um pouco nos quadris. Era como se tivesse emagrecido recentemente. Havia aplicado a maquiagem com todo cuidado mas, a julgar pela maneira como seus olhos brilhavam, esta não duraria muito tempo.

Ele lutou contra uma onda de simpatia.

A outra mulher não parecia incomodar-se muito com a aparência, o que a tornava ainda mais intrigante.

Como Sebastian, ela estava usando jeans e botas, ambos já bastante gastos. A camiseta que enfiara na cintura da calça jeans provavelmente fora vermelha algum dia, mas agora parecia desbotada depois de muitas lavagens. Não usava jóias, nem maquiagem. Mas o que ela realmente exibia, e Sebastian viu tão nitidamente quanto via as cores de seus cabelos e olhos, era sua opinião. Uma opinião negativa.

Você é do tipo durona, não é... Procurou mentalmente o nome dela, e foi atingido por um redemoinho de emoções, uma espécie de estática mental, que o avisou de que aquela mulher estava tão envolvida por um turbilhão emocional quanto Rose Merrick.

Fantástico.

Rose já se adiantava na direção dele. Sebastian estava tentando manter-se distante e desinteressado, mas sabia que estava perdendo. Rose lutava contra as lágrimas, aquelas que ele era capaz de sentir queimando-lhe o coração.

Não havia nada no mundo que mais enfraquecesse um homem do que uma mulher corajosa.

— Senhor Donovan, não pretendo tomar muito de seu tempo. Só preciso que...

No instante em que a voz de Rose perdeu a força, Mel já estava ao seu lado, o olhar que enviou a Sebastian era qualquer coisa, menos amigável.

— Você vai nos deixar entrar e sentar um pouco, ou teremos de...

Agora, foi ela quem ficou sem palavras. Mas não foi a ameaça das lágrimas que calou sua voz. Foi o choque absoluto.

Os olhos dele. Isso era tudo que Mel conseguiu pensar por um instante e, de fato, pensou com tal nitidez, com tal violência, que Sebastian ouviu as palavras

ecoando em sua própria mente.

Ridículo, ela disse a si mesma, recuperando o controle. Tinha sido um sonho, só isso. Algum sonho bobo, que ela estava confundindo com a realidade. A verdade era que ele possuía mesmo olhos lindos. Os olhos mais incomodamente lindos que ela já vira.

Sebastian observou-a por mais um instante e, apesar de curioso, não foi além do seu rosto. Mesmo sob a inclemente luz do sol ela era bem bonita. Talvez fosse o desafio que ele enxergou com tanta clareza naqueles firmes olhos verdes, ou a maneira como ela empinou o queixo, com a covinha leve e estranhamente sensual.

Bonita, sim, ele concluiu, mesmo tendo os cabelos alguns centímetros mais curtos que os dele. Mesmo se eles dessem a impressão de terem sido cortados por ela própria, com uma tesoura de cozinha.

Sebastian desviou os olhos e ofereceu um sorriso à Rose.

— Vamos entrar, por favor — disse, estendendo-lhe a mão. Deixou que Mel os seguisse.

Foi o que ela fez, e Sebastian teria se divertido se visse o ar arrogante com que subiu os degraus da varanda e entrou na sala principal com teto alto, as clarabóias e os balcões abertos. Mel fez uma leve careta, desejando não achar tudo tão bonito, como aquelas paredes quentes, em tons amarelados que produziam uma atmosfera acolhedora e sensual. Havia um sofá baixo e largo, comprido como um rio e forrado de um reluzente azul-royal. Sebastian guiou Rose até ali, cruzando um tapete em tons pastéis do tamanho de um lago, e Mel aproveitou para observar o ambiente onde ele morava.

Tudo estava impecavelmente arrumado, mas sem parecer organizado demais. Esculturas modernas em mármore, madeira e bronze intercalavam-se com peças que, certamente, eram valiosas antiguidades. Tudo ali era grande e, como resultado, a sala parecia acolhedora apesar do tamanho.

Aqui e ali, dispostos com aparente casualidade sobre os antigos móveis de madeira polida, havia agrupamentos de cristais, alguns grandes o bastante para arquear as costas de um homem que os erguesse, outros tão pequenos que caberiam na mão de uma criança. Mel viu-se encantada por eles, pela maneira como brilhavam e reluziam, em formatos que lembravam antigas cidades, estreitos bastões, esferas polidas ou montanhas escarpadas.

Reparou que Sebastian a olhava com um ar de paciente divertimento e encolheu os ombros.

— São bem bonitos.

Os lábios dele curvaram-se, acompanhando o humor em seus olhos.

— Obrigado. Sente-se, por favor.

O sofá podia parecer tão longo quanto um rio, mas ela escolheu uma poltrona no outro lado da ilha formada pela mesa de centro entalhada.

Os olhos dele pousaram em Mel por mais um instante, depois se voltaram para Rose.

— Posso lhe oferecer um café, senhora Merrick? Ou um refresco?

— Não, obrigada. Por favor, não se incomode. — A gentileza dele era pior, pois, de alguma forma, abalava seu desesperado autocontrole. — Reconheço que nossa visita é quase uma imposição, senhor Donovan. Eu li alguns artigos sobre o senhor. E minha vizinha, a senhora Ott, disse o quanto o senhor ajudou a polícia no ano passado, quando aquele garoto desapareceu. O caso da fuga.

— Joe Cougar. — Sebastian sentou ao lado dela. — Sim, ele achou que poderia tentar a sorte em San Francisco e quase enlouqueceu os pais. Suponho que a juventude goste de correr riscos.

— Mas ele tinha quinze anos. — A voz de Rose entrecortou-se e, pressionando os lábios, ela tentou falar novamente. — Eu... eu não quero dizer que seus pais não deveriam ter-se preocupado, mas o rapaz tinha quinze anos. O meu David é apenas um bebê. Ele estava no cercadinho, dormindo. — Ela enviou a Sebastian um olhar de desespero. — Deixei-o sozinho por apenas um minuto, quando o telefone tocou. Ele estava bem ali, perto da porta, dormindo. Não estava na rua, nem foi deixado sozinho num carro... Estava perto de mim, com a porta aberta, e eu o deixei por só um minuto.

— Rose. — Embora preferisse manter a maior distância possível de Sebastian, Mel levantou-se e foi sentar ao lado da amiga. — Não foi culpa sua. Todos entendem isso.

— Eu o deixei — Rose falou, inerte. — Deixei meu bebê sozinho, e agora ele desapareceu.

— Senhora Merrick. Rose. Você não se considera uma boa mãe? — Sebastian fez a pergunta num tom descuidado, e viu o horror emergir nos olhos de Rose. E a fúria acender-se nos de Mel.

— Sim, é claro que sou boa mãe. Eu amo David. Sempre quis fazer o melhor por ele. Eu só...

— Então, não faça isso. — Ele tomou-lhe a mão, e o toque foi tão delicado, tão reconfortante que a ameaça das lágrimas recuou um pouco. — Você não tem culpa do que aconteceu. E tentar jogar a culpa em si mesma não irá ajudá-la a encontrar David.

A fúria de Mel apagou-se como um pavio molhado. Ele dissera exatamente a coisa certa, do jeito certo.

— Você pode me ajudar? — Rose murmurou. — A polícia está tentando. E Mel... Mel está fazendo tudo o que pode, mas David ainda está desaparecido.

Mel, ele refletiu. Um nome interessante para aquela loira alta e esguia, com uma índole agressiva.

— Nós vamos trazer David de volta. — Agitada, Mel levantou-se outra vez. — Temos algumas pistas. Podem não ser muito consistentes, mas...

— Nós? — Sebastian interrompeu. Captou uma imagem rápida, como num flash, de Mel segurando uma arma com as duas mãos, os olhos tão frios quanto duas esmeraldas congeladas. — Trabalha na polícia, srta...

— Sutherland. Sou detetive particular. — Ela disparou as palavras para ele. — Você não deveria saber estas coisas?

— Mel... — Rose falou baixinho, em tom de aviso.

— Está tudo bem. — Sebastian deu uma palmadinha na mão de Rose. — Eu posso olhar, ou posso perguntar. Com pessoas relativamente estranhas, acho mais educado perguntar do que invadir, não concorda?

— Sim, está certo. — Com um resmungo de desprezo, Mel atirou-se novamente na poltrona.

— Sua amiga é uma cética — Sebastian comentou. — O ceticismo pode ser muito valioso, mas também muito grosseiro.

Então, preparou-se para dizer a Rose que não poderia ajudá-la. Simplesmente não poderia abrir-se para o trauma e para os riscos de procurar outra criança perdida.

Porém, Mel mudou isso tudo. Exatamente, ele supunha, como tinha de ser.

— Pois eu não considero ceticismo o fato de reconhecer um charlatão disfarçado de bom samaritano. — Os olhos dela faiscavam, quando se inclinou para frente. — Essa história de mediunidade é tão falsa quanto um mágico barato tirando coelhos da cartola.

Ele arqueou a sobrancelha. Foi o único sinal de interesse ou irritação.

— Acha mesmo?

— Um charlatão é um charlatão, senhor Donovan. O futuro de uma criança está em jogo, e não vou admitir que você faça seus "passes de mágica" apenas para ter o nome publicado nos jornais. Sinto muito, Rose. — Ela levantou-se, quase vibrando de raiva. — Gosto muito de você, e gosto muito de David. Mas não posso ficar aqui parada e vendo este sujeito enganá-la.

— É o meu bebê. — As lágrimas que Rose tanto tentara conter, agora corriam soltas. — Preciso saber onde ele está. Preciso saber se ele está bem. Se está com medo, ou se está feliz. Ele nem levou o ursinho de pelúcia. — Rose· escondeu o rosto nas mãos. — Nem levou o ursinho de pelúcia...

Mel amaldiçoou a si mesma, ao seu temperamento explosivo, amaldiçoou Sebastian Donovan e o mundo em geral. Porém, quando se ajoelhou ao lado da amiga, tanto a voz como as mãos eram gentis e delicadas.

— Desculpe-me, Rose. Por favor, me desculpe. Eu entendo o medo que você está sentindo. Eu também estou com medo. E se quiser que o senhor Donovan... — Ela quase engasgou com a palavra — ajude, então ele vai ajudá-la. — Levantou o rosto furioso e desafiador para Sebastian. — Não vai?

— Sim. — Ele assentiu devagar, sentindo que o destino tomava-lhe as mãos. — Eu vou ajudar.

Sebastian conseguiu convencer Rose a tomar um pouco d'água e enxugar os olhos. Enquanto Mel olhava pela janela com uma expressão carregada, Rose tirou um ursinho amarelo de dentro da bolsa.

— É de David. O seu preferido. E esta... — Remexeu na carteira e pegou uma foto. — Esta é a fotografia dele. Pensei que... bem, a senhora Ott disse que talvez você precisasse de alguma coisa que pertence a ele.

— Ajuda bastante. — Sebastian pegou o brinquedo e sentiu um puxão violento no estômago, que reconheceu como sendo a dor de Rose. Teria de passar por aquilo, e ir mais além. Mas não olhou para a fotografia. Ainda não. — Deixe isso comigo. Entrarei em contato. — Ajudou-a a levantar. — Você tem minha palavra, Rose. Farei tudo o que puder.

— Nem sei como lhe agradecer. Por tentar. Só o fato de saber que você é... Bem, isso me dá um pouco de esperança. E nós, Stan e eu, temos algumas economias.

— Conversaremos sobre isso depois.

— Rose, espere por mim no carro — Mel falou num tom tranquilo, mas Sebastian podia ver que ela estava sentindo tudo, menos tranquilidade. — Vou passar as informações que tenho ao senhor Donovan. Talvez possa ajudá-lo.

— Tudo bem. — Um fraco sorriso perpassou os lábios de Rose. Obrigada.

Mel esperou até que Rose saísse, depois se virou e disparou:

— Quanto você acha que conseguirá arrancar dela para este tipo de trapaça? Ela é garçonete, e o marido é mecânico.

Sebastian recostou preguiçosamente no batente da porta.

— Srta. Sutherland, está parecendo que eu preciso de dinheiro? Ele emitiu um som de desprezo.

— Não, é claro que você tem rios de dinheiro. Tudo isso é só uma brincadeira para você, não é?

Sebastian segurou-a pelos braços, com tal força que a pegou de surpresa.

— Não é brincadeira. — A voz dele era baixa, e tão repleta de violência contida, que ela piscou. — O que eu tenho, o que eu sou, não é brincadeira. E uma criança sequestrada também não é brincadeira.

— Não quero que ela sofra ainda mais.

— Nisso nós concordamos. E se você é tão contrária a esta idéia, por que a

trouxe até aqui?

— Porque ela é minha amiga. Porque ela me pediu.

Sebastian aceitou a resposta com um leve assentir de cabeça. A lealdade era algo que ele podia sentir pulsando dentro dela.

— E quanto ao meu número de telefone particular? Foi você que descobriu?

Os lábios dela formaram algo bem parecido com um sorriso de triunfo.

— É o meu trabalho.

— E você é boa no que faz?

— Muito boa.

— Ótimo. Eu também sou muito bom no que faço, e estaremos trabalhando juntos.

— O que o leva a pensar que...

— Porque você se importa de verdade. E se houver uma chance ah, até mesmo a mínima chance, de que eu seja o que afirmo ser, você não vai querer arriscar-se a ignorar minha ajuda.

Mel podia sentir o calor que emanava dos dedos dele. Parecia fluir através de sua pele, até os ossos.

Então, ocorreu-lhe que estava com medo. Não fisicamente. Era um medo mais profundo. Tinha medo porque nunca antes sentira aquele tipo de poder.

— Eu trabalho sozinha.

— Eu também — ele retrucou calmamente. — Como regra geral. Mas nós vamos quebrar as regras. — Sebastian penetrou em sua mente, rápido como uma cobra. Queria apenas uma coisa, uma coisinha qualquer, para esfregar no nariz dela. Ao encontrar, sorriu. — Entrarei em contato muito em breve, Mary Ellen.

Teve o prazer de vê-la abrir a boca de espanto, de ver seus olhos estreitarem-se enquanto pensava, esforçando-se para lembrar se Rose dissera seu nome completo. Mas não conseguiu lembrar-se, não podia ter certeza. Abalada, Mel desvencilhou-se dele.

— Não me faça perder tempo, Donovan. E não me chame assim. — Erguendo a cabeça, saiu com passos duros. E, mesmo não sendo "médium", soube que ele estava sorrindo.

CAPÍTULO 2

Sebastian não voltou para dentro, nem mesmo depois de ver o carrinho cinzento desaparecer pela faixa asfaltada da Rodovia 1. Ficou ali na varanda divertido e ligeiramente irritado pelas faíscas de raiva e frustração que Mel deixara brilhando no ar.

Voluntariosa, ele pensou. E transbordando energia. Uma mulher como aquela seria capaz de exaurir um homem pacífico. E Sebastian considerava-se um homem pacífico. Mas não se incomodaria de espicaçá-la um pouco, do mesmo jeito que um menino cutuca as brasas em uma fogueira a fim de ver quantas vezes consegue fazer com que as chamas se acendam novamente.

Às vezes valia a pena correr o risco de se queimar um pouco, para se acender um fogo.

Naquele momento, no entanto, ele estava cansado demais para ter prazer nisso. Já estava zangado consigo mesmo por ter concordado em se envolver. Havia sido a combinação das duas mulheres que levaram-no a concordar, pensou agora. Uma delas com a expressão tão cheia de medo e esperança desesperada, e a outra tão vívida de fúria e descrença zombeteira. Ele teria conseguido lidar com uma ou outra, concluiu enquanto descia os degraus da varanda. Mas, ao ser apanhado no meio de todas aquelas emoções tão profundas e conflitantes, fora derrotado.

Portanto, iria olhar: Embora tivesse prometido a si mesmo um longo e tranquilo intervalo antes de aceitar outro caso iria olhar. E rezaria, para qualquer Deus que estivesse ouvindo para ser capaz de viver com o que talvez visse.

Mas, antes disso, precisava tirar uma folga, uma longa e preguiçosa manhã de folga, para curar a mente fatigada e a alma em frangalhos.

Havia um cercado para animais atrás da casa, anexado ao estábulo pintado de branco reluzente e de telhado baixo. No instante em que Sebastian se aproximou, ouviu o relinchar de boas-vindas. O som era tão normal, tão simples e receptivo que ele sorriu.

E lá estavam eles, o esguio garanhão preto e a orgulhosa égua branca, numa postura tão imóvel que o fez pensar em duas peças de xadrez esculpidas com perfeição, uma em ébano, outra em alabastro. Então a égua sacudiu a cauda, num gesto galante, e empertigou-se sobre a cerca.

Eles poderiam saltar a cerca, Sebastian sabia. Ambos já haviam feito isso mais de uma vez, com ele na sela. Porém, havia uma confiança entre eles, uma espécie de entendimento de que aquele cercado não era uma prisão, mas sim um

lar.

— Vejam só que beleza. — Sebastian ergueu a mão e afagou-lhe o focinho, o pescoço longo e gracioso. — Você está mantendo seu marido na linha, Psique?

A égua arfou em sua mão. Nos seus olhos negros ele viu o prazer, e o que gostava de pensar que fosse bom humor. Ela relinchou suavemente quando Sebastian pulou sobre a cerca. Depois, esperou pacientemente enquanto ele passava as mãos pelos seus flancos, descendo até a barriga intumescida.

— Faltam apenas algumas semanas — ele murmurou.

Quase podia sentir a vida palpitando dentro dela, adormecida. Mais uma vez pensou em Morgana, embora duvidasse que sua prima gostaria de ser comparada a uma égua prenhe, mesmo se fosse uma bela égua da raça árabe como Psique.

— Ana cuidou bem de você? — Sebastian roçou o rosto contra o pescoço do animal, reconfortado por sua índole dócil e tranquila. — É claro que sim.

Sempre murmurando, ele afagou-a por mais algum tempo, dando-lhe a atenção da qual ambos tinham sentido falta em sua ausência. Depois, virou-se e olhou para o garanhão, que permanecia em alerta, com a bela cabeça empinada.

— E você, Eros, tem tratado bem da sua esposa?

Ao ouvir o som do seu nome, o cavalo chutou a pata traseira para o ar, emitindo um relincho que era intenso em poder e quase humano. Tal demonstração de orgulho fez com que Sebastian risse, enquanto encaminhava-se para o animal.

— Você sentiu minha falta, seu bicho maravilhoso, admita ou não.

Ainda rindo, Sebastian deu uma palmada no flanco lustroso, fazendo com que Eros bailasse em torno do cercado. Na segunda volta, Sebastian agarrou-se num punhado da crina do cavalo e, num salto, montou em seu lombo, fornecendo-lhes o que ambos queriam: uma corrida rápida e imprudente.

Enquanto os dois voavam ao longo do cercado, Psique os observava, com a mesma expressão indulgente, e superior, de uma mãe que vê os filhos pequenos brincando de "luta".

Sebastian sentia-se bem melhor à tarde. A sensação de vazio que trouxera consigo de Chicago aos poucos estava sendo preenchida. Porém, continuava evitando o ursinho de pelúcia amarelo que permanecia sentado no longo sofá da sala. E ainda não olhara para a fotografia.

Na biblioteca, com o teto abobadado e as paredes repletas de estantes de livros, ele sentou-se na escrivaninha de mogno maciço e distraiu-se examinando alguns documentos.

De uma hora para outra, Sebastian possuía entre cinco e dez empresas, das quais era o único proprietário ou sócio majoritário. Mas os negócios eram um hobby para ele, imobiliárias, empresas de importação-exportação, revistas, uma

fazenda de criação de peixes no Mississipi que o divertia muito, e seu mascote preferido atualmente, um time de beisebol de segunda divisão, em Nebraska.

Ele era perspicaz o bastante para obter lucros consideráveis, inteligente o bastante para deixar o gerenciamento cotidiano nas mãos de especialistas, e caprichoso o bastante para comprar e vender ações quando bem entendia.

Gostava do que o dinheiro podia lhe propiciar, e geralmente era pródigo no uso desses lucros. Mas fora criado em meio à riqueza, e quantias de dinheiro que poderiam espantar muitas pessoas, para ele não passavam de números escritos num papel. Considerava o simples jogo da matemática, de somar ou diminuir, como uma inesgotável fonte de divertimento.

Era generoso com instituições de caridade porque acreditava nelas. Seus donativos não visavam a redução de impostos, nem a filantropia, mas eram uma questão de moral.

Distraiu-se com o trabalho até o entardecer, lendo, redigindo documentos, brincando com um novo encantamento que esperava ser perfeito. A magia era especialidade de sua prima Morgana e Sebastian jamais almejaria igualar-se ao poder que ela possuía. No entanto, sua natureza competitiva fazia com que estivesse sempre tentando.

Ah, sim, ele sabia acender o fogo, mas esta era a primeira e última habilidade de qualquer feiticeiro.

Podia levitar, mas este também era um talento elementar. Além disso, e de alguns truques com a cartola, ele não era nenhum mago. O seu dom era o da vidência.

Porém, como um ator brilhante que anseia por saber dançar e cantar, Sebastian ansiava por fazer encantamentos.

Depois de passar duas horas sem obter muito sucesso ele acabou desistindo, desgostoso. Preparou uma elaborada refeição apenas para si mesmo, pôs um CD de baladas irlandesas no aparelho de som e abriu uma garrafa de vinho de trezentos dólares, com a mesma displicência de qualquer outro homem abrindo uma latinha de cerveja.

Tomou um demorado banho na banheira de hidromassagem, com os olhos fechados e a mente mergulhada num vazio abençoado, enquanto sentia os jatos de água pelo corpo. Depois de vestir um calção de seda, entregou-se ao prazer de ver o sol se pôr em uma profusão de tons vermelhos. E então esperou que a noite se esgueirasse através do céu.

Finalmente, decidiu que não podia mais adiar. Com alguma relutância, Sebastian desceu novamente para a sala. Em vez de acender as luzes, acendeu velas. Não porque precisasse dos ornamentos para evocar suas artes, mas sim porque havia um certo conforto na tradição.

As velas exalavam um perfume de sândalo e baunilha. E, por fazê-lo lembrar do quarto de sua mãe no Castelo Donovan tais aromas jamais deixavam de acalmá-lo. A luz era difusa convidando ao poder.

Por vários minutos, ficou parado junto ao sofá. Com um suspiro, bem parecido com o som que um trabalhador braçal faria antes de erguer uma picareta, ele olhou para a fotografia de David Merrick.

Era um rostinho feliz e encantador, que teria provocado um sorriso em Sebastian se sua concentração não estivesse focalizada. As palavras avolumavam-se em sua mente, palavras antigas, secretas. Quando teve certeza, deixou a foto no sofá e pegou o urso amarelo de olhinhos tristes.

— Muito bem, David — murmurou, e sua voz ecoou pelos cômodos vazios. — Deixe-me ver.

Não aconteceu com um clarão de luz, nem com um lampejo de compreensão, embora pudesse ter sido assim. Sebastian simplesmente deixou-se levar, flutuando à deriva. Seus olhos se modificaram, da cor de cinza para a cor de ardósia, depois para a cor das nuvens de tempestade. Fixaram-se, sem piscar, para além da sala, para além das paredes, para além da noite.

Imagens. Imagens formando-se e dissolvendo-se como cera por toda sua mente. Seus dedos seguravam o brinquedo com delicadeza, mas seu corpo ficara rígido como pedra. A respiração mantinha-se firme, diminuindo aos poucos até chegar num ritmo estável, como no sono.

No início, Sebastian teve de lutar contra a dor e o medo que vibravam através do brinquedo. Sem perder a concentração, teve de afastar as visões da mãe que abraçava o ursinho chorando, e do pai de olhos vidrados que a amparava.

Ah, eram fortes, muito fortes estas emoções de dor, terror e raiva. Porém, mais forte que tudo, como sempre, era o amor E até mesmo o amor desvaneceu-se quando Sebastian deslizou por ele, aprofundando-se, voltando para trás.

Ele viu, então, com os olhos de uma criança e o espanto de uma criança.

Um rosto bonito, o rosto de Rose, inclinando-se sobre o berço.

Um sorriso, palavras doces, mãos delicadas. Muito amor. Depois outro rosto, de um homem jovem e simples. Dedos hesitantes, ásperos e calejados. Aqui também havia amor. Ligeiramente diferente do amor da mãe, mas com idêntica profundidade. Este parecia mesclado com um tipo de admiração reverente. E...

Sebastian sorriu. Um desejo de jogar bola num belo quintal gramado.

As imagens passaram gradativamente, uma sobre a outra. O choro manhoso à noite, temores disformes, logo aliviados pelas mãos fortes e carinhosas. A fome incômoda saciada pelo leite quente da mãe, vindo do seio acolhedor. E os prazeres, tantas delícias nas cores, nos sons, no calor do sol.

Saúde, robusta saúde num corpo esforçando-se para crescer, como fazem os

bebês no primeiro e vertiginoso ano de vida.

Então o calor e uma dor surpreendente, atordoante. Doendo, latejando nas gengivas. O conforto de ser ninado, aquecido, de ouvir doces cantigas.

E um outro rosto, suavizado por um tipo diferente de amor. Mary Ellen, fazendo o ursinho amarelo dançar diante de seus olhos. Rindo, as mãos ternas e hesitantes enquanto o pegava no colo, erguendo-o para o alto e pressionando beijinhos ruidosos em sua barriga.

Vindo dela, um anseio, disforme demais em sua própria mente para ser visto com clareza. Muita emoção e confusão.

O que é que você quer?, Sebastian desejava lhe perguntar. O que receia que não possa ter?

Então ela desapareceu, como um desenho a giz lavado por uma pancada de chuva.

Dormindo. Sonhando leves sonhos, com um raio de sol aquecendo-lhe a mão cerrada, e a sombra fresca como um beijo. Paz, paz absoluta.

Quando a paz foi rompida, houve uma irritação sonolenta. Os pequenos e saudáveis pulmões encheram-se para chorar, mas o som foi interrompido pela mão em sua boca. Mãos desconhecidas cheiros desconhecidos, e a irritação transformou-se em medo. O rosto... Havia apenas um relance, e Sebastian esforçou-se para congelar a imagem na mente, para mais tarde.

Sendo carregado, apertado demais, e enfiado dentro de um carro. O carro tem outros cheiros, de comida velha, café derramado e do suor do homem.

Sebastian via, sentia, enquanto uma imagem sobrepunha-se à outra. Mas perdeu trechos inteiros quando o terror e as lágrimas da criança o exauriram, levando-o ao sono.

Mas ele viu. E sabia por onde começar.

Morgana abriu a loja às dez em ponto. Luna, sua enorme gata branca, esfregou-se entre suas pernas, depois se acomodou no centro da sala para lamber a cauda. Sabendo como era o movimento no verão, Morgana foi direto para o balcão e verificou o troco na caixa registradora. Sua barriga bateu levemente contra o vidro do balcão, e ela deu uma risadinha.

Estava ficando do tamanho de uma casa. E estava adorando! Adorava a sensação plena e pesada de carregar uma vida. Uma vida que ela e Nash haviam criado.

Lembrou-se de como naquela mesma manhã seu marido tinha pressionado beijos na crescente protuberância e depois pulara para trás, com os olhos arregalados, ao sentir o chute de quem quer que estivesse adormecido lá dentro.

— Meu Deus, Morgana, um pé! — Nash havia espalmado a mão sobre o

calombo, sorrindo. — Quase consigo contar os dedos!

Contanto que fossem cinco dedos em cada pé, ela pensou agora, e estava sorrindo quando a sineta da porta tocou.

— Sebastian! — Um puro prazer estampou-se em seu rosto, quando estendeu os braços para ele. — Você voltou.

— Uns dois dias atrás. — Ele tomou-lhe as mãos, beijou-as sonoramente e depois se afastou, franzindo a testa enquanto a observava. — Meu Deus, você está imensa!

— Não estamos? — Morgana afagou a barriga e contornou o balcão, indo ao encontro dele.

A gravidez não ofuscara a sua sensualidade. Pelo contrário, parecia tê-la intensificado. Ela, como se dizia das noivas e futuras mamães, parecia iluminada. A cascata de cabelos pretos caía pelas costas de um indesculpável vestido vermelho, que deixava à mostra as pernas fantásticas.

— Nem preciso perguntar se você está bem — ele comentou. — Posso ver com meus próprios olhos.

— Então eu pergunto. Já ouvi dizer que você ajudou a fazer uma limpeza em Chicago — Morgana falou com um sorriso, mas havia uma silenciosa preocupação em seus olhos. — Foi muito difícil?

— Sim. Mas acabou. — Antes que pudesse dizer mais, antes que ele tivesse certeza de que queria falar mais, três freguesas entraram na loja e começaram a exploração dos cristais, das ervas e das esculturas. — Você está trabalhando aqui sozinha?

— Não, Mindy deve chegar a qualquer momento.

— Mindy já chegou — sua assistente anunciou, deslizando para dentro da loja usando um macacão branco e um sorriso sedutor para Sebastian. — Olá, bonitão.

— Olá, beleza.

Em vez de sair da loja, ou esconder-se na sala dos fundos como era seu hábito quando os fregueses apareciam, Sebastian ficou andando por ali, mexendo inquietamente nos cristais, cheirando as velas perfumadas. Morgana aproveitou a primeira pausa para ir falar com ele novamente.

— Está procurando alguma magia?

Ele franziu a testa, com uma esfera de pedra obsidiana na mão.

— Não preciso de estímulos visuais.

Morgana estalou a língua.

— Está encontrando problemas com outro encantamento, querido?

Embora tivesse gostado da esfera, Sebastian deixou-a onde estava. Por nada no mundo daria a ela essa satisfação.

— Deixo os encantamentos por sua conta.

— Ah, bem que você queria. — Morgana pegou a esfera e entregou-a a ele. Conhecia muito bem o seu primo. — Tome, é um presente. Não há nada como a obsidiana para bloquear as más vibrações.

Sebastian deixou a esfera rolar na mão.

— Imagino que, tendo um estabelecimento comercial, você deve estar a par de quem é quem nesta cidade.

— Mais ou menos. Por quê?

— Já ouviu falar na Investigações Sutherland?

— Sutherland? — Morgana ficou pensativa. — O nome não me é estranho. O que é, uma agência de detetives?

— Aparentemente.

— Eu acho que... Mindy, o seu namorado não teve algum negócio com a Investigações Slitherland?

Mindy mal ergueu os olhos da máquina registradora.

— Qual namorado?

— Aquele com ar intelectual, dos cabelos compridos. Trabalhava com seguros.

— Ah, está falando de Gary. — Mindy enviou um largo sorriso para a freguesa. — Espero que goste. Volte sempre, por favor.

— Gary é um ex-namorado — acrescentou. — Possessivo demais. A Sutherland faz uma porção de coisas para a empresa de seguros onde ele trabalha. Gary diz que ela é a melhor que já tiveram.

— Ela? — Morgana olhou de volta para Sebastian, com um sorrisinho maroto. — Ah...

— Não tem nada de "ah". — Ele torceu lhe o nariz de leve. — Acontece que concordei em ajudar uma pessoa, e Sutherland está envolvida no caso.

— Humm. Ela é bonitinha?

— Não — ele respondeu, com toda sinceridade.

— Então é feia.

— Não. Ela é... incomum.

— O melhor tipo. Com o que você está ajudando?

— Um sequestro. — O ar brincalhão desapareceu dos olhos dele. — De um bebê.

— Oh... — Automaticamente, Morgana cobriu a boca com as mãos. Sinto muito. E o bebê... ele está... Você sabe...

— Ele está vivo. E bem.

— Graças a Deus. — Quando fechou os olhos com alívio, Morgana lembrou-se. — O bebê? É aquele que foi tirado do cercadinho, no quintal de casa, uns dois meses atrás?

— Exatamente.

Morgana tomou-lhe as mãos.

— Você vai encontrá-lo, Sebastian. Vai encontrá-lo em breve.

Ele assentiu.

— Estou contando com isso.

Acontece que, naquele exato momento, Mel estava justamente digitando a nota de serviços para a empresa Underwriter Seguros. Eles a mantinham na folha de pagamento, o que impedia que o lobo da falência batesse à sua porta, mas no mês anterior ela tivera algumas despesas extras. Tinha também uma mancha roxa no ombro esquerdo, já começando a desaparecer, que um homem supostamente sofrendo de hérnia de disco e torcicolo lhe causara, ao apanhá-la tirando fotos enquanto ele trocava um pneu.

Um pneu que ela mesma, muito discretamente, havia furado.

Manchas roxas à parte, havia sido uma boa semana de trabalho.

Se ao menos tudo fosse assim tão simples.

David. Simplesmente não conseguia tirar David dos pensamentos. Mas sabia que não devia, fora treinada para isso. Os envolvimentos pessoais significam que você estragou tudo. Até agora, ela apenas provara que esta regra estava certa.

Mel havia feito uma investigação completa no bairro de Rose, interrogando as pessoas que já tinham sido entrevistadas pela polícia. E, como a polícia, ela acabara com três diferentes descrições do carro que ficara estacionado a meio quarteirão de distância do apartamento de Rose. Conseguira também quatro descrições notadamente diversas de um "elemento suspeito".

O termo provocou-lhe um leve sorriso. Era tão "detetivesco". Ela, sem dúvida, aprendera que a vida era muito mais tediosa do que a ficção. Na realidade, o trabalho investigativo consistia em montanhas de papéis para preencher, horas sentada num carro parado lutando contra o tédio enquanto se esperava que algo acontecesse, fazer um telefonema atrás do outro, falar com pessoas que não queriam falar. Ou, quase sempre pior, pessoas que falavam demais e não tinham nada a dizer.

E, de vez em quando, havia a excitação extra de ser intimidada por uma "gravata" aplicada por um gorila de quase duzentos quilos.

No entanto, Mel não trocaria isso nem por uma montanha de ouro.

Mas do que serviria isso, ela perguntou-se, o que adiantava ganhar a vida fazendo o que se gosta, e ter o talento para se fazer um bom trabalho, se não podia ajudar uma amiga? Não existiram muitos amigos em sua vida com os quais ela pudesse contar, como acontecia com Rose e Stan. Eles tinham lhe dado alguma coisa apenas pelo fato de estarem presentes, de compartilhar David com

ela. A conexão com uma família que sempre lhe faltara.

Ela seria capaz de andar em brasas para trazer David de volta para eles.

Depois de deixar a nota de despesas de lado, Mel pegou uma pasta que não saíra da sua mesa nos últimos dois meses. Havia uma etiqueta pregada na capa com todo cuidado, com o nome David Merrick, e seu conteúdo era tristemente escasso.

Todas as estatísticas vitais da criança estavam ali: o peso, altura e cor... Mel tinha as impressões digitais das mãos e dos pés. Sabia seu tipo sanguíneo e estava ciente da minúscula covinha no lado esquerdo de sua boca.

Porém, os relatórios não diziam que a covinha aprofundava-se lindamente quando ele ria. Não podiam descrever o som contagiante daquele riso, ou a sensação provocada quando ele pressionava aquela boquinha macia e suave num beijo. Não informava como os lindos olhinhos castanhos brilhavam quando ele era erguido para o alto, brincando de avião.

Mel sabia o quanto estava se sentindo vazia, triste e amedrontada. Exatamente como sabia que; mesmo se multiplicasse suas emoções por um milhão, não chegaria nem perto do que Rose estava sentindo a cada hora de cada dia.

Abriu a pasta e retirou a foto de David aos seis meses. Havia sido tirada num estúdio fotográfico especializado, apenas uma semana antes do sequestro. Ele estava sorrindo para a câmera, o queixo rechonchudo dobrado num sorriso, enquanto segurava o ursinho amarelo que Mel havia lhe dado no dia em que Rose saíra da maternidade. Os cabelos de David já estavam ficando mais espessos e adquirindo uma cor avermelhada, como os da mãe.

— Nós vamos encontrá-lo, benzinho. Vamos encontrá-lo e levá-lo para casa, logo, logo. Eu prometo.

Tornou a guardar a foto na pasta, rapidamente. Tinha de fazer isso, se quisesse ter alguma esperança de agir de modo frio e profissional. Ficar se lamentando em cima da foto não ajudaria David, do mesmo jeito que não ajudaria contratar um médium com uma boca sensual e uns olhos fantasmagóricos.

Ah, como aquele sujeito a deixara irritada! Irritada desde o alto da cabeça até a ponta dos pés, e em cada centímetro no meio disso. Aquela expressão no rosto dele, aquele sorrisinho meio de desprezo, meio de zombaria, deram-lhe vontade de plantar um soco bem certeiro em sua boca.

E a voz, insinuante, com um leve sotaque irlandês, obrigou-a a ranger os dentes de raiva. Havia uma fria e distante superioridade na maneira como ele falava. Exceto quando falou com Rose, Mel lembrou-se. Com Rose ele fora gentil, delicado e demonstrara uma paciência infatigável.

Estava apenas armando a arapuca, Mel disse a si mesma, e pulou sobre uma pilha de catálogos telefônicos para chegar até a mini cozinha, onde uma

geladeira guardava um estoque monstruoso de refrigerantes, todos entupidos de cafeína. Ele estivera apenas enganando Rose, oferecendo-lhe esperança sem ter o menor direito de fazer isso.

David seria encontrado, mas através de um trabalho policial lógico e meticuloso. Não por algum vidente de meia-tigela usando botas de seiscentos dólares.

Mel estava justamente bebendo um longo gole do refrigerante quando aquelas mesmas botas entraram pela sua porta.

Ela não falou nada, apenas continuou recostada no batente, a garrafa na boca e os olhos lançando minúsculos dardos esverdeados. Sebastian fechou a porta cuja placa informava "Investigações Sutherland", e olhou lentamente em volta.

No que dizia respeito a escritórios, ele já vira piores. E, sem dúvida, já vira melhores. A escrivaninha era do tipo usado pelo Exército, de metal cinza, resistente e funcional, mas longe de provocar algum prazer estético. Dois arquivos de metal estavam encostados numa parede, que se beneficiaria muito de uma mão de tinta. Havia duas cadeiras, uma forrada com um roxo lúgubre, outra com uma estampa desbotada, dispostas em cada lado de uma frágil mesinha repleta de revistas velhas e toda marcada com queimaduras de cigarros.

Na parede atrás deles, tão deslocada quanto uma mulher elegante numa praia de surfistas, havia uma adorável aquarela, representando a baía de Monterey. Inexplicavelmente, a sala toda cheirava como uma campina primaveril.

Sebastian teve um rápido relance do cômodo logo atrás dela, e viu que era uma cozinha minúscula e incrivelmente desarrumada.

Ele não resistiu.

Enfiando as mãos nos bolsos, sorriu para ela.

— É bem bonito.

Mel bebeu mais um gole, depois segurou a garrafa entre os dois dedos.

— Tem algum negócio a tratar comigo, senhor Donovan?

— Você tem mais uma garrafa deste refrigerante?

Após um breve momento, Mel encolheu os ombros e passou novamente pelos catálogos telefônicos para pegar a bebida na geladeira.

— Não acho que você tenha descido de sua montanha apenas para tomar um refrigerante.

— Mas raramente recuso um refresco.

Sebastian tirou a tampa assim que ela entregou-lhe a garrafa. Observou-a devagar, reparando na velha calça jeans, nas botas muito usadas, e depois voltando novamente para o rosto, o queixo empinado com a adorável covinha, até chegar nos desconfiados olhos verdes.

— Você está encantadora hoje, Mary Ellen.

— Não me chame por este nome. — Embora ela pretendesse meramente mostrar-se firme, as palavras saíram ásperas por entre os dentes cerrados.

— É um nome tão bonito, tão antigo. — Ele inclinou a cabeça, jogando a isca. — Mas, pensando bem, acho que Mel combina mais com você.

— O que você quer, Donovan?

O ar de brincadeira desapareceu.

— Quero encontrar David.

Ela quase caiu como um patinho. Quase. A simples afirmação foi feita num tom tão sincero, tão profundamente honesto que ela quase acreditou. Repreendendo-se mentalmente, sentou-se na beirada da mesa e olhou para ele.

— Estamos só nós dois agora, Donovan. Portanto, vamos logo ao ponto. Você não tem nenhum interesse nisso. Eu fiz a vontade de Rose porque não consegui encontrar um meio de convencê-la a não procurá-lo, e porque achei que isso lhe daria um conforto temporário. Mas conheço o seu tipo. Talvez você seja mais astuto do que a maioria dos trapaceiros. Sabe como funciona, não é? "Envie vinte dólares e mudarei sua vida. Deixe-me ajudá-lo a obter dinheiro, poder e sexo por apenas uma pequena contribuição monetária".

Ela fez um gesto com a garrafa e continuou:

— Mas você não é do tipo que se contenta com trocados. Faz mais o gênero champanhe e caviar, não é? Suponho que obtenha estas pequenas alegrias entrando em transes nas cenas de crimes e despejando algumas pistas. Talvez até acerte de vez em quando, sorte sua. Mas não vai tirar vantagem do sofrimento de Rose e Stan. Não vai usar o filho deles para alimentar seu ego.

Sebastian estava apenas um pouco ofendido. Assegurou-se que não dava a mínima importância para o que aquela garota de "boca dura" e olhos verdes pensava a seu respeito. A questão principal era David Merrick.

Porém, seus dedos enrijeceram em torno da garrafa, e quando falou sua voz soou gentil demais.

— Já fez uma análise completa do meu caráter, não é, Sutherland?

— Pode apostar que sim. — A arrogância emergia dela em ondas, quando se sentou na beirada da mesa — Assim sendo não vamos perder nosso tempo precioso. Se você acha que estamos lhe devendo alguma coisa pela visita de Rose, ontem, pode mandar-me a conta. Eu providencio o pagamento.

Sebastian ficou em silêncio por um instante. Então, ocorreu-lhe que nunca antes sentira aquele impulso de esganar uma mulher. Exceto sua prima Morgana. Agora, no entanto, Imaginava-se fechando as mãos em volta do pescoço longo e bronzeado de Mel. E foi uma imagem bastante nítida.

— Se você morder a língua, é capaz de morrer envenenada. — Sebastian deixou a garrafa quase vazia sobre a mesa. Depois, vasculhando com

impaciência através do caos na escrivaninha conseguiu desencavar um lápis e uma folha de papel.

— O que está fazendo? — ela perguntou, vendo que ele limpava um pequeno espaço e começava a desenhar.

— Estou fazendo um desenho. Você me parece o tipo de pessoa que precisa de estímulos visuais para entender as coisas.

Mel franziu a testa. Observando a facilidade com que a mão dele deslizava pelo papel, franziu ainda mais. Sempre invejara e ressentira-se das pessoas que conseguiam desenhar sem o menor esforço. Continuou bebendo o refrigerante, dizendo a si mesma que não estava interessada. Mas seus olhos continuavam sendo atraídos pelo rosto que surgia nas linhas e curvas que ele ia traçando.

A despeito de si mesma, ela inclinou-se um pouco mais. Em algum ponto distante de sua mente, registrou que ele cheirava a cavalos e couro. Cavalos elegantes, bem cuidados e couro encerado. A profunda cor de púrpura da ametista no anel dele captou-lhe a atenção. Mel ficou olhando, quase hipnotizada pela maneira como a pedra brilhava naquela armação de ouro.

Mãos de artista, ela pensou vagamente. Fortes, ágeis e elegantes. De repente, pensou que provavelmente seriam muito macias, também, acostumadas a abrir garrafas de champanhe ou delicados botões femininos.

— Muitas vezes faço as duas coisas ao mesmo tempo.

— O quê? — Mais do que espantada, Mel olhou para cima e viu que ele havia parado de desenhar. Estava apenas parado, mais próximo do que ela percebera. E olhando.

— Nada. — Os lábios dele curvaram-se, mas Sebastian irritou-se consigo mesmo por ter espiado. Simplesmente ficara curioso em saber porque ela estivera olhando para suas mãos. — Às vezes é melhor não pensar com tanta intensidade. — Enquanto Mel digeria a informação, ele entregou-lhe o desenho.

— Este é o homem que levou David.

Ela queria rejeitar o desenho, e também o artista. Mas havia algo misteriosamente certo naqueles traços.

Sem dizer nada, deu a volta pela escrivaninha e pegou a pasta de David. No interior, havia quatro retratos-falados feitos pela polícia. Mel escolheu um deles e comparou-o com a obra de Sebastian.

O dele era mais detalhado, sem dúvida. A testemunha não havia reparado naquela cicatriz em forma de"C" sob o olho esquerdo, nem nos dentes da frente separados. O artista da polícia não havia capturado aquela expressão de pânico fulgurante. Mas, essencialmente, os desenhos retratavam o mesmo homem, o formato do rosto, dos olhos, os cabelos crespos começando a rarear.

Então Donovan tinha algum conhecido na delegacia de polícia, ela concluiu,

tentando acalmar os nervos agitados. Conseguira obter uma cópia do desenho e depois enfeitara um pouco.

Atirou a folha de papel na mesa e sentou em sua cadeira giratória. As molas enferrujadas rangeram, quando ela se recostou para trás.

— Por que este sujeito?

— Porque foi o que eu vi. Ele estava dirigindo um Mercury marrom. Ano 83 ou 84. Estofamento bege. O assento de trás tem um rasgão no lado esquerdo. Ele gosta de música country. Pelo menos era o que estava tocando no rádio, quando viajou com a criança. Para o leste — Sebastian murmurou, e seus olhos ficaram cortantes como um punhal, quando acrescentou:

— Não, para o sudeste.

Uma das testemunhas havia relatado um carro marrom. Não conseguira descrevê-lo em detalhes, mas sabia que não pertencia à vizinhança, e ficara estacionado perto do apartamento de Rose. Por vários dias, afirmara.

Mas Sebastian também podia ter obtido esta informação da polícia, Mel lembrou a si mesma. Ela o havia desmascarado, e ele estava apenas tentando se safar com aquela exibição.

Porém, e se não estivesse? Se houvesse uma chance, por mínima que fosse...

— Um rosto e um carro. — Mel tentou parecer desinteressada, mas foi traída por um leve tremor na voz. — Nenhum nome, endereço, nem o número da placa?

— Você é um osso duro de roer, Sutherland. — Seria muito fácil detestá-la, Sebastian pensou, se não pudesse ver, e sentir, o quanto ela preocupava-se com o bebê.

Para o inferno, pensou. Ele a detestava por princípio.

— A vida de uma criança está em jogo.

— David está a salvo — Sebastian falou. — Está seguro e bem cuidado. Um pouco confuso, e chora mais do que o normal. Mas ninguém o machucou.

Mel sentiu o ar queimando-lhe os pulmões. Queria acreditar... pelo menos naquilo, se não tivesse outra opção.

— Você não vai dizer nada disso a Rose — ela falou, num tom firme. — Ela seria capaz de enlouquecer.

Ignorando-a, Sebastian continuou:

— O homem que o sequestrou estava com medo. Pude sentir o cheiro. Entregou-o a uma mulher em algum lugar no... leste. — Não insistiu, pois a informação exata acabaria aparecendo. — Ela vestiu David com um macacão e uma camisetinha listrada de vermelho. Ele estava numa daquelas cadeirinhas adaptáveis ao assento do carro, e tinha um anel com chaves de plástico para brincar. Viajaram por quase um dia inteiro, depois pararam num motel de

estrada. Havia um dinossauro na frente do motel. Ela alimentou David, deu-lhe um banho, e quando ele chorou ficou ninando-o até que dormisse.

— Onde? — Mel perguntou.

— Em Utah. — Sebastian franziu a testa. — Talvez Arizona, mas provavelmente Utah. Continuaram a viagem no dia seguinte, sempre na direção sudeste. Ela não está com medo. Trata-se apenas de um negócio. Eles vão para um shopping center, em algum lugar no Texas. Está muito cheio. Ela senta num banco, e um homem senta-se ao seu lado. Ele deixa um envelope no banco e afasta-se empurrando o carrinho de David.

Sebastian fez uma pausa, antes de prosseguir:

— No dia seguinte, a mesma rotina. David está cansado de viajar e assustado com tantos rostos estranhos.

Ele quer voltar para sua mãe. Então, é levado para uma casa. Uma casa grande, revestida de pedras e com muitas árvores no quintal. Sul. Tenho impressão de que é na Geórgia. Ele é entregue a uma mulher que o abraça e chora um pouco, e a um homem que abraça a ambos. Ele tem um quarto nesta casa, com um papel de parede azul-claro, com barquinhos estampados, e um móbile sobre o berço, com bichinhos de circo. Eles o chamam de Eric, agora.

Mel estava muito pálida, quando conseguiu falar.

— Não acredito em nada disso.

— Não, mas há uma parte em você que se pergunta se deveria acreditar. Esqueça tudo o que você pensa a meu respeito, Mel. Pense em David.

— Estou pensando em David. — Ela levantou-se de repente, segurando o desenho na mão. — Dê-me um nome, então. Pelo menos um maldito nome.

— Você acha que é assim que funciona? — ele retrucou. Pergunta e resposta? Isto é uma arte, e não um show de tevê.

Ela soltou a folha de papel, que flutuou para a mesa.

— Está certo.

— Preste atenção! — Sebastian deu uma pancada na mesa, forte o suficiente para que ela pulasse de susto. — Passei três semanas em Chicago, vendo um monstro que cortava pessoas em fatias, o tempo todo na minha mente. Sentindo o prazer que ele sentia ao fazer isso. Utilizando tudo o que sou, tudo o que tenho para encontrá-lo antes que ele pudesse matar novamente. Se acha que não estou trabalhando rápido o bastante para satisfazê-la, Sutherland, então o problema é seu.

Ela recuou. Não porque estivesse com medo daquela súbita explosão de raiva. Mas porque viu algo na expressão dele, alguma marca do extenuante horror pelo qual que ele havia passado.

— Tudo bem. — Mel respirou fundo. — Eis aqui os fatos: eu não acredito em

médiuns, nem em magos ou feiticeiros, e muito menos em coisas que aparecem no meio da noite.

Ele teve de sorrir.

— Você precisa conhecer a minha família, um dia destes.

— Mas — ela continuou, como se ele não tivesse falado, vou usar qualquer coisa, qualquer recurso. Diabos, seria capaz até de usar uma tábua Ouija, se isso ajudasse a trazer David de volta. — Pegou novamente o desenho. — Já tenho um rosto. Vou começar com isso.

— Nós vamos começar com isso.

Antes que Mel pudesse pensar numa resposta adequada, o telefone tocou.

— Investigações Sutherland. Sim, é Mel. Como estão as coisas por aí, Rico?

Sebastian observou a atenção dela aguçar-se, viu o leve sorriso em seus lábios. "Ora, ela é mesmo bonita", percebeu com um misto de surpresa e irritação.

— Ei, benzinho, você pode confiar em mim. — Ela começou a escrever num bloco, com uma letra ilegível e apressada. Sim, eu sei onde fica. Não é uma graça? — Ficou ouvindo, assentindo consigo mesma e resmungando de vez em quando. — Ora, vamos lá, eu conheço as regras. Nunca ouvi falar de você, nunca vi esta sua carinha linda. Vou deixar seu dinheiro no bar do O'Riley. — Fez uma pausa e riu. — Só em sonhos, benzinho.

Depois que ela desligou, Sebastian podia sentir a excitação explodindo nela em fagulhas.

— Vá dar uma volta, Donovan. Eu preciso trabalhar.

— Eu vou com você. — Sebastian falou num impulso, e arrependeu-se quase imediatamente. E teria desistido, se a reação dela fosse um pouco menos mordaz.

Ela tornou a rir.

— Escute aqui, meu amigo, isso não é para amadores. E não preciso de um peso extra.

— Nós iremos trabalhar juntos, e espero que seja por pouco tempo. Eu sei o que consigo suportar, Sutherland, mas não faço a mínima idéia quanto a você. Gostaria de vê-la em ação.

— Está querendo um pouco de ação? — Mel assentiu, devagar. — Tudo bem, valentão. Espere aqui mesmo. Primeiro eu preciso me preparar.

CAPÍTULO 3

Ela havia se arrumado, sem dúvida, Sebastian pensou menos de dez minutos depois. A mulher que entrou na sala, vindo do quartinho dos fundos usando uma saia de couro cor de abóbora da largura de um guardanapo, era o extremo oposto daquela que saíra.

E aquelas pernas eram... bem, quase um milagre.

Ela também fizera alguma coisa com o rosto. Os olhos pareciam enormes e pesados. Sonolentos talvez fosse a descrição. A boca estava escura e lustrosa. Ela havia afofado e mexido com os cabelos que, agora, em vez de parecerem descuidados, estavam embaraçados de uma forma que sugeria que ela acabara de sair da cama, e estava mais do que disposta a cair nela novamente.

Duas reluzentes esferas douradas pendiam de suas orelhas, quase tocando os ombros de uma blusinha preta justa e decotada. Justa o bastante, ele pensou, para fazer com que qualquer homem que não estivesse em coma percebesse que não havia nada por baixo dela, exceto uma mulher.

Sexo! A palavra acendeu-se na mente de Sebastian em letras grandes e nítidas. Aquilo era sexo selvagem, desinibido e totalmente disponível.

Ele tinha certeza de que estava prestes a fazer um comentário zombeteiro, ou talvez dizer alguma coisa grosseiramente sugestiva. Mas não foi nada disso que lhe saiu da boca.

— Onde, em nome de Finn, você pensa que vai vestida deste jeito?

Mel arqueou a sobrancelha pintada.

— Em nome de quem?

Sebastian ignorou a pergunta com um gesto e tentou manter os olhos afastados das pernas dela. E qualquer que fosse o perfume com que havia se banhado, provocou-lhe ímpetos de saltar sobre ela.

— Você está parecendo uma...

— É. — Satisfeita, Mel sorriu e fez um giro atrevido. Este é o meu look de garota de programa. Funciona como um ímã. A maioria dos homens nem se incomoda se a garota é bonita ou não, contanto que ela deixe muita coisa à mostra e cubra o restante com algo bem apertado.

Ele balançou a cabeça. Nem queria tentar decifrar aquilo.

— Por que está vestida assim?

— Ferramentas de trabalho, Donovan. — Mel pegou a bolsa enorme e colocou-a no ombro. Dentro dela, carregava uma outra ferramenta de trabalho. — Se quer mesmo ir comigo, vamos andando. Eu explico tudo no caminho.

Não era mais excitação que Sebastian sentia nela, agora. Isto ela já havia

confinado. Enquanto Mel subia no carro, e a saia deslizou mais alguns centímetros para cima, ele captou lampejos de antecipação e minúsculos relâmpagos de divertimento. O mesmo tipo de alegria que outro tipo de mulher sentiria em uma tarde de compras no *shopping*.

Porém, Mel não era igual a qualquer tipo de mulher que ele já conhecera.

— Ok — ela disse quando Sebastian acomodou-se no assento de passageiro. — O negócio é o seguinte.

Ela disparou pela rua, dirigindo da mesma forma rápida e competente com que explicava.

Estava havendo uma onda de assaltos em residências nas últimas seis semanas. Todos eletrônicos, aparelhos de televisão, de vídeo e equipamentos de som. Um bom número das vítimas tinha apólices de seguro da Underwriter. A polícia seguia algumas pistas, mas nada de sólido. E, desde que nenhum dos assaltos havia ultrapassado a quantia de algumas centenas de dólares em cada residência, certamente o caso não era uma prioridade para os investigadores da polícia.

— A Underwriter é a empresa de seguros típica — Mel comentou, passando direto num sinal amarelo. — O que significa que odeiam fazer os pagamentos pelos bens que foram roubados. Portanto, tenho trabalhado neste caso nas últimas semanas.

— Seu carro está precisando de uma revisão — Sebastian disse, quando o motor fez um barulho estranho.

— É, eu sei. Pois bem, andei investigando por aí e adivinhe o que descobri? Acontece que há uns dois sujeitos vendendo aparelhos de tevê e outras coisas numa van. Ah, mas não por aqui. Eles agem lá pelos lados de Salinas ou em Soledad.

— Como descobriu?

Mel enviou-lhe um sorriso meigo.

— Andando, Donovan. Andando quilômetros e quilômetros.

A despeito de seus esforços, o olhar de Sebastian baixou-se para aquelas longas e bronzeadas pernas.

— É, aposto que sim.

— Então, eu também tenho este sujeito, um informante. Ele já passou por algumas experiências desagradáveis com a polícia, por isso é um pouco desconfiado. Mas acho que se deu bem comigo. Talvez porque eu seja detetive particular.

Sebastian tossiu e pigarreou.

— Ah, sim, tenho certeza que sim.

— Ele tem algumas conexões — Mel continuou. — Tendo em vista que já

cumpriu pena por invasão e assalto — explicou. — E alguns furtos, também.

— Você tem amigos fascinantes.

— É uma vida interessante — ela disse, num tom de riso. Ele me passa as informações, eu passo a ele algumas notas. Pelo menos isso evita que ele continue roubando. Ele costuma ficar na região das docas, uma área estritamente não-turística. Há um bar ali, onde por acaso ele estava bebendo umas e outras ontem à noite. Começou a conversar com um sujeito que já estava bem "alto". O meu amigo aprecia ainda mais uma bebida se outra pessoa estiver pagando. Os dois começaram a ficar amigos, daquele jeito alegre dos bêbados, e ele descobriu que o sujeito está tão animado porque acabara de receber uma carga de equipamentos eletrônicos, vinda de King City. Agora, como já são velhos e bons amigos, o sujeito sai com o meu informante pelos fundos do bar e o leva para um velho depósito de mercadorias. E o que você acha que tem lá dentro?

— Aparelhos eletrônicos usados, a preços de liquidação.

Ela riu, divertida.

— Você pega rápido, Donovan.

— Então, por que você não avisa a polícia?

— Ei, estes sujeitos podem não ser uns ladrões de primeira classe, mas significam um caso danado de bom. — Ela estava sorrindo, quando diminuiu a marcha do carro. — Meu caso.

— Imagino que tenha lhe ocorrido que eles possam se mostrar... pouco cooperativos.

Quando ela tornou a sorrir, algo quente e lindo reluziu em seus olhos.

— Não se preocupe, Donovan. Vou protegê-lo. Agora, escute o que eu quero que você faça.

Quando pararam na frente do bar, poucos minutos depois, Sebastian já ouvira todo o plano. Não gostou de nada que ouviu, mas era o que tinha. Sendo um homem sofisticado e exigente, olhou com desconfiança para o estabelecimento decadente e sombrio.

Deprimente, pensou, mas supunha que muitos bons bares tinham uma aparência deprimente à luz do dia. Porém, teve o pressentimento de que a aparência daquele não mudaria nada, mesmo na calada da noite.

Era um prédio construído com blocos de cimento, que alguma alma empreendedora decidira pintar de verde. A pintura, num tom particularmente horrendo, estava descascando em várias partes e exibindo o cinzento que havia em baixo, da mesma forma que uma ferida antiga deixa à mostra a pele lívida.

Era quase meio-dia, mas havia uns dez carros no estacionamento coberto de cascalho.

Mel jogou as chaves na bolsa e franziu a testa para Sebastian.

— Tente parecer um pouco menos...

— Humano? — ele sugeriu.

Elegante era a palavra que ela tinha em mente, mas não a usaria nem sob tortura.

— Um pouco menos "cavalheiro do ano". E, pelo amor de Deus, não vá pedir vinho branco.

— Tentarei me conter.

— Simplesmente dance conforme a música, Donovan, e se sairá bem.

Enquanto seguia seus quadris rebolantes, ele não teve muita certeza disso.

O cheiro do lugar assaltou-o no instante em que Mel abriu a porta. Fumaça velha, cerveja rançosa, suor rançoso. Havia um barulho retumbante vindo da jukebox e, embora Sebastian tivesse um gosto bastante eclético em matéria de música, esperava não ter de se submeter àquele som ensurdecedor por muito tempo.

Os homens alinhavam-se no balcão, o tipo de homens com braços troncudos e cobertos de tatuagens.

Esta arte em particular demonstrava uma forte tendência para as serpentes e caveiras. Houve uma algazarra, quando quatro sujeitos de aparência pegajosa acertaram a bola nove. Alguns levantaram a cabeça, os olhos analisando Sebastian com um ar de escárnio sorridente, e depois se voltaram para Mel, com olhares bem mais demorados e afetuosos.

Sebastian captou alguns pensamentos dispersos, uma tarefa fácil, desde que a média do Q.I. daqueles fregueses oscilava abaixo de três dígitos. Seus lábios contorceram-se um pouco. Nunca imaginara que houvesse tantas formas de se descrever uma... dama.

A dama em questão, uma das três que ali se encontravam desfrutando da atmosfera local, atravessou o bar rebolando e empinou o traseiro coberto de couro até uma banqueta. Seus lábios generosos e reluzentes formavam um beicinho sensual.

— O mínimo que você pode fazer é me pagar uma cerveja — ela disse a Sebastian, numa vozinha sussurrante que o pegou de surpresa.

Seus olhos estreitaram-se brevemente num aviso, e ele lembrou-se da sua fala.

— Escute aqui, docinho de coco, já lhe disse que não foi minha culpa.

Docinho de coco? Mel controlou o impulso de girar os olhos para o alto.

— É claro, nunca é culpa sua. Você vai para o xadrez, não é culpa sua. Perde cem pratas jogando pôquer com seus amigos vagabundos, não é sua culpa. Uma cerveja, por favor? — ela gritou para o barman, e cruzou as longas, lindas pernas.

Tentando parecer mais com um brutamontes, Sebastian levantou um dedo e

sentou na banqueta ao lado dela.

— Eu já disse... Não lhe falei que aquele desgraçado aprontou comigo no serviço? E por que você não larga do meu pé?

— Ah, é claro.

Mel deu uma fungadela quando as cervejas foram atiradas diante deles. Quando Sebastian foi pegar o dinheiro no bolso traseiro da calça, ocorreu-lhe que a carteira dele provavelmente valeria mais do que todos os bens líquidos somados dos fregueses daquele bar. E que a mesma carteira estaria recheada com uma profusão de notas verdes, juntamente com vários reluzentes cartões de crédito dourados.

Ela ciciou para ele.

Sebastian entendeu na hora, e isso deu à Mel algo em que pensar mais tarde. A mão dele hesitou, depois se abaixou.

— Está sem dinheiro outra vez? — ela disse, num tom de desprezo. — Ora, mas isso não é ótimo? — Com evidente relutância, enfiou a mão na bolsa e desencavou duas notas amassadas. — Você é mesmo um fracassado, Harry.

Harry? As rugas que se formaram na testa dele eram absolutamente autênticas.

— Estou esperando uma bolada — ele disse — Não vai demorar muito.

— Ah, sim, é claro. Você está sempre esperando uma bolada. — Mel virou-lhe as costas e, bebericando a cerveja na caneca, examinou o local.

Rico havia lhe dado a descrição. E ela precisou de menos de dois minutos para reconhecer o sujeito que o amigo de Rico chamara de Eddie. Eddie era um sujeito realmente divertido, de acordo com a descrição do seu informante. Era o sujeito que trabalhava de dia, distribuindo a mercadoria para ser transportada e vendida.

E, segundo Rico, tinha um verdadeiro "fraco" por garotas.

Mel balançava a perna ao ritmo da música e certificou-se de captar o olhar de Eddie. Ela sorriu, alvoroçou-se e enviou sinais conflitantes.

Seu sorriso para Eddie dizia: Ei, garanhão. Estive procurando alguém como você por toda minha vida.

Para Sebastian, que se sintonizara com ela apenas o bastante para evitar que fosse apanhado de surpresa, a mensagem era: Idiota, gordo e careca.

Ele virou-se e também deu uma olhada. Careca, sim, era verdade. Mas não era apenas gordura aquilo que recheava a camiseta sem mangas. Havia um bocado de músculos ali, também.

— Escute, docinho... — Sebastian pousou a mão no ombro de Mel, e ela empurrou-a.

— Já estou cansada das suas desculpas, Harry. Farta. Não passam de um monte de mentiras. Você não tem dinheiro, e já perdeu todo o dinheiro que eu

tinha. Não consegue nem somar dois mais dois quando se trata de consertar o aparelho de tevê. E sabe o quanto gosto de assistir os meus programas.

— Você assiste tevê demais.

— Ah, que ótimo! — Ela estava com a corda toda, agora, e girou na banqueta para encará-lo. — Eu trabalho como uma escrava servindo mesas até meia-noite, e você ainda acha ruim porque gosto de sentar na minha poltrona, esticar as pernas e assistir um pouco de tevê. Não custa nada assistir.

— Vai me custar cinquenta pratas.

Ela o empurrou, escorregando da banqueta enquanto o fazia.

— Você perdeu o dobro naquele maldito pôquer, e uma parte era dinheiro meu!

— Já disse para largar do meu pé. — Sebastian estava entrando no personagem, agora, e quase gostando. Talvez fosse por lembrar-se de que fora instruído a intimidá-la um pouco. — Choramingar e me atormentar, só isso que você sabe fazer. — Agarrou-a pelo braço, tentando fazer um estardalhaço.

Mel atirou a cabeça para trás e seus olhos iluminaram-se com um brilho de desafio. Aquela boca... sensual? Ah, sim, muito sensual, formou um biquinho e ele teve de esforçar-se para manter-se firme em seu papel.

— Não tenho que ficar engolindo este lixo de você — ele disse, dando-lhe uma boa sacudida, tanto para acalmar-se quanto para um efeito. — Se não gosta das coisas do jeito que são, pode dar o fora.

— É melhor você tirar as mãos de cima de mim. — Mel fez com que a voz tremesse. Era constrangedor, mas necessário. — Já avisei o que aconteceria se você tornasse a me bater.

Bater nela? Bom Deus!

— Tire já este traseiro daqui, Crystal. — Sebastian começou a empurrá-la na direção da porta, mas de repente sentiu o rosto bater contra um peito maciço, coberto por uma camiseta suada que anunciava que seu proprietário era bom de briga.

— A mocinha quer que você tire as mãos de cima dela, imbecil.

Sebastian ergueu os olhos até o largo sorriso de Eddie. Ao seu lado, Mel fungava o nariz ruidosamente.

Esperando ter uma vantagem mais equilibrada, Sebastian levantou-se da banqueta, de forma que ele e o cavaleiro errante ficassem frente a frente.

— Vá cuidar da sua vida.

Eddie derrubou-o de volta na banqueta com um único golpe.

Sebastian tinha certeza de que iria sentir a impressão daquela marreta em seu peito por muitos anos no futuro.

— Quer que eu o tire daqui e acabe com ele, benzinho?

Mel enxugou os olhos pintados e pareceu considerar seriamente a idéia. Hesitou pelo tempo bastante de fazer com que Sebastian suasse.

— Não. — Pousou a mão trêmula no braço de Eddie. — Ele não vale a pena o esforço. — Batendo os cílios, ergueu o rosto admirado para ele. — Você é muito gentil, sabia? Já não existem mais cavalheiros neste mundo, com quem uma garota pode contar.

— Por que não vem sentar-se na minha mesa? — Eddie passou o braço do tamanho de um tronco de árvore em torno da cintura dela. — Vou lhe pagar uma bebida e você pode desabafar.

— É muita bondade sua. — Mel foi rebolando ao lado dele. Querendo dar mais veracidade à cena, Sebastian fez menção de segui-los. Um dos jogadores de bilhar armou uma carranca e bateu com o taco na palma da mão. Devidamente alertado, Sebastian encolheu-se no final do balcão e ficou bebericando a cerveja.

Mel deixou-o esperando por uma hora e meia. Sebastian nem mesmo podia pedir uma segunda cerveja, senão estragaria o disfarce, e suportava os olhares desagradáveis do barman enquanto petiscava os amendoins e fazia a metade da cerveja durar eternamente.

Mas estava ficando farto daquilo. Sua idéia de diversão não era ficar sentado num bar fedorento e presenciar um brutamontes apalpar a mulher com quem ele havia chegado. Mesmo se não houvesse aí nenhum investimento emocional. E mesmo, ele pensou sombriamente, se a mulher ficava dando risadinhas, parecendo estar adorando cada momento de cada vez que aquelas mãos imensas esfregavam-lhe as pernas.

Seria bem feito para ela se ele decidisse sair agora mesmo, pegar um táxi e deixá-la por conta própria.

Na opinião de Mel, tudo estava correndo muito bem. Bem demais. Sir Eddie, como ela o chamava, para alegria dele, estava ficando cada vez mais embriagado. Não completamente, mas o bastante para mostrar-se gentil e vulnerável. E estava falando um bocado. Os homens adoravam contar vantagens para uma mulher ansiosa, principalmente quando bebiam um pouco demais.

Ele acabara de ganhar uns bons trocados, Eddie dissera. E talvez ela quisesse ajudá-lo a gastar um pouco.

Ela adoraria. É claro que tinha de ir para o trabalho dali a duas horas, e seu turno só terminaria à uma da madrugada, mas depois disso...

Depois de amaciá-lo bastante, Mel inventou uma história triste. Como ela e Harry tinham ficado juntos por quase seis meses. Como ele desperdiçava dinheiro feito água e impedia que ela se divertisse., Não estava pedindo demais. Apenas umas roupinhas bonitas e algumas risadas. E agora tudo ficara pior, ruim de verdade, porque seu aparelho de tevê estava quebrado.

Ela estivera economizando dinheiro para comprar um aparelho de vídeo, para que pudesse gravar os programas no horário em que trabalhava, e agora a tevê não funcionava mais. Pior, Harry perdera dinheiro no jogo, o dele e o dela, e agora não tinha nem mesmo os cinquenta dólares para pagar o conserto.

— Eu adoro televisão, sabia? — Mel ficou brincando com a segunda cerveja. Eddie já estava engolindo a de número sete. — Adoro os programas que passam à tarde, com todas aquelas mulheres usando roupas maravilhosas.

Então, eles trocaram o horário do meu turno no restaurante, e eu perco os capítulos das novelas. Não posso mais acompanhar o que está acontecendo. E, sabe de uma coisa? — Mel inclinou-se para frente, confidencialmente, de forma que os seios roçaram de leve no braço dele. — As novelas têm umas cenas de amor. Só de assistir eu fico tão... excitada.

Eddie ficou olhando a pontinha da língua de Mel passar pelos lábios. Acreditava plenamente que tinha morrido e ido para o céu.

— Acho que não deve ser muito divertido ver estas coisas sozinho.

— Seria mais divertido assistir junto com alguém. — Mel enviou-lhe um olhar que dizia que ele era o único "alguém" possível. — Se eu tivesse um aparelho que funcionasse, até que seria bom. Gosto de fazer de dia, entende? Quando todo mundo está trabalhando ou fazendo compras, e a gente pode ficar... na cama. — Suspirando, ela passou o dedo na caneca.

— É dia, agora.

— É, mas eu não tenho uma tevê. — Ela deu uma risadinha, como se fosse uma grande piada.

— Talvez eu possa ajudá-la com isso, benzinho.

Mel fez os olhos arregalarem-se, depois baixou as pálpebras com pudor.

— Ah, puxa, é muita gentileza sua, Eddie! Mas não posso aceitar os cinquenta dólares. Não seria correto.

— Por que gastar dinheiro num aparelho velho, afinal? Você pode ter um novinho em folha.

— Ah, sim. — Mel fez um muxoxo, olhando para a cerveja. — E poderia ter uma tiara de diamantes, também.

— Não posso fazer nada quanto à tiara, mas posso lhe arrumar um aparelho de tevê.

— Ora, pare com isso. — Mel lançou-lhe um olhar incrédulo, e deixou a mão descansar em seu joelho. — Como?

Eddie estufou o peito maciço.

— Acontece que estou neste ramo de negócios.

— Você vende aparelhos de tevê? — Ela inclinou a cabeça e fingiu um ar de fascinação. — Está brincando comigo, Eddie?

— Ainda não. — Ele piscou. — Talvez mais tarde.

Ela riu.

— Ah, você é mesmo uma figura, Sir Eddie. — Bebeu a cerveja e suspirou novamente. — Gostaria que não estivesse brincando. Se você pudesse me arrumar uma tevê, eu ficaria imensamente agradecida.

Ele inclinou-se mais. Mel podia sentir o hálito de cerveja e cigarros.

— Agradecida como?

Mel deu um risinho e, aproximando-se da sua orelha cochichou uma sugestão que teria deixado o mundano Sebastian de cabelo em pé.

Quase sem fôlego, Eddie bebeu a cerveja num só gole e agarrou-lhe a mão

— Então vamos, coisinha gostosa. Vou lhe fazer uma surpresa.

Mel acompanhou-o, sem se incomodar em olhar na direção de Sebastian. Esperava, sinceramente, que a surpresa que Eddie estava prestes a lhe fazer tivesse alguma relação com um aparelho de tevê.

— Para onde vamos? — perguntou enquanto ele a guiava para os fundos do prédio.

— Para o meu escritório, benzinho. — Uma piscadela maliciosa. — Eu e meus sócios temos um pequeno negócio aqui atrás.

Levou-a através de uma amontoado de garrafas quebradas, lixo e pilhas de cascalhos até um outro prédio de concreto, talvez da metade do tamanho do bar. Depois de três rápidas batidas na porta, esta foi aberta por um homem magro, de cerca de vinte anos, usando óculos de aros grossos e carregando uma prancheta.

— Qual é o caso, Eddie?

— A garota aqui está precisando de uma tevê. — Eddie passou o braço pelo ombro de Mel e apertou: — Crystal, meu bem, este é Bobby.

— Prazer — Bobby falou, mexendo a cabeça. — Escute, Eddie, não sei se é uma boa idéia. Frank vai ficar louco como o diabo.

— Ei, eu tenho tanto direito quanto o Frank. — Eddie foi abrindo seu caminho para dentro.

Ah, Mel pensou, e suspirou. Agora era para valer.

As lâmpadas fluorescentes do teto refletiam nas telas vazias de mais de uma dúzia de aparelhos de televisão. Estas estavam lado a lado com aparelhos de CD, de vídeo e equipamentos de som. Numa quantidade razoável, estavam também amontoados alguns micro-computadores, secretárias eletrônicas, caixas de som, e um único e solitário forno de micro-ondas.

— Uau! — Mel bateu palmas. — Ah, puxa, Eddie! Olhe só para isso! Parece uma loja de departamentos.

Muito confiante, e cambaleando apenas um pouco, Eddie piscou para o nervoso Bobby.

— Nós somos um tipo de fornecedores. Não vendemos a varejo, por aqui. Este é o nosso depósito de mercadorias. Fique à vontade, pode olhar tudo.

Mantendo-se firme em seu papel, Mel foi direto para as tevês, passando as mãos pelas telas como se seus dedos estivessem tocando um casaco de mink.

— Frank não vai gostar disso — Bobby murmurou.

— Pois se ele não souber de nada, não terá nada do que não gostar. Certo, Bobby?

Bobby, que era muitos quilos mais magro, assentiu.

— É claro, Eddie. Mas, trazer uma garota para cá...

— Ela é inofensiva. Belas pernas e pouco cérebro. Vou lhe dar um aparelho de tevê e... depois, vou dar muita sorte. Eddie afastou-se de Bobby e reuniu-se a Mel. — Gostou de alguma, benzinho?

— Ah, são todas ótimas: Ótimas mesmo. Você está falando sério, Eddie? Posso escolher uma e ficar com ela?

— Ora, é claro que sim. — Ele deu-lhe um aperto rápido e íntimo. — Nós temos um seguro contra perdas e danos. Assim só preciso que o velho Bobby aqui diga que esta tevê foi· "danificada". É muito simples.

— É mesmo? — Mel jogou a cabeça para trás, e afastou-se dele apenas o suficiente para ficar fora de seu alcance quando fosse pegar a arma na bolsa. — Isso é ótimo, Eddie. Mas está me parecendo que o "danificado “aqui foi você.

Ela puxou um revólver calibre 38 niquelado.

— Polícia! — Bobby esganiçou, enquanto o rosto de Eddie se transformava numa carranca pensativa. — Que droga Eddie, ela é da polícia!

— Muito bem. Não — ela avisou, quando Bobby se esgueirou para a porta. — Sente-se, Bobby. Aqui, no chão. E sente em cima das mãos, entendeu?

— Sua cadela! — Eddie falou num tom que, apesar de tudo, deixou Mel em guarda. — Eu devia ter sentido o cheiro de polícia!

— Sou detetive particular — ela falou. — Talvez tenha sido por isso que você não sentiu. — Fez um gesto com a arma. Vamos lá para fora, Eddie.

— Nenhuma mulher vai me enganar, com arma ou sem arma! — Ele atacou.

Mel não queria atirar nele. Realmente não queria. O sujeito não passava de um bandido gordo de segunda categoria, e não merecia uma bala. Então ela virou o corpo, desviando-se para a esquerda e contando com sua agilidade e com a lerdeza dele induzida pela bebida.

Eddie errou o alvo e caiu de cabeça numa tela de vinte e cinco polegadas. Mel não teve certeza de quem levou a pior, mas a tela rachou-se como um ovo, e Eddie desabou com tudo no chão.

Ouviu um barulho atrás de si. Quando fez um giro, teve tempo de ver Sebastian passar o braço rapidamente pela garganta de Bobby. E um forte

apertão obrigou-o a derrubar o martelo que ele estivera erguendo acima da cabeça de Mel.

— Provavelmente nem a teria amassado — Sebastian falou por entre os dentes, enquanto Bobby desabava molemente no chão. — Você não me disse que tinha uma arma.

— Achei que não precisava dizer. Afinal, você é o vidente.

Sebastian pegou o martelo e bateu-o de leve na palma da mão.

— Tome cuidado, Sutherland.

Ela limitou-se a encolher os ombros e deu uma olhada nas mercadorias.

— Bela carga. Por que você não vai chamar a polícia? Eu fico de olho nestes dois.

— Tudo bem.

Sebastian tinha certeza de que seria esperar demais que ela lhe agradecesse por tê-la salvado de uma contusão, ou coisa pior. Assim, o melhor que pôde fazer foi bater a porta ao sair.

Quase uma hora já havia se passado quando Sebastian se afastou e ficou observando Mel, sentada no capô do carro. Ela estava relatando os menores detalhes ao que parecia ser um detetive muito contrariado.

Haverman, Sebastian lembrou-se. Já havia cruzado com ele uma ou duas vezes.

Descartou o detetive e concentrou-se em Mel.

Ela havia tirado os brincos e ainda ficava esfregando os lóbulos de vez em quando. A maior parte da maquiagem em seu rosto fora retirada com um lenço de papel. Os lábios sem pintura e as faces naturalmente rosadas formavam um contraste devastador com os olhos grandes, de cílios pesados.

Bonita? Ele a considerara bonita?, Sebastian perguntou-se.

Diabos, ela era linda. Sob a luz certa, sob o ângulo certo, ela era linda de morrer. Mas, de repente, poderia virar-se e ficar apenas razoavelmente atraente outra vez.

Aquilo encerrava um tipo de magia estranho e perturbador.

Mas ele não se importava se ela era bonita ou não, pensou. Não dava a mínima para isso, pois estava zangado demais. Ela o arrastara para aquela confusão. Era verdade que ele próprio se oferecera para acompanhá-la mas, depois disso, Mel havia estabelecido as regras e lhe dado tempo suficiente para concluir que não gostava destas regras.

Ela fora para aquele depósito sozinha com um homem maior do que dois jogadores de futebol americano. E tinha uma arma. Não um revolverzinho vagabundo, mas sim um verdadeiro canhão.

O que ela teria feito, se fosse obrigada a usá-la? Ou, pior ainda, se aquela

montanha de luxúria traída tivesse conseguido atacá-la?

— Escute — Mel estava dizendo a Haverman — você tem os seus informantes, eu tenho os meus. Alguém me deu uma "dica". Eu apenas a segui. — Estava encolhendo os ombros com indiferença mas estava adorando tudo aquilo. — Você não tem queixa nenhuma contra mim, tenente.

— Quero saber quem lhe passou a informação, Sutherland. — Para Haverman, era uma questão de princípios. Afinal, ele era um policial de verdade. E Mel não somente era uma detetive particular, como também uma mulher. Isso o fazia ranger os dentes de raiva.

— Só que eu não sou obrigada a lhe dizer. — Mel teve de conter um sorriso ao ter uma idéia tão bela quanto inspirada. — Mas, desde que somos velhos amigos, vou lhe dar um indício. — Apontou o dedo na direção de Sebastian. — Foi ele.

— Sutherland... — Sebastian começou.

— Ora, Donovan, que mal pode haver? — Desta vez ela sorriu e envolveu-o na tramóia. — Este é o tenente Haverman.

— Já nos conhecemos.

— É claro. — Agora Haverman não estava apenas irritado, mas também reduzido a zero. Mulheres e videntes. Onde o cumprimento da lei iria parar, daquele jeito? — Não pensei que você também se envolvesse em casos de aparelhos eletrônicos roubados.

— Uma visão é uma visão — Sebastian respondeu complacente, e obteve o aplauso de Mel.

— Então por que passou a informação para ela? — Haverman não engoliu muito bem a história. — Você sempre procura a polícia.

— É... — Sebastian lançou um olhar para Mel por cima do ombro. — Mas as pernas dela são mais bonitas.

Mel riu com tanto gosto que quase caiu do carro. Haverman resmungou mais um pouco e depois se afastou pisando duro. Afinal, ele pensava, tinha dois suspeitos nas mãos, e se tentasse dar um "aperto" em Donovan seu chefe acabaria interferindo no caso.

— Muito bem, espertinho. — Mel deu um soco amigável no ombro de Sebastian. — Eu não sabia que você tinha este dom.

Ele simplesmente arqueou a sobrancelha.

— Você se surpreenderia ao saber os muitos dons que eu possuo.

— É, está certo. — Mel virou a cabeça a fim de ver Haverman entrar no carro. — O tenente não é um mau sujeito. Apenas acha que o lugar de um detetive particular é num livro de ficção, e que o lugar das mulheres é na cozinha. —

Porque o sol estava tão quente e agradável, e a tarefa fora tão bem-feita, ela contentou-se em ficar ali por mais alguns minutos e aproveitar o pequeno triunfo. — Você se saiu muito bem... Harry.

— Obrigado, Crystal — ele disse, e tentou ocultar um sorriso. — Agora, eu agradeceria se na próxima vez você me deixar a par do plano inteiro, antes de começarmos.

— Ah, não creio que haja uma próxima vez tão cedo. Mas foi divertido.

— Divertido. — Sebastian repetiu a palavra devagar, compreendo que era exatamente isso que ela queria dizer. — Você gostou mesmo, não é? De vestir-se como uma rameira, de fazer um escândalo no bar e de ter aquele monte de músculos babando em você.

Mel enviou-lhe um sorriso meigo.

— Tenho direito a alguns benefícios trabalhistas, não tenho?

— E imagino que foi divertido quase ter a cabeça rachada por um martelo.

— "Quase" é o segredo. — Sentindo-se mais gentil com ele, Mel deu uma palmadinha em seu braço. — Vamos lá, Donovan, relaxe. Eu já disse que você se saiu bem.

— Esta, eu suponho, é a sua maneira de me agradecer por ter salvado sua cabeça dura.

— Ei, eu teria dado um jeito em Bobby, mas agradeço muito o seu reforço. Está bem assim?

— Não. — Sebastian bateu com as mãos no capô do carro, nos dois lados dos quadris dela. — Não está nada bem. Se esta foi uma amostra de como você conduz os seus negócios, teremos de estabelecer algumas regras.

— Eu já tenho as minhas regras. Minhas. — Os olhos dele estavam agora com uma cor de fumaça, Mel pensou. Não o tipo de fumaça que ficava pairando no teto sujo daquele bar, mas sim a fumaça que se eleva para a noite vinda de uma fogueira trepidante. — Agora, saia daqui, Donovan.

Venha me obrigar. Sebastian detestou, não, odiou, o fato de que aquela frase infantil e sarcástica foi a primeira coisa que lhe ocorreu. Ele não era uma criança. E tampouco ela, sentada ali, desafiando-o com o olhar insolente e o meio sorriso dos lindos lábios.

Ele cerrou o punho direito. Sentia a tentação de dar um belo soco naquele queixo arrogante. Porém, a boca lhe pareceu um alvo melhor. E Sebastian tinha uma idéia bem mais gratificante sobre o que poderia fazer com aquela boca.

Puxou-a do capô com tal rapidez que Mel não teve tempo de usar nenhum dos golpes de defesa que já eram uma segunda natureza para ela. Ainda estava piscando quando os braços dele enlaçaram-na, quando uma das mãos espalmou-se firmemente em sua nuca.

— O que diabos você pensa que...

Isso foi tudo. As palavras foram completamente apagadas do seu cérebro no instante em que os lábios dele colaram-se aos seus. Mel não o empurrou, nem girou o corpo para o lado a fim de jogá-lo por cima do ombro. Não lhe deu uma pancada com o joelho, de um jeito que o derrubaria na hora, ofegando.

Simplesmente permaneceu ali, desfrutando as sensações maravilhosas que aquele beijo desencadeava.

Sebastian lamentava que ela o tivesse provocado a ponto de levá-lo além de suas próprias regras. Sair por aí agarrando mulheres relutantes não estava em sua lista de coisas a fazer. E lamentava muito, porque ela não tinha o sabor que ele estava certo que teria. Uma mulher com a personalidade de Mel deveria ter um gosto avinagrado. Deveria provocar uma sensação azeda e irritante.

Ah, mas ela era tão doce...

Mas não foi em açúcar que ele pensou, nem o tipo de doce pegajoso que vinha embrulhado num papel dourado. Foi em mel, rico, espesso, o mel silvestre que dá vontade de lamber com os dedos. O tipo que, mesmo quando criança, ele jamais fora capaz de resistir.

Quando ela entreabriu os lábios para os dele, Sebastian mergulhou mais fundo. Querendo mais.

As mãos dele não eram tão macias. Este foi o primeiro pensamento que se atropelou no cérebro de Mel.

Eram firmes e fortes, e apenas um tantinho ásperas. Ela podia sentir aqueles dedos pressionados em sua nuca.

E sua pele parecia estar ardendo em fogo.

Sebastian puxou-a mais contra si, de maneira que seus corpos formaram uma única sombra no piso de cascalho. Com as sensações fervilhando dentro de si Mel atirou os braços em torno dele, retribuindo desejo com desejo.

Estava diferente, agora. Mel pensou tê-lo ouvido praguejar baixinho antes de mudar o ângulo do beijo, os dentes arranhando-lhe os lábios e quase a fazendo gritar diante do rápido fluxo de prazer. Ela sentia o coração latejando em sua cabeça, ecoando nos ouvidos como um trem disparando por um túnel.

Este iria atravessar o túnel a qualquer momento, irrompendo para dentro da noite, e então ela iria...

— Ei!

O grito nem mesmo foi registrado. O movimento dos lábios de Sebastian sobre os seus, sim, um movimento que primeiro foi o seu nome, e depois outro murmúrio.

— Ei!

Sebastian ouviu o grito, e o barulho de passos no cascalho. Teria cometido um

assassinato sem o menor problema. Mantendo o braço em torno da cintura de Mel e a mão firme em sua nuca, ele virou a cabeça e deparou-se com um rosto cinzento sob um boné de um time de beisebol.

— Vá embora — ordenou, quase num rugido. — Dê o fora daqui.

— Escute, amigo, só quero saber por que o bar está fechado.

— Porque acabou a vodca. — Sebastian já podia sentir Mel se afastando, e teria soltado um palavrão se achasse que adiantaria alguma coisa.

— Ora, que inferno, eu estava querendo apenas uma cerveja! Tendo obtido sucesso em estragar o "clima", o fã de beisebol subiu numa velha picape e foi embora.

Mel cruzou os braços no peito, apertando-os como se estivesse enfrentando um vento gelado.

— Mary Ellen... — Sebastian começou.

— Não me chame assim. — Cambaleante, ela virou-se de repente e recostou contra o carro.

Seus lábios estavam vibrando. Ela queria pressionar a mão contra eles para fazê-los parar, mas não se atreveu. Sentia o sangue pulsar no pescoço num ritmo rápido, saltitante. Queria que isso também parasse; que diminuísse e se estabilizasse até que estivesse normal como deveria estar. Meu Deus, pensou. Meu Deus. Ela se entregara completamente aos beijos, praticamente atirara-se sobre ele. Deixara que ele a tocasse.

Sebastian não a tocava, agora, mas dava a impressão de era algo que gostaria de fazer. O orgulho a impedia de sair do lugar, mas ela preparou-se, pronta para bloquear um novo assalto aos seus sentidos.

— Por que fez isso?

Ele resistiu ao impulso de penetrar na mente dela e ver o que ela realmente estava sentindo, de comparar com o que estava acontecendo dentro de si mesmo. Mas já havia se aproveitado de uma vantagem injusta.

— Não faço a menor idéia.

— Bem, então não tenha mais nenhuma idéia.

Mel ficou surpresa com a dor que a resposta dele lhe provocou. Mas o que esperava?, perguntou-se. Que ele dissesse que fora incapaz de resistir aos seus encantos? Que ficara cego de paixão? Ela empinou o queixo.

— Posso até aguentar ser apalpada quando estou de serviço, mas não no meu tempo livre. Está claro?

Os olhos dele faiscaram. Então, com mais controle do que ela poderia ter imaginado, Sebastian ergueu as mãos, com as palmas para frente.

— Está claro — repetiu. — Sem mãos.

— Tudo bem, então. — Não iria criar um caso por isso, Mel decidiu enquanto

vasculhava a bolsa à procura das chaves. O assunto estava encerrado, e não significara nada, para nenhum dos dois. — Preciso voltar, fazer uns telefonemas.

Quando Sebastian deu um passo a frente, levantou a cabeça em alerta, como se fosse um cervo pressentindo a presença de um lobo.

— Só vou abrir a porta para você — ele disse, embora descobrisse que a reação dela não o desagradara nem um pouco.

— Obrigada — Mel entrou no carro e fechou a porta. Teve de limpar a garganta para ter certeza de que a voz soaria indiferente. — Entre logo, Donovan. Tenho muito que fazer.

— Uma pergunta — ele disse, depois de escorregar para o assento ao lado dela. — Você costuma comer?

— Na maioria das vezes quando estou com fome. Por quê?

Havia uma expressão de cautela nos olhos dela, que Sebastian estava adorando.

— Tendo em vista que tudo o que comi até agora foram amendoins, eu estava pensando em algo mais substancioso. Que tal pararmos em algum lugar? Eu lhe pago um hambúrguer.

Ela franziu a testa por um momento, pensando os prós e contras da sugestão.

— É, até que eu gostaria de um hambúrguer — decidiu — mas vamos dividir a conta.

— Ele sorriu e recostou no assento.

— Você é quem manda, Sutherland.

CAPÍTULO 4

Mel passou a maior parte da manhã batendo de porta em porta na vizinhança de Rose, com o desenho que Sebastian fizera. No início da tarde, o resultado obtido foram três identificações positivas, quatro oferecimentos de café e uma proposta indecente.

Uma das identificações positivas também havia corroborado a descrição do carro feita por Sebastian, incluindo a porta amassada. E isso provocou em Mel uma sensação bastante incômoda.

Mas não impediu que continuasse investigando. Havia um nome em sua lista que ainda a importunava.

Mel tinha um palpite de que a senhora O'Dell, do apartamento 317, sabia mais do que estava dizendo.

Pela segunda vez naquele dia, Mel bateu na porta pintada de marrom e limpou os pés no tapetinho cor de grama com uma margarida branca no meio. Vindos do interior do apartamento, ela ouvia crianças choramingando e os aplausos animados de um programa de jogos na tevê.

Como já acontecera antes, a porta abriu-se por alguns centímetros, e Mel olhou para baixo, vendo o rostinho sujo de chocolate de um menino.

— Olá. Sua mãe está em casa?

— Ela não me deixa falar com estranhos.

— Está certo. Então é melhor você ir chamá-la.

Batendo o pé calçado de tênis contra o batente da porta, o garoto parecia considerar a idéia.

— Se eu tivesse um revólver, podia dar um tiro em você.

— Então acho que hoje é o meu dia de sorte. — Mel ajoelhou-se, ficando frente a frente com o menino. — Pudim de chocolate, certo? — perguntou, analisando as manchas em torno de sua boca. — Você se sujou quando estava lambendo a colher, depois que sua mãe fez o pudim.

— É... — Ele mudou o peso do corpo e passou a encará-la com um pouco mais de interesse. — Como foi que adivinhou?

— Elementar, meu caro amigo. As manchas são bem recentes, e está muito perto da hora do almoço para que sua mãe o deixasse comer um prato inteiro.

O garoto inclinou a cabeça.

— E se eu tivesse comido escondido?

— Pode ser — Mel concordou. — Mas, neste caso, teria sido uma burrice não lavar as evidências.

Ele começava a sorrir quando a mãe apareceu por trás.

— Billy! Já não lhe disse para não atender a porta? — Puxou-o com uma só mão, enquanto a outra segurava no colo uma menina de olhos lacrimosos. A senhora O'Dell lançou um olhar impaciente para Mel. — O que está fazendo aqui outra vez? Eu já lhe contei tudo o que sabia.

— E foi de grande ajuda, senhora O'Dell. Na verdade, a culpa é toda minha. Apenas estou tentando organizar as informações que recebi — Enquanto falava, Mel ia entrando na sala atulhada. — Detesto ter de incomodá-la outra vez, principalmente depois que a senhora se mostrou tão disposta a cooperar.

Mel quase engasgou com o que disse. A senhora O'Dell tinha sido desconfiada, antipática e reticente. Do mesmo jeito, pensou enquanto aumentava seu sorriso de desculpas, que seria agora.

— Já olhei o seu desenho. — A senhora O'Dell ajeitou a criança nos quadris. — Já disse tudo o que sei. Exatamente como contei à polícia.

— Eu sei. E tenho certeza de que estas constantes interrupções no seu dia tão ocupado são muito inconvenientes. Mel desviou-se de um pelotão de soldadinhos de plástico que tinham sido atacados por um caminhão de bombeiros em miniatura. — Mas, a senhora entende, a janela da sua sala fica exatamente na frente do local onde se supõe que o carro suspeito esteve estacionado.

A senhora O'Dell deixou a filha no chão, e a menina foi vacilando até a frente da tevê, onde sentou com um baque sobre a fralda molhada.

— E daí?

— Bem, não pude evitar notar como as suas janelas são limpas. As mais limpas deste prédio inteiro. Sabia que se olhar da rua para cá as vidraças brilham como se fossem diamantes?

O elogio suavizou as rugas na testa da senhora.

— Tenho muito orgulho da minha casa. Não me importo com a bagunça, pois com duas crianças é impossível manter tudo no lugar. Mas não tolero sujeira.

— Sim, senhora. Mas acho que para ter janelas assim a senhora precisa limpá-las com bastante frequência.

— Eu que o diga. Morando tão perto da praia a gente recebe toda a maresia. — Com um radar materno, lançou um olhar por cima do ombro. — Billy, não deixe a nenê mastigar estes soldadinhos sujos. Dê a ela o seu caminhão.

— Mas, mamãe... .

— Só um pouquinho. — Satisfeita por ter sido obedecida a senhora O'Dell voltou-se novamente para Mel — Onde eu estava?

— Maresia... — Mel prontificou.

— Ah, sim. E toda a poeira e fumaça que vêm dos carros que passam na rodovia. Impressões digitais — Ela quase sorriu. — Parece que estou sempre

procurando impressões digitais de alguém.

"É", Mel pensou, "eu também".

— Sei que deve ser muito trabalhoso manter uma casa tão bem cuidada, com duas crianças pequenas.

— Nem todo mundo pensa assim. Algumas pessoas acham que se você não carrega uma pasta e não pega condução todos os dias para ir a um escritório, não está trabalhando.

— Sempre achei que cuidar de uma casa e da família é a profissão mais importante que existe.

A senhora O'Dell pegou um pano de pó que se pendurava no bolso traseiro do seu short e esfregou a superfície de uma mesa.

— Bom...

— E as janelas — Mel falou, trazendo-a de volta delicadamente. — Estive pensando, com que frequência a senhora lava as vidraças?

— Todos os meses, religiosamente.

— Então deve ter uma boa visão da vizinhança.

— Não tenho tempo para ficar espionando meus vizinhos.

— É claro que não. Mas, talvez, possa reparar em algumas coisas, por acaso.

— Bem, eu não sou cega. Vi aquele homem por aí. E já lhe disse isso.

— Sim, a senhora disse. Mas eu pensei que, se a senhora estivesse lavando as vidraças, talvez tenha reparado na presença dele por aqui. Imagino que leve mais ou menos uma hora para limpar tudo...

— Quarenta e cinco minutos.

— Humm-humm. Bem, se ele tivesse ficado lá em baixo por tanto tempo, sentado no carro, a senhora teria achado estranho, não é?

— Ele saiu do carro e ficou andando pelas redondezas.

— Ah? — Mel perguntou-se se deveria arriscar-se a pegar o bloco de anotações. Era melhor falar agora e anotar tudo depois, decidiu.

— Nos dois dias — a senhora O'Dell acrescentou.

— Dois dias?

— No dia em que limpei os vidros e no dia em que lavei as cortinas. Mas não dei muita importância para isso. Não gosto de me meter na vida dos outros.

— Não, estou certa que não. — "Mas eu, sim", Mel pensou, com o coração disparando. "Eu gosto. E preciso saber um pouquinho mais". — A senhora se lembra de quais foram os dias em que reparou na presença dele?

— Limpei os vidros no dia primeiro, como sempre. Uns dois dias depois, percebi que as cortinas estavam um pouco encardidas, então resolvi tirá-las para lavar. Foi então que vi o homem no outro lado da rua, andando pela calçada.

— David Merrick foi sequestrado no dia quatro de maio.

A senhora O'Dell franziu a testa novamente e olhou para os filhos. Depois de verificar que estavam brincando, e não prestando atenção na conversa, assentiu.

— Eu sei. E, como lhe disse antes, isso é de cortar o coração. Um bebezinho como aquele, sendo praticamente arrancado dos braços da mãe. Não deixei Billy sair de casa sozinho durante todo o verão.

Mel pousou a mão em seu braço, a fim de tentar um contato de mulher para mulher.

— A senhora não precisa conhecer Rose Merrick para entender o que ela está passando. A senhora é mãe.

O contato foi feito. Mel pôde ver na maneira como os olhos da senhora O'Dell umedeceram-se.

— Eu gostaria de poder ajudar. Só que não vi mais nada além disso. Lembro-me de ter pensado que este bairro deveria ser mais seguro. Que os pais não deveriam ter medo de deixar seus filhos atravessarem a rua para brincar com os amigos Que a gente não deveria preocupar-se todos os dias que alguém pudesse aparecer de repente, pegar o seu filho e levá-lo embora.

— A senhora tem toda razão. Rose e Stan Merrick não deveriam estar perguntando-se se algum dia terão o filho de volta. Alguém levou David embora Sra. O'Dell. Alguém que ficou com o carro parado aqui mesmo, diante da sua janela. Talvez a senhora não estivesse prestando atenção na hora, mas se pensar um pouco e tentar se lembrar... Deve ter reparado em alguma coisa, em algum detalhe sobre o carro.

— Aquela coisa velha e feia? Não prestei atenção nenhuma

— Era preto? Vermelho?

A senhora O'Dell encolheu os ombros.

— Era sujo, isso sim. Poderia ser marrom. Ou verde, debaixo de toda aquela poeira.

Mel tentou nova abordagem.

— Placas de outro Estado, imagino.

Depois de pensar por um instante, a senhora O'Dell balançou a cabeça.

— Não. Acho que, neste caso, eu, teria me perguntado por que ele estava apenas sentado ali. Às vezes a mente fica vagando quando se está trabalhando, e eu imaginei que ele estaria visitando alguém, esperando até que a pessoa chegasse em casa. Depois, pensei que não devia ter vindo de muito longe, pois as placas do carro eram deste Estado.

Mel disfarçou a excitação e cruzou os dedos mentalmente.

— Sabe, tem um jogo que eu sempre fazia quando era criança. Minha mãe e eu viajávamos muito, e ela tentava me manter ocupada. A senhora deve saber como é viajar com crianças A senhora O'Dell girou os olhos para o alto. Pela

primeira vez, havia um traço de bom humor em sua expressão.

— Ah, eu sei muito bem.

— Eu sempre tentava formar palavras com as letras das placas. Ou inventar nomes engraçados, cujas iniciais seriam estas letras.

— Nós fazemos a mesma coisa com Billy. Ele já tem idade suficiente. Mas o nenê...

— Talvez a senhora tenha reparado no número da placa mesmo sem perceber, enquanto estava trabalhando. Sem nem mesmo pensar nisso, se entende o que quero dizer.

Mel pôde ver que a senhora tentou, por um instante. Seus lábios pressionaram-se, os olhos estreitaram.

Então ela fez um gesto impaciente com o pano de pó, e tornou a fechar-se na concha.

— Tenho coisas muito mais importantes em que pensar. Eu vi que era uma placa da Califórnia, como disse, mas não fiquei ali brincando com as letras e números.

— Não é claro que não, mas às vezes a gente capta alguma coisa sem nem mesmo se dar conta. Então, quando pensa um pouco...

— Srta...

— Sutherland — Mel completou.

— Eu gostaria de ajudar. De verdade. Meu coração está junto com aquele casal. Mas tenho o hábito de ocupar-me com minha própria vida, sem intrometer-me nos assuntos dos outros. Agora, não tenho mais nada para lhe dizer, e já estou ficando atrasada.

Reconhecendo que não havia mais nada a fazer, Mel tirou um cartão da bolsa.

— Se a senhora lembrar-se de qualquer coisa sobre a placa, qualquer coisa mesmo, poderia me ligar?

Billy intrometeu-se na conversa...

— Era cat lembrei-me, porque significa “gato”

— Billy, não interrompa quando as pessoas estão conversando. Ele encolheu os ombros e passou o caminhão de bombeiros na perna da irmã, fazendo-a rir.

— O que era "cat"? — Mel perguntou.

— O carro. — Billi fez barulhos imitando um motor. — “k-a-t”, que forma “cat”.

A mãe suspirou.

— “cat” é com C, não com K. É “c-a-t”. Não acredito que você já está na segunda série e ainda não...

Mel encostou a mão no braço da senhora O'Dell.

— Por favor — murmurou, e abaixou-se na frente de Billy.

— Você viu o carro lá em baixo, Billy, o carro sujo e marrom?

— Vi, sim. Quando voltei da escola, o carro estava lá. Era o dia da mãe de Freddy me buscar na escola, e ela parou bem atrás do carro. Eu não gosto de ir com Freddy, porque ele me belisca.

— E você fez o jogo das letras com a placa do carro marrom? — Mel perguntou.

— Sim, eu gosto quando formam palavras. Como "cat".

— E tem certeza de que era o carro marrom? Não era outro carro, que viu no caminho da escola?

— Não, porque aquele ficou parado aí na frente durante a semana inteira que a mãe de Freddy me trouxe para casa. Às vezes estava no outro lado da rua. Quando foi a vez de mamãe nos levar, o carro já tinha ido embora.

— Você se lembra dos números, Billy?

— Eu não gosto dos números, gosto mais das letras. "K-a-t" — ele repetiu. Depois, olhou para a mãe. — Se isso não forma "cat", então que palavra forma?

Com um sorriso, Mel beijou o rostinho sujo de chocolate.

— Desta vez, forma "obrigada". Muito obrigada, Billy.

Mel estava praticamente cantando, quando voltou para a Investigações Sutherland. Conseguira alguma coisa. Mesmo sendo apenas metade da identificação da placa, e mesmo que a informação tivesse vindo de um garotinho de seis anos, ela conseguira alguma coisa.

Acionou a secretária eletrônica e foi para a cozinha pegar um refrigerante. Seu sorriso satisfeito permaneceu, enquanto ouvia as mensagens.

Trabalho investigativo sério e constante, disse a si mesma. Era assim que se obtinha resultados. A persistência não fazia mal a ninguém. Ela não imaginava que a polícia tivesse conseguido chegar nem perto de Billy O'Dell, ou que o considerasse como uma testemunha válida.

Trabalho investigativo sólido, persistência e palpites. Mel acreditava em palpites, da mesma forma que acreditava que faziam parte da personalidade de um investigador. Porém, isso estava bem longe das visões mediúnicas.

Seu sorriso transformou-se numa careta, quando pensou em Sebastian. Talvez ele tivesse dado sorte com o desenho e a descrição do carro. Mas, talvez, fosse o que ela havia pensado antes: alguém que ele conhecia no departamento de polícia lhe passara a informação.

Mel não se importaria nem um pouco ter de esfregar aquela nova informação no nariz dele.

Não que ele fosse tão mau assim, pensou, sentindo-se caridosa. Fora até simpático, quando almoçaram aquele hambúrguer no dia anterior. Não tentara mais nenhuma aproximação, pois, se o fizesse, ela teria cortado o mal pela raiz.

E tampouco ficara fantasmagórico.

Na verdade, lembrou, eles tinham conversado. Principalmente sobre livros e filmes, eternos assuntos de conversa. Mas, com ele, fora muito interessante. Quando Sebastian não estava irritando-a, tinha uma voz bem agradável, com aquele leve sotaque irlandês.

Um sotaque que havia se intensificado quando ele sussurrara em seu ouvido, os lábios deslizando sobre os seus.

Mel afastou a lembrança, irritada. Não iria pensar nisso. Já fora beijada antes e não tinha nada contra essa prática. Só que preferia escolher sua própria hora e lugar.

E se a sua reação não fora tão intensa, era porque ele a tomara completamente de surpresa.

Isso também não tornaria a acontecer.

Na verdade, do jeito que iam as coisas, ela não precisaria mais de Sebastian Donovan e seus passes de mágica. Mel tinha alguns contatos no Departamento de Veículos Motorizados e, assim que ligasse com os dados parciais da placa, iria...

Seus pensamentos perderam o rumo, quando a voz de Sebastian flutuou pela secretária eletrônica.

— "Ah, Sutherland, pena que você não está aí. Saiu para caçar bandidos, imagino."

Ela fez uma careta para o aparelho. Uma reação imatura, reconheceu imediatamente. Mas o riso na voz dele exigia algum tipo de reação.

— "Achei que você poderia se interessar por uma informação nova. Estive me concentrando no carro. O pneu esquerdo traseiro está quase careca, e isso poderia causar problemas ao sujeito porque o estepe está furado."

— Ah, me poupe, Donovan — ela murmurou. Levantou-se decidida a desligar o aparelho e a voz. — "A propósito, o carro tem placas da Califórnia. KAT 2544." Mel ficou boquiaberta, enquanto seu dedo hesitava sobre o botão de desligar. — "Pensei que talvez, a partir deste pequeno detalhe você seja capaz de realizar sua mágica de detetive. Conte-me tudo o que descobrir, está bem, querida? Estarei em casa esta noite. Boa caçada... Mary Ellen".

— Criatura odiosa! — Mel rangeu os dentes e apertou o botão.

Ela não gostava daquela situação. Não gostava nem um pouco, mas diminuiu a marcha e começou a subir a estreita e esburacada estrada para a casa de Sebastian. Nem por um minuto acreditava que ele tivesse sonhado com o número da placa, ou qualquer que fosse o termo que usavam para isso. Mas, desde que ele lhe passara a informação, sentia-se na obrigação de contar-lhe o

que descobrira.

Quando chegou no fim da estrada, estava dividida entre o entusiasmo pelo progresso que obtivera, e a irritação por ter de lidar com ele novamente. Mas seria estritamente profissional, prometeu a si mesma quando parou entre uma motocicleta Harley de aparência vigorosa e uma minivan de modelo antigo.

Depois de subir a escada da varanda, deu uma rápida batida na porta. A argola de bronze que usou para bater tinha o formato de uma cabeça de lobo, com os dentes à mostra. Intrigada, ficou brincando com o artefato enquanto esperava. Quando não houve resposta, Mel fez o que era muito natural para ela. Espiou pela janela.

Não viu ninguém, apenas a ampla sala de um lado e uma magnífica biblioteca do outro. Se sua consciência tivesse permitido, ela viraria as costas e iria embora. Porém, isso seria tanto um ato de covardia quanto de futilidade. Assim, desceu novamente a escada e começou a fazer a volta pela casa.

Mel avistou-o no lado de dentro de um cercado para cavalos com o braço em torno da cintura de uma loira esguia que usava calça jeans, numa atitude muito íntima. Estavam rindo e o som que produziam juntos parecia tão íntimo quanto a sua postura.

Um súbito lampejo de calor deixou-a atordoada. Mel não dava a mínima se ele tivesse uma mulher. Não se importava nem se ele tivesse um harém. Era problema dele.

Mas o fato de que num dia ele podia levar uma mulher à loucura com um beijo, e no dia seguinte estar agarradinho com outra, revelou a Mel o tipo de homem que Sebastian Donovan realmente era.

Um monstro.

Apesar disso, ela agiria de maneira estritamente profissional. Enfiando as mãos nos bolsos, seguiu com passos firmes através do gramado até aproximar-se do cercado cuja madeira era esbranquiçada, desbotada pelo tempo.

— Ei, Donovan!

Os dois viraram-se, o homem e a mulher. Mel podia ver que a garota não era apenas esguia e loira, mas também muito bonita. Absolutamente linda e adorável, com tranquilos olhos cinza-azulados e lábios cheios e suaves, que já se abriam num sorriso.

Mel sentiu-se como um enorme vira-lata deparando-se com dois belos exemplares de raça pura.

Enquanto afastava tal idéia, viu Sebastian murmurar alguma coisa para a mulher, beijá-la na testa e depois se adiantar para recostar na cerca.

— Como tem passado, Sutherland?

— Recebi seu recado.

— Imaginei que sim. Ana, esta é Mel Sutherland, detetive particular. Mel, Anastásia Donovan. Minha prima.

— É um prazer conhecê-la. — Ana estendeu a mão quando Mel aproximou-se da cerca. — Sebastian me contou sobre o caso em que vocês estão trabalhando. Espero que encontrem logo o bebê.

— Obrigada. — Mel aceitou a mão estendida. Havia algo extremamente calmante naquela voz, no toque, que fez com que metade de sua tensão desaparecesse. — Estou fazendo alguns progressos.

— Os pais da criança devem estar desesperados.

— Estão com medo, mas conseguindo suportar.

— Tenho certeza de que é muito bom para eles saber que podem contar com alguém que se preocupa e tenta ajudar. Anastásia afastou-se um pouco, desejando poder fazer alguma coisa. Mas, como Sebastian, ela aprendera que não podia ser tudo para todas as pessoas — Acho que vocês têm negócios a tratar — acrescentou.

— Não quero interromper — Mel olhou de relance para Sebastian e depois, por cima do ombro dele na direção dos cavalos. Uma rápida expressão de prazer refletiu-se em seu rosto, antes de voltar-se novamente para ele. — Só preciso de um minuto.

— Não, fique à vontade — Graciosa como uma gazela, Ana saltou por cima da cerca. — Eu estava de saída. Você vai ao cinema amanhã à noite, Sebastian.

— De quem é a vez de escolher?

— De Morgana. Ela disse que está fim de mistérios, portanto vamos assistir um filme policial.

— Encontro vocês no cinema — Sebastian inclinou-se sobre a cerca, para dar-lhe mais um beijo. Obrigada pelas ervas que você trouxe.

— Às ordens. E bem-vindo ao lar. Foi um prazer conhecê-la, Mel.

— O prazer foi meu. — Mel afastou os cabelos dos olhos e observou Anastácia cruzar o gramado.

— É, ela é adorável, não acha? — Sebastian falou alegremente. — E é tão bonita por dentro quanto por fora.

— Vocês parecem muito chegados, para primos.

Ele sorriu.

— Sim, nós somos. Ana, Morgana e eu passamos uma boa parte da infância juntos, aqui e na Irlanda. E, é claro, quando se tem algo em comum, algo que nos diferencia do que é considerado normal, há uma tendência para que se fique ainda mais unido.

Arqueando a sobrancelha, Mel virou-se para ele.

— Quer me fazer acreditar que ela também é vidente?

— Não exatamente. Ana possui outro tipo de talento. — Sebastian estendeu a mão para ajeitar os cabelos dela. — Mas você não veio aqui para falar sobre a minha família .

— Não — Mel mudou de posição apenas o bastante para ficar fora do alcance dele, e tentou pensar numa maneira menos humilhante possível de lhe agradecer. Eu chequei o número da placa. E já havia conseguido a metade, quando recebi seu recado.

— Ah!

— Encontrei uma testemunha. — De jeito nenhum ela iria admitir o trabalho que tivera para obter aquelas três letrinhas. — Bem, de qualquer forma, liguei para meu contato no Departamento de Veículos, e ele verificou.

— E...

— O carro está registrado no nome de um certo James T. Parkland. O endereço é em Jamesburg. — Apoiando o pé calçado de bota na cerca mais baixa, ela recostou no cercado enquanto a brisa esvoaçava seus cabelos. Gostava do cheiro de cavalos. E apenas olhá-los de longe já fazia com que se sentisse relaxada. — Fui de carro até lá. Ele havia escapulido. A dona do apartamento mostrou-se bastante comunicativa, considerando-se que ele ficou devendo dois meses de aluguel.

A égua caminhou até o cercado e cutucou o ombro de Mel. Num gesto automático, ela levantou a mão e afagou o focinho branco e lustroso.

— Consegui um bocado de informações sobre o nosso James. Ele é o tipo de sujeito que atrai problemas. Tem uma boa aparência, mas, de acordo com a senhoria, estava sempre de bolsos vazios. No entanto, sempre parecia conseguir alguns trocados para comprar cerveja. A mulher admitiu ter adquirido um interesse... maternal... por ele, mas tenho um palpite de que a coisa não era assim tão platônica. Do contrário, ela não estaria tão furiosa.

— Dois meses de aluguel — Sebastian lembrou-a, observando a maneira como Mel acariciava o animal.

— Não, era mais pessoal. Ela falava naquele tom amargo que as mulheres usam quando foram passadas para trás.

Sebastian inclinou a cabeça para o lado, confiando na intuição de Mel.

— E isso fez com que ela ficasse mais disposta a falar... para alguém que estivesse disposto a ouvir.

— Pode ter certeza disso. Ela disse que James gostava de jogar. Apostava principalmente em modalidades esportivas, mas qualquer tipo de jogo serviria. Ele meteu-se em sérias encrencas nos últimos meses, e começou a receber visitantes bem estranhos. — Mel lançou um olhar para Sebastian. — Do tipo que tem nariz quebrado e um volume sob o paletó do terno, onde a arma estraga o

caimento. James tentou arrancar alguns trocados da nossa amiga, mas ela disse que estava “quebrada". Então, ele contou-lhe que descobrira um jeito de safar-se de tudo aquilo de uma vez por todas. Nos últimos dias em que esteve lá, parecia muito nervoso, excitado e agitado. Depois, desapareceu. A última vez em que ela o viu foi uma semana antes do sequestro de David.

— É uma história interessante.

— E me forneceu alguns dados com que trabalhar. Calculei que você gostaria de saber.

— Qual é o próximo passo?

— Bem, é triste admitir, mas passei todas estas informações para a polícia local. Quanto mais gente estiver procurando o nosso velho amigo James, melhor.

Sebastian deslizou a mão pelo flanco de Psique.

— Ele pode estar o mais longe possível de Monterey e ainda continuar no país.

— Sim, eu imagino que ele...

— Não imagine. — Sebastian voltou aqueles olhos sedutores para ela — Eu sei. Ele está viajando pela Nova Inglaterra ainda nervoso demais para se instalar.

— Escute, Donovan...

— Quando você examinou o quarto dele, reparou que estava faltando um puxador na segunda gaveta da cômoda?

Ela havia reparado, mas não disse nada.

— Não estou fazendo jogos de salão com você, Mel — ele falou impaciente. — Quero encontrar a criança, e depressa. Rose está começando a perder as esperanças. E, assim que perdê-las completamente, poderá fazer algo drástico.

Um medo instantâneo prendeu a garganta de Mel de modo violento.

— O que quer dizer com isso?

— Você sabe o que quero dizer. Use toda a influência que você tiver. Faça com que a polícia de Vermont e New Hampshire procure por ele. Agora ele está dirigindo um Toyota. Vermelho. A placa é a mesma.

Mel queria ignorar tudo aquilo, mas não conseguiu.

— Vou ver como está Rose.

Antes que ela pudesse se afastar do cercado, Sebastian segurou-a pela mão.

— Liguei para Rose há duas horas. Ela ficará bem por mais algum tempo.

— Eu já lhe disse que não quero que você fique alimentando-a com falsas esperanças.

— Você trabalha do seu jeito, eu trabalho do meu. — Sebastian pressionou-lhe a mão. — Rose precisava de alguma coisa, por menor que fosse, em que pudesse se apoiar, que a ajudasse a enfrentar mais uma noite quando chega em casa e depara-se com o berço vazio. E eu dei isto a ela.

Mel sentia algo vindo dele, algo tão semelhante ao seu próprio medo e frustração, que a abrandou.

— Está bem, talvez fosse o melhor a fazer. Não duvido das suas intenções. Mas, se estiver certo quanto a Parkland estar na Nova Inglaterra...

— Você não será a primeira a apanhá-lo. — Sebastian sorriu, mais relaxado, agora. — E isso a deixa se mordendo de raiva.

— Esta você acertou em cheio. — Mel hesitou, deixou escapar um longo suspiro, e então decidiu contar tudo a ele. — Entrei em contato com um amigo na Geórgia.

— Você tem contatos nos lugares mais distantes, Sutherland.

— Passei quase vinte anos viajando pelos quatro cantos do país. Bem, eu conheço este advogado na Geórgia, e ele indicou-me um investigador em quem confia. Como uma cortesia entre profissionais, este investigador vai fazer algumas averiguações.

— Isso significa que você está aceitando o fato de que David está na Geórgia?

— Significa que não quero correr riscos. Se eu tivesse certeza iria até lá pessoalmente.

— Quando tiver certeza, e quando for para lá, eu irei junto.

— Certo. — E cairia neve no inferno, ela pensou. Não havia mais nada que pudesse fazer naquela noite. Mas tivera um bom começo. Foi forçada a admitir que era muito mais do que conseguira antes que Sebastian entrasse em cena. — Esta sua capacidade de vidência, esta mediunidade, é como a que está sendo estudada na Universidade de Columbia, e outros lugares assim?

Sebastian sorriu. Fazia parte da natureza dela tentar explicar o inexplicável.

— Não. Não exatamente. Você está se referindo àquele sentido extra que a maioria das pessoas possui em diferentes níveis, mas que normalmente prefere ignorar. São os conhecidos lampejos de inspiração, de premonição, os déjà vu. O que eu sou é mais e menos do que isso.

Mel queria uma resposta mais lógica, mais palpável, mas duvidou que a conseguiria.

— Tudo isso me parece muito esquisito.

— Geralmente as pessoas se assustam com o que consideram estranho. Já houve épocas, através da História, em que as pessoas ficaram amedrontadas o bastante para enforcar ou queimar aqueles que pareciam diferentes. — Sebastian observou-a cuidadosamente, a mão ainda segurando a dela sobre a cerca. — Mas você não está com medo, está?

— De você? — O riso dela foi rápido. — Não, não estou com medo de você, Donovan.

— Talvez fique, antes que tudo isso termine — ele falou mais para si mesmo.

— Mas eu costumo achar que é melhor viver no presente, não importa o que se saiba sobre o futuro.

Mel flexionou os dedos, quase ofegando diante do súbito calor que parecia irradiar-se da mão dele para a sua. A expressão de Sebastian permaneceu calma.

— Você gosta de cavalos.

— O quê? — Inquieta, Mel puxou a mão. — Sim, eu gosto, é claro. É impossível não gostar.

— Você sabe cavalgar?

Ela movimentou os ombros. O calor desaparecera, mas ela sentia como se a sua mão tivesse quase tocado a chama de uma vela.

— Já montei um cavalo uma vez. Mas faz muito tempo. — Sebastian ficou em silêncio, mas o garanhão levantou a cabeça de repente, como se ouvisse um sinal. Trotou até a cerca dando leves patadas no chão.

— Este aqui parece ser do tipo temperamental. — Porém, enquanto falava, Mel estava rindo e estendendo a mão para tocá-lo. — Você sabe o quanto é bonito, não sabe?

— Ele pode ser um tanto insuportável, às vezes — Sebastian comentou. — Mas também sabe ser gentil, quando quer. Psique deverá dar cria nas próximas semanas, por isso não pode ser montada. Mas, se você quiser, pode dar uma volta com Eros.

— Um dia desses, quem sabe. — Mel abaixou a mão antes que a tentação de montar no animal naquele exato instante provasse ser grande demais para resistir. — É melhor eu ir embora.

Sebastian assentiu, antes que a tentação de pedir a ela que ficasse, que ficasse com ele, provasse ser forte demais para resistir.

— Você fez um bom trabalho, rastreando o tal de Parkland tão depressa.

Ela surpreendeu-se o bastante para ruborizar levemente com o elogio.

— Foi trabalho de rotina. Se eu conseguir rastrear a pessoa que está com David, aí sim será um bom trabalho.

— Vamos começar no deserto. — "E em breve", ele pensou. "Muito em breve". — Sutherland, você gosta de cinema?

Ela piscou.

— Como?

— Perguntei se você gosta de cinema. — Sebastian virou o corpo na direção do dela, apenas ligeiramente. Mel não saberia dizer por que o movimento deu-lhe a impressão de uma ameaça, Ou por que a ameaça parecia tão excitante. — Amanhã à noite — ele continuou..., — irei com minhas primas ao cinema. Creio que você vai achar minha família bem interessante.

— Não sou muito sociável.

— Esta é uma experiência que valeria a pena.

Sebastian saltou sobre a cerca com a mesma graciosidade que Ana, mas desta vez Mel não pensou numa gazela. Pensou num lobo. Agora, sem as tábuas de madeira separando-os, a ameaça e a excitação ficaram mais palpáveis.

— Umas duas horas de diversão — ele acrescentou. — Para distrair a cabeça. Depois, acho que você e eu teremos de ir para algum lugar.

— Se você continuar falando através de charadas, não iremos a lugar algum.

— Confie em mim, quanto a isso. — Ele pousou a mão no rosto dela. Seus dedos pousaram com a leveza das asas de uma borboleta, mas Mel achou impossível afastá-los. — Uma noite com os Donovan fará muito bem a nós dois.

Mel sabia que a voz estaria ofegante antes mesmo de falar, e sentiu raiva dele por isso. Afinal, ele apenas pousara a mão em seu rosto.

— Eu já tenho a firme convicção de que nada seu respeito me fará bem.

Ele sorriu, então, pensando em como a luz do entardecer realçava a pele dela, como a cautela acrescentava uma estranha atração aos seus olhos.

— É um convite para ir ao cinema, Sutherland, não uma proposta. Pelo menos não é uma proposta como a que você ouviu esta manhã, feita pelo sujeito solitário do terceiro andar do prédio de Rose.

Atônita, ela deu um passo para trás. Aquilo poderia se apenas um bom palpite. Um palpite notavelmente bom.

— Como soube disso?

— Vou buscá-la a tempo para a sessão da nove. Talvez eu explique tudo, então. — Estendeu a mão, antes que ela pudesse recuar. — Você disse que não tem medo de mim, Sutherland, então prove.

Era uma manobra perfeita. E ela entendeu que ambos sabiam disso.

— Tudo bem, mas eu pago o meu ingresso. Não será um encontro.

— É claro que não.

— Certo, então. Amanhã à noite. — Mel deu um passo para trás, depois se virou. Era mais fácil pensar, percebeu, quando não estava encarando-o nem fitando aqueles olhos pacientes e divertidos. — Nos vemos amanhã.

— Sim — ele murmurou, — Não há dúvida quanto a isso.

Enquanto a observava se afastar, o sorriso dele desapareceu aos poucos. Não, não era um encontro. Duvidava que haveria algo tão simples quanto um encontro, no relacionamento deles. E embora não se sentisse nada contente com a idéia, Sebastian já sabia que eles teriam um relacionamento.

Quando pegara a mão de Mel, instantes antes de ela recuar do súbito calor, ele havia visto. Não havia espiado, mas vira.

Os dois juntos sob a luz rósea do anoitecer. A pele de Mel, suave como um pêssego maduro, sob suas mãos. Temor nos olhos dela, temor e algo mais forte

que o medo. Através das janelas abertas, os primeiros vestígios, dos ruídos das criaturas noturnas, as secretas melodias da noite.

E ele vira onde os dois estavam. Onde estariam, por mais que cada um deles tentasse recusar.

CAPÍTULO 5

Mel teve muito com que se ocupar, durante o dia inteiro, Houve a "operação limpeza" de um caso de pessoa desaparecida, o trabalho de campo sobre uma possível fraude de seguros da Underwriter, e o garotinho que passara em seu escritório querendo contratá-la para encontrar seu cachorro perdido.

Ela concordara em pegar o caso do cachorro, aceitando um depósito de dois dólares e sete centavos, quase tudo em moedas de um centavo. Fez bem ao seu coração ver o garoto sair do escritório certo de que o assunto estava em mãos profissionais.

Comeu um arremedo de jantar, na escrivaninha mesmo. Mastigando batatas chips e um pepino em conserva, telefonou para a polícia local e para as autoridades em Vermont e New Hampshire, a fim de checar os progressos. Ligou também para seu colega na Geórgia e desligou o telefone insatisfeita. Todo mundo estava procurando James T. Parkland. Todo mundo estava procurando David Metrick. E ninguém os encontrava.

Depois de espiar no relógio, ligou para o canil municipal e fez uma descrição do vira-lata perdido, informando o nome e o número de telefone de seu cliente. Inquieta demais para ficar parada, pegou o instantâneo de Polaroid que o garoto lhe dera, do seu melhor amigo canino, e saiu.

Três horas depois localizou Kong, um cachorro mestiço de proporções assustadoras que fazia jus ao nome, escarafunchando no depósito de um mercado no Fisherman's Wharf.

Usando uma corda comprida, doada pelo dono do mercado, Mel conseguiu arrastar Kong até seu carro e enfiá-lo no assento de passageiro. Temendo que o cachorro pudesse escapar durante o trajeto de volta ao seu escritório, Mel prendeu-o com o cinto de segurança e teve o rosto banhado por uma imensa língua molhada.

— Você tem muita coragem, mesmo — ela resmungou, entrando no carro. — Não pensou que eu logo desconfiaria que fugiu de casa para ir atrás das "garotas"? Aquele pobre menino está doente de preocupação, e onde é que eu o encontro? Todo contente, remexendo na lata de lixo e cheirando à linguiça!

Em vez de mostrar-se arrependido, o cachorro parecia sorrir, a língua caindo no canto da boca, a cabeça erguida contra o vento, enquanto Mel manobrava no estacionamento.

— Não sabe o que significa lealdade? — Mel perguntou. Kong virou o corpo maciço, pousou a enorme cabeça em seu ombro e gemeu. — Sim, é claro. Eu conheço o seu tipo, conquistador barato. Você ama aquela com quem está no

momento. Bem, pois pode me esquecer. Estou farta de você.

Mas ela tirou a mão do câmbio para afagar-lhe as orelhas.

Sebastian acabara de estacionar a moto quando Mel parou na frente do escritório. Ele deu uma olhada nela, depois viu os quase setenta quilos de músculos e pêlos ao seu lado naquele minúsculo carrinho e fez uma careta de desgosto.

— As mulheres são todas iguais. Aqui estou eu, pensando que vamos sair juntos, e você me aparece com outro.

— Este faz mais o meu tipo. — Mel passou os dedos por entre os cabelos, tentando afastá-los do rosto, e usou a manga da blusa para enxugar os beijos do cachorro. Depois localizou a ponta da corda.

— O que você está fazendo aqui, afinal? Ah... — ela disse, antes que Sebastian pudesse responder. — O cinema. Certo. Eu esqueci.

— Sem dúvida você sabe como lisonjear um homem, Sutherland. — Ele afastou-se do caminho, quando ela abriu o cinto de segurança do cachorro. — Belo animal.

— Nem tanto. Venha, Kong, o passeio acabou. — Mel puxou, atiçou, mas o cachorro simplesmente ficou sentado ali, ofegando, sorrindo e, ela notou, espalhando pêlos amarelados em todo seu assento.

Adorando a exibição, Sebastian recostou no capô do carro.

— Já pensou em levá-lo para um adestrador?

— Para o reformatório, isso sim. Mas ele não é meu — Cerrou os dentes e virou-se tentando puxá-lo de costas. — Pertence a um cliente . Diabos, Kong, tire seu traseiro daí.

Como se estivesse apenas esperando que ela pedisse, o cachorro obedeceu na hora e pulou para fora do carro, atirando Mel direto para cima de Sebastian. Ele segurou-a pela cintura quando ela perdeu o equilíbrio.

Enquanto tentava recuperar o fôlego, Mel olhou com raiva para o cachorro, que agora estava sentado placidamente na calçada.

— Você é um verdadeiro idiota sabia? — ela disse para Kong. Como se concordasse plenamente, Kong fez uma demonstração do seu repertório de truques. Deitou-se, rolou no chão, depois sentou novamente, erguendo uma das patas para ser cumprimentado.

Ela riu, antes mesmo de perceber que suas costas ainda estavam aconchegadas contra o peito de Sebastian. Um peito bastante firme e rígido, por sinal. Num gesto automático, pegou as mãos dele e afastou-as.

— Pode me soltar.

Sebastian deslizou as mãos em seus braços, sem lhe dar a chance de esquivar-

se.

— Você é muito suscetível ao toque, Sutherland.

Mel ergueu a cabeça.

— Depende de quem está me tocando. — Desejando esperar até que as batidas do seu coração se acalmassem, Mel espanou os pêlos do cachorro que se grudavam em sua calça jeans. — Escute, faça-me um favor e fique aqui com este monte de pelos enquanto eu vou telefonar. Há um garoto que, por razões que fogem à minha compreensão, está querendo este vira-lata de volta.

— Vá em frente. — Sebastian abaixou-se e passou as mãos elegantes pelo animal empoeirado.

Apenas alguns minutos depois que Mel voltou para fora, um menino apareceu correndo pela calçada, trazendo uma correia vermelha.

— Ah, puxa, Kong! Uau!

Em resposta, o cachorro começou pular de alegria. Correu na direção do menino, como um imenso zagueiro bloqueando uma jogada. Os dois caíram na calçada, rolando juntos num delírio de contentamento.

Com um dos braços segurando o enorme pescoço de Kong, o garoto sorriu para Mel.

— Puxa, moça, a senhora é mesmo uma detetive e tanto! Como aquelas dos programas de tevê. Obrigado. Muito obrigado. A senhora fez um bom trabalho. — Mel estendeu a mão para aceitar o cumprimento formal do seu cliente. — Estou devendo mais alguma coisa?

— Não já acertamos tudo. Você precisa comprar uma daquelas coleiras com o nome dele e o seu número de telefone gravados. Para o caso de ele decidir dar umas voltinhas outra vez.

— Tudo bem. Eu vou fazer isso. O garoto prendeu a correia na coleira de Kong. Espere só até mamãe ver você. Vamos. Os dois saíram em disparada, o cachorro puxando o menino atrás de si. — Obrigado! — ele gritou novamente, e seu riso ecoou pelo ar da noite.

— Ele estava certo — Sebastian murmurou, sem incomodar-se em resistir ao impulso de passar os dedos por entre os cabelos dela. — Você fez um bom trabalho.

Mel encolheu os ombros, desejando não se sentir tão emocionada pelo tom da voz dele, pelo toque de sua mão.

— Estou ganhando meu sustento.

— Aposto que ganhou uma bolada com este caso.

Rindo um pouco, ela virou a cabeça.

— Ei, ganhei dois dólares e sete centavos. Acho que dá para comprar um saquinho de pipoca no cinema.

Sebastian interrompeu seu riso tocando os lábios nos dela. Não foi um beijo... de verdade. Foi mais... um carinho amigável.

— Por que fez isso?

— Por nada em especial. — Sebastian tirou o suporte da moto, depois passou o capacete para ela. — Suba aí, Sutherland. Não gosto de chegar atrasado no cinema.

No fim das contas ela até que acabou se distraindo. Mel sempre gostara de ir ao cinema. Havia sido uma das suas diversões preferidas, quando era criança. Deixava de ser a recém-chegada na cidade assim que as luzes se apagavam e a tela iluminava-se, enchendo-se de vida.

As salas de cinema eram todas confortavelmente parecidas, em qualquer lugar que se fosse. O cheiro de pipocas e doces, os pisos grudentos, o farfalhar produzido quando as pessoas acomodavam-se em suas cadeiras. Qualquer que fosse o filme que estivesse passando em El Paso, provavelmente também estaria divertindo a platéia em Tallahassee.

Mel havia sido atraída para aquelas salas muitas e muitas vezes durante as viagens sem rumo de sua mãe, roubando duas horas por semana num lugar onde não importava de onde ela viera. Ou quem era.

Ali, foi invadida pela mesma sensação de anonimato, com a música de fundo e o sombrio suspense desenrolando-se na tela. Um assassino estava esgueirando-se pelas ruas e Mel, juntamente com todos os espectadores, estava contente por apenas recostar-se e assistir o velho duelo do bem contra o mal.

Estava sentada entre Sebastian e sua prima Morgana. A lindíssima prima Morgana, Mel havia reparado.

Ela já ouvira os boatos sobre Morgana Donovan Kirkland.

Os rumores sussurrados de que ela era uma feiticeira. Mel os considerara ridículos e, agora, ainda mais.

Morgana podia ser qualquer coisa, exceto uma velha enrugada e cacarejante, pronta para pular à bordo de um cabo de vassoura.

Ainda assim, imaginava que os boatos acrescentavam um charme especial aos produtos que Morgana vendia em sua loja.

Do outro lado de Morgana estava o seu marido, Nash. Mel sabia que ele era um roteirista famoso e altamente respeitado, que se especializara em filmes de terror. Seus trabalhos certamente tinham arrancado alguns gritinhos abafados de Mel, e fizeram-na rir de si mesma em seguida.

Mas Nash Kirkland não parecia fazer aquele tipo holywoodiano. Mel achou-o simpático e descontraído, além de muito apaixonado pela esposa.

O casal ficou de mãos dadas durante toda a sessão. Mas não de um jeito piegas e pegajoso que teria deixado Mel desconfortável. Em vez disso, havia um

contato silencioso e um tranquilo laço de afeto tão grande no gesto que ela sentiu inveja.

Sentada ao lado de Sebastian, estava Anastásia. Mel perguntou-se porque uma mulher tão assombrosamente bonita como Ana não estava acompanhada. Depois, lembrou a si mesma que tal pensamento era preconceituoso e estúpido. Nem todas as mulheres, ela própria incluída, achavam necessário ir a toda parte penduradas no braço de um homem.

Mel pegou um punhado de pipoca e concentrou-se no filme.

— Você vai comer tudo?

— Humm? — Distraída, ela virou a cabeça. Depois, voltou-a rapidamente para frente. Sua boca praticamente encostara-se à de Sebastian. — O quê?

— Você vai dividir a pipoca ou não?

Ela observou-o por um instante. Não era estranho que os olhos dele parecessem brilhar no escuro?

Quando ele bateu com o dedo no pacote de pipoca, ela piscou.

— Ah, sim. Sirva-se.

E foi o que ele fez, adorando a reação dela quase tanto quanto gostava da pipoca amanteigada.

Ela tinha um cheiro... de frescor. Sebastian manteve uma parte da atenção nas reviravoltas do enredo, e deixou o restante vagar à vontade. Achou extremamente agradável ser capaz de discernir o perfume de água e sabonete que a pele de Mel exalava, acima de todos os aromas da sala de projeção. Se quisesse, podia ouvir o pulso dela batendo. Firme, constante e forte, e depois um rápido fluxo, quando a ação esquentava na tela.

O que aconteceria com seu pulso, se ele a tocasse agora? Se virasse na cadeira e tomasse com os seus aqueles lábios cheios e sem vestígios de pintura?

Ele achou que sabia. E pensou que poderia esperar para ver.

Porém, não conseguiu resistir à tentação de dar uma espiadinha no que ela estava pensando.

Idiota! Se ela sabe que está sendo seguida, por que está andando sozinha na rua, no escuro? Por que eles sempre fazem com que as mulheres pareçam burras ou indefesas? Lá vai ela, correndo para o parque. Ah, claro, faz todo sentido levá-la direto para os arbustos, onde o assassino pode lhe cortar a garganta. Dez a um que ela vai... Epa! Ah, bem feito. Uma idiota como essa merecia ser apagada.

Mel pegou mais um punhado de pipoca e Sebastian ouviu-a desejar, distraída, que estivesse um pouco mais salgada.

Então, os pensamentos dela vacilaram por um instante, depois se misturaram confusamente. E o que Sebastian estava lendo em sua mente podia ver em seu

rosto.

Ela o pressentira. Não entendia o que era, mas percebera uma intromissão e, instintivamente, bloqueava a mente.

O fato de que ela conseguira fazer isso o deixou intrigado. Era muito raro que alguém, que não pertencesse à sua família, pressentisse suas sondagens.

Havia algum poder ali , ele refletiu. Inexplorado e, certamente, negado. Brincou com a idéia de forçar um pouco mais. Ao seu lado, Ana mexeu-se.

— Não seja grosseiro, Sebastian — ela murmurou.

Ele cedeu, com relutância, e entregou-se ao filme.

Pegou um pouco de pipoca e seus dedos roçaram nos de Mel. Ela encolheu-se. Ele sorriu.

— Pizza! — Morgana anunciou, assim que saíram do cinema. — Com tudo o que temos direito.

Nash deslizou as mãos pelos seus cabelos.

— Pensei que você havia dito que queria comida mexicana. — Ela sorriu, dando uma palmadinha na barriga.

— Nós mudamos de idéia.

— Pizza — Ana concordou. — Mas sem anchovas. — Sorriu para Mel. — Mel. — O que acha?

Mel sentiu-se incluída naquela corrente de boa camaradagem.

— Acho ótimo. Eu...

— Nós não podemos. — Sebastian interrompeu, pousando a mão em seu ombro.

Curiosa, Morgana pressionou os lábios.

— Nunca vi você recusar comida, querido. — Enviou um olhar rápido e bem humorado para Mel. — O primo Sebastian tem apetites insaciáveis. Você ficará impressionada.

— Mel é uma pessoa prática demais para impressionar-se. — Sebastian retrucou com frieza. — O que a deixa espantada, ela simplesmente rejeita.

— Ele está apenas provocando você. — Ana deu um rápido cutucão nas costelas do primo. — Nós temos nos visto tão pouco ultimamente. Não pode ficar mais uma hora, pelo menos?

— Não esta noite.

— Bem, eu posso... — Mel começou.

— Eu levo a senhorita para casa — Nash ofereceu-se, dando uma piscadela para Mel. — Não vou me incomodar nem um pouco de acompanhar três lindas mulheres.

— Você é um homem tão generoso, querido. — Morgana bateu de leve na

face do marido. — Mas acho que Sebastian tem outros planos para esta senhorita.

— Eu não tenho nada com...

— Exatamente. — Sebastian aumentou a pressão no ombro de Mel. Comeremos a pizza num outro dia. — Beijou as duas primas. Abençoadas sejam. — E foi praticamente empurrando Mel pela calçada, na direção da motocicleta.

— Escute aqui, Donovan, nós concordamos que não seria um encontro, e eu estava gostando da idéia de ir com eles. Estou com fome.

Sebastian pegou o capacete e enfiou-o na cabeça dela.

— Vou alimentá-la, no devido tempo.

— Eu não sou um cavalo — Mel resmungou, prendendo o capacete. — Sei me alimentar sozinha.

Fazendo um beicinho amuado ela olhou por sobre o ombro vendo o trio que se afastava, enquanto subia na moto atrás de Sebastian. Não era sempre que tinha a chance de sair com um grupo, especialmente um grupo com quem se sentia tão à vontade. Porém, antes de ficar zangada com Sebastian por ter encerrado a noite mais cedo, tinha de lhe agradecer por tê-la incluído.

— Não fique de mau humor.

— Eu nunca fico de mau humor. — Mel segurou-se levemente nos quadris dele, para manter o equilíbrio enquanto Sebastian manobrava para fora da calçada.

Ela gostava da sensação de andar na moto. Adorava a liberdade e o risco. Talvez, quando entrasse um pouco mais de dinheiro em caixa, ela pensasse em comprar uma daquelas. Mas seria bem mais prático fazer uma revisão e uma pintura em seu carro primeiro. Além disso, havia aquele vazamento no banheiro que precisava de conserto. E ela realmente queria comprar alguns equipamentos de vigilância novos. Aqueles aparelhos high-tech custavam uma fortuna.

Mas talvez conseguisse comprar a moto em um ou dois anos. Do jeito que iam as coisas, sua contabilidade fechava com lucro quase todos os meses. O fato de ter descoberto a quadrilha de roubos e poupado à Underwriter uma considerável bolada em seguros, talvez merecesse até um bônus.

Deixou a mente divagar naquela direção, enquanto o corpo inclinava-se automaticamente com o de Sebastian conforme faziam as curvas. Mel não percebera que suas mãos estavam segurando a cintura dele com um pouco mais de firmeza, mas ele sim.

Ela gostava da sensação do vento no rosto, na pele. E, embora não fosse algo que tivesse orgulho em admitir, gostava da maneira como seu corpo encaixava-se no dele, com o motor da motocicleta vibrando sedutoramente sob eles.

Sebastian tinha um corpo... muito interessante. Era difícil não reparar nisso, ela pensou, desde que estavam dividindo um espaço tão exíguo. As costas musculosas sob a jaqueta de couro macia e sedosa. Os ombros eram bem largos, ou talvez parecessem largos porque os quadris eram esguios e estreitos.

Havia um bocado de músculos nos braços dele, também. Não que ela fosse do tipo que se impressionava com essas coisas, lembrou a si mesma. Apenas ficava surpresa que alguém naquele ramo de trabalho, por assim dizer, tivesse um corpo assim. Mais para jogador de tênis do que para oráculo.

No entanto, ela imaginava que Sebastian teria tempo de sobra para exercitar-se, para cavalgar em seus cavalos ou fazer qualquer outro tipo de atividade física de sua preferência, entre uma visão e outra.

Começou a imaginar como seria ter seu próprio cavalo.

Sua atenção só foi despertada quando percebeu que estavam seguindo na direção oeste, na rodovia 156.

— Ei! — Bateu com os dedos no capacete dele. — Ei, Daniel Boone, a trilha é do outro lado!

Sebastian ouviu perfeitamente, mas balançou a cabeça.

— O quê? Você falou alguma coisa?

— É, eu falei alguma coisa. — Mas Mel fez exatamente o que ele esperava que fizesse. Deslizou um pouco no banco traseiro e encostou-se mais contra ele. Sebastian sentia cada curva do corpo dela. — Eu disse que estamos na direção errada. Minha casa fica do outro lado, uns cinco quilômetros para o outro lado!

— Eu sei onde você mora.

Ela bufou e manteve a voz mais alta do que o ronco macio do motor.

— Então, o que estamos fazendo aqui?

— Está uma noite agradável para viajar.

Sim, talvez, mas ninguém lhe perguntara nada.

— Eu não quero viajar.

— Esta viagem você vai querer fazer.

— Ah, é? Bem, então onde estamos indo?

Sebastian ultrapassou um carro e aumentou a velocidade.

— Para Utah.

Uns bons quilômetros se passaram, antes que Mel conseguisse fechar a boca.

Três horas da manhã, sob a luz lívida do estacionamento de uma combinação de posto de gasolina e loja de conveniência. Mel sentia como se seu traseiro tivesse levado uma injeção de anestesia.

Mas sua mente não estava anestesiada. Ela podia estar cansada, desconjuntada e dolorida depois de passar horas viajando na traseira da moto, mas sua mente

funcionava perfeitamente.

Naquele exato instante, estava usando-a para desenvolver maneiras de assassinar Sebastian Donovan e cometer o crime perfeito.

Era uma pena não ter trazido sua arma. Neste caso, poderia simplesmente dar um tiro nele. Rápido e limpo. Poderia atirar o corpo numa vala escondida em alguma das estradinhas por onde estavam viajando, e talvez semanas se passassem antes que o encontrassem. Anos, possivelmente.

Ainda assim seria muito mais satisfatório esmurrá-lo ate a morte. Sebastian era alguns centímetros mais alto que ela, e bem mais pesado, mas Mel achava que conseguiria nocauteá-lo.

Então, esconderia a motocicleta, pegaria um ônibus e estaria de volta ao seu escritório logo cedo, na manhã seguinte.

Mel movimentou as pernas, andando de um lado para outro no estacionamento. De vez em quando um caminhão passava, usando aquela estrada para evitar os postos de fiscalização de peso da rodovia principal.

Exceto por isso, estava escuro e silencioso. Num certo momento ela ouviu algo que desconfiou que fosse um coiote, mas descartou a idéia.

Mesmo naquele fim de mundo, assegurou-se, as pessoas tinham cachorros.

Ah, ele fora muito esperto, pensou agora, chutando uma latinha de refrigerante vazia que estava no caminho. Sebastian não havia parado até que estivessem além de Fresno. Isto é, longe o bastante de Monterey para desencorajar qualquer idéia de fuga.

E quando ela descera da moto, furiosa, espalhando socos a esmo e despejando uma torrente de palavrões que fariam um morto ruborizar, ele se limitara a esperar que ela se acalmasse. Havia esperado, e depois começara a explicar que estavam seguindo a trilha de James T. Parkland.

Ele precisava ver o motel onde David ficara com a primeira mulher a quem fora entregue.

Como se houvesse algum motel, por ali. Mel chutou novamente a latinha indefesa. Será que Sebastian realmente esperava que ela acreditasse que chegariam numa porcaria de motel com um dinossauro na frente?

Certo.

Então, ali estava ela, cansada, faminta e anestesiada da cintura para baixo, perdida numa estradinha deserta com um vidente maluco. Estava a mais de cento e cinquenta quilômetros distante de casa, e tinha apenas onze dólares e oitenta e seis centavos consigo.

— Sutherland.

Mel fez um giro e pegou a barra de chocolate que ele lhe atirou. Teria disparado mais uma sequência de palavrões, mas precisou segurar a lata de

refrigerante que voou logo em seguida.

— Escute, Donovan... — Desde que Sebastian estava ocupado com a bomba de gasolina, ela marchou até ele, abrindo a embalagem do chocolate enquanto dizia: — Eu tenho de cuidar dos meus negócios. Tenho clientes. Não posso desaparecer no meio da noite deste jeito, numa caçada inútil.

— Você já acampou alguma vez?

— O quê? Não.

— Eu acampei certa vez nas Serras Nevadas. Não fica distante daqui. Um lugar muito pacífico.

— Se você não der meia-volta com esta moto e me levar para casa, não vai ter paz por toda a eternidade. A começar por agora.

Quando Sebastian olhou para ela, olhou de verdade, Mel reparou que ele não parecia nem um pouco cansado. Ah, não. Em vez de parecer exausto depois de horas seguidas de viagem, ele dava a impressão de ter passado uma semana num spa exclusivo.

Sob a aparência calma e relaxada, havia uma excitação palpitante que a contagiava, fazendo seu coração disparar. Ressentindo-se de cada minuto disso, Mel deu uma boa mordida no seu chocolate.

— Você é maluco. Maluco de carteirinha. Não podemos ir para Utah. Você sabe qual é a distância daqui até Utah?

Sebastian percebera que a temperatura havia baixado consideravelmente. Tirou a jaqueta de couro e entregou-a para Mel.

— De Monterey até o lugar onde quero ir? Cerca de trezentos quilômetros — respondeu. Tirou a mangueira de gasolina do tanque da moto e prendeu-a na bomba. — Anime-se, Sutherland, estamos a mais da metade do caminho.

Ela desistiu.

— Deve haver um ponto de ônibus por aqui — resmungou, encolhendo-se sob a jaqueta dele enquanto encaminhava-se para a loja iluminada.

— Foi aqui que ele parou com David. — Sebastian falou em voz baixa, e Mel parou onde estava. — Foi onde fizeram a primeira troca. Ele não chegou aqui tão depressa quanto nós, com todo o tráfego, o nervosismo, e tendo de espiar a todo instante no retrovisor, com medo da polícia. O encontro foi às oito horas.

— Tudo isso é besteira — Mel murmurou, mas sentiu um aperto na garganta.

— O funcionário da loja reconheceu-o pelo desenho. Disse que reparou em James porque ele parou nos fundos do estacionamento, mesmo havendo vagas bem na frente. E estava nervoso, também, e o funcionário ficou prestando atenção, achando que ele estava ali para tentar roubar alguma coisa.

Mas James pagou por tudo o que consumiu.

Mel observou Sebastian com atenção, enquanto ele falava.

Depois que terminou, ela estendeu a mão.

— Dê-me o desenho.

Com os olhos fixos nos dela, Sebastian alcançou o bolso da frente da jaqueta. Através do tecido, sua mão roçou levemente o seio dela, demorando-se ali por uma fração de segundo, antes de tirar a folha de papel dobrada.

Mel sabia que estava respirando depressa demais. Sabia que estava sentindo mais do que aquele contato breve e insignificante merecia. Para compensar, tirou o papel da mão dele e seguiu para a loja com passos duros.

Enquanto Mel entrava para verificar o que ele acabara de lhe contar, Sebastian fechou a tampa do tanque e afastou a moto das bombas de gasolina.

Ela não demorou nem cinco minutos. Estava pálida, quando voltou, os olhos com um brilho preocupado. Porém a mão estava firme quando tornou a guardar o desenho na jaqueta. Não queria pensar, ainda não. Às vezes era melhor agir.

— Tudo bem — disse a ele. — Vamos embora.

Ela não cochilou. Isso teria sido suicídio, numa moto. Mas percebeu que a mente divagava com antigas imagens sobrepondo à novas. Isso era tão conhecido, aquela viagem repentina no meio da noite. Sem nunca ter muita certeza para onde estava indo, ou o que faria quando chegasse lá.

Sua mãe sempre se sentira tão feliz dirigindo por estradinhas desconhecidas, com o rádio a todo o volume. Mel podia lembrar-se do conforto de esticar-se no assento da frente, a cabeça recostada no colo da mãe e a simplicidade de confiar que, de algum jeito, acabariam encontrando um lar outra vez.

Pesada de cansaço, deixou pender a cabeça nas costas de Sebastian. Mel levantou-a rapidamente, obrigando-se a ficar de olhos abertos.

— Quer parar um pouco? — ele gritou. — Descansar por uns minutos?

— Não. Siga em frente.

Mas ele parou quando estava quase amanhecendo, para se reabastecer de café. Mel preferiu tomar um refrigerante e devorou um pãozinho açucarado.

— Sinto que estou lhe devendo uma refeição decente — ele comentou.

— Para mim, esta é uma refeição decente. Satisfeita, ela lambeu o açúcar dos dedos. — Nem precisa encomendar o faisão.

Satisfeito reparou nas olheiras escuras sob os olhos dela. Sentia-se culpado por isso, mas agira por instinto, um instinto que ele sabia que estava certo. Quando passou os braços pelos ombros dela, Mel enrijeceu, mas apenas por um instante. Talvez porque reconhecesse que o gesto era apenas um apoio amigável, e nada mais.

— Estamos quase chegando — ele disse. — Só mais uma hora.

Ela assentiu. Não tinha outra escolha, agora, exceto confiar nele. Confiar nele e na sensação em seu peito.

Uma sensação que ela própria teria descrito como "palpite certo".

— Só quero saber se vai valer a pena. Se fará alguma diferença.

— Teremos esta resposta, também.

— Espero que sim. Espero que a resposta seja "sim". Mel virou o rosto para ele, e seus lábios roçaram-lhe o pescoço, Sentiu um breve lampejo de calor, de sabor, antes que seus olhos cansados se arregalassem.

— Desculpe-me. Estou muito confusa.

— Relaxe, Mel. Veja. O sol está nascendo.

Ficaram ali, juntos, vendo, a aurora despontar. Os braços dele enlaçando-a, ela recostando a cabeça em seu ombro. Sobre o deserto, as cores emergiam do horizonte, espalhando-se pelo céu e tingindo as nuvens mais baixas. A areia coloriu-se de rosa, depois se foi avermelhando antes de, lentamente, tornar-se dourada.

Em mais uma hora, o sol escaldante estaria embranquecendo toda aquela paisagem. Mas, por enquanto, apenas por aquele instante fugidio, era tão belo quanto uma pintura.

Mel foi invadida por uma sensação estranha, observando aquela transição eterna envolvida nos braços dele. Uma comunhão. Os primeiros passos delicados de uma união que não precisava de palavras para ser compreendida.

Desta vez, quando ele a beijou, com os lábios macios e ansiosos, ela não resistiu nem questionou. O momento em si justificava tudo. Estava tão cansada de lutar contra o que parecia estar crescendo dentro dela.

Estava atordoada demais pela magia do alvorecer no deserto, para recusar qualquer coisa que ele lhe pedisse.

Sebastian queria pedir mais, e sabia que naquele momento, naquele lugar, ele poderia pedir. Porém, sentia o cansaço dela, sua confusão e o medo perturbador pelo filho de sua amiga. Assim, manteve o beijo leve, como um carinho reconfortante para ambos. Quando a soltou, compreendeu que o que eles haviam iniciado não seria destruído.

Sem dizer nada, montaram novamente na motocicleta e rumaram para o oeste, na direção do sol.

Na parte sul de Utah, não muito distante dos limites com o Arizona, e próximo o bastante de Las Vegas para se perder o salário do mês numa rápida visita, havia um pequeno aglomerado de lojinhas. A cidade possuía um posto de gasolina, um minúsculo café que anunciava tortillas de milho e um motel de vinte e cinco apartamentos, com um brontossauro de plástico no meio de um terreno coberto de cascalho.

— Ah... — Mel sussurrou enquanto olhava fixamente para a lamentável figura descascada. — Ah, meu Deus! — Quando desceu da moto, suas pernas tremiam

por algo mais além do cansaço da viagem.

— Vamos verificar se há alguém acordado. — Sebastian pegou-lhe o braço e levou-a na direção da recepção do motel.

— Você viu mesmo isso, não é?

—É o que parece, não acha? — Ao senti-la vacilar, Sebastian passou o braço em sua cintura, amparando-a.

Era estranho perceber que ela ficara tão frágil, subitamente. — Vamos pedir um quarto para você descansar, já que estamos aqui.

— Eu estou bem. — Entraria em choque mais tarde, Mel prometeu a si mesma. Agora, precisava continuar se movimentando.

Juntos, entraram numa saleta arejada apenas por um ventilador.

— Sebastian tocou a sineta no balcão. Momentos depois, ouviram o arrastar de chinelos atrás de uma porta coberta por uma cortina florida.

Um homem usando camiseta branca sem mangas e uma calça jeans larga arrastou-se até o balcão, com os olhos inchados de sono e o rosto sem barbear.

— Pois não?

Sebastian foi tirando a carteira do bolso.

— Queremos um quarto. O número 15. — Deixou uma nota de dólar sobre o balcão.

— Por acaso o quinze está vago. — O recepcionista pegou a chave num suporte atrás dele. — Vinte e oito dólares por noite. A lanchonete ali na esquina serve café da manhã e fica aberta vinte e quatro horas. Pode assinar aqui.

Depois de assinar, Sebastian deslizou outra nota de vinte dólares, com a foto de David por cima.

— Você já viu esta criança? Deve ter passado por aqui uns três meses atrás.

O atendente olhou para a nota com uma expressão desejosa, como se nem enxergasse a foto de David.

— É impossível lembrar de todo mundo que entra aqui.

— O bebê estava com uma mulher bonita, de uns trinta anos. Ruiva, dirigindo um Chevy.

— Pode ser que eles entraram direto. Eu cuido da minha vida não fico prestando atenção nos outros.

Mel intrometeu-se na conversa, afastando Sebastian para o lado.

— Você me parece um sujeito bem esperto. Eu acho que se uma mulher bonita como aquela entrasse aqui carregando um bebezinho, você teria reparado. Talvez até tenha lhe dito onde comprar fraldas descartáveis, ou leite fresco.

Ele encolheu os ombros e coçou-se.

— Eu não me meto nos problemas alheios.

— Mas vai ter de meter-se nos seus próprios problemas, então. — A voz de

Mel endurecera, o bastante para que o recepcionista vacilasse. — Agora, quando o agente Donovan, isto é o senhor Donovan... — Os olhos do sujeito arregalaram-se. — Bem, quando ele lhe perguntar de novo se viu essa criança, acho que você vai pensar um pouco mais. Não vai?

O atendente umedeceu os lábios.

— Vocês são da polícia? FBI, ou coisa assim?

Mel limitou-se a sorrir.

— O que você acha?

— Este é um hotel respeitável e tranquilo.

— Estou vendo. É por isso que sei que, se aquela mulher parou aqui com a criança, você se lembraria. Não creio que tenha tantos hóspedes assim.

— Escute, ela passou só uma noite aqui. Pagou adiantado em dinheiro, manteve a criança quieta durante a noite e foi embora logo cedo.

Mel lutou contra um leve fio de esperança e manteve a voz indiferente.

— Precisamos de um nome, amigo.

— Ora, como é que eu vou me lembrar do nome dela?

— Você tem os registros. — Mel pousou um dedo na nota de vinte dólares e a fez escorregar pelo balcão. — Tem registros dos hóspedes, e dos telefonemas feitos nos quartos. Por que não dá uma olhadinha para nós? Talvez o meu parceiro aqui possa lhe oferecer uma recompensa extra.

Resmungando palavrões, o atendente pegou uma caixa de papelão embaixo da mesa.

— As notas dos telefonemas estão aqui. Se quiserem, vocês mesmos procuram o registro de entrada.

Mel pegou o livro de registros, depois cruzou as mãos nas costas e deixou que Sebastian o examinasse.

Estava pronta a admitir que ele encontraria o que estavam procurando bem mais depressa do que ela.

Sebastian localizou o nome.

— Susan White? Não creio que ela tenha lhe mostrado um documento de identidade.

— Pagou em dinheiro — o homem resmungou. — Meu Deus, você não queria que eu ficasse xeretando, não é? Fez um interurbano — acrescentou. — Mas foi através da telefonista. — Mel vasculhou a bolsa à procura de um bloco de anotações.

— Data e hora. — Anotou-os. — Agora escute bem, amigo, e esta é a pergunta premiada... sem brincadeiras. Você afirmaria, sob juramento, que esta criança... olhe com toda atenção.

— Ela ergueu a foto de David. — Que esta criança foi trazida para este motel

no último mês de maio?

O atendente remexeu-se, desconfortável.

— Se fosse obrigado, eu afirmaria. Não quero ir para o tribunal, nem nada disso, mas a mulher trouxe esta criança. Eu me lembro que ele tinha uma covinha aqui, e um cabelinho vermelho.

— Ótimo. — Mel sentiu que iria chorar... não, não iria. Mas foi para fora, enquanto Sebastian guardava a foto e passava mais vinte dólares para o atendente.

— Tudo bem? — ele perguntou quando se reuniu a ela.

— Sim, é claro, tudo bem.

— Preciso ver o quarto, Mel.

— Certo.

— Você pode esperar aqui, se quiser.

— Não. Vamos.

Ela não tornou a falar, nem quando seguiram pelo corredor sombrio, nem quando Sebastian destrancou a porta e entrou no quarto feio e abafado. Mel sentou na cama, tentando clarear a mente enquanto Sebastian usava a sua para o que melhor sabia fazer. Ele podia ver o bebê, dormindo num acolchoado no chão, chorando um pouco pelos sonhos confusos.

A mulher havia deixado a luz do banheiro acesa, para que ficasse mais fácil olhar se a criança acordasse ou começasse a chorar. Assistira um pouco de televisão, fizera um telefonema.

Mas o nome dela não era Susan White. E havia usado tantos nomes, através dos anos, que Sebastian teve dificuldade em captar o verdadeiro. Achou que fosse Linda, mas não era Linda, agora, nem tampouco era Susan.

E ela havia transportado outro bebê, apenas algumas semanas antes de passar por ali com David.

Ele contaria isso a Mel, depois que ela descansasse um pouco.

Quando Sebastian sentou na cama ao seu lado, pousando a mão em seu ombro, ela continuou olhando fixamente para frente.

— Neste exato momento, não quero saber como você conseguiu fazer isso. Talvez numa outra hora, mas agora não.

— Tudo bem.

— Ela esteve com ele, neste quarto.

— Sim, esteve.

— E ele está machucado?

— Não.

Mel umedeceu os lábios.

— Para onde ela o levou?

— Para o Texas, mas ela não sabe para onde David foi levado, depois disso. Ficou encarregada apenas de uma etapa da viagem.

Mel respirou fundo duas vezes, com cuidado.

— Geórgia. Você tem certeza de que é na Geórgia?

— Tenho.

Ela cruzou as mãos no colo, tensa.

— Onde? Você sabe onde?

Ele estava cansado, muito mais do que queria admitir. E olhar agora o deixaria ainda mais exaurido.

Mas Mel precisava que ele o fizesse. Então ele iria olhar, porém não ali. Havia interferências demais naquele quartinho infeliz, muitas histórias tristes.

— Preciso ir lá fora. Deixe-me sozinho por um instante.

Ela assentiu, e ele saiu. O tempo passou, e Mel ficou aliviada em perceber que sua vontade de chorar também passava.

Ela não considerava as lágrimas como um sinal de fraqueza. Apenas achava que eram inúteis.

E seus olhos estavam secos, quando Sebastian voltou para o quarto.

Achou que ele parecia pálido e subitamente cansado. Era estranho que não tivesse percebido a fadiga em torno dos olhos dele, apenas alguns momentos atrás. Mas então se lembrou de que não estivera olhando para ele com muita atenção.

Foi o que fez agora, e por que o fez, sentiu-se compelida a levantar-se e ir até ele. Talvez a ausência de raízes e de uma família tivessem transformado Mel numa pessoa avessa à grandes demonstrações de afeto.

Nunca fora muito de tocar as pessoas, mas estendeu as mãos, agora, tomando as dele.

— Está parecendo que você precisa de uma cama mais do que eu. Por que não tira um cochilo? Depois decidimos o que fazer em seguida.

Ele não respondeu, apenas virou as mãos dela e olhou em suas palmas. Será que ela acreditaria nas muitas coisas que ele podia ver ali?

— As conchas mais duras nem sempre são as mais difíceis de quebrar — disse baixinho, erguendo os olhos para ela. — Você tem um coração bondoso, Mel. Isso é muito atraente.

Então, ele fez uma coisa que a deixou trêmula e sem fala. Levou as mãos dela aos lábios. Nunca ninguém lhe fizera um gesto como aquele e Mel descobriu que, o que sempre considerara como tola afetação, era comovente e sedutor.

— David está num lugar chamado Forest Park, um subúrbio ao sul de Atlanta.

Os dedos dela enrijeceram sob os dele, depois relaxaram.

Mesmo sabendo de sua total desconfiança a respeito das coisas, agora acreditaria nisso.

— Deite-se e tente descansar. — A voz dela era ríspida e as mãos firmes, quando o empurrou na direção da cama. — Vou ligar para o FBI e para o aeroporto mais próximo.

CAPÍTULO 6

Ela dormia como uma pedra. Sebastian bebeu mais um gole de vinho, recostou na poltrona e observou Mel. Ela estava deitada no sofá à sua frente, na cabine principal do seu avião particular. Não discutira quando ele havia sugerido ligar para que seu piloto voasse até Utah a fim de levá-los para a Geórgia. Mel apenas concordara distraidamente, e continuara rabiscando anotações em seu inseparável bloquinho.

No instante em que atingiram a altitude de cruzeiro, ela estendera o longo corpo no sofá, fechara os olhos e adormecera, tão rápido e fácil quanto uma criança exausta. Sebastian compreendia que a energia, como qualquer poder, precisava ser recarregada, e deixou-a em paz.

Ele dera-se ao luxo de tomar uma ducha demorada e depois vestiu algumas das roupas que sempre deixava a bordo do Learjet. Enquanto desfrutava de um almoço leve, fez alguns telefonemas. E esperou.

Era uma jornada estranha, para dizer o mínimo. Ele e a mulher adormecida voando para longe do sol, depois de passar uma noite inteira correndo na direção dele. Quando tudo terminasse, alguns corações estariam partidos e outros estariam curados. O destino sempre cobrava seu preço.

E ele teria cruzado o país ao lado de uma mulher que considerava perturbadora, desejável e incompreensível.

Ela mexeu-se, murmurou alguma coisa e abriu os olhos. Sebastian observou os olhos verdes nublados aguçarem-se e focalizarem, enquanto Mel combatia a desorientação. Ela espreguiçou-se, um movimento rápido e prático, além de incrivelmente sensual, depois se virou para sentar.

— Quanto falta? — A voz dela estava enrouquecida pelo sono, mas ele percebeu a energia que retornava.

— Menos de uma hora.

— Ótimo. — Depois de passar as mãos pelos cabelos, ela ergueu a cabeça, aspirando o ar. — Estou sentindo cheiro de comida?

Sebastian teve de sorrir.

— Sim, na cozinha. Há um chuveiro nos fundos, se quiser tomar um banho.

— Obrigada.

Ela escolheu o banho primeiro. Não era fácil, mas não queria parecer excessivamente impressionada com o fato de que bastava o sujeito estalar os dedos para chamar seu próprio avião, uma aeronave toda acarpetada, com seu próprio quarto aconchegante e uma cozinha que fazia a dela parecer um armário embutido. Era óbvio que aquele negócio de vidência dava um bom lucro.

Ela deveria ter checado os antecedentes dele, Mel pensou enquanto enrolava-se num roupão e ia para o quarto na ponta dos pés. Mas tivera tanta certeza de que conseguiria convencer Rose a mudar de idéia, que nem mesmo se dera ao trabalho. Agora, lá estava ela, a uns trinta mil pés de altitude, com um homem sobre quem sabia tão pouco.

Mas pretendia remediar isso no instante em que voltassem para Monterey. Apesar de que, naturalmente, se as coisas corressem como ela esperava, talvez nem houvesse necessidade disso. Uma vez que David voltasse para casa, sua associação com Sebastian Donovan estaria terminada.

Ainda assim, ela poderia verificar os antecedentes dele, só por curiosidade.

Pressionando os lábios, Mel deu uma espiada no armário dele. Reparou que Sebastian tinha uma preferência por seda, cashmere e linho. Avistando uma camisa jeans, puxou-a do cabide. Pelo menos havia algo prático ali, e ela sabia que estava precisando vestir roupas limpas.

Vestiu a camisa, depois se virou rapidamente para a porta.

Por um instante, pensara que ele estava ali, tinha quase certeza disso. Depois, deu-se conta de que era o cheiro dele, ainda impregnado na camisa que agora roçava suavemente em sua pele.

Que perfume era aquele, afinal? Levantou o braço e cheirou a manga da camisa. Nada que fosse capaz de discernir. Era um perfume silvestre, erótico. Algo que se esperaria encontrar numa floresta escura, sob o luar.

Irritada consigo mesma, vestiu a calça jeans. Se tudo aquilo desse certo, ela realmente começaria a acreditar em feitiçarias.

Depois de dobrar as mangas da camisa emprestada, foi investigar a cozinha. Serviu-se de uma banana, ignorou um pote de caviar e atirou algumas fatias de presunto e queijo no meio de um pão.

— Não tem mostarda? — Mel perguntou elevando a voz, e ofegou quando sentiu o corpo trombar com o dele. Sebastian não fazia mais barulho do que um fantasma.

Ele levantou o braço para alcançar um armário e entregou-lhe o frasco de mostarda. — Quer um pouco de vinho?

— Acho que sim. — Mel besuntou mostarda sobre o presunto, desejando que houvesse mais espaço para manobrar o corpo para longe do dele, naquele cômodo exíguo. — Peguei uma camisa emprestada, tudo bem?

— É claro. — Ele serviu-lhe o vinho e acabou de encher o próprio copo. — Você descansou bastante.

— É, ajuda a passar o tempo. — O avião sacudiu sob a turbulência. Sebastian segurou-a pelo braço, a fim de ampará-la, mas depois não fez menção de se afastar. — O piloto disse que teremos alguma turbulência. — Testando a ambos,

esfregou o dedo na parte interna do cotovelo de Mel. O pulso estava rápido e firme. — Logo estaremos iniciando a descida.

Mel levantou o rosto para ele. Observando-o, sentiu o mesmo que sentira no deserto. O início de alguma coisa. Perguntou-se, se estaria menos inquieta se fosse capaz de enxergar o final, também.

— Então é melhor ficarmos sentados. E prendermos o cinto de segurança.

— Eu levo o seu vinho.

Com um profundo suspiro de alívio, ela pegou o prato e seguiu-o. Enquanto mergulhava alegremente em seu sanduíche, apanhou-o sorrindo.

— Algum problema?

— Não, só estava pensando que ainda lhe devo uma refeição de verdade.

— Você não me deve nada. — Ela bebeu o vinho e então, porque era tão diferente, tão deliciosamente diferente de tudo o que já experimentara até agora, bebeu mais um pouco. — Eu gosto de pagar minhas próprias contas.

— Já reparei.

Mel inclinou a cabeça para o lado.

— Alguns homens sentem-se intimidados com isso.

— É mesmo? — O sorriso dele brincou nos cantos dos lábios. — Pois eu não. Ainda assim, depois que tudo isso terminar talvez você concorde em jantar comigo. Para comemorarmos um trabalho bem-feito.

— Talvez — Mel disse. — Podemos tirar cara e coroa para ver quem paga.

— Meu Deus, você é mesmo encantadora. — Sebastian riu e estendeu as pernas, contente por ela ter escolhido a poltrona à sua frente, em vez de sentar-se ao seu lado. Assim poderia observá-la à vontade, enquanto estava acordada. — Por que decidiu ser detetive particular?

— Humm?

Ele tornou a sorrir.

— Bem, já estava na hora de perguntar, não acha? O que a fez escolher esta profissão?

— Eu gosto de desvendar mistérios. — Mel encolheu os ombros e fez menção de se levantar para levar o prato vazio.

Mas Sebastian antecipou-se e levou o prato para a cozinha.

— É assim tão simples? — perguntou.

— Eu acredito nas regras.

As poltronas eram espaçosas, por isso Mel encolheu as pernas e cruzou-as sob o corpo. Estava confortável, concluiu. Renovada pelo sono e pelo fluxo de esperança que ainda não desaparecera. Sentia-se à vontade com Sebastian. Bem, imaginou, tudo era possível nesse mundo.

— E acho que quando alguém quebra as regras, quando viola as leis, deve

pagar por isso. — Sentiu a mudança sutil na cabine, quando o avião iniciou a aterrissagem em Atlanta. — Também gosto de descobrir as coisas... sozinha. É por isso que fui uma policial razoavelmente boa, mas sou uma ótima detetive particular.

— Quer dizer que não gosta de trabalhar em equipe.

— Não. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — E você?

— Também não. — Ele sorriu, com os olhos fitando o vinho. — Acho que não. — Então, abruptamente, fixou os olhos nos dela, intensos. Para dentro dela, Mel pensou. — Mas muitas vezes as regras mudam, Mel. Os limites que separam o certo do errado às vezes ficam indistintos. Quando isso acontece, como você faz para escolher?

— Sabendo que coisas não deveriam mudar, que limites não podem ser desfeitos, ou cruzados. Isso é algo que a gente sente.

— É — Com um súbito brilho de poder emergindo novamente, Sebastian assentiu. — A gente sente.

— Isso não tem nada a ver com mediunidade. — Mel achou que sabia exatamente para onde ele a estava levando. E ainda não estava pronta para lhe dar tanta corda assim. — Eu não me interesso por visões, premonições, ou seja lá como você chama estas coisas.

Sebastian ergueu a taça para um brinde.

— Mas você está aqui, não está?

Mel não desviou os olhos. E, se ele esperava que ela fosse recuar, ficaria desapontado.

— Sim, estou aqui, Donovan. Estou aqui porque não quero correr o risco de ignorar qualquer pista, por mais frágil e maluca que seja.

Ele continuou sorrindo.

— E...

— E porque, talvez, eu esteja disposta a considerar a idéia de que você realmente pode ter visto ou sentido alguma coisa. Ou, talvez, você tenha tido apenas um bom palpite. Acredito em palpites.

— Eu também, Mel. — O avião tocou o solo. — Eu também.

Era sempre difícil entregar as rédeas para outras pessoas. Mel não se importava de cooperar com as autoridades locais, nem com o FBI, mas teria preferido fazer isso em seus próprios termos. Mas, pelo bem de David, teve de morder a língua umas dez vezes durante a entrevista com o agente federal Thomas A. Devereaux.

— Tenho alguns relatórios sobre o senhor, senhor Donovan. Na verdade, vários deles são de colegas meus que consideram-no não apenas confiável, mas

também admirável.

Mel achou que Sebastian parecia um rei em sua corte sentado ali no pequeno escritório pintado de bege.

Ele respondeu a afirmação de Devereaux com um leve assentir de cabeça.

— Estive envolvido em umas poucas investigações federais.

— Sendo a mais recente em Chicago — Devereaux falou folheando o conteúdo de uma pasta. — Uma confusão terrível ali. Uma pena que não conseguimos detê-lo antes.

— Sim. — Isso era tudo o que Sebastian pretendia dizer. Nem todas aquelas imagens tinham desaparecido de sua mente.

— Quanto a você, Srta. Sutherland... — Devereaux esfregou a cabeça careca e redonda, depois ajeitou os óculos sobre o nariz. — As autoridades da Califórnia parecem achá-la bastante competente.

— Puxa, agora posso dormir tranquila — Mel ironizou. Ignorando o olhar de aviso de Sebastian, inclinou-se para frente. — Será que não podemos dispensar as apresentações, agente Devereaux? Tenho amigos na Califórnia que estão desesperados, neste momento. David Merrick encontra-se a apenas alguns quilômetros de distância e...

— Isso é algo que ainda teremos de verificar. — Devereaux deixou a pasta de lado e pegou outra. — Recebemos por fax todas as informações pertinentes ao caso, logo depois do seu telefonema Um investigador federal já interrogou sua testemunha no... Motel Dunes, em Utah. — Ele empurrou os óculos para a testa. — O homem identificou positivamente a foto de David Merrick. Agora estamos trabalhando na identificação da mulher.

— Então por que estamos aqui sentados?

Devereaux espiou por cima das lentes dos óculos, que haviam escorregado novamente para o nariz.

— Por acaso está esperando que meus homens batam em todas as portas de Forest Park e perguntem se alguém roubou um bebê recentemente? — Antecipando-se a Mel, ergueu o dedo gorducho. — Estamos recebendo, agora mesmo; dados completos de crianças do sexo masculino, com idades entre dois e seis meses. Registros de adoção, certidões de nascimento. Estamos verificando todas as pessoas que se mudaram para esta área, com uma criança pequena, num período que abrange estes últimos três meses. Não tenho dúvidas de que, já amanhã cedo, esta listagem esteja reduzida a um número bem mais viável.

— Amanhã cedo? Escute, Devereaux, nós passamos a maior parte das últimas vinte e quatro horas chegando aqui. Agora você vem nos dizer que teremos de esperar até amanhã?

O agente olhou-a com firmeza.

— Sim, é o que estou dizendo. Se você nos der o nome do seu hotel, entraremos em contato assim que obtivermos algum progresso.

Mel deu um pulo para fora da cadeira.

— Eu conheço David. Posso identificá-lo. Se eu fizesse uma investigação geral na área, montasse uma vigilância...

Devereaux interrompeu-a.

— Este é um caso federal. É bem provável que precisaremos de sua ajuda para identificar a criança. No entanto, temos cópias das impressões digitais para comprovar a identificação. — Enquanto Mel mordia a língua, Devereaux desviou a atenção para Sebastian. — Estou levando este caso adiante seguindo os conselhos do agente especial Tucker, de Chicago, a quem conheço há mais de vinte anos. Só porque ele dá muito calor a esta história de vidência, e porque tenho um neto mais ou menos da idade de David, não vou aconselhá-los a voltar para a Califórnia e esquecer tudo isso.

— Nós agradecemos sua ajuda, agente Devereaux. — Sebastian levantou-se e pegou Mel pelo braço, apertando-o com força antes que ela pudesse despejar quaisquer insultos que estivessem na ponta de sua língua. — Temos reservas no Hotel Doubletree. Estaremos aguardando seu chamado.

Satisfeito, Devereaux também se levantou e estendeu-lhe a mão.

— Eu devia ter cuspido nele! — Mel resmungou momentos depois, quando saíam para a tórrida tarde em Atlanta. — Esses federais sempre tratam os detetives particulares como se fossemos um bando de cachorros vira-latas!

— Ele vai cumprir com a obrigação.

— Certo. — Mel estava distraída o bastante para permitir que Sebastian lhe abrisse a porta do carro que haviam alugado no aeroporto. — Só porque algum coleguinha dele gostou de você, lá em Chicago. O que você andou aprontando por lá, afinal?

— Não muita coisa. — Sebastian fechou a porta e deu a volta pelo carro. — Imagino que você não esteja muito a fim de, um drinque tranquilo no bar do hotel, e depois um jantar agradável.

— Nem morta. — Mel puxou o cinto de segurança e prendeu-o com raiva. — Preciso de um bom par de binóculos. Deve haver uma loja de artigos esportivos, em algum lugar por aqui.

— Acho que consigo encontrar uma.

— E uma câmera de longo alcance, também — ela falou consigo mesma, puxando as mangas da camisa emprestada. — Um caso federal — resmungou. — Bem, não existe nenhuma lei que me proíba de dar um belo passeio nos subúrbios, existe?

— Acho que não existe — Sebastian falou, acompanhando o trânsito da

cidade. — Talvez possamos dar uma caminhada, também. Não há nada como uma boa caminhada por um bairro agradável numa tarde de verão.

Ela virou a cabeça e enviou-lhe um sorriso radiante.

— Até que você é um bom sujeito, Donovan.

— Este é o tipo de elogio que vai me sustentar até o fim da vida.

— Será que você pode... — Mel mordeu o lábio e engoliu a pergunta, enquanto dirigiam lentamente pelas ruas largas de Forest Park.

— Se posso dizer qual é a casa? — Sebastian completou. — Ah, sim, no devido tempo.

— Como... — Ela interrompeu esta pergunta também, e ergueu os binóculos.

— Como funciona? — Sebastian sorriu e virou para a esquerda, no que parecia ser uma decisão impensada.

— É um pouco complicado explicar. Talvez algum dia, se você ainda estiver interessada, eu tente.

Quando ele diminuiu a velocidade e parou junto à calçada, Mel franziu a testa.

— O que está fazendo?

— Eles sempre passeiam por aqui, depois do jantar.

— O quê?

— Eles gostam de trazê-lo para cá no carrinho, logo depois que ele janta, e antes do banho.

Antes mesmo de dar-se conta do que pretendia fazer, Mel virou-se, segurou o rosto dele com as mãos e obrigou-o a encará-la. Piscou, espantada com o brilho de poder que viu em seus olhos. Como estavam escuros, pensou. Quase negros.

Quando conseguiu falar, sua voz era quase um sussurro.

— Onde ele está?

— Na casa do outro lado da rua. Aquela com venezianas azuis e uma árvore grande no gramado da frente. — Sebastian segurou-a pelos pulsos antes que ela pudesse abrir a porta. — Não.

— Ele está ali e eu vou buscá-lo. Diabos, Donovan, me solte!

— Pense um pouco. — Porque ele entendia o que Mel iria sentir antes mesmo que ela pensasse, pressionou-lhe as costas contra o assento segurando-a pelos ombros. Não foi uma tarefa fácil, pensou, irônico. Ela podia ser esguia como a haste de uma flor, mas era forte. — Mel, escute o que estou dizendo. Ele está bem, está seguro. David está a salvo. Você vai apenas complicar e confundir as coisas se irromper naquela casa e tentar tirá-lo de lá à força.

Os olhos dela lançavam faíscas, enquanto esforçava-se para se desvencilhar. Sebastian pensou que ela parecia uma deusa, pronta para disparar raios com a ponta dos dedos.

— Eles o roubaram.

— Não. Não foram eles. Nem sabem que David foi sequestrado. Pensam que ele foi dado para adoção, ou convenceram-se disso porque estavam desesperados para ter um filho. Será que você nunca se sentiu tão desesperada a ponto de cortar um caminho, de ignorar aquele limite indistinto a fim de tomar o que queria?

Furiosa, ela podia apenas balançar a cabeça.

— Não é o filho deles.

— Não — A voz de Sebastian suavizou-se, bem como a pressão nos ombros dela. — Mas tem sido, nos últimos três meses. Eles o chamam de Eric, e o amam muito. O bastante para fingir que David estava destinado a ser deles.

Mel esforçava-se para controlar a respiração ofegante.

— Como você pode me pedir para deixá-lo com eles?

— É só por mais algum tempo. — Sebastian passou a mão pelo seu rosto. — Eu juro que Rose o terá de volta, antes de amanhã à noite.

Mel engoliu em seco e assentiu.

— Solte-me. — Quando ele obedeceu, ela pegou os binóculos com as mãos trêmulas. — Você fez bem em me impedir. É importante termos certeza absoluta.

Focalizou a ampla janela da casa, vendo as paredes pintadas em tons pastéis por trás das finas cortinas.

Viu um balanço de bebê e vários brinquedos espalhados sobre um sofá marrom. Pressionando os lábios, Mel viu uma mulher entrar no foco. Era jovem, morena, usando short e uma blusa de algodão. Os cabelos dela balançaram lindamente quando virou a cabeça e riu para alguém fora do alcance de visão.

Então, ela estendeu os braços.

— Ah, meu Deus. David!

Os nós dos dedos de Mel embranqueceram em torno dos binóculos, quando viu um homem passar David para os braços da mulher. Por trás das cortinas transparentes, ela viu o sorriso de David.

— Vamos andar um pouco — Sebastian falou baixinho, mas ela balançou a cabeça.

— Preciso tirar algumas fotos. — Com as mãos firmes novamente, Mel largou os binóculos e pegou a câmera de lentes telescópicas. — Se nós não conseguirmos convencer Devereaux a se mexer, talvez isto consiga.

Com toda paciência, usou quase um filme inteiro, esperando quando os três se afastavam do seu campo de visão, fotografando quando voltavam para frente da janela. Seu peito doía. Era uma pressão tão intensa que ela teve de esfregar a mão no peito várias vezes, em busca de alívio.

— Vamos andar. — Mel deixou a máquina fotográfica no piso do carro. — Acho que eles o trarão para fora a qualquer momento.

— Se você tentar pegá-lo...

— Não sou estúpida — ela disparou, ríspida. — Não estava pensando direito, antes. Eu sei como tudo tem de ser feito.

Eles saíram do carro em lados opostos, e encontraram-se na calçada.

— Talvez fique menos evidente se andarmos de mãos dadas. — Sebastian pegou a mão dela. Mel olhou-o em dúvida por um segundo, depois encolheu os ombros.

— Não há mal algum nisso, eu acho.

— Você tem um coração tão romântico, Sutherland. — Ele ergueu as mãos unidas e beijou-lhe os dedos. O nome feio com que ela o chamou mentalmente o fez sorrir. — Sempre gostei de bairros como este, sem nunca ter vontade de morar num. Gramados perfeitos, vizinhos podando roseiras nas cercas. — Inclinou a cabeça na direção de um garoto que vinha disparado pela rua numa bicicleta. — Crianças brincando na rua. Cheiro de churrasco e risos de crianças no ar.

Mel sempre sonhara com um cantinho num lugar assim.

Mas sem querer admitir isso a ele, ou a si mesma, encolheu os ombros.

— Pragas na grama. Vizinhos barulhentos espiando pelas persianas da frente. Cachorros mal-humorados.

Como se ela o tivesse invocado, um destes cachorros surgiu de repente correndo por um gramado e latindo esganiçado. Sebastian apenas virou a cabeça e olhou-o finalmente. O animal parou no mesmo instante, ganiu um pouquinho e depois se afastou com o rabo entre as pernas.

Impressionada, Mel pressionou os lábios.

— Belo truque.

— É um dom. — Sebastian soltou-lhe a mão e passou o braço em torno de seus ombros. — Relaxe — murmurou. Você não precisa se preocupar com ele.

— Estou bem.

— Está tensa como um tambor. Aqui. — Ele moveu a mão, pressionando a base de sua nuca.

Quando Mel sentiu os dedos massageando-a, tentou desvencilhar-se.

— Escute, Donovan...

— Shh. Este é um outro dom.

Ele fez alguma coisa, mesmo contra sua vontade. Mel sentiu os músculos tensos de suas costas tornarem-se fluídos, leves.

— Ah... — conseguiu murmurar.

— Melhorou? — Ele tomou-a pelo braço novamente. — Se eu tivesse mais tempo... Deus sabe, se você estivesse nua... poderia acabar com toda esta tensão. — Sorriu, ao deparar-se com a expressão atônita no rosto dela. — Acho que é

Justo permitir que você leia alguns dos meus pensamentos de vez em quando. E eu tenho pensado um bocado em ver você nua, ultimamente.

Apanhada de surpresa, e morrendo de medo que pudesse ruborizar ela olhou direto para frente.

— Pois bem então pense em outra coisa.

— É difícil. Especialmente quando você está tão sedutora usando a minha camisa.

— Eu não gosto de flertes — ela falou, por entre os dentes.

— Minha querida Mary Ellen, há um mundo de diferença entre um flerte e uma afirmação direta de desejo. Agora, se fosse para dizer que olhos lindos você tem, como eles me fazem lembrar das colinas da minha terra natal... isso sim, seria flertar. Ou se eu mencionasse que seus cabelos são tão dourados como uma pintura de Boticelli, ou que sua pele é tão macia como as nuvens que vagam pelas montanhas ao entardecer... isso poderia ser considerado um flerte.

Havia uma sensação estranha, e distintamente incômoda, no estômago de Mel. E ela queria que parasse.

— Se você me dissesse qualquer uma destas coisas, acho que eu perderia a cabeça.

— É exatamente por isso que optei pela abordagem direta. Quero você na cama, Mel. Na minha cama. — Sob um dos frondosos carvalhos, Sebastian parou e virou-a para seus braços antes que ela pudesse piscar. — Quero despi-la, tocá-la. Quero vê-la suspirar de prazer quando estiver dentro de você. Inclinou-se, mordendo-lhe o lábio levemente. — E, depois, quero fazer tudo isso de novo. — Sentiu-a estremecer e beijou-a longa e profundamente. — Fui direto o suficiente?

As mãos dela apoiavam-se em seu peito, com os dedos espalmados. Mel não fazia idéia de como tinham ido parar ali. Sua boca estava inchada, dolorida e faminta.

— Eu acho... — Mas, é claro, ela não conseguia achar nada, e este era o problema. Seu coração batia com tanta força que ela perguntou-se como as pessoas não tinham saído de suas casas para verificar o que diabos estava acontecendo lá fora. — Que você está louco.

— Por desejá-la, ou por dizer que a desejo?

— Por... pensar que eu estaria interessada numa transa rápida com você. Eu mal o conheço.

Sebastian segurou-lhe o queixo.

— Você me conhece. — Tornou a beijá-la. — E eu não falei nada sobre ser "rápido".

Antes que ela pudesse falar novamente, ele ficou tenso.

— Eles estão saindo — disse, sem se virar. Sobre o ombro dele, Mel viu a porta se abrindo e a morena sair empurrando um carrinho de bebê. — Vamos atravessar a rua. Você pode ter uma boa visão quando eles passarem.

Mel sentiu a tensão retornar. Sebastian manteve o braço em seus ombros, num gesto de aviso e apoio ao mesmo tempo. Ela podia ouvir o casal conversando. Era uma conversa alegre e distraída, de dois jovens pais com seu bebê saudável. As palavras não passavam de um borrão. Sem pensar, ela passou o braço pela cintura de Sebastian, em busca de amparo.

Ah como ele havia crescido! Mel sentiu lágrimas nos olhos e fez um esforço para engoli-las. David estava passando rapidamente da fase de bebezinho para a de uma criança pequena. Os pezinhos estavam calçados com sapatinhos vermelhos, como se ele já estivesse andando. Os cabelos estavam mais compridos, encaracolando-se em torno do rostinho redondo, rosado.

E os olhos... Ela parou, impedindo-se de chamar o nome dele. David olhava para ela, quando passou no carrinho azul. Olhou direto para ela, e então houve um sorriso, um sorriso de reconhecimento em seus olhos.

Deu um gritinho, estendeu os braços.

— Meu filho gosta de garotas bonitas — o homem falou com um ar orgulhoso ao passar empurrando o carrinho.

Completamente imobilizada, Mel viu David virar a cabeça no carrinho, viu seus lábios formarem um beicinho de choro. Ele emitiu um grito de protesto, e a mulher abaixou-se para consolá-lo.

— Ele me reconheceu — Mel murmurou. — Ele lembrou-se de mim.

— Reconheceu, sim. O amor é difícil de esquecer. — Sebastian segurou-a, quando ela deu um passo trêmulo à frente. — Agora não, Mel. Vamos avisar Devereaux.

— Ele me reconheceu. — Mel ouvia a própria voz abafada contra o tecido da camisa dele. — Eu estou bem — insistiu, mas não tentou afastar-se.

— Eu sei que você está bem. — Ele pressionou os lábios em sua testa, passou a mão pelos seus cabelos e esperou que os tremores se acalmassem.

Foi uma das coisas mais difíceis que ela já fizera em sua vida, ficar parada diante da casa de janelas azuis com a árvore no jardim. Devereaux e uma agente federal estavam dentro da casa. Ela os vira entrar pela porta que fora aberta pela jovem morena. Ela ainda estava com o roupão, Mel lembrou-se, e nos seus olhos surgira um lampejo de medo, ou talvez de reconhecimento, quando se abaixara para pegar o jornal da manhã.

Mel podia ouvir um choro, agora, um pranto sentido e profundo. Seu coração queria endurecer-se contra isso, mas foi incapaz.

Quando eles iriam sair dali? Enfiando as mãos nos bolsos andou de um lado para outro na calçada.

Estavam demorando demais. Devereaux continuara insistindo para que esperassem até o dia seguinte, e ela mal dormira em seu quarto de hotel. E já fazia uma hora que os agentes tinham entrado.

— Por que não vai sentar-se no carro? — Sebastian perguntou.

— Eu não conseguiria ficar sentada.

— Eles não vão nos deixar levá-lo, ainda. Devereaux explicou todo o procedimento. Levarão horas fazendo os exames de sangue e os testes de impressões digitais.

— Eles irão permitir que David fique comigo. Ora, se irão. Ele não vai ficar com pessoas estranhas. — Mel pressionou os lábios. — Fale-me sobre eles — pediu, num impulso. — Por favor.

Sebastian já esperava que ela pedisse, e virou-se para fitá-la nos olhos enquanto falava.

— Ela era professora. Pediu demissão quando David chegou, pois achava importante passar o tempo todo com ele. O marido é engenheiro. Estão casados há oito anos e estão tentando ter um filho quase desde o início. São boas pessoas, amam-se de verdade, e têm muito espaço em seus corações para abrigar uma família. Eram uma presa fácil, Mel.

Sebastian pôde ver no rosto dela a batalha entre a compaixão e a fúria, entre o certo e o errado.

— Eu sinto muito por eles — ela murmurou. — Lamento muito saber que alguém é capaz de explorar este tipo de amor este tipo de necessidade. Odeio pensar no que aconteceu a todos os envolvidos.

— A vida nem sempre é justa.

— A vida é sempre injusta — ela corrigiu.

Mel recomeçou a andar, lançando olhares desesperados para a janela da casa. Quando a porta se abriu, ela girou nos calcanhares, pronta para correr. Mas Devereaux encaminhou-se em sua direção.

— O menino conhece você?

— Sim, eu lhe disse que ele me reconheceu, ontem à tarde.

O agente assentiu.

— Ele está bastante agitado, chorando muito, e parece que pressente o que o senhor e a senhora Frost estão enfrentando. A nossa agente está tentando acalmá-lo. Como já lhe disse, teremos de ficar com o bebê até checarmos as impressões digitais e preenchermos todos os formulários. Talvez fosse melhor para ele se você estivesse por perto e o levasse para a delegacia com a agente Barker.

— É claro. — Mel sentiu o coração disparar. — Donovan?

— Eu sigo logo atrás de vocês.

Mel entrou na casa, lutando para proteger o coração e a mente contra o choro inconsolável que vinha de um dos quartos. Passou pelo corredor, tendo de desviar de um cavalinho de plástico, e entrou no quarto do bebê.

As paredes eram forradas de um papel azul claro enfeitado de barquinhos. Do berço, sob a janela, pendia um móbile com figuras de circo.

Exatamente como Sebastian descrevera, ela pensou sentindo a boca seca. Exatamente como ele dissera.

Então, afastou todos estes pensamentos e abaixou-se para pegar David, que chorava no bercinho.

— Ah, meu bem... — Pressionou o rosto no dele, enxugando-lhe as lágrimas. — David, meu doce e lindo David.

Mel acalmou-o, afastando os cabelos úmidos do rosto, grata pela agente estar de costas para ela, pois assim não precisaria esconder as próprias lágrimas.

— Ei, garotão. — Beijou a boquinha trêmula. Ele soluçou, esfregou os olhos com as mãozinhas, depois emitiu um suspiro cansado, recostando a cabeça no ombro dela. — Este é o meu menino... Vamos para casa, está bem? Vamos para casa, encontrar a mamãe e o papai.

CAPÍTULO 7

Nunca serei capaz de lhe agradecer. Nunca. — Rose estava olhando pela janela da cozinha. No quintalzinho à frente, seu marido e seu filho estavam na grama, sob o sol, brincando com uma bola cor de laranja — Só de olhar para eles, eu fico...

— Eu sei. — Mel passou o braço pelos ombros da amiga. Enquanto observavam em silêncio, ouvindo os risos de David, Rose pegou-lhe a mão e apertou-a com força. — Eles estão ótimos ali, não estão? — ela acrescentou.

— Perfeitos. — Rose enxugou os olhos com um lenço de papel e suspirou. — Perfeitos. Quando penso no medo que senti de nunca mais ver David novamente...

— Então não pense. David está de volta para o lugar dele.

— Graças a você e ao Sr. Donovan.

Rose afastou-se da janela, mas seu olhar retornava para lá a todo momento. Mel perguntou-se quanto tempo levaria até que Rose se sentisse à vontade com David longe de suas vistas.

— Você pode me dizer alguma coisa sobre as pessoas que ficaram com ele, Mel? — ela pediu. — O pessoal do FBI foi muito simpático e gentil, mas...

— Não muito comunicativo — Mel completou. — Eles eram boas pessoas, Rose. Gente boa, que queria uma família. Cometeram um erro, confiando em quem não deviam confiar. Mas cuidaram bem de David.

— Ele cresceu tanto. E já está tentando dar os primeiros passinhos. — Havia uma amargura, um tom agudo de amargura na voz de Rose, por ter perdido aqueles três preciosos meses da vida de seu filho. Mas havia também a tristeza por outra mãe, em outra cidade, que agora teria de olhar para um berço vazio. — Eu sei que eles o amavam. E sei o quanto ela deve estar sofrendo agora. Mas acho que é pior para ela do que foi para mim. Ela sabe que jamais o terá de volta. — Pousou os punhos serrados sobre o balcão. — Quem fez isso, Mel? Quem fez isso a todos nós?

— Ainda não sei. Mas estou trabalhando nisso.

— Você vai continuar trabalhando o com Sr. Donovan. Eu sei o quanto ele está preocupado.

— Sebastian?

— Sim, nós conversamos um pouco, quando ele passou por aqui.

— É? — Mel achou que teve sucesso em parecer indiferente. Ele passou por aqui?

— A expressão de Rose suavizou-se. Ficou quase parecida com a expressão

que sempre tivera, antes do desaparecimento de David.

— Ele trouxe o ursinho de David, e esse lindo barquinho azul. — Um barquinho, Mel pensou. Sim, ele teria pensado nisso.

— Foi muita gentileza dele.

— Ele parece entender os dois lados desta história, sabia? O que Stan e eu passamos, e o que aquelas pessoas de Atlanta estão enfrentando agora. Tudo isso porque existem pessoas que não dão a mínima para os sentimentos dos outros. Nem para os bebês, para as mães, para as famílias. Querem apenas extorquir dinheiro. — Os lábios dela tremeram, mas logo ficaram firmes. — Creio que foi por isso que o Sr. Donovan não aceitou nenhum pagamento.

— Ele não cobrou nada de vocês? — Mel perguntou, lutando para soar desinteressada.

— Não nem um centavo. — Lembrando-se das suas obrigações, Rose abriu o forno para olhar o bolo de carne. — Disse que Stan e eu poderíamos enviar qualquer quantia que pudéssemos para um destes abrigos de sem-teto.

— Entendo.

— Ele falou também que iria pensar se continuaria no caso.

— No caso?

— Ele disse... alguma coisa sobre não estar certo que bebês sejam levados de suas casas e vendidos como se fossem filhotinhos de cachorro. Que existem alguns limites que não podem ser cruzados.

— Sim, existem mesmo. — Mel pegou a bolsa. — Preciso ir embora, Rose.

Surpresa, Rose fechou a porta do forno.

— Não vai ficar para o jantar?

— Não posso, de verdade. — Mel hesitou, depois fez algo que raramente fazia, algo que gostaria de fazer com mais frequência e mais facilidade. Beijou a amiga no rosto. — Preciso resolver um assunto.

Mel imaginava que deveria ter feito isso antes, mas tinham voltado para Monterey havia apenas dois dias. Atravessou uma nuvem de neblina, na estrada para o alto da montanha. Sebastian não teria de se deslocar do seu caminho para vê-la, pensou. Ele fora até o apartamento de Rose, mas não seguira por mais alguns quarteirões para ir à casa dela.

Era óbvio que não estava falando a sério todas aquelas tolices sobre achá-la atraente, sobre desejá-la.

Toda aquela besteira sobre seus olhos, seus cabelos e sua pele.

Mel tamborilou os dedos no volante. Se tivesse sido a sério, ele já teria feito alguma coisa. E gostaria tanto que ele fizesse... Como ela poderia decidir se queria ou não rejeitá-lo, se ele nem se incomodava em procurá-la?

Então, ela iria procurar o lobo em sua toca. Havia compromissos a cumprir,

declarações a fazer e perguntas a serem respondidas.

Certa de que estava preparada para tudo isso, Mel virou o carro para a estradinha de terra que levava à casa de Sebastian. A meio caminho, pisou fundo nos freios quando um cavalo e seu cavaleiro saltaram diante dela. O garanhão negro e o homem moreno em seu lombo irromperam pela trilha de cascalho como um lampejo de músculos e velocidade. Diante da visão do cavalo lustroso e do homem de pele bronzeada com os cabelos cor de ébano voando ao vento, Mel sentiu-se levada para séculos atrás, quando os dragões eram mortos sob as lanças e a magia espalhava-se pelo ar.

Mel ficou ali parada, boquiaberta, enquanto cavalo e cavaleiro subiam como um raio pela colina rochosa, através de uma faixa de neblina e, depois, tornando a surgir sob um raio de sol. Nem um centauro teria parecido mais magnífico.

Enquanto os ecos da cavalgada desapareciam no ar, ela seguiu com seu carrinho pela estrada. Aquilo sim era realidade, pensou. O motor gemia e reclamava da subida, tossiu, engasgou, mas finalmente arrastou-se até a casa.

Como Mel esperava, Sebastian estava no cercado dos animais, esfregando o pêlo lustroso de Eros.

Desmontado, não parecia menos magnífico, nem menos mítico. A energia e a vida vibravam nele. A excitação da cavalgada ainda estampava-se em seu rosto, em seus olhos. A força exigida por ela estava nos músculos tensos de suas costas e braços, enquanto acalmava o animal.

Mel achou que, se o tocasse agora, seus dedos se queimariam.

— Um belo dia para cavalgar, eu acho.

Sebastian olhou-a por cima do lombo de Eros e sorriu.

— Quase todos os dias são ótimos para cavalgar. Desculpe-me por não ter parado para falar com você, mas quando Eros está correndo é melhor deixá-lo à vontade.

— Tudo bem. — Mel estava contente por ele não ter parado. Tinha certeza absoluta de que só teria conseguido balbuciar algumas palavras, se tivesse de falar com ele montado naquele cavalo. — Passei por aqui para ver se você tem um minutinho para conversarmos.

— Acho que posso lhe dispensar alguns minutos. — Sebastian deu uma palmada no flanco do animal e depois, apoiando o joelho dele em seu quadril, começou a limpar as ferraduras.

— Você tem visto Rose?

— Sim, estou vindo da casa dela. Ela disse que você foi visitá-los e levou um barquinho de brinquedo para David. — Sebastian olhou para cima, depois continuou com a tarefa.

— Pensei que pudesse diminuir um pouco a confusão de David, se tivesse

algo relacionado com o lugar onde passou estas últimas semanas.

— Foi muito... gentil.

Sebastian endireitou o corpo e moveu-se para as patas dianteiras do cavalo.

— Tenho meus momentos.

Sentindo-se em terreno mais seguro, agora, Mel apoiou o pé calçado de bota na tábua mais baixa da cerca.

— Rose disse que você não aceitou o pagamento.

— Creio que já havia salientado antes que não preciso de dinheiro.

— Estou ciente disso. — Mel recostou na cerca passando os dedos pelo pescoço de Eros. Não havia nenhuma magia ali assegurou-se. Apenas um animal magnífico no auge do seu esplendor. Bem parecido com o dono — Fiz algumas averiguações. Você tem um dedo em muitos bolos por aí, Donovan.

— Não deixa de ser uma maneira de se colocar.

— Imagino que seja mais fácil ganhar dinheiro quando se em uma boa fortuna por trás.

Ele examinou a última ferradura.

— Suponho que sim. E seria bem mais fácil perder dinheiro sob as mesmas condições.

— Você me pegou. — Mel inclinou a cabeça, enquanto ele endireitava o corpo novamente. — Este negócio em Chicago. Foi bem difícil.

Ela viu a mudança na expressão dele, e lamentou. Não era algo que ele aceitava distraidamente, ou esquecia em questão de dias.

— Sim, foi muito difícil. O fracasso sempre é.

— Mas você ajudou a polícia a encontrá-lo. Conseguiu detê-lo.

— Cinco vidas perdidas não é o que eu chamo de sucesso. — Sebastian deu uma palmada no traseiro de Eros que se afastou num trote — Por que não entra um pouco enquanto eu vou me lavar?

— Sebastian...

Ele sabia que aquela era a primeira vez que ela o chamava pelo nome. E ficou surpreso o bastante para parar, pousando a mão na cerca, o corpo preparando-se para dar um salto.

— Cinco vidas perdidas — ela disse, em voz baixa. Seus olhos refletiam a compreensão. — Você sabe quantas vidas salvou?

— Não — Ele pulou a cerca, aterrissando suavemente diante dela. — Não, não Sei. Mas o fato de você perguntar ajuda muito. — Tomou-lhe o braço, os dedos deslizando desde o ombro a e o pulso. — Vamos entrar.

Mas Mel gostava de estar lá fora, onde havia espaço para manobrar. Caso as manobras fossem necessárias. Porém, parecia tolice, e inegavelmente fraco, não entrar na casa com ele.

— Há uma coisa que quero conversar com você.

— Eu já desconfiava. Você jantou?

— Ainda não.

— Ótimo. Conversaremos durante o jantar.

Entraram pela lateral da casa, subindo para um deque de tábuas de sequoia e cercado de vasos transbordando de flores, e passando por uma grande porta de vidro que dava direto na cozinha. Esta era toda em azul e branco, e tão elegante e completa como se tivesse sido tirada das páginas de uma revista de decoração. Sebastian foi logo para uma pequena geladeira com porta de vidro e pegou uma garrafa de vinho.

— Sente-se. — Ele indicou uma banqueta no balcão azulejado que ficava no centro da cozinha. Depois de tirar a rolha do vinho, serviu-lhe uma taça. — Preciso tomar um banho — disse, deixando a garrafa no balcão, na frente dela. — Fique à vontade.

— Obrigada.

No instante em que ele saiu, Mel desceu da banqueta. Não considerava falta de educação, era apenas a sua curiosidade natural. Não havia melhor maneira de analisar a personalidade das pessoas do que xeretar em seu espaço particular. E ela queria, desesperadamente, descobrir qual era a personalidade de Sebastian Donovan.

A cozinha era meticulosamente limpa e organizada, com os balcões imaculados, os pratos nos armários envidraçados arrumados de acordo com o tamanho. Não exalava nenhum cheiro de detergente, nem de desinfetante, mas sim... um perfume fresco, de ervas.

Havia vários maços de ervas pendurados de cabeça para baixo no batente da janela sobre a pia. Mel aspirou o perfume, achando o aroma agradável e vagamente misterioso.

Abriu uma gaveta ao acaso e encontrou utensílios para o preparo de assados. Tentou mais uma, e havia mais equipamentos de cozinha, todos devidamente organizados.

Onde estava a gaveta de bagunças? — perguntou-se enquanto passava os olhos pelo cômodo, franzindo a testa. E os segredos que sempre se encontra, largados à esmo?

Menos desencorajada do que intrigada, ela voltou para a banqueta e pegou a taça de vinho, segundos antes de Sebastian entrar novamente na cozinha.

Ele estava todo de preto, agora, calça jeans preta e uma camisa com as mangas enroladas até os cotovelos. Estava descalço. Quando Sebastian pegou o vinho para servir-se, Mel percebeu que ele parecia ser exatamente o que afirmava ser.

Um mago.

Sorrindo, ele tocou a taça na dela, inclinando-se para fitá-la direto nos olhos.

— Você confia em mim?

— Hein?

O sorriso de Sebastian alargou-se.

— Para escolher o cardápio?

Mel piscou e bebeu um rápido gole do vinho.

— Sim, é claro. Eu como de tudo.

Quando ele começou a pegar ingredientes, panelas e vasilhas, Mel deixou escapar um suspiro de alívio.

— Você vai cozinhar? — perguntou.

— Sim. Por quê?

— Nada. Imaginei que fosse pedir comida em algum lugar. — Ela arqueou a sobrancelha, quando ele começou a despejar azeite numa panela. — Não é muito trabalho?

— Eu gosto de cozinhar. — Sebastian espalhou algumas ervas numa vasilha. — Acho relaxante.

Mel coçou o joelho e enviou um olhar desconfiado para a mistura que ele estava preparando.

— Quer que eu ajude?

— Você não sabe cozinhar.

Ela franziu a testa.

— Como sabe disso?

— Tive um relance da sua cozinha. Gosta de alho?

— Gosto.

Sebastian amassou um dente de alho com as costas da faca.

— Sobre o que queria conversar comigo, Mel?

— Algumas coisas. — Ela ajeitou-se na banqueta, depois descansou o queixo na mão. Era estranho, mas não imaginara que gostaria tanto de vê-lo cozinhar. — Tudo acabou dando certo para Rose, Stan e David. O que você está colocando aí?

— Alecrim.

— O cheiro é bom. — O cheiro dele também era bom, ela pensou. O aroma sensual de couro e suor que ele trouxera da cavalgada já se fora, tendo sido substituído por uma fragrância igualmente sensual, que lembrava um bosque, silvestre e extremamente másculo. Bebeu mais um gole de vinho, relaxando o suficiente para tirar as botas. — Mas para o Sr. e a Sra. Frost, da Geórgia, as coisas estão bastante ruins, agora.

Sebastian juntou tomates, alho e ervas na panela.

— Geralmente quando alguém ganha, alguém também perde.

— Eu sei como funciona. Fizemos o que tinha de ser feito, mas ainda não terminamos.

Ele cortou alguns filés de frango, antes de levá-los à frigideira. Gostava do jeito que ela estava sentada ali, balançando a perna preguiçosamente e observando seus preparos culinários com toda atenção.

— Continue.

— Não apanhamos aquele que realmente interessa, Donovan. A pessoa que arquitetou tudo. Conseguimos recuperar David, e isso foi o mais importante, mas ainda não acabamos. Ele não foi o único bebê sequestrado.

— Como você sabe?

— Ora, é lógico. Uma operação tão organizada, tão bem engatilhada. Não se dariam a tanto trabalho para um único golpe.

— Não. — Sebastian tornou a encher as taças, depois despejou um pouco do vinho sobre o frango. — Você tem razão.

— Então, eis o que estou pensando. — Ela desceu da banqueta. Achava que pensava melhor quando estava de pé. — Os Frost tinham um contato. Agora, ou eles tiveram a chance de entregá-lo para os agentes federais, ou o sujeito já sumiu há tempos. Eu acho que ele já sumiu. — Parou de andar e inclinou a cabeça para o lado.

Sebastian assentiu.

— Prossiga.

— Tudo bem. Isso é algo em escala nacional. Uma empresa de verdade. Eles precisam ter um advogado, alguém que cuide dos papéis de adoção. Talvez um médico, também. Ou, pelo menos, alguém com conexões nestas clínicas de fertilidade. Os Frost fizeram todo tipo de testes de fertilidade. Eu chequei.

Sebastian mexia nas panelas, cheirava e acrescentava ingredientes, mas estava prestando atenção.

— Imagino que o FBI também tenha checado.

— É claro que sim. Nosso amigo Devereaux está por dentro de tudo. Mas quando começo uma coisa, eu gosto de terminar. Existem tantos casais querendo iniciar uma família. Eles tentam de tudo. Regulam a vida sexual, fazem dietas, dançam nus sob a lua cheia. E pagam. Gastam rios de dinheiro nos exames, nas cirurgias, nos remédios. E, se nada disso funcionar, pagam qualquer coisa para ter um bebê.

Ela aproximou-se do fogão para cheirar uma das panelas.

— Está bom — murmurou. — Eu sei que, geralmente, isso é muito caro. Precisam de uma agência de adoção respeitável, de um advogado respeitável. E, na maior parte dos casos, é a coisa certa a fazer. O bebê ganha um lar, a mãe biológica ganha uma segunda chance, e os pais adotivos ganham o seu milagre.

Mas, então, existe sempre aquele fator repugnante. O patife que sempre encontra um jeito de ganhar uma grana com a tragédia alheia.

— Por que você não arruma os pratos na mesa perto da janela? Estou escutando.

— Está bem. — Mel ficou andando pela cozinha, seguindo as instruções dele para pegar os pratos, os talheres e os guardanapos, enquanto continuava expondo sua teoria. — Mas este não é um patife qualquer, que se contenta com trocados. É esperto, inteligente o bastante para montar um esquema capaz de roubar uma criança num extremo do país; passá-la como se fosse uma bola de futebol através de vários Estados para atirá-la numa família rica e influente, a muitos quilômetros de distância.

— Ainda não vi motivos para discordar de você.

— Pois bem, é este sujeito que nós temos de agarrar. Os federais ainda não conseguiram encontrar Parkland, mas imagino que o farão em breve. Ele não é um profissional. Trata-se apenas de um idiota que tentou um meio rápido de pagar algumas dívidas e evitar uma surra. Ele não será de grande ajuda, quando o encontrarem, mas vai dizer alguma coisa. Só posso imaginar que os federais pretendem mantê-lo isolado.

— Até agora, seu raciocínio parece impecável. Pegue a garrafa e venha se sentar.

Mel fez o que ele dizia, cruzando as pernas sob o corpo na cadeira.

— É pouco provável que os federais deem alguma folga a uma testemunha como ele.

— Concordo. — Sebastian levou os pratos para a mesa: macarrão penne com molho de tomates e ervas, filés de frango grelhados no vinho e fatias grossas de pão crocante.

— Mas eles darão uma chance a você — Mel falou. — Eles lhe devem isso.

Sebastian serviu o prato dela.

— Talvez.

— Eles podem lhe dar uma cópia do depoimento de Parkland, quando o pegarem. Talvez até permitam que você o interrogue. Se você disser que ainda está interessado no caso, eles vão lhe passar as informações.

— Sim pode ser. — Sebastian experimentou a comida e achou-a excelente. — Mas será que ainda estou interessado?

Mel agarrou-lhe o pulso, antes que ele pudesse cortar mais um pedaço do frango macio.

— Você não gosta de terminar o que começou?

Ele ergueu os olhos para Mel, fitando-a de um jeito profundo, tão profundo que ela sentiu os dedos tremerem antes de tirá-los do braço dele.

— Eu gosto, sim.

Inquieta, ela cortou um pedaço de pão.

— Bem, e então?

— Vou ajudá-la. E usarei todos os contatos que puder.

— Agradeço muito. — Embora tivesse o cuidado de não tocá-lo novamente, ela sorriu e seus olhos suavizaram-se. — De verdade, vou ficar lhe devendo esta.

— Não, acredito que não. Não quando ouvir as minhas condições. Nós vamos trabalhar juntos.

Ela colocou o pão na mesa.

— Escute, Donovan, eu agradeço a oferta, mas gosto de trabalhar sozinha. Além disso, o seu estilo... as visões e estas coisas... me deixam nervosa.

— É muito justo. O seu estilo... armas e estas coisas... também me deixam nervoso. Portanto, vamos fazer um acordo. Trabalhamos juntos e aceitamos as nossas... excentricidades mútuas. Afinal, o que importa é o objetivo, não é?

Mel ficou pensativa, mexendo na comida em seu prato.

— Acho que eu tive uma idéia, que daria mais certo se fingíssemos ser um casal. Um casal sem filhos. — Ainda incerta, olhou para ele. — Mas se realmente concordarmos em trabalhar juntos, pelo menos desta vez, teremos de estabelecer algumas regras.

— Ah, sim, sem dúvida.

— Não dê essa risadinha irônica, quando diz isso. — Desligando-se completamente do assunto, ela concentrou-se na comida. — Está muito bom. — Comeu mais uma garfada. — Muito bom, mesmo. E nem parece que foi tão fácil.

— Você me deixa lisonjeado — Sebastian ironizou.

— Não, eu quis dizer que... — Ela riu, encolheu os ombros e comeu mais um pouco. — Acho que sempre pensei que a boa comida significa comida trabalhosa. Minha mãe trabalhou muitas vezes como garçonete, então levava comida pronta para casa. Mas quase sempre era de restaurantes baratos ou lanchonetes. Nada como esta comida aqui.

— Sua mãe está bem?

— Ah, claro que sim. Recebi um cartão postal de Nebraska, na semana passada. Ela viaja muito por aí. Tem "comichão nos pés".

— E seu pai'?

Uma breve hesitação, uma leve sombra de tristeza.

— Não me lembro dele.

— E o que a sua mãe acha da sua profissão?

— Ela acha excitante. Mas, enfim, assiste televisão demais. E quanto à sua? — Mel pegou a taça e fez um gesto. — Como seus pais se sentem sobre você ser

o mago de Monterey?

— Não creio que este seja o termo que eu usaria — Sebastian falou, após um momento. — Mas, se pensarem assim, imagino que fiquem contentes por eu estar seguindo a tradição da família.

Mel quase engasgou com o vinho.

— O que vocês são, uma espécie de convenção de bruxos?

— Não — ele respondeu com toda calma, sem ofender-se. — Somos uma família.

— Sabe, eu jamais teria acreditado em nada disso senão estivesse... Bem, eu estava lá. Mas isso não significa que tenha engolido a história toda. — Ela encarou-o, com uma expressão cuidadosa e calculadora. — Andei lendo algumas coisas, sobre experiências e pesquisas sobre este assunto. Muitos cientistas respeitáveis acreditam que fenômenos mediúnicos realmente existem.

— Isso é muito reconfortante.

— Não seja falso — Mel disse, ajeitando-se na cadeira. O que quero dizer é o seguinte: eles reconhecem que não entendem completamente a mente humana. Isso é lógico, racional. Eles analisam resultados de eletroencefalogramas, e coisas assim. Você sabe, estudam as pessoas que conseguem adivinhar o que há por trás de um cartão, estas coisas. Mas não significa que aceitem a feitiçaria, profecias ou poções mágicas.

— Uma poçãozinha mágica não lhe faria mal algum — ele murmurou. — Preciso conversar com Morgana sobre isso.

— Estou falando sério — ela começou.

— Eu também. — Sebastian tomou-lhe a mão. — Eu nasci com o sangue dos elfos. Sou um feiticeiro por herança, e as raízes da minha família remontam a Finn, dos Celtas. Meu dom é a visão. Não foi pedido, nem exigido, mas sim concedido. Isso não tem nada a ver com a lógica, a ciência, nem com dançar nu sob o luar. É o meu legado. O meu destino.

— Bem — Mel falou, depois de um longo momento. E repetiu: — Bem... — Umedeceu os lábios e limpou a garganta. — Nessas pesquisas, eles fazem experiências com a telecinese, telepatia...

— Você quer uma prova, Mel?

— Não. Sim... Isto é, se vamos trabalhar juntos neste projeto, gostaria de saber a extensão dos seus... talentos.

— Muito justo. Pense num número, de um a dez. Seis — Sebastian disse, antes que ela pudesse abrir a boca.

— Eu não estava pronta.

— Mas foi o primeiro número que apareceu em sua mente.

Era verdade, mas Mel balançou a cabeça.

— Eu ainda não estava pronta. — Fechou os olhos. — Agora. — Ela era boa, Sebastian pensou. Muito boa.

Naquele instante, estava usando toda sua vontade para bloqueá-lo. A fim de distraí-la, deu uma leve mordida num dos dedos da mão que ele ainda segurava.

— Três.

Mel abriu os olhos.

— Muito bem. Como faz isso?

— Vem da sua mente para a minha. — Sebastian roçou os lábios na mão dela. — Às vezes sob a forma de palavras, às vezes em imagens, às vezes apenas em sensações que são impossíveis de descrever. Agora, você está pensando se bebeu um pouco demais, porque seu coração está batendo rápido, sua pele está quente. E sua cabeça está leve.

— Minha cabeça está ótima. — Mel puxou a mão. — Ou estaria, se você ficasse longe dela. Eu consigo sentir...

— Sim. — Satisfeito, ele recostou na cadeira e pegou a taça. — Eu sei que você consegue. É muito raro que alguém que não seja da família que consiga me sentir, especialmente numa sondagem tão superficial. Você tem um bom potencial, Sutherland. E se quiser explorá-lo, terei prazer em ajudar.

Mel não pôde disfarçar o rápido tremor que a perpassou.

— Não, obrigada. Gosto da minha cabeça do jeito que está. — Cautelosa, pousou a mão na testa enquanto olhava para Sebastian. — Não me sinto muito bem com a idéia de que alguém seja capaz de ler a minha mente. E se formos adiante com a nossa sociedade temporária, esta deve ser a primeira regra.

— De acordo. Não vou espiar em sua mente a não ser que você me peça. — Reparando na dúvida nos olhos dela ele sorriu. — Eu não minto, Mel.

— Isso faz parte do código de honra dos bruxos?

— Como quiser.

Ela não queria, mas iria aceitar a palavra dele.

— Tudo bem. A próxima regra: vamos compartilhar todas as informações. Nada de ocultar os fatos.

O sorriso dele era tão encantador quanto perigoso.

— Estou mais do que disposto a concordar. Aliás, estamos ocultando os fatos há tempo demais.

— Somos profissionais. Vamos deixar tudo no plano profissional.

— Quando for necessário. — Sebastian tocou a borda da taça na dela. — Um jantar a dois é considerado profissional?

— Ora, não precisa ser ridículo. O que quero dizer é que, se vamos fingir que somos um casal que deseja um filho não precisamos deixar que nossa atuação...

— Ultrapasse aqueles seus famosos limites — ele completou. — Eu entendo.

Você tem um plano?

— Bem, ajudaria bastante se tivéssemos a cooperação do FBI.

— Deixe isso por minha conta.

Mel sorriu. Era exatamente o que estava esperando.

— Com o apoio deles poderemos estabelecer uma identidade sólida. Documentos, antecedentes, declarações de imposto de renda... essa coisa toda. Precisamos chamar a atenção da organização, portanto teremos de estar bem de vida, mas não tão ricos a ponto de amedrontá-los. Teremos de ser recém-chegados na comunidade que escolhermos. Sem laços, sem família. Precisaremos estar inscritos nas listas de espera de várias agências de adoção respeitáveis. Ter registros em clínicas e médicos especializados em fertilidade. Assim que os federais puserem as mãos em Parkland, ou em qualquer um dos outros, teremos uma noção melhor de onde nos instalarmos, e como.

— Pode haver um jeito mais fácil.

— Como?

Sebastian fez um gesto distraído.

— Deixe comigo. Mas isso tudo poderia demorar tempo demais.

— Sim, poderia. E valeria a pena.

— Vamos fazer um acordo. Eu decido por onde devemos começar, quando e como, e você cuida dos procedimentos a partir daí.

Mel hesitou, ciente de que nunca fora muito boa em acordos.

— Se você decidir sobre quando, onde e como, será por motivos sólidos, e terei de aceitá-los.

— Certo.

— Certo. — Parecia bem simples. E se havia um frisson e excitação perpassando-a era causado pela antecipação de um trabalho interessante e recompensador. — Acho que vou ajudá-lo a lavar estes pratos.

— Ela levantou-se e começou a empilhar os pratos de porcelana delicada com a competência que sua mãe garçonete lhe ensinara. Sebastian pousou a mão em seu braço. O frisson transformou-se numa labareda.

— Deixe-os aí mesmo.

— Você cozinhou — ela disse, afastando-se rapidamente na direção da pia. Uma salinha, pensou. Uma salinha e muito trabalho era tudo o que precisava para manter-se equilibrada. — E, pela aparência desta cozinha, você não é do tipo que deixa pratos sujos amontoados na pia.

Sebastian estava atrás dela, quando Mel se virou, suas mãos seguraram-lhe os ombros para impedir que se desviasse novamente.

— Então serei imprevisível.

— Ou pode contratar alguns elfos para lavá-los para você — ela murmurou.

— Não costumo contratar elfos... não na Califórnia. — Quando o olhar dela aguçou-se, Sebastian começou a massagear-lhe os ombros. — Você está ficando tensa outra vez, Mel. Durante o jantar estava bem relaxada. Até sorriu para mim várias vezes, o que achei uma mudança muito agradável.

— Não gosto quando as pessoas me tocam. — Mas ela não se afastou. Afinal, não havia para onde ir.

— Por que não? É apenas uma forma de comunicação. Existem muitas... vozes, olhos, mãos. — As mãos dele escorregaram pelos ombros de Mel, transformando seus músculos em água. — Mentes. Um toque não precisa ser perigoso.

— Mas pode ser.

Sebastian sorriu, enquanto os dedos deslizavam pelas costas dela.

— Só que você não é covarde, Mel. Uma mulher como você enfrenta situações perigosas sem pestanejar.

Ela empinou o queixo, exatamente como Sebastian esperava que fizesse.

— Vim aqui para conversar com você.

— E nós conversamos. — Ele puxou-a mais para si, de forma que teria apenas de inclinar a cabeça para pressionar os lábios naquela boca macia e carnuda. — Gostei muito da nossa conversa.

Ela não seria seduzida. Era uma mulher adulta com suas próprias convicções, e a sedução estava, sempre estivera, fora de questão. Levantou a mão até o peito dele e deixou-a ali, os dedos espalmados, sem resistir nem convidar.

— Não estou a fim de brincadeiras, Donovan.

— Que pena. — Ele roçou levemente os lábios sobre os dela antes de virar a cabeça e passá-los sob a linha do seu queixo. — Eu gosto de brincadeiras. Mas poderemos deixá-las para uma outra hora.

Estava ficando muito difícil respirar.

— Escute, talvez eu esteja atraída por você, mas isso não significa... nada.

— É claro que não. A sua pele é inacreditavelmente delicada neste lugarzinho, Mary Ellen. É como se seu pulso pudesse romper a pele, se continuar batendo tão forte.

— Isso é ridículo.

Mas quando Sebastian puxou-lhe a camiseta para fora da calça e deslizou as mãos pelas suas costas nuas, Mel sentiu-se tocada de forma tão delicada como um botãozinho de rosa. Com um som que era um misto de gemido e suspiro, ela arqueou-se contra ele.

— Eu já estava quase perdendo a paciência — ele murmurou, beijando-a no pescoço. — Esperando que você viesse a mim.

— Eu não vim. — Mas os braços dela enlaçavam-lhe o pescoço e seus dedos

mergulhavam nos cabelos dele. — Não foi por isso que eu vim aqui.

Mas ela não sabia? Em algum lugar dentro de si, já não sabia?

— Preciso pensar. Isso pode ser um erro. — Porém, mesmo enquanto falava, sua boca movia-se avidamente sobre a dele. — Detesto cometer erros.

— Humm... Todo mundo detesta. — Sebastian espalmou as mãos em torno dos quadris dela. Com um murmúrio de aceitação, Mel elevou o corpo, passando as pernas pela cintura dele. — Mas não é um erro.

— Vou pensar nisso mais tarde — ela disse, enquanto Sebastian a levava para fora da cozinha. — Só não quero que isso atrapalhe o nosso trabalho. É importante demais para mim. Quero que dê certo, e irei me odiar para sempre se estragar tudo só porque... — Com um gemido, ela pressionou a boca no pescoço másculo. — Quero você. Quero muito...

As palavras dela provocaram um latejar na cabeça de Sebastian, lento, rítmico, sedutor. Com uma das mãos ele segurou-lhe a nuca, para que pudesse beijá-la.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — disse.

— Mas poderia. — O corpo de Mel pressionava-se contra o dele, enquanto Sebastian subia os degraus da escada. Ela respirava ofegante, quando seus olhos se encontraram. — Poderia. — Então deixe estar. — Sebastian empurrou a porta do quarto com o pé. — Vamos quebrar algumas regras.

CAPÍTULO 8

Ela nunca fora do tipo que joga a cautela para os ares. Correr riscos, tudo bem, mas sempre estando ciente das consequências. Não havia maneira de calcular as probabilidades agora, não com Sebastian. Mais uma vez, dependia dos seus instintos. Embora sua razão lhe dissesse para afastar-se dele e correr, algo mais, algo muito mais profundo, a obrigava a ficar.

A confiar.

Mel ainda estava enroscada nele, com o coração disparando. Não era a timidez que a fazia hesitar. Ela jamais se considerara extremamente sensual, ou com uma aparência melhor do que a média, portanto sentia que não tinha nada do que se envergonhar. Era a certeza súbita de que isto era algo vital que a levava a olhar para ele, longa e profundamente.

E o que viu foi exatamente o que queria ver.

Seus lábios curvaram-se devagar. Quando deixou o corpo escorregar pelo dele, Sebastian apoiou-lhe as costas no espaldar alto da cama, de forma que, quando seus pés tocassem o chão, ela estivesse presa entre a madeira lustrosa e entalhada, e o corpo dele.

Com os olhos fixos nos dela, Sebastian começou a acariciá-la devagar, os dedos deslizando pelas coxas, quadris, os lados dos seios, no pescoço, têmporas. Mel estremeceu quando finalmente chegaram em seus cabelos e, prendendo-os, ele colou os lábios nos dela.

O corpo de Sebastian estava pressionado no dela com tal força que ela sentia cada linha e curva.

Pressentiu que o poder dentro dele era como um lobo preso numa correia, prestes a soltar-se a qualquer instante. Mas foi a boca que tirou-lhe da mente qualquer possibilidade de raciocínio. Insaciável e possessiva, provocava-lhe todas as nuances de emoções. Desejos e dúvidas, temores e anseios. Mel sentiu sua própria vontade sendo entregue a ele como se fosse um presente.

Sebastian sentiu aquele momento de entrega, quando o corpo dela estava tão rijo quanto frágil contra o seu, quando os lábios dela tremeram, para depois ir em busca de mais do que ele pudesse lhe dar. O desejo penetrou-o como uma lâmina de prata, separando o civilizado do desesperado, e fazendo-o vibrar como um garanhão que sente o cheiro de cio.

Ele afastou a cabeça para trás e Mel viu que seus olhos estavam escuros como a noite, repletos de necessidades afoitas e vontades imprudentes. E o poder. Ela estremeceu, primeiro com medo e, depois, pelo prazer glorioso.

Foi esta resposta que e ele viu. E a reação que ele aceitou.

Com um puxão violento, Sebastian abriu-lhe a blusa de uma só vez. Mel ofegou contra os lábios dele. E quando atiraram-se na cama, as mãos dele estavam em toda a parte, acariciando, machucando, tomando e atormentando.

Em resposta, Mel arrancou-lhe a camisa, arrebentando os botões e tirando-a apressadamente, enquanto rolavam pelos lençóis. Quando sentiu a pele dele contra a sua, emitiu um grande suspiro de aprovação.

Sebastian dava-lhe pouco tempo para pensar e nenhum para questionar. Era como se estivesse levando-a para dentro de uma tempestade repleta de relâmpagos, trovões ensurdecedores e ventos avassaladores. Ela sabia que era apenas físico. Não havia nada de mágico na habilidade das mãos dele, no gosto enlouquecedor da sua boca. Mas, ah, parecia magia ser levada daquele jeito, para além do comum, muito além da simples beleza de um entardecer róseo e do soar das criaturas noturnas que despertavam.

Para onde ele a levava tudo era velocidade vertiginosa e prazer indescritível. Um sussurro em algum idioma que ela não conseguiu entender. Um encantamento? Uma promessa de amor? O som era bastante para seduzi-la. Um toque, rude ou delicado, era aceito com prazer. O gosto dele, quente e salgado em seus lábios, fresco e calmante em sua língua, era o suficiente para fazê-la ansiar por mais.

Tão generosa, a mente atordoada de Sebastian pensou. Tão forte e generosa. Sob a luz mortiça do anoitecer, a pele dela reluzia como a de uma deusa guerreira preparada para a batalha. Mel era esguia e firme, ágil como uma fantasia, receptiva como um desejo. Ele sentiu seu respirar ofegante no ouvido, depois o súbito e convulsivo mergulho de suas unhas nas costas, enquanto o corpo dela estremecia com o clímax que ele lhe proporcionava.

Mesmo quando mãos exaustas de Mel deslizaram pelos seus ombros úmidos, Sebastian já a percorria inteira novamente. Louco para experimentar, para fazer com que seu coração disparasse outra vez, até que pudesse ouvi-la chamar seu nome gemendo.

Ele abraçou-a, balançando a cabeça até que sua visão se clareasse, até que pudesse ver-lhe o rosto, os olhos semicerrados e sonolentos de prazer, seus lábios inchados e tremendo a cada respiração.

— Venha comigo — ele pediu.

Enquanto ela o abraçava, ele penetrou-a. E Soube, enquanto moviam-se juntos, que alguns encantamentos não exigem nada além de um coração aberto.

Mel pensou que estava ouvindo música. Linda, suave. Música do coração. Ela não sabia de onde viera esta frase, mas sorriu com o pensamento e virou-se.

Não havia ninguém ao seu lado, na cama.

Despertando instantaneamente, ela sentou-se no escuro. Embora a noite estivesse escura como breu, soube que estava sozinha no quarto. O quarto de Sebastian. Estar com ele não fora um sonho. Nem estar sozinha, naquele momento, era um sonho.

Acendeu a luz ao lado da cama e protegeu os olhos até que se acostumassem.

Não chamou por ele. Ela teria se sentido muito tola, se chamasse o nome dele numa cama vazia, num quarto sombrio. Em vez disso, arrastou-se para fora da cama e pegou a camisa dele que continuava jogada no chão. Enquanto enfiava os braços nas mangas, foi seguindo o som da música.

Esta não vinha de nenhuma direção palpável. Embora fosse suave como um Sussurro, parecia rodeá-la.

Estranho, por mais que aguçasse os ouvidos, não conseguia ter certeza se ouvia vozes unidas numa canção, ou se eram cordas, flautas e metais. Era simplesmente um som, uma adorável vibração do ar, tão bela quanto misteriosa.

Mel flutuou com a música, deixando-se levar pelo instinto. O som não ficava mais alto, nem mais baixo, mas parecia tornar-se mais fluído, banhando toda sua pele, deslizando para sua mente enquanto ela seguia por um corredor serpenteante, que acabava num pequeno lance de escadas.

Ela viu o brilho de velas acesas, um lampejo etéreo que formava uma trilha dourada quando ela aproximou-se de um quarto no fim do corredor. Havia um perfume de cera quente, de sândalo, de fumaça pungente.

Ela não percebeu que estava prendendo o fôlego quando parou na porta e olhou.

O cômodo não era grande. Mel pensou que a palavra câmara seria mais apropriada para descrevê-lo, mas não teve certeza de como um termo tão exótico foi surgir em sua mente. As paredes eram claras, em tons quentes de madeira, ardendo agora com as luzes místicas de dezenas de velas brancas e finas.

Havia três janelas, no formato de meia-lua. Mel lembrou-se de tê-las visto do lado de fora e percebeu que o cômodo ficava no alto da casa, de frente para os rochedos e o mar.

No teto, as estrelas reluzentes podiam ser vistas através da claraboia que ele abrira para a noite e o ar.

Havia cadeiras, mesas e aparadores, todos parecendo pertencer a um castelo medieval, em vez de uma casa moderna em Big Sur. Neles, Mel viu esferas de cristal, vasilhas coloridas, espelhos de prata trabalhada, finos bastões de vidro transparente, e taças cravejadas de pedras brilhantes.

Ela não acreditava em magia. Mel sabia que sempre haveria uma gaveta falsa na arca do mágico, e um ás de paus escondido na manga. Porém, parada ali, na soleira daquele cômodo, sentiu o ar pulsar e latejar como se estivesse vivo, com

uma centena de corações.

E sabia que havia mais coisas, naquele mundo que ela julgava conhecer, do que ela jamais poderia sonhar.

Sebastian estava sentado no centro do salão, no meio de um pentagrama prateado incrustado no piso de madeira. Estava de costas para ela, e completamente imóvel. A curiosidade de Mel sempre fora muito forte, mas ela descobriu algo ainda mais forte: a necessidade de deixá-lo sozinho, com sua privacidade.

Mas, no instante em que ela ia sair pela porta, Sebastian falou. — Eu não pretendia acordá-la.

— Não me acordou — Mel brincou com um dos poucos botões que restavam na camisa. — Foi a música. Ou melhor, eu acordei, ouvi a música e fiquei pensando... — Olhou em volta, atônita. Não havia nenhum aparelho de som, nenhum gravador. — Fiquei pensando de onde estaria vindo.

— Da noite.

Ele levantou-se. Embora jamais tivesse se considerado puritana, Mel sentiu-se ruborizar ao vê-lo nu, sob a luz das velas, estendendo-lhe a mão.

— Sou naturalmente barulhento, mas não queria incomodá-la.

— Não me incomodou. — A hesitação dela fez com que Sebastian franzisse a testa e depois desse um passo a frente para tomar-lhe a mão. — Eu precisava limpar a mente, e não conseguia fazer isso ao seu lado. — Levou a mão dela aos lábios, beijando-a. — Há pensamentos demais atrapalhando a vazão.

— Acho que eu deveria ter ido para casa.

— Não. — Sebastian inclinou-se e beijou-a, levemente, docemente. — Não, de verdade.

— Bem, é que... — Mel deu um passo para trás, desejando ter alguma coisa a fazer com as mãos. — Eu não costumo fazer este tipo de coisa.

Ela parecia tão jovem, Sebastian pensou, e tão frágil, parada ali com sua camisa, com os cabelos revoltos de amor e sono, e com os olhos muito abertos.

— Será que posso dizer que, desde que decidiu abrir uma exceção para mim, você faz este tipo de coisa muito bem?

— Não precisa dizer nada. — Então sorriu. Eles tinham feito incrivelmente bem. — Mas. Enfim, não faz mal algum dizer. Você sempre fica sentado no chão, nu e sob a luz de velas?

— Quando sou induzido pelos espíritos.

Sentindo-se mais à vontade, Mel começou a andar pela sala, olhando os objetos. Pressionando os olhos, examinou um espelho que parecia ter séculos de idade.

— Essas coisas todas são mágicas?

Naquele momento, vendo-a espiar desconfiada aquela peça inestimável, Sebastian adorou-a.

— Dizem que este espelho pertenceu a Ninian.

— Quem?

— Ah, Sutherland, sua educação é lamentavelmente deficiente. Ninian foi uma feiticeira, famosa por ter aprisionado Merlin numa caverna de cristal.

— É mesmo? — Mel olhou o espelho com mais atenção, achou-o uma peça bonitinha, depois deixou-o para examinar uma esfera de quartzo esfumaçado. — E isto, para que serve?

— Diversão.

Sebastian não tinha necessidade de espelhos mágicos nem de bolas de cristal para ver. Mantinha os objetos por ali apenas pelo prazer da tradição, e por um senso de estética. E era divertido vê-la franzir a testa e examinar aquelas ferramentas de poder.

Havia algo que ele queria lhe dar, um pequeno presente. Não se esquecera da furtiva tristeza que vira nos olhos dela, quando Mel lhe contara que não se lembrava do pai.

— Você gostaria de ver?

— Ver o quê?

— De ver — ele falou com delicadeza, aproximando-se dela. — Venha. — Pegou a esfera com uma das mãos e a de Mel com a outra, e levou-a para o centro do quarto.

— Eu realmente acho que não...

— Ajoelhe-se. — Ele puxou-a para baixo consigo. — Passado ou futuro, Mel? O que você prefere?

Com um risinho nervoso, ela sentou nos calcanhares.

— Você não deveria estar usando um turbante?

— Use a imaginação. — Ele tocou-lhe a face. — O passado, eu acho. Você prefere cuidar do seu próprio futuro.

— Tem razão quanto a isso, mas...

— Ponha as mãos no globo, Mel. Não há nada a temer.

— Não estou com medo. — Ela encolheu-se um pouco e respirou fundo. — É só um pedaço de vidro. É estranho, só isso — murmurou enquanto pegava o cristal.

Sebastian posicionou as mãos sob as dela e sorriu.

— Minha tia Bryna, mãe de Morgana, deu-me esta bola de cristal como presente de crisma. Para mim, foi o equivalente a aprender a andar numa bicicleta de duas rodas.

O cristal estava frio nas mãos de Mel, liso e fresco como as águas de um lago.

— Eu tive uma bola, quando era criança. — ela falou — era de plástico preto. A gente fazia uma pergunta para ela, depois balançava e um papelzinho com alguma coisa escrita saia através de uma abertura. Geralmente dizia algo como “resposta não muito clara, tente outra vez” Sebastian tornou a sorrir, achando o nervosismo dela encantador. O poder estava fluindo nele, doce como um vinho, leve como a brisa da primavera. Esta era uma coisa simples, que ele poderia lhe mostrar.

— Olhe dentro da esfera — disse, e sua voz ecoou estranhamente na sala. — E veja.

Ela foi compelida a obedecer. A princípio viu apenas uma bola bonita, com pequenas fraturas no interior que formavam reluzentes arco-íris. Depois surgiram as sombras, sombras dentro de sombras, formas se modificando, cores mesclando-se.

— Ah... — Ela murmurou, pois o cristal já não estava mais frio, e sim quente como um raio de sol.

— Olhe — ele falou novamente e, e parecia que sua voz ecoava no interior da cabeça de Mel.

Mel viu sua maquiagem pesada nos olhos e o batom claro demais nos lábios. Havia um riso em sua expressão, que fazia com que a beleza sobrepujasse a maquiagem. Os cabelos eram loiros, na altura dos ombros, e bem lisos. Ela estava rindo para um rapaz num uniforme branco, com um boné de marinheiro caído para o lado.

O jovem segurava uma criança de cerca de dois anos, usando um vestido cor-de-rosa cheio de babadinhos, sapatos de verniz preto e meias brancas com rendinhas.

Não era qualquer criança. Mel pensou, sentindo o coração disparar. “Esta sou eu. Sou eu.” Havia um navio ao fundo, um enorme navio cinzento de guerra. Uma banda estava tocando uma vibrante marcha militar e muitas pessoas falavam ao mesmo tempo, reunidas ali. Mel não conseguia entender as palavras, apenas ouvia os sons.

Ela viu o homem atirá-la no ar, bem alto. Na sala iluminada pelas velas, viu-se carregada com carinho e alegria. Havia também amor, confiança e inocência. Os olhos dele reluziam, fitando-a com orgulho, humor e excitação. Mãos fortes segurando-a, um leve perfume de colônia pós barba. Um riso borbulhando em sua garganta, quando foi atirada no ar e abraçada mais uma vez.

Viu as imagens mudando. Viu os seus pais beijando-se. Ah, tanta ternura no beijo. Então o rapaz que era o seu pai fez uma continência brincalhona para elas, jogou a mochila no ombro e encaminhou-se para o navio.

Novamente, a esfera em suas mãos era apenas um cristal bonito, com

minúsculas fraturas que lançavam arco-íris para ela.

— Meu pai. — Mel teria derrubado a bola, se as mãos de Sebastian não a amparassem com firmeza. — Era o meu pai. Ele... ele estava na Marinha. Queria conhecer o mundo. Partiu de Norfolk, naquele dia. Eu tinha apenas dois anos, não me lembro. Minha mãe disse que fomos nos despedir e que ele estava muito animado e feliz.

Sua voz vacilou, e ela teve de esperar um minuto.

— Poucos meses depois, houve uma tempestade no Mediterrâneo e ele foi dado como perdido no mar. Tinha vinte e dois anos. Era apenas um menino. Mamãe tinha fotos dele, mas é difícil saber pelas fotos. — Mel olhou para a esfera outra vez e depois, lentamente, para Sebastian. — Eu tenho os olhos dele. Nunca soube que meus olhos são iguais aos dele.

Fechou-os por um momento, esperando que seu sistema se equilibrasse um pouco.

— Eu realmente vi, não foi?

— Sim. — Sebastian tocou-lhe os cabelos. — Mas não lhe mostrei para deixá-la triste, Mary Ellen.

— Não fiquei triste, apenas lamento. — Com um suspiro, ela abriu os olhos. — Lamento por não conseguir me lembrar dele. Lamento que minha mãe não consiga esquecê-lo, e que eu jamais compreendi isso antes. Fiquei feliz por poder vê-lo e por vê-los juntos... todos nós juntos, pelo menos uma vez. Retirou as mãos, deixando a esfera na mão dele. — Obrigada.

— Foi muito pouco, depois de tudo o que você me deu esta noite.

— O que eu lhe dei? — ela perguntou, enquanto Sebastian levantava-se para deixar a esfera no lugar.

— Você.

— Ah, bem... — Limpando a garganta, Mel também se levantou. — Não sei se devemos colocar as coisas desta maneira.

— E como devemos colocar?

Ela encarou-o e sentiu aquela nova sensação de fragilidade flutuando em seu estômago.

— Não sei, exatamente. Nós dois somos adultos.

— Sim. — Sebastian começou a se aproximar, e ela própria surpreendeu-se afastando-se.

— Descomprometidos.

— É o que parece.

— Responsáveis.

— Admiravelmente. — Ele passou os dedos pelos cabelos dela. — Eu queria vê-la sob a luz das velas, Mary Ellen.

— Não comece com isso. — Ela afastou-lhe a mão.

— O quê?

— Não me chame de Mary Ellen e não comece com essa história de violinos e luz de velas.

Os olhos de Sebastian fixaram-se nos dela, enquanto deslizava o dedo pela sua garganta.

— Você faz alguma objeção ao romantismo?

— Não, exatamente. — As emoções de Mel estavam próximas demais da superfície, depois do que vira na esfera. Ela precisava certificar-se de que ainda tinham algumas regras básicas. — Só não preciso disso. E não saberia o que fazer com isso. Acho que nos entenderíamos melhor se soubéssemos qual é a nossa posição.

— E qual é a nossa posição? — Sebastian perguntou escorregando as mãos em torno da cintura dela.

— Como eu disse, somos adultos responsáveis e descomprometidos. E estamos atraídos um pelo outro.

Sebastian pousou os lábios em sua testa.

— Até agora, não vejo do que discordar.

— E contanto que sejamos sensatos ao lidar com este relacionamento.

— Ah, talvez haja algum problema, aqui.

— Não vejo porque.

Ele deslizou as mãos pelo corpo dela, até alcançar os seios.

— Eu não me sinto particularmente sensato.

Mel, sentiu os joelhos dobrarem-se. Pendeu a cabeça para trás.

— E só uma questão de... estabelecer prioridades.

— Eu tenho as minhas prioridades. — Sebastian obrigou-a a abrir os lábios, provocando-a com a ponta da língua. – A primeira da lista é fazer amor com você até que não tenhamos forças nem para sair da cama.

— Ótimo. — Mel deixou-se levar sem protestos, quando ele puxou-a para o chão. — É um bom começo.

Ela realmente trabalhava melhor se fizesse listas e relações de tudo. Na tarde seguinte, Mel debruçava-se sobre sua escrivaninha, fazendo o possível para montar uma lista. Era a primeira hora de folga que tivera desde que chegara correndo da casa de Sebastian às dez da manhã, sentindo-se em frangalhos e já atrasada.

Ela nunca se atrasava. Mas, é claro, nunca antes tivera um caso com um feiticeiro. Obviamente aquele era um mês cheio de novidades e primeiras vezes.

Se não tivesse um compromisso marcado com um cliente, formulários para

preencher e um depoimento no tribunal à sua espera naquele dia, talvez nem tivesse saído da casa dele. Sebastian certamente fizera de tudo para convencê-la, Mel lembrou-se enquanto tamborilava o lápis nos lábios sorridentes.

Definitivamente, Sebastian tinha um bocado de poder.

Mas trabalho é trabalho, disse a si mesma. E ela precisava cuidar dos seus negócios.

A melhor notícia do dia foi que a Polícia Estadual de New Hampshire conseguira apanhar James T. Parkland. E havia um certo sargento, muito grato pela "dica" que ela havia lhe passado e zangado com o controle exagerado dos federais, que estava mostrando-se bastante cooperativo. Ele enviara um fax para Mel, com uma cópia integral do depoimento de Parkland.

Era um começo.

Mel já tinha o nome do ricaço que fazia os pagamentos de Parkland e pretendia fazer bom uso disso.

Com alguma sorte, ela iria passar uns dias no lago Tahoe.

Precisava convencer Devereaux. Ele iria querer usar seus próprios agentes para qualquer tipo de investigação, e Mel teria de apresentar motivos muito sólidos para persuadi-lo de que ela e Sebastian formariam uma isca bem melhor.

Sua assistência e cooperação no caso Merrick trabalhariam a seu favor, porém Mel não achava que isso bastaria para firmarem um acordo. Seus antecedentes eram bons, pois ela costumava trabalhar sem grandes estardalhaços, e pressentia que Devereaux desaprovava detetives particulares muito espalhafatosos. A sociedade com Sebastian também era um ponto a seu favor. E o fato de que estava perfeitamente disposta a deixar que os federais ficassem com a maior parte do crédito na resolução do caso, acrescentara um pequeno peso em seu lado da balança.

— O expediente ainda não terminou? — Sebastian perguntou enquanto abria a porta.

Mel esforçou-se para ignorar o rápido arrepio que perpassou-a por inteiro, e sorriu.

— Na verdade, vou encerrar daqui a cinco minutos.

— Então cheguei na hora certa. O que é isso? — Segurando-lhe a mão, Sebastian puxou-a da cadeira para examinar o elegante terninho cor de pêssego que ela usava.

— Fui ao tribunal esta tarde, fazer um depoimento. — Ela moveu os ombros inquieta, quando ele começou a brincar com seu colar de pérolas. — Um caso de divórcio, bem desagradável. Portanto, achei melhor me apresentar com uma aparência elegante e feminina.

— E conseguiu.

— Para você é fácil falar. Levo o dobro do tempo e tenho muito mais trabalho para me vestir como uma dama do que como uma pessoa normal. — Mel apoiou os quadris na mesa e entregou-lhe uma folha de papel. — Recebi uma cópia do depoimento de Parkland.

— Até que foi rápido.

— Como pode ver, o sujeito é um pobre coitado. Estava desesperado e não pretendia machucar ninguém.

Tinha dívidas de jogo e ficou fora de si. Receava pela própria vida. — Mel resmungou um rápido e pouco feminino palavrão, expressando a opinião que tinha sobre tais desculpas esfarrapadas. — Fiquei surpresa em ver que ele não aproveitou para culpar o pai por tê-lo traumatizado quando negou-lhe um trenzinho vermelho no Natal.

— Ele vai pagar pelo que fez — Sebastian falou. — Sendo um pobre coitado ou não.

— Certo, porque também foi muito burro. Levar David para outro Estado foi realmente uma aposta alta. — Mel tirou os sapatos e massageou o calcanhar. — Agora, ele afirma que a oferta do serviço foi feita pelo telefone.

— Parece razoável.

— É claro. Quer beber alguma coisa?

— Hum-humm. — Sebastian leu o depoimento pela segunda vez, enquanto Mel saía para a cozinha.

— Cinco mil dólares para sequestrar uma criança. É uma quantia bem insignificante, se comparada com a sentença que ele terá de cumprir. Então... — Mel virou-se, viu que Sebastian estava parado perto da porta e entregou-lhe um refrigerante. — O sujeito estava devendo trezentos e cinquenta dólares para um cassino em Tahoe e sabia que, se não fizesse logo o pagamento, seu rosto passaria por uma "reforma" não muito agradável. Então decide roubar uma criança.

Ele estava acompanhando seu raciocínio, mas também estava interessado em seu habitat pessoal.

— Mas por que David? — Sebastian perguntou, passando por ela e entrando no cômodo contíguo.

— Eu verifiquei isso. Ele levou o carro na oficina de Stan, uns cinco meses atrás. E Stan é do tipo que mostra fotografias de David para qualquer um que esteja disposto a olhar. Então, quando Parkland descobriu que surrupiar uma criança seria melhor do que passar por uma cirurgia plástica forçada, calculou que o bebê daquele mecânico seria seu bilhete premiado. Até mesmo um imbecil como Parkland teria concluído que uma criança bonita e saudável causa boa

impressão num comprador.

— Pode ser. — Sebastian coçou o queixo, enquanto observava o quarto dela.

Pelo menos presumia que fosse um quarto, pois havia uma cama estreita e desarrumada no centro.

Também poderia ser uma sala de estar, com a poltrona estofada repleta de livros e revistas, uma tevê portátil numa estante meio torta, e um abajur no formato de um peixe.

— É aqui que você mora?

— É... — Mel chutou um par de botas para fora do caminho. — É o ano de folga da faxineira. Então — continuou, sentando num baú decorado com adesivos das bandeiras de todos os cinquenta Estados americanos, como se não tivesse sido interrompida —, ele pega o serviço, recebe as instruções do Sr. X pelo telefone. Encontra a tal ruiva num local pré-determinado e faz a troca de David por um envelope cheio de dinheiro.

— O que é isso?

Mel, olhou para cima.

— É um cofrinho do Zé Colméia. Você nunca assistiu os desenhos do Zé Colméia?

— Acho que sim. — Intrigado, Sebastian sacudiu o cofre para deixá-lo onde estava. — Zé Colméia e Catatau

— Exatamente. Bem, voltando ao...

— E isso? — Ele indicou um pôster pregado na parede.

— É o Manda-Chuva. Escute, você está prestando atenção em mim?

Sebastian virou-se e sorriu

— Estou pasmo. Você sabia que é muito livre para se ter a audácia de misturar roxo e cor de laranja num mesmo cômodo.

— Gosto de cores vivas.

— E lençóis listrados de vermelho e branco.

— Estavam em liquidação. — ela disse impaciente. — De qualquer forma, eu apago a luz quando vou dormir. Escute, Donovan, quanto tempo vamos perder discutindo a decoração de minha casa?

— Só mais um pouco.

Sebastian pegou um pote no formato de um gato. Mel havia jogado de tudo lá dentro. Um prego, um alfinete de segurança, uns dois botões avulsos, uma bala calibre 22, um cupom de desconto do refrigerante que ela parecia beber a toda hora e o que Sebastian achou que seria uma chave você não é do tipo ordeiro, não é?

— Aplico meus talentos organizacionais no meu trabalho. Ele deixou o pote de lado e pegou um livro.

— “Manual de Mediunidade”?

— Pesquisa — ela disse, fechando a cara. Peguei na biblioteca, duas semanas atrás.

— E o que achou?

— Creio que tem muito pouco a ver com você

— Aposto que está certa. — Largou o livro. — Mas este quarto tem muito a ver com você. Exatamente como aquele seu escritório aerodinâmico lá fora. A sua mente é muito disciplinada, como o seu arquivo de pastas.

Mel não tinha certeza se aquilo era um elogio, apesar de reconhecer a expressão nos olhos dele.

— Escute, Donovan...

— Mas as suas emoções — Sebastian continuou, aproximando-se dela —, são muito caóticas, muito coloridas.

Mel afastou-lhe a mão com um tapinha, quando ele começou a mexer em suas pérolas.

— Estou tentando manter uma conversa profissional.

— Você já ia encerrar o expediente do dia, lembra-se?

— Não tenho um horário fixo.

— Nem eu. — Sebastian abriu um botão do casaquinho dela. — Estive pensando em fazer amor com você desde a hora em que paramos de fazer amor, hoje cedo.

Mel sentiu a pele aquecer-se e sabia que suas tentativas de impedi-lo de abrir seu casaco eram, no mínimo, determinadas.

— Você não deve ter muito em que pensar.

— Ah, pensar em você já é o bastante. Dei início a algumas providências que devem deixá-la satisfeita profissionalmente.

Mel virou a cabeça a tempo de evitar os lábios dele.

— Que providências?

— Com o agente Devereaux e seus superiores.

Mel arregalou os olhos, enquanto tentava desvencilhar-se das mãos dele.

— Quando? E o que eles disseram?

— Pode-se dizer que a panela já foi para o fogo. Mas vai demorar uns dois dias para cozinhar. Você precisa ser paciente.

— Eu quero falar com ele pessoalmente. Acho que ele poderia...

— Você terá sua chance amanhã. Ou depois de amanhã, no máximo. — Sebastian cruzou os braços dela por trás das costas, usando os dedos como se fossem algemas. — O que terá que acontecer vai acontecer em breve. Eu sei quando, e sei onde.

— Então...

— Esta noite, somos apenas você e eu.

— Diga-me...

— Eu vou lhe mostrar — ele murmurou. — Eu vou lhe mostrar. Vou lhe mostrar como é fácil não pensar em nada além disso, não sentir nada além disso. E não querer nada além disso. — Com os olhos fixos nos dela, brincou com seus lábios. — Não fui muito delicado com você, antes.

— Não tem importância.

— Eu não me arrependo. — Mordeu levemente o lábio de Mel, depois aliviou a dor com a ponta da língua.

— Mas quando vi você usando esta roupinha tão séria me deu vontade de tratá-la como uma dama. Até deixá-la louca de prazer.

Ela riu, ofegante, sentindo os beijos dele em seu pescoço.

— Pois acho que já está me deixando.

— Ainda nem comecei.

Com a mão livre, Sebastian tirou-lhe o casaquinho, Mel estava usando uma blusa de seda fina, por baixo, que o fez pensar em festas formais no jardim e elegantes chás da tarde. Enquanto deslizava a boca pelo seu rosto e pescoço, os dedos formaram uma trilha sobre o tecido macio e as rendas sob ele.

O corpo de Mel já estremecia. Ela achava ridículo que Sebastian mantivesse seus braços presos, mas permitiu. Havia uma excitação diferente, fantasiosa em vê-lo tocando-a daquele jeito lento, completo e tentador.

Sentiu o hálito dele contra a pele, quando Sebastian abriu-lhe a blusa, e o calor úmido de sua língua logo acima, e depois logo embaixo, do seu sutiã. Sabia que ainda estava de pé, com as pernas pressionadas contra a cama, mas sentia-se flutuar. Flutuando, enquanto ele a saboreava aos poucos, como se ela fosse um banquete a ser provado ao seu bel-prazer.

A saia escorregou de seus quadris. A mão dele deslizou para cima. O murmúrio de aprovação que ela emitiu foi baixo e longo, enquanto os dedos dele brincavam com o prendedor de sua cinta-liga.

— Você é tão inesperada, Mary Ellen. — Com um movimento experiente, ele abriu o fecho.

— Sou prática — ela sussurrou ofegante, sentindo os dedos dele deslizarem na direção do calor. — Assim é mais barato, pois estou sempre... desfiando as meias.

— Deliciosamente prática.

Lutando contra a necessidade de apressar-se, Sebastian deitou-a na cama. Em nome de Finn, como poderia saber que a visão daquele corpo forte e anguloso vestido em rendas e sedas seria capaz de deixar seu autocontrole em frangalhos?

Queria devorar, conquistar, possuir.

Mas havia lhe prometido a ternura.

Ajoelhou-se sobre ela, inclinou-se para beijá-la e manteve sua promessa.

E ele estava certo, Mel pensou. Em poucos momentos já havia compreendido o quanto ele estava certo.

Era tão fácil não pensar em nada além dele, não sentir nada além dele, não desejar nada além dele.

Sentiu-se levada pelo embalo de sua delicadeza, o corpo tão vivo quanto estivera na noite anterior e certamente tão desejado quanto antes, mas agora, com o detalhe extra de ser adorado por uma feminilidade que ela muitas vezes esquecia de demonstrar.

Sebastian saboreava cada milímetro dela, fazendo-a explodir de prazer. Explorava e lhe mostrava novos segredos de si mesma. Toda a pressa e fúria com que haviam se entregado naquela noite, agora mudava de foco. Agora o mundo era lento, o ar era suave e a paixão era lânguida.

E quando Mel sentiu o coração dele disparando contra o seu, quando os murmúrios tornaram-se mais urgentes, ofegantes, compreendeu que ele estava tão seduzido quanto ela pelo que haviam conseguido juntos.

Abriu-se para ele, recebendo-o, calor por calor, pulsar por pulsar. Quando o corpo dele contorceu-se de prazer, foi ela quem o embalou.

CAPÍTULO 9

— Estamos perdendo tempo.

— Pelo contrário — Sebastian falou, parando na frente de uma vitrine para examinar um traje num manequim estilizado e sem rosto — O que estamos fazendo é um trabalho de campo básico, intrincado e indispensável para toda a operação.

— Compras? — Mel emitiu um gemido de desgosto e prendeu os dedos nos bolsos da calça. — Fazer compras o dia inteiro?

— Minha querida Sutherland, adoro o jeito que você fica usando esta calça jeans, mas, como esposa de um rico empresário vai precisar de um guarda roupa um pouco mais diversificado.

— Já experimentei roupas suficientes para vestir três mulheres durante um ano. Será necessário um caminhão para levar tudo aquilo para sua casa.

Ele enviou-lhe um olhar carinhoso.

— Foi mais fácil convencer o FBI a cooperar do que convencer você.

Mel encolheu-se, pois isso a fez sentir-se mesquinha e ingrata.

— Estou cooperando. Há horas que estou cooperando. Apenas acho que já chega.

— Ainda não. — Sebastian indicou o vestido na vitrine. — Agora, este sim é um símbolo de status.

Ela mordeu o lábio, enquanto analisava a roupa.

— Tem lantejoulas.

— Você tem alguma objeção política ou religiosa às lantejoulas?

— Não. Só que não sou do tipo que usa brilhos. Iria me sentir uma idiota. Além disso, não tem quase nada aí. — Passou os olhos pelo minivestido sem alças, que ia quase até as coxas do manequim. — Seria impossível sentar com uma roupa destas.

— Pois me faz lembrar de uma roupinha que você usou num bar semanas atrás.

— Aquilo foi diferente. Eu estava trabalhando. — Ao ver a expressão divertida e paciente nos olhos dele, ela fez uma careta. — Certo, está bem, Donovan. Você venceu.

— Seja um bom soldadinho — ele disse, dando-lhe uma palmadinha na face. — Entre e vá experimentar.

Mel resmungou, murmurou e praguejou por entre os dentes, mas era um bom soldado. Sebastian ficou vagando pela butique, escolhendo acessórios e pensando nela.

Mel não era do tipo consumista, refletiu, e parecia estar mais envergonhada do que feliz porque agora era dona de um guarda-roupa de causar inveja à maioria das mulheres. Ela faria o seu papel, e da melhor maneira que pudesse. Iria usar as roupas que ele escolhera e continuar totalmente indiferente ao fato de que ficava espetacular com todas elas.

Assim que pudesse, Mel voltaria a usar a calça jeans, as botas e as camisetas desbotadas. E continuaria igualmente indiferente ao fato de que ficava igualmente espetacular com elas.

"Pelas barbas de Merlin, você está mesmo fisgado", Donovan pensou enquanto escolhia uma bolsinha de noite prateada com fecho de esmeralda. Certa vez sua mãe lhe dissera que o amor era mais doloroso, mais delicioso e mais incontido quando chegava inesperadamente.

E como ela estava certa.

A última coisa que Sebastian esperava era sentir algo mais do que uma divertida atração por uma mulher como Mel. Ela era dura, controvertida, irritante e radicalmente independente. Não eram qualidades muito sedutoras numa mulher.

Mas era também boa e carinhosa, leal e corajosa, honesta e sincera.

Que homem resistiria a uma mulher de língua afiada com um coração generoso e uma inteligência aguçada? Certamente não ele, Sebastian Donovan.

Precisaria de tempo e paciência para conquistá-la completamente. Ele nem precisava olhar para saber.

Mel era cautelosa demais e, embora não demonstrasse, muito insegura para entregar o coração com as duas mãos antes de estar certa de que seria bem recebido.

Sebastian tinha tempo e paciência. Se não olhava para certificar-se, era porque sentia que seria injusto a ambos. E porque, bem no fundo, num canto secreto do seu coração, tinha medo de olhar e vê-la partindo.

— Bem, consegui entrar no vestido — Mel resmungou atrás dele. — Mas não sei quanto tempo vou aguentar.

Sebastian virou-se. E arregalou os olhos.

— O que foi? — Alarmada, ela passou as mãos pelos seios, por cima das reluzentes lantejoulas, e olhou para baixo. — Será que vesti ao contrário, ou algo assim?

Ele riu, e o coração dela voltou ao normal.

— Não, você vestiu muito bem. Não há nada que aumente a pressão sanguínea de um homem mais rapidamente do que uma mulher esguia num vestido preto.

Ela fez uma careta de desprezo.

— Ora, Donovan, me poupe.

— Perfeito, perfeito! — A vendedora aproximou-se, olhando e aplaudindo. Mel girou os olhos para Sebastian. — Serviu como um sonho!

— É mesmo — ele concordou. — Como um sonho.

— Nós temos uma pantalona de seda vermelha que ficaria linda nela.

— Donovan... — Mel começou, num tom de súplica, mas ele já estava seguindo a ansiosa vendedora.

Trinta minutos depois, Mel saiu da loja pisando duro.

— Já chega. Caso encerrado.

— Só mais uma paradinha.

— Donovan, eu não vou experimentar mais nem uma peça de roupa. Prefiro ser devorada viva por formigas.

— Chega de roupas — ele prometeu.

— Ótimo. Nem se ficasse neste caso por dez anos não daria tempo de usar tudo o que compramos.

— Duas semanas — ele disse. — Não vai levar mais do que duas semanas. E depois que tivermos circulado pelos cassinos, pelos clubes e pelas festas, você verá que aproveitou quase todo o guarda-roupa.

— Duas semanas? — Mel sentiu a excitação começar a abrir caminho através do tédio. — Tem certeza?

— Pode chamar de palpite. — Ele deu-lhe uma palmadinha na mão. — Tenho o pressentimento de que o que vamos fazer em Tahoe será o suficiente para desencadear um efeito dominó nessa operação de mercado negro.

— Você ainda não me contou exatamente como convenceu os federais a nos deixarem ir em frente com isso.

— Eu tenho uma longa história com eles. Digamos que cobrei alguns favores, fiz algumas promessas.

Mel parou para olhar uma vitrine, não porque estava interessada nos artigos exibidos, mas sim porque precisava de um momento para escolher as palavras.

— Eu sei que não teria conseguido a cooperação deles se não fosse por você. E sei também que você não vai obter nenhum lucro financeiro com toda esta operação.

— Estou nisso exatamente como você. — Sebastian obrigou-a a encará-lo. — Você não tem nenhum cliente, Sutherland. Nenhum depósito, nenhum pagamento.

— Isso não tem importância.

— Não. — Ele sorriu e beijou-lhe a testa. — Não tem mesmo. Às vezes a gente se envolve em alguma coisa apenas porque há uma chance de transformar o que está errado.

— Pensei que fosse por causa de Rose — Mel falou, devagar. — E é, mas também penso na Sra. Frost. Não consigo esquecer o jeito que ela chorava, quando levamos David.

— Eu sei.

— Não que eu seja do tipo altruísta — Mel acrescentou, subitamente embaraçada.

E Sebastian beijou-a novamente.

— Eu sei. Existem as regras. — Sebastian tomou-lhe a mão e recomeçaram a andar.

Mel esperou mais um pouco e falou num tom cauteloso, tocando num assunto que passara dias remoendo.

— Se realmente conseguirmos dar início a tudo até o final da semana, iremos morar juntos por algum tempo.

— Isso a incomoda?

— Bem, não. Se não incomodar você. — Ela estava começando a sentir-se como uma boba, mas era importante fazê-lo entender que não era o tipo de mulher que mistura fantasia com realidade. — Vamos fingir que somos casados. Que nos amamos, e tudo o mais.

— É conveniente que um casal se ame, quando se casa.

— Certo. — Mel respirou fundo. — Só quero que você saiba que eu posso entrar neste jogo. Sou boa em disfarces. Portanto não precisa pensar que...

Sebastian brincou com os dedos dela, enquanto caminhavam.

— Não preciso pensar em quê?

— Bem, eu sei que algumas pessoas se deixam levar pela fantasia, ou acabam misturando a realidade com o que estão fingindo ser. Apenas não quero que você se preocupe com a possibilidade de eu agir desta forma.

— Ah, acho que meus nervos podem suportar o fato de que você vai fingir que me ama.

Ele falou com tal descontração que Mel afastou seus temores no mesmo instante.

— Ótimo. Ainda bem. Só quis esclarecer as nossas posições.

— E eu acho que devíamos praticar. — Ele enlaçou-lhe a cintura, fazendo seus corpos colidirem levemente.

— O quê?

— Praticar — ele repetiu. — Para termos certeza de que você se sairá bem no papel de esposa amorosa. — Puxou-a mais para si. — Me dê um beijo, Mary Ellen.

— Estamos na rua. Em público.

— Um motivo a mais. Afinal, não importa como nos comportamos em quatro

paredes. Você está ruborizando.

— Não estou, não.

— Está sim, e precisa tomar cuidado com isso. Duvido que você ficaria envergonhada de beijar um homem com quem está casada há... quanto tempo? Cinco anos. E, de acordo com as nossas novas identidades, moramos juntos por quase um ano antes disso. Você tinha vinte e dois anos quando se apaixonou por mim.

— Sei fazer contas de somar — ela resmungou.

— Você lava as minhas meias.

Mel fez uma careta.

— De jeito nenhum! Nós temos um casamento moderno. Você lava as roupas.

— Ah, mas você desistiu da sua carreira de publicitária para formar um lar.

— Odeio esta parte. — Mel passou os braços em torno do pescoço dele. — E o que fico fazendo o dia inteiro?

— Vagabundeando. — Ele sorriu. — No início, estaremos de férias, arrumando a nossa nova casa. Vamos passar bastante tempo na cama.

— Ora, tudo bem. — Mel retribuiu o sorriso. — Desde que seja por uma boa causa...

Ela o beijou, então, um beijo longo e profundo, deslizando a língua sobre a dele, sentindo os corações de ambos dispararem, até encontrarem o mesmo ritmo. Depois, lentamente, se afastou.

— Talvez eu não devesse beijá-lo deste jeito, depois de cinco anos de casamento.

— Ah, deve, sim. — Sebastian pegou-a pelo braço e guiou-a na direção da loja de sua prima.

— Ora, ora... — Morgana deixou no balcão um ovo de malaquita que estava lustrando. Tivera uma excelente visão do show, através da vitrine. — Mais alguns minutos daquilo e vocês teriam parado o tráfego.

— Foi um treinamento — Sebastian falou. — Morgana está por dentro do caso. — Assim que Mel franziu a testa, ele concluiu: — Não tenho segredos para a minha família.

— Não precisa se preocupar. — Morgana tocou o braço de Sebastian, mas seus olhos estavam fixos em Mel.

— Nós não guardamos segredos uns dos outros, mas temos bastante experiência em ser... discretos com estranhos.

— Desculpe-me. Acho que não estou acostumada a confiar nas pessoas.

— De fato, é um negócio arriscado — Morgana concordou. — Sebastian, Nash está na sala dos fundos, reclamando porque precisa desempacotar uma entrega. Por que não vai até lá fazer-lhe um pouco de companhia, hein?

— Se é o que você quer.

Quando Sebastian saiu, Morgana foi para a porta e virou a plaqueta de "Fechado" para a parte de fora.

Queria alguns momentos de privacidade.

— Nash está ficando super protetor — disse, voltando-se para Mel. — Não quer que eu carregue peso, nem que mexa nas caixas de mercadorias.

— Acho que isso é muito natural no seu estado.

— Sou forte como um touro. — Morgana sorriu e encolheu os ombros. — Além disso, existem outras maneiras de lidar com mercadorias pesadas.

— Humm. — Isso foi tudo o que Mel pôde pensar em dizer.

— Nós não temos o hábito de ostentar o que somos. Sebastian usa seus dons publicamente, mas as pessoas consideram isso algo que aparece nas páginas dos tabloides. Não entendem realmente o que ele é, ou o poder que possui. Quanto a mim, os fuxicos e rumores são bons para os negócios. E Ana... Ana tem um jeito muito próprio de lidar com seus talentos.

— Sinceramente, eu não sei o que dizer. — Mel levantou as mãos, depois tornou a baixá-las. — Não sei se algum dia poderei acreditar nestas coisas. Eu nunca engoli nem a história da fadinha dos dentes de leite.

— É uma pena. Por outro lado, acho que uma pessoa prática e racional seria incapaz de negar o que vê. E o que sabe.

— Não posso negar que ele é diferente. Que tem habilidades... dons. E que... — Frustrada, deixou as palavras sumirem no ar novamente. — Eu nunca conheci ninguém como ele, em toda minha vida.

Morgana riu alto.

— Mesmo entre os diferentes, Sebastian é único. Um dia desses, talvez, teremos tempo para conversar e então lhe contarei algumas histórias. Sebastian sempre foi competitivo. E até hoje fica furioso por não conseguir fazer um encantamento realmente decente com um mínimo de finesse.

Fascinada, Mel aproximou-se dela.

— É mesmo?

— Ah, sim. Mas, é claro, não diga a ele o quanto acho frustrante ter de passar por todos os tipos de estágios para ter um simples vislumbre das coisas que ele enxerga com um único olhar. — Morgana afastou o assunto com um gesto. — Mas estas são antigas rivalidades de família. Eu queria ter esta conversa a sós porque percebi que Sebastian confia em você, e obviamente gosta de você o bastante para lhe revelar esta parte da vida dele.

— Eu... — Mel respirou fundo. O que viria em seguida? — Nós trabalhamos juntos — disse, cautelosa. — E pode-se dizer que temos um tipo de relacionamento. Um relacionamento pessoal.

— Não quero me intrometer, não demais pelo menos, neste relacionamento pessoal. Mas ele é meu primo e eu o amo muito. Portanto tenho de lhe pedir: não use este poder que você tem para magoá-lo.

Mel estava estupefata.

— Mas você é a feiticeira — falou sem pensar. Depois, piscou várias vezes. — Isto é, quero dizer que...

— Você disse o que queria dizer, e da maneira certa. Sim, eu sou uma feiticeira. Mas também sou mulher. Quem compreende melhor o poder?

Mel balançou a cabeça.

— Não entendo onde você está querendo chegar. E, certamente, não sei porque pensa que eu posso magoar ou ferir Sebastian. Se acha que o coloquei em perigo envolvendo-o neste caso...

— Não. — Pensativa, Morgana levantou a mão. — É verdade, você não entende. — Os lábios de Morgana curvaram-se num sorriso enquanto seus olhos iluminavam-se. Era óbvio, maravilhosamente óbvio que Mel não tinha a menor idéia de que Sebastian estava apaixonado por ela. — Que fascinante — murmurou. — Que maravilha!

— Morgana, se você pudesse ser um pouco mais clara...

— Ah, não, eu odiaria fazer isso. — Pegou as mãos de Mel entre as suas. — Perdoe-me por confundi-la. Nós, os Donovan, temos esta tendência de nos proteger mutuamente. Eu gosto muito de você — disse, com um sorriso encantador. — Muito, mesmo. Espero que sejamos boas amigas. — Apertou de leve a mão de Mel. — Eu gostaria de lhe dar um presente.

— Você não precisa...

— É claro que não — Morgana concordou, encaminhando-se para uma das prateleiras. — Mas quando escolhi esta pedra, sabia que queria que ela pertencesse a uma pessoa muito especial. Aqui está. — Pegou um fino bastão de pedra azul preso a uma correntinha de prata.

— Não posso aceitar. Deve ser valioso.

— O valor é muito relativo. Você não usa jóias. — Morgana passou a corrente pela cabeça de Mel. — Mas pense nisto como um talismã. Ou uma ferramenta, se preferir.

Embora nunca se sentisse particularmente atraída pelos objetos que as pessoas penduravam nas orelhas ou enfiavam nos dedos, Mel levou a pedra até a altura dos olhos. Não era transparente, mas ela enxergava pequenos sinais de luz em seu interior. Não era mais longa do que uma unha, mas as nuances de cores variavam desde o azul-claro até o marinho.

— Que pedra é esta?

— Uma turmalina azul. Excelente para combater o estresse. — E também um

excelente canal para unir amor com sabedoria. Mas isso Morgana não disse. — Imagino que seu trabalho seja muito estressante.

— Tenho a minha quota, como todo mundo. Obrigada, Morgana. É linda.

— Morgana — Nash espiou pela porta da salinha de depósito. — Ah, olá, Mel!

— Olá.

— Benzinho, tem um maluco no telefone que quer saber alguma coisa sobre o dioptásio verde no quarto chakra.

— Cliente — Morgana corrigiu, com um ar desolado — É um cliente, Nash.

— É, certo. Bem, este cliente quer expandir o núcleo do coração. — Nash piscou para Mel. — Para mim isso parece maluquice.

— Vou atender. — Morgana fez um gesto para que Mel a acompanhasse.

— Você sabe alguma coisa sobre chakras? — Nash perguntou a Mel, — quando ela entrou na sala.

— É alguma coisa que se come ou com que se dança? — Nash sorriu e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Eu gosto de você.

— Parece que há uma epidemia disso, por aqui.

Morgana entrou na saleta ao lado. Mel observou a quitinete onde Sebastian já ficara à vontade numa mesa de madeira com uma latinha de cerveja.

— Quer uma?

— Pode apostar. — Ali também havia o perfume das ervas vindo dos vasinhos dispostos no beiral da janela. A voz de Morgana podia ser ouvida, subindo e descendo de tom. — É uma loja interessante.

Sebastian entregou-lhe uma latinha.

— Vejo que você já escolheu um pingente.

— Ah... — Mel tocou a pedra. — Morgana me deu de presente. É linda, não acha?

— Muito.

Então, ela virou-se para Nash.

— Ainda não tive a chance de lhe dizer que adoro seus filmes. Principalmente o "Transformador". Fiquei apavorada.

— É mesmo? — Nash estava procurando o pote de biscoitos num armário. — Este filme também tem um lugar especial no meu coração. Não há nada como um licantropo sexy dotado de consciência.

— Gosto da maneira como você transforma coisas ilógicas em lógicas. — Mel bebericou a cerveja. — Isto é, você faz as regras. Podem ser regras meio malucas, mas depois você as segue à risca.

— Mel adora regras — Sebastian intercedeu.

— Desculpe-me — Morgana falou, entrando na saleta. — Uma pequena emergência. Nash, você já comeu todos os biscoitos.

— Todos? — Desapontado, ele fechou a porta do armário.

— Cada migalha. — Morgana virou-se para Sebastian. — Imagino que você esteja se perguntando se sua encomenda chegou.

— Estou, sim.

Ela enfiou a mão no bolso e retirou uma caixinha de prata escovada.

— Creio que vai achar bastante adequado.

Sebastian levantou-se para pegar a caixa. Seus olhos se encontraram.

— Confio em seu julgamento.

— E eu confio no seu. — Morgana segurou-lhe o rosto e beijou-o. — Abençoado seja, primo. — Numa súbita mudança de humor, virou-se para Nash. — Querido, venha comigo para a loja. Quero mudar algumas coisas de lugar.

— Mas Mel estava começando a alimentar o meu ego...

— Coisas pesadas — Morgana salientou, dando um aperto na mão do marido. — Espero que nos vejamos em breve, Mel.

— Sim, obrigada. — No instante em que a porta se fechou, Mel olhou para Sebastian. — O que foi tudo isso?

— Morgana entendeu que eu preferia fazer isso a sós com você. — Ele passou o dedo pela caixinha, enquanto olhava para ela.

Mel esboçou um sorriso nervoso.

— Não vai doer, não é?

— Indolor — ele prometeu.

Pelo menos para ela. Abriu a Caixinha e estendeu-a em sua direção.

Mel espiou, e teria dado um passo rápido para trás se não estivesse de costas no balcão. Dentro do lindo estojinho ornamentado havia um anel. Como a corrente que Morgana lhe dera era de prata com finos fios trabalhados num padrão intrincado em torno de uma pedra delicadamente rosada com as bordas verdes.

— O que é?

— Também é uma turmalina — Sebastian falou. — É chamada de turmalina melancia, por causa das cores. — Pegou o anel e ergueu-o para a luz. — Dizem que pode transferir energia entre duas pessoas que se gostam. Num nível mais prático, que acredito que possa interessá-la mais são usadas na indústria eletrônica para sintonizar circuitos. Elas não se estilhaçam sob altas frequências, como outros cristais.

— É muito interessante. — Mel sentia a boca seca. — Mas, para que o anel?

Embora não fosse exatamente a maneira como ele desejaria, por enquanto teria de servir.

— É um anel de casamento — disse, depositando-o na mão dela.

— Como?

— Seria impossível estarmos casados há cinco anos e você não ter um anel.

— Ah... — Certamente ela estava só imaginando que o anel vibrava em sua mão. — Isso faz sentido. É claro. Mas por que não uma aliança comum, de ouro?

— Porque eu prefiro este. — Com a primeira demonstração de impaciência, Sebastian pegou o anel e enfiou-o no dedo dela.

— Tudo bem, não precisa ficar irritado. Mas acho que não precisava ter todo este trabalho, quando poderíamos ter entrado numa loja de departamentos e escolhido uma...

— Fique quieta.

Mel estivera ocupada mexendo no anel enquanto falava, mas agora encarou-o, estreitando os olhos.

— Escute aqui, Donovan...

— Só por uma vez. — Ele ergueu-a na ponta dos pés. — Só por uma vez faça as coisas do meu jeito, sem discutir, sem questionar, sem me provocar ímpetos de estrangulá-la.

Os olhos dela aqueceram-se.

— Eu estava apenas expressando minha opinião. E se quisermos que nosso plano dê certo, temos de esclarecer uma coisa de uma vez por todas. Não existe o seu jeito, nem o meu jeito. Terá de ser apenas do nosso jeito.

Desde que, por mais que procurasse, ele não encontrou nenhum argumento contra isso, soltou-a.

— Eu tenho um temperamento notavelmente calmo — disse, mais para si mesmo. — É muito raro estourar, porque poder e raiva formam uma mistura perigosa.

Um tantinho ofegante, Mel esfregou os braços no lugar onde os dedos dele apertaram.

— É, está certo.

— Existe uma regra, Sutherland, uma regra inquebrantável sob a qual nós vivemos, em meu mundo. "Nenhum mal será feito". Eu a levo muito a sério. E, pela primeira vez em minha vida, deparei-me com alguém que me deixa tentado a lançar um feitiço capaz de fazê-la sofrer todos os tipos de desagradáveis desconfortos.

Mel encolheu os ombros e pegou a cerveja.

— Ora, é muita pretensão sua, Donovan. Sua prima me disse que você é péssimo em feitiços.

— Ah, mas tenho sorte com um ou outro.

Sebastian esperou até que ela bebesse um bom gole da cerveja, e então concentrou-se. Bastante.

Mel engasgou, tossiu e levou a mão ao pescoço. Parecia que acabara de engolir uma dose de pimenta pura.

— Principalmente os feitiços que envolvem a mente — Sebastian acrescentou com um sorrisinho irônico, enquanto ela lutava para respirar.

— Bonito. Muito bonito. — Embora o ardor tivesse desaparecido, Mel deixou a cerveja na mesa. Preferia não se arriscar. — Não sei porque você está tão irritado, Donovan. E realmente agradeceria se guardasse estes truques para o Halloween, ou para o Primeiro de Abril, ou seja lá quando vocês se reúnem para dar boas risadas.

— Risadas? — ele repetiu num tom baixo demais dando um passo à frente.

Mel também moveu-se para encontrá-lo, mas o que quer que pudesse ter acontecido foi adiado quando a porta lateral se abriu.

— Oh... — Anastásia, com os cabelos caindo nos olhos, manteve a porta entreaberta enquanto equilibrava nos quadris uma bandeja cheia de flores secas. — Desculpem-me. — Não precisava nem entrar para sentir os humores estalando como sabres no ar. — Eu volto mais tarde.

— Não seja tola. — Sebastian empurrou Mel para o lado, sem muita delicadeza, por sinal, e foi ajudar a prima com a bandeja. — Morgana está na loja.

Apressada, Ana afastou os cabelos rebeldes do rosto.

— Então vou avisá-la que cheguei. É um prazer vê-la novamente, Mel. — A boa educação arraigada fez com que oferecesse um sorriso. Depois, os olhos fixaram-se no anel. — Ah, mas que lindo! Parece... — Hesitou, lançando um rápido olhar para Sebastian. — Parece que foi feito para você.

— Vou usá-lo por apenas algumas semanas, mais ou menos emprestado.

Ana olhou novamente para Mel, com uma expressão bondosa.

— Entendo. Mas duvido que eu conseguiria devolver algo tão bonito. Posso? — Com delicadeza, Ana pegou a ponta dos dedos de Mel e ergueu-lhe a mão. Reconheceu a pedra como aquela que Sebastian possuíra e conservara por toda sua vida.

— Sim — disse. — Fica perfeito em você.

— Obrigada.

— Bem, tenho apenas uns minutinhos, por isso é melhor deixar que vocês concluam a sua conversa. — Ana enviou um sorriso rápido para Sebastian e saiu para a loja.

Mel sentou na beirada da mesa e inclinou a cabeça.

— Você quer brigar?

Ele pegou o que restava da cerveja dela.

— Não creio que vá adiantar alguma coisa.

— Não vai, mesmo. Porque não estou com raiva de você. Estou apenas nervosa, pois nunca fiz algo tão grande como o que estamos planejando. Não é que esteja com medo de falhar.

Ele sentou-se à mesa ao lado dela.

— Então o que é?

— Acho que esta é a coisa mais importante que já fiz na vida e realmente... Eu realmente quero que dê tudo certo. Depois, há esta outra coisa.

— Que outra coisa?

— Nós. Você e eu. Isso também é importante.

Sebastian pegou-lhe a mão.

— É, sim.

— E eu não quero que os limites entre estas duas coisas importantes se misturem, nem fiquem indistintos.

Porque eu realmente me importo com... Realmente me importo — concluiu.

Ele levou a mão de Mel aos lábios.

— Eu também.

Sentindo que o clima entre eles estava novamente amigável, ela sorriu.

— Sabe o que mais gosto em você, Donovan?

— O quê?

— Você consegue fazer estas coisas... como beijar a minha mão, por exemplo, sem parecer um pateta.

— Você me lisonjeia, Sutherland — ele disse, num tom contido. — Definitivamente, você me deixa lisonjeado.

Horas depois, quando a noite estava silenciosa e o luar muito fraco, ela virou-se para ele no sono. E, no sono, seus braços deslizaram em torno dele, seu corpo arqueou-se para o dele. Sebastian afastou-lhe os cabelos do rosto, enquanto ela aninhava a cabeça em seu ombro. Passou o dedo sobre a pedra do anel que ela usava.

Se ele se soltasse, se permitisse que a mente vagasse, poderia reunir-se a ela em qualquer que fosse o sonho que seu coração esboçava. Era tentador, quase tão tentador quanto despertá-la.

Antes que pudesse decidir o que faria, teve uma rápida visão dos estábulos sentindo o cheiro de feno e suor e ouvindo o relinchar doloroso da égua.

Mel piscou, acordando, ao senti-lo se afastar.

— O que foi?

— Continue dormindo — ele ordenou, pegando uma camisa.

— Onde você vai?

— Psique está pronta para dar à luz. Vou para o estábulo.

— Oh... — Sem pensar, ela levantou-se e começou a procurar as roupas. — Vou com você. Devemos chamar o veterinário?

— Ana virá.

— Ah. — Mel atrapalhou-se com os botões, no escuro. — Quer que eu ligue para ela?

— Ana virá — ele repetiu, saindo enquanto Mel ainda se vestia. Ela correu atrás dele, calçando as botas no caminho.

— O que devo fazer? Ferver água, ou algo assim?

A meio caminho da escada Sebastian parou e beijou-a.

— Para fazer um café, sim. Obrigado.

— Eles sempre fervem água nos filmes — ela resmungou, arrastando-se para a cozinha. No instante em que o cheiro de café espalhava-se pelo ar, ouviu um carro chegando. — Três xícaras — decidiu, imaginando que seria inútil perguntar como Anastásia ficara sabendo que precisava ir para lá.

Encontrou os dois primos no estábulo. Ana estava ajoelhada ao lado da égua, murmurando. Perto dela havia duas algibeiras de couro e um tecido enrolado.

— Ela está bem, não é? — Mel perguntou. — Isto é, não corre nenhum perigo?

— Ela está bem e saudável. — Ana afagou o pescoço de Psique. — Está bem... muito bem. — Sua voz era tão refrescante quanto uma brisa fria num deserto. A égua respondeu com um gemido baixo. — Não vai demorar muito. Sebastian, relaxe. Não será o primeiro potro a nascer no mundo.

— É o primeiro dela — Sebastian retrucou, sentindo-se um tolo. Sabia que tudo correria bem. Poderia até dizer o sexo do potro. Mas isso não ajudava em nada, quando tinha de esperar até que sua adorada Psique passasse pelo sofrimento das contrações.

Mel ofereceu-lhe uma caneca.

— Tome um pouco de café, "papai". Por que não vai para a baia de Eras, ficar andando de um lado para outro?

— Você precisa mantê-la calma, Sebastian — Ana falou por sobre o ombro. — Isso ajuda.

— Tudo bem.

— Café? — Mel entrou na baía para oferecer a caneca à Ana.

— Sim, quero um pouquinho. — Ana apoiou-se nos calcanhares, para beber.

— Desculpe-me — Mel falou, ao ver os olhos de Ana arregalarem-se. — Eu costumo fazer o café forte.

— Está tudo bem. Vai me render pelas próximas duas semanas. — Ana abriu

uma das sacolas e espalhou algumas folhas e pétalas na mão.

— O que é isso?

— Apenas ervas — Ana respondeu, enquanto fazia com que a égua as comesse. — Para ajudá-la nas contrações.

Depois, escolheu três cristais da outra bolsa e posicionou-os no ventre trêmulo do animal. Agora, murmurava palavras em gaélico.

Os cristais deveriam escorregar, Mel pensou, olhando-os fixamente. Era uma questão de gravidade, de física elementar. Porém, as pedras permaneceram firmes e imóveis, mesmo quando a égua se contorcia.

— Você tem boas mãos — Ana lhe disse. — Afague a cabeça dela.

Mel obedeceu.

— Eu não entendo nada de partos. Bem, tive de aprender o básico quando trabalhava na polícia, mas nunca... Talvez eu devesse...

— Apenas afague a cabeça dela — Ana repetiu, com delicadeza. — O restante é a coisa mais natural do mundo.

Talvez fosse natural, Mel pensou enquanto ela, Sebastian, Ana e Psique lutavam para trazer o potrinho ao mundo. Mas era também miraculoso. Ela estava molhada de suor, o seu e o da égua, agitada por causa do café e deslumbrada com a idéia de ajudar uma nova vida vir à luz.

Por várias vezes, no decorrer das horas de trabalho, Mel reparou nas mudanças que ocorriam nos olhos de Ana. De um tranquilo cinzento a um esfumaçado de preocupação. De uma calorosa alegria para uma compaixão tão profunda que Mel sentiu lágrimas em seus próprios olhos.

Num certo momento, teve certeza de ver a dor neles, uma dor terrível, aguda, que só desapareceu quando Sebastian zangou-se com a prima.

— Foi para lhe dar um instante de alívio — Ana explicou e Sebastian balançou a cabeça.

Depois disso tudo aconteceu rapidamente, e Mel esforçara-se para ajudar.

— Ah, puxa... — Foi o melhor que ela conseguiu murmurar quando olhou para a égua que limpava o filhote recém-nascido. — Não consigo acreditar. Aí está ele...

— É sempre uma emoção renovada. — Ana pegou as sacolas e seus instrumentos cirúrgicos. — Psique está bem — falou enquanto embrulhava os instrumentos no avental que havia vestido antes do parto. — O potro também. Eu volto mais à tarde para dar uma espiada, mas diria que mãe e filho estão perfeitos.

— Obrigado, Ana. — Sebastian puxou-a e deu-lhe um abraço.

— O prazer foi meu. Você saiu-se muito bem em seu primeiro parto, Mel.

— Foi incrível.

— Bem, vou me lavar um pouco e depois direto para casa. Pretendo dormir até meio-dia. — Ana beijou o rosto de Sebastian e então, com a mesma carinhosa descontração, o de Mel. — Parabéns.

— Que maneira de passar uma noite — Mel murmurou recostando a cabeça no ombro de Sebastian.

— Fiquei contente por você estar aqui.

— Eu também. Nunca tinha visto ninguém nascer. Faz a gente pensar como tudo isso é fantástico. — Mel bocejou ruidosamente. — E exaustivo. Eu bem que gostaria de dormir até meio-dia, também.

— E por que não dorme? — Sebastian beijou-a. — Por que nós não dormimos?

— Preciso trabalhar. E como vou ficar semanas fora do escritório, tenho uma porção de coisinhas para resolver.

— Há uma coisinha que você precisa resolver aqui mesmo.

— O quê?

Sebastian pegou-a no colo, sem importar-se com a camisa suja, as mãos meladas e tudo.

— Algumas horas atrás, eu estava deitado na cama pensando se deveria esgueirar-me para dentro de um dos seus sonhos ou se simplesmente a acordava.

— Esgueirar-se num dos meus sonhos? — Mel ajudou-o a abrir a porta. — Você consegue fazer isso?

— Ah, Sutherland, tenha um pouco de fé. De qualquer forma — ele continuou, carregando-a através da cozinha ate o corredor —, fui interrompido antes que pudesse decidir o que fazer. Portanto, antes de você resolver os seus problemas no trabalho teremos de resolver esta nossa questão aqui.

— Uma linha de pensamento muito interessante. Mas não sei se reparou que nós dois estamos sujos e horríveis.

— Reparei sim. — Sebastian marchou pelo quarto e entrou no banheiro. — Nós vamos tomar um banho.

— Boa idéia. Eu acho... Sebastian!

Ela gritou de susto e começou a rir, quando ele entrou no boxe do chuveiro, completamente vestido, e abriu a torneira.

— Espere! Eu ainda estou de botas.

Sebastian sorriu.

— Não por muito tempo.

CAPÍTULO 10

Mel não tinha certeza de como se sentia sendo a Sra. Donovan Ryan. Mas, sem dúvida, achava que Mary Ellen Ryan, o nome do seu disfarce, era uma pessoa extremamente cansativa e entediada, mais interessada em moda e manicure do que em qualquer coisa realmente importante.

Mas tinha de concordar que era um bom plano. Danado de bom, pensou enquanto saía para o terraço da casa e observava o lago Tahoe reluzindo sob a luz da lua.

A casa em si já era um espetáculo. Com dois amplos andares de conforto contemporâneo, era mobiliada com muito bom gosto e decorada em tons neutros que refletiam o estilo de seus moradores.

Mary Ellen e Donovan Ryan, vindos de Seattle, formavam um casal moderno que sabia o que queria.

E o que eles mais queriam, naturalmente, era um filho.

Mel ficara impressionada com a casa, quando chegaram no dia anterior. Impressionada o bastante para comentar o fato de que não esperava que o FBI fosse capaz de providenciar um alojamento tão aconchegante em tão pouco tempo. E foi então que Sebastian mencionou, casualmente, que aquela era uma de suas propriedades, algo que ele comprara num impulso cerca de seis meses atrás.

Coincidência ou feitiçaria? Mel perguntou-se com um leve franzir de testa.

— Pronta para uma noite na cidade, meu docinho?

A expressão preocupada transformou-se em irritação, quando ela se voltou para Sebastian.

— Você não vai ficar me chamando por estes apelidinhos idiotas, só porque estamos supostamente casados.

— Deus me livre disso. — Ele saiu para o terraço parecendo, Mel foi forçada a admitir, tão bonito e atraente quanto um homem poderia ficar num terno preto. — Deixe-me dar uma olhada em você.

— Eu vesti tudo — ela disse, esforçando-se para não soar mal-humorada demais. — Até a roupa de baixo que você separou.

— Você tem mesmo um belo espírito esportivo — Sebastian ironizou.

O sarcasmo na voz dele fez com que Mel sorrisse um pouco, a contragosto. Segurando-a pela mão, Sebastian girou-a num círculo. Sim, ele pensou, a pantalona vermelha tinha sido uma excelente escolha.

Combinava perfeitamente com a jaquetinha prateada e com os brincos de rubi que pendiam das orelhas dela.

— Você está linda — disse. — Tente agir como se acreditasse nisso.

— Odeio usar salto alto. E você viu o que fizeram com o meu cabelo?

Sorrindo, ele passou o dedo levemente sobre os cabelos dela. Estavam puxados para trás e presos num coque elegante.

— Muito chique.

— É fácil falar. Você não ficou à mercê de uma maníaca com sotaque francês cujas mãos amassaram e lambuzaram minha cabeça com Deus sabe o quê, espirrando coisas estranhas, puxando e prendendo tudo com grampos até que eu estivesse a ponto de gritar.

— Teve um dia difícil, hein?

— Isso não foi nem a metade. Também fiz as unhas. Você não faz idéia do que é. Chegam com aquelas tesourinhas, alicates cremes e esmaltes fedorentos, e começam a falar sobre namorados e fazer perguntas indiscretas sobre sua vida sexual. E você tem de agir como se estivesse adorando tudo. Queriam me fazer uma limpeza de pele. — Mel estremeceu, com total sinceridade. — Não sei o que teriam feito comigo, mas eu disse que tinha de vir para casa preparar o jantar.

— Escapou por pouco.

— Se eu realmente tivesse de ir a um salão de beleza uma vez por semana, pelo resto da minha vida, acho que cometeria suicídio.

— Não exagere, Sutherland.

— Certo. — Mel suspirou, sentindo-se melhor. — Bem, pelo menos não foi difícil começar a espalhar a notícia de que tenho um marido maravilhoso e uma casa encantadora, e como há anos estamos tentando ter um bebê. As pessoas engolem facilmente estas coisas. Continuei falando sobre como fizemos todo tipo de exames e que eu já havia tentado todos os remédios para fertilidade, e como as listas de espera nas agências de adoção são enormes. Todos se mostraram muito simpáticos diante do meu sofrimento.

— Bom trabalho.

— Melhor ainda, consegui o nome de dois advogados e um médico. O ginecologista tem a reputação de ser milagroso. Um dos advogados é primo da manicure, e o outro parece que ajudou a cunhada dela a adotar dois bebês romenos no ano passado.

— Acho que devemos seguir por este caminho — Sebastian falou, após um momento.

— Foi o que pensei, também. Amanhã vou ao massagista. Enquanto estiverem me amassando e apalpando, aproveito para obter informações sobre o advogado.

— Não há nenhuma lei que a proíba de desfrutar de uma massagem e uma sauna, enquanto estiver lá.

Ela hesitou, e ficou grata pelos bolsos enormes da pantalona lhe darem um lugar onde pôr as mãos.

— Isso me deixa... Eu sei que você está gastando um bocado com este negócio.

— Tenho bastante dinheiro. — Sebastian segurou-lhe o queixo com a ponta dos dedos. — E se eu não quisesse usá-lo desta maneira, não usaria. Lembro-me da expressão de Rose quando você levou-a para minha casa, Mel. E lembro-me da Sra. Frost Estamos nisso juntos.

— Eu sei. — Mel fechou as mãos em torno dos pulsos dele. — Eu deveria estar lhe agradecendo, em vez de ficar reclamando.

— Mas você reclama tão bem. — Quando ela sorriu, Sebastian beijou-a. — Então vamos, Sutherland. Vamos jogar. Estou me sentindo com sorte, hoje.

O Silver Palace era um dos mais novos e luxuosos cassinos de Tahoe. Cisnes brancos deslizavam nas águas prateadas de um lago artificial instalado no saguão e vasos imensos explodiam com flores exóticas. Os funcionários usavam vistosos smokings, com gravatas e faixas prateadas.

Mel e Sebastian passaram por inúmeras lojas elegantes que vendiam de tudo, desde diamantes e peles até simples camisetas. Mel concluiu que a disposição das butiques havia sido planejada para ficarem perto o bastante do cassino para tentar quaisquer vencedores a gastar o dinheiro que tinham ganho novamente no hotel.

O cassino propriamente dito era uma confusão de ruídos dissonantes, o tilintar das moedas despejadas dos caça-níqueis ecoando nos tetos altos. Havia um burburinho de vozes, o matraquear das roletas, o cheiro de cigarros, bebidas e perfumes. E, é claro, de dinheiro.

— Bela espelunca — Mel comentou com ironia, observando os cavaleiros e damas medievais pintados nas paredes sem janelas.

— O que você joga?

Ela encolheu os ombros.

— Todos eles são jogos para otários. Tentar ganhar de um cassino é o mesmo que tentar subir uma corredeira com um só remo. Você até pode obter algum progresso, mas acaba sendo carregado pela correnteza, mais cedo ou mais tarde.

Sebastian mordiscou-lhe a orelha.

— Você não está aqui para ser prática. Estamos na nossa segunda lua-de-mel, lembra-se? Docinho de coco?

— Argh! — ela exclamou, mas sorriu. — Tudo bem, vamos comprar algumas fichas.

Mel preferiu começar com os caça-níqueis, decidindo que eram inofensivos o bastante para que ela pudesse jogar enquanto observava os arredores. Estavam

ali para tentar um contato com Jasper Gumm, o sujeito que fora citado no depoimento de Parkland. Mel estava bem ciente de que poderiam demorar várias noites para atingir a etapa seguinte.

Ela perdeu sem parar, depois ganhou uns poucos dólares de volta, realimentando a máquina com as moedas automaticamente. Descobriu que havia algo estranhamente sedutor no ruído produzido pelas moedas e campainhas, os gritinhos ocasionais dos outros jogadores, os sinos e luzes que tocavam e acendiam quando alguém ganhava uma bolada.

Era relaxante, percebeu, e enviou um sorriso a Sebastian.

— Não creio que a casa precise se preocupar com a possibilidade de eu quebrar a banca.

— Talvez se você jogasse com um pouco menos de... agressividade. — Sebastian pousou a mão sobre a dela, enquanto Mel puxava a alavanca. Luzes se acenderam. Sinos tocaram.

— Ah. — Ela arregalou os olhos, quando as moedas começaram a ser despejadas em seu baldinho de plástico. — Uau! São quinhentos dólares! — Dançou de alegria, depois abraçou-o com força. — Eu ganhei quinhentos dólares! — Deu-lhe um grande e sonoro beijo, depois afastou-se um pouco Ah — meu Deus, Donovan, você trapaceou!

— Que coisa mais feia para se dizer. Ser mais esperto do que uma máquina não é trapacear. — Mas ele pôde sentir que o senso de justiça de Mel batalhava com o prazer de vencer. — Vamos, você pode perder tudo isso no vinte-e-um.

— Acho que não tem problema. É por uma boa causa.

— Sem dúvida.

Rindo, ela juntou as moedas no baldinho.

— Gosto de vencer.

— Eu também.

Ficaram passeando pelas mesas, bebericando champanhe e fazendo o papel de um casal afetuoso que saiu para uma noite de diversão. Mel tentava não levar muito a sério a atenção que ele lhe dedicava, nem o fato de que a mão dele estava sempre por perto, quando a procurava.

Eles eram amantes, mas não estavam apaixonados. Gostavam-se e respeitavam-se mutuamente, mas isso estava bem distante de qualquer coisa do tipo "viveram felizes para sempre”. O anel em seu dedo era apenas um acessório e a casa onde estavam morando era somente uma fachada.

Chegaria o dia em que ela lhe devolveria o anel e sairia da casa. Poderiam continuar se encontrando, pelo menos por algum tempo. Até que o trabalho dele, e o seu próprio, os levassem para direções diferentes.

As pessoas nunca ficavam em sua vida por muito tempo e isso era algo que

ela já começava a aceitar.

Ou que sempre aceitara. Agora, quando pensava em partir para uma direção diferente, sozinha, sem ele, sentia um vazio em seu peito que era quase insuportável.

— O que foi? — Instintivamente Sebastian passou a mão na nuca de Mel, massageando-a. — Você está ficando tensa.

— Não foi nada. Nada. — Mesmo obedecendo à regra de não espiar em sua mente; Sebastian era sensitivo demais. — Acho que estou um pouco impaciente. Vamos tentar esta mesa, ver o que acontece.

Ele não pressionou, embora tivesse quase certeza de que algo mais do que aquele caso a estava preocupando. Quando sentaram-se numa mesa cujo limite de apostas era cinco dólares, Sebastian passou o braço em seus ombros, para que jogassem juntos.

Ela jogava bem, ele notou, e graças ao seu jeito prático e raciocínio rápido, ficou quites com a mesa pela primeira hora. Sebastian percebeu, pela maneira distraída que ela perscrutava os salões de vez em quando, que Mel prestava atenção em tudo. Os guardas de segurança, as câmeras escondidas, os espelhos de duas faces no segundo andar.

Sebastian pediu mais champanhe e começou a sua própria sondagem.

O homem ao seu lado estava suando sobre as cartas do baralho e perguntando-se sua esposa suspeitaria que ele estava tendo um caso. A esposa estava do outro lado, fumando um cigarro atrás do outro e tentando imaginar como o crupiê ficaria sem roupas.

Sebastian preferiu deixá-la a sós com tal imagem.

Ao lado de Mel havia um sujeito do tipo cowboy, encharcando-se com uísque com água enquanto ganhava num ritmo lento, mas constante. A mente dele era um emaranhado de pensamentos sobre ações do tesouro, gado e a mão de cartas. Estava também desejando que a linda potranquinha ao seu lado estivesse desacompanhada.

Sebastian sorriu consigo mesmo, perguntando-se como Mel reagiria se soubesse que havia sido chamada de "potranquinha".

Enquanto perscrutava mentalmente a mesa, Sebastian captou impressões de tédio, excitação, desespero e ganância. E descobriu o que queria no jovem casal sentado bem à sua frente.

Eles eram de Columbus, e estavam na terceira noite da lua-de-mel. Mal tinham idade suficiente para entrar no cassino, estavam loucamente apaixonados e haviam decidido, depois de muitos cálculos, que a excitação do jogo valia os cem dólares que tinham apostado.

Estavam com apenas cinquenta dólares, agora, mas divertiam-se como nunca.

Sebastian viu o marido, Jerry era o nome dele, hesitar sobre os quinze que tinha na mão, e deu-lhe um empurrãozinho.

Jerry fez sinal pedindo outra carta e arregalou os olhos ao ver que tirara um seis.

Com uma magia sutil e divertida, Sebastian fez com que o jovem Jerry dobrasse a aposta inicial, e depois triplicasse enquanto o jovem casal ofegava e ria diante da sorte súbita e impressionante.

— Eles já estão tendo lucro — Mel comentou.

— Hu-hum. — Sebastian bebericou a champanhe.

Indiferente à persuasão, Jerry começou a aumentar as apostas. A notícia se espalhou, como sempre acontece nestes lugares, de que havia um vencedor na mesa três. As pessoas começaram a se aglomerar em volta, aplaudindo e batendo no ombro do atônito Jerry, enquanto as fichas acumulavam-se, num total de três mil dólares.

— Ah, Jerry! — A esposa, Karen, agarrou-se a ele. — Acho que devemos parar. Já é quase o suficiente para darmos a entrada na casa. Acho que deveríamos parar.

Desculpe, Sebastian pensou, e deu-lhe um leve cutucão mental.

Karen mordeu o lábio.

— Não. Continue. — Escondeu o rosto no ombro do marido e riu. — Parece mágica!

O comentário fez com que Mel desviasse os olhos das próprias cartas e os estreitasse na direção de Sebastian.

— Donovan...

— Shh. — Ele deu uma palmadinha na mão dela. — Tenho os meus motivos.

Mel começou a compreendê-los quando o quase delirante Jerry atingiu a marca dos dez mil dólares. Um homem de aparência sombria, usando um smoking, aproximou-se da mesa.

Tinha uma aparência respeitável junto com a pele bronzeada, o bigode claro e os cabelos impecáveis.

Mel tinha certeza de que era o tipo de homem para o qual a maioria das mulheres olhava duas vezes.

Porém, sentiu uma antipatia instantânea assim que viu os olhos dele. Eram de um azul muito claro e, embora ele estivesse sorrindo, Mel sentiu um frio subir pela espinha.

— Encrencas — murmurou, e sentiu a mão de Sebastian fechar-se sobre a sua.

A pequena multidão aplaudiu outra vez, quando Jerry ganhou mais uma rodada.

— Parece que é a sua noite de sorte.

— Puxa, nem me diga. — Jerry ergueu os olhos vidrados para o recém-chegado. — É a primeira vez que ganho alguma coisa, em toda minha vida.

— O senhor está hospedado em nosso hotel?

— Estamos. Eu e minha esposa. — Jerry deu um aperto em Karen. — Esta é a primeira noite que tentamos as mesas de vinte-e-um.

— Então permita-me que o congratule pessoalmente. Sou Jasper Gumm. Dono deste hotel-cassino.

Mel enviou um rápido olhar para Sebastian.

— Um jeito bem tortuoso de dar uma espiada no sujeito — disse.

— Uma rota indireta — ele concordou. — Mas muito divertida.

— Humm... E os seus jovens heróis, já encerraram por esta noite?

— Ah, sim, eles já encerraram.

— Com licença. — Pegando a taça, Mel deu a volta pela mesa, lentamente.

Sebastian estava certo. O jovem casal já se alvoroçava para trocar as fichas por dinheiro e agradeciam profusamente a Gumm.

— Voltem sempre — Gumm lhes dizia. — Gostamos de pensar que todos que veem ao Silver Palace saiam como vencedores.

Quando Gumm virou-se, Mel certificou-se de ficar diretamente em seu caminho. Um movimento rápido, e o champanhe dela derramou-se.

— Ah, me desculpe... — Ela limpou a manga úmida do paletó dele. — Como sou desajeitada.

— De maneira alguma. A culpa foi minha. — Abrindo caminho pela multidão que começava a dispersar, ele pegou um lenço para enxugar a mão dela. — Eu estava distraído. — Olhou para a taça vazia e juntou: — Agora estou lhe devendo uma bebida.

— Não, é muita gentileza sua, mas quase não havia nada na taça. — Mel lançou-lhe um sorriso radioso. — Felizmente para o seu terno. Acho que fiquei curiosa em ver todas aquelas fichas. Meu marido e eu estávamos sentados bem em frente daquele jovem casal. E não tivemos nem a metade da sorte deles.

— Então, definitivamente, devo-lhe uma bebida. — Gumm segurou-lhe o braço no instante em que Sebastian se aproximou.

— Querida, você devia beber o champanhe e não ficar derramando-o nas pessoas.

Como se estivesse embaraçada, ela riu e passou a mão pelo braço dele.

— Já pedi desculpas.

— Não há nada do que se desculpar — Gumm assegurou-lhes enquanto oferecia a mão para Sebastian. — Jasper Gumm.

— Donovan Ryan. Minha esposa, Mary Ellen.

— Muito prazer. Estão hospedados no hotel?

— Não. Na verdade, acabamos de nos mudar para Tahoe. — Sebastian olhou para Mel com afeição. — Estamos tirando uns dias de folga, como numa segunda lua-de-mel, antes do retornarmos aos negócios.

— Sejam bem-vindos à comunidade. Agora não tenho mais dúvidas de que preciso substituir aquela champanhe. — Gumm fez um sinal para uma garçonete.

— É muito gentil, Sr. Gumm. — Mel olhou em volta, com um ar de aprovação. — O senhor tem um lugar maravilhoso, aqui.

— Agora que somos vizinhos, espero que apareçam sempre para desfrutar das nossas instalações. Temos um excelente restaurante.

Enquanto falava, Gumm fazia um inventário geral. As jóias da mulher eram discretas e caras. O temo escuro do homem tinha um talhe perfeito. Os dois exibiam os sinais da riqueza discreta, moderada.

Exatamente o tipo de clientela que ele preferia.

Quando a garçonete voltou com uma garrafa de champanhe e taças, Gumm fez questão de servi-los.

— Qual é o seu ramo de negócios, Sr. Ryan?

— Imobiliário. Mary Ellen e eu passamos alguns anos em Seattle e decidimos que estava na hora de algumas mudanças. Meus negócios permitem esta flexibilidade.

— E a senhora? — Gumm perguntou para Mel.

— Eu parei de trabalhar recentemente. Pensei que seria bom dedicar-me um pouco mais à casa.

— Ah, e aos filhos.

— Não. — O sorriso dela vacilou, enquanto baixava os olhos para a taça. — Ainda não. Mas acho que o clima daqui, o sol, o lago... seria um excelente lugar para se criar uma família. — Havia um traço, bem leve, de desespero em sua voz.

— Estou certo que sim. Por favor, aproveitem o Silver Palace. E voltem sempre.

— Ah, sim, nós voltaremos — Sebastian assegurou-lhe. — Foi perfeito — murmurou para Mel depois que o homem se afastou.

— Também achei. Será que devemos voltar para as mesas, ou apenas ficar andando por aí nos olhando com ar de apaixonados?

Ele riu e começou a puxá-la para um beijo, e então parou, com a mão em seu ombro.

— Ora, ora... Às vezes as coisas encaixam-se direitinho.

— O quê?

— Beba seu champanhe, amor, e sorria. — Sebastian a fez virar devagar e,

mantendo o braço em seu ombro, seguiu na direção da mesa de roleta. — Agora, olhe para lá, a mulher que está conversando com Gumm. A ruiva, perto da escada.

— Estou vendo. — Mel recostou a cabeça no ombro dele. — Um metro e setenta, uns sessenta quilos, pele clara. Vinte e oito, talvez trinta anos.

— O nome dela é Linda... ou melhor, é agora. Era Susan, quando hospedou-se no motel com David.

— Ela é... — Mel deu um passo à frente, antes de deter-se. — O que ela está fazendo aqui?

— Dormindo com Gumm, imagino. Esperando pelo próximo serviço.

— Temos de descobrir o quanto eles sabem. O quanto estão próximos do "cabeça". — Preocupada, Mel acabou de beber o champanhe. — Você trabalha do seu jeito, eu trabalho do meu.

— Combinado.

Quando Mel viu que Linda dirigia-se para o toalete das senhoras, deixou a taça vazia na mão de Sebastian.

— Segure isso aqui.

— É claro, meu amor — ele murmurou às suas costas.

Mel ficou "fazendo cera" no toalete, sentada diante de uma das penteadeiras espelhadas, passando batom, empoando o nariz. Quando Linda sentou-se à mesinha ao seu lado, recomeçou todo o processo.

— Droga! — Mel falou com desgosto, olhando para as mãos. — Lasquei uma unha.

Linda enviou-lhe um olhar de solidariedade.

— Odeio quando isso acontece.

— Eu que o diga. Principalmente porque fiz as unhas hoje mesmo. Não tenho muita sorte com elas. — Procurou uma lixa de unhas na bolsa, embora soubesse que não havia nada ali.

— Suas unhas são lindas.

— Obrigada. — A ruiva levantou a mão para examiná-las. — Tenho uma manicure maravilhosa.

— É mesmo? — Mel virou-se e cruzou as pernas. — Será que... Meu marido e eu acabamos de nos mudar, viemos de Seattle. Eu realmente estou precisando encontrar o salão de beleza certo, a academia de ginástica, estas coisas.

— Não há lugar melhor, do que aqui mesmo no hotel. Você pode inscrever-se num programa para não-hóspedes, que inclui academia e salão de beleza. As taxas são um pouquinho caras, mas vale cada centavo. — Ela afofou os cabelos luxuriantes. — E o salão de beleza é nota dez.

— Agradeço a informação. Acho que vou experimentar.

— Diga apenas que foi Linda quem indicou. Linda Glass.

— É o que vou fazer. — Mel levantou-se. — Muito obrigada.

— Sem problema. — Linda passou mais batom nos lábios. Se a mulher entrasse para o clube, pensou, ela receberia uma boa comissão. Negócios são negócios.

Poucas horas depois, Mel estava deitada de bruços no meio da cama, fazendo uma lista. Usava um camisão de pijama, seu traje preferido para dormir, e já havia desarrumado o complicado penteado com seus próprios dedos impacientes.

Iria começar a desfrutar das instalações do Silver Palace sem dúvida, pensou. A começar pelo dia seguinte, quando faria a inscrição para a academia e depois iria checar o salão de beleza. E, que Deus a ajudasse, marcaria uma hora para fazer a tal limpeza de pele, ou qualquer que fosse a tortura que tivessem em mente para ela.

Com um pouco de sorte, num espaço de vinte e quatro horas ela já estaria íntima de Linda Glass, trocando segredinhos femininos.

— O que está aprontando, Sutherland?

— O "plano B" — ela respondeu, distraída. — Gosto de ter um "plano B" de reserva, para o caso do "plano A" não dar certo. Será que depilação com cera dói muito?

— Não vou arriscar um palpite. — Ele passou a ponta do dedo pelas pernas dela. — Mas, por mim, você não precisa de depilação nenhuma.

— Bem, preciso estar preparada para passar metade do dia neste lugar, portanto tenho de pensar em coisas que eles possam fazer comigo. — Mel inclinou a cabeça para olhá-lo.

Sebastian estava parado ao lado da cama, usando a parte de baixo do pijama e girando uma taça de conhaque na mão.

Acho que estamos parecendo um casal, ela pensou. Como um casal de verdade, conversando um pouco antes de dormir.

A idéia fez com que pegasse o bloquinho e recomeçasse a rabiscar rapidamente.

— Você gosta mesmo deste negócio?

— Que negócio?

— Conhaque. Sempre achei que tem gosto de remédio.

— Talvez porque você nunca tenha experimentado o tipo certo. — Sebastian passou-lhe o copo. Mel apoiou-se nos cotovelos para experimentar, enquanto ele subia na cama e sentava-se por trás dela. — Você ainda está tensa — disse, e começou a massagear-lhe os ombros.

— Um pouco, talvez. Acho que estou começando a pensar que tudo isso pode dar certo... O nosso plano, digo.

— Vai dar certo. Enquanto você estiver depilando estas suas pernas incrivelmente longas e lindas, eu vou jogar golfe. No mesmo clube que Gumm frequenta.

Longe de ser convencida de que o conhaque tinha algo de tão especial, ela olhou por cima do ombro.

— Então veremos quem consegue descobrir mais, não é?

— De fato, veremos.

— Tem um pontinho, aqui no meu ombro... — Mel arqueou-se como um gato. — É, aí mesmo. Eu queria lhe perguntar sobre aquele casal do cassino. Os grandes vencedores.

— Perguntar o quê? — Sebastian levantou a camisa, tirando-a do caminho enquanto satisfazia-se em explorar as costas macias e esguias.

— Sei que foi o jeito que você encontrou para levar Gumm até a mesa, mas não parece exatamente honesto, não acha? Fazer o rapaz ganhar dez mil dólares.

— Eu simplesmente influenciei as decisões dele. E imagino que Gumm já embolsou muito mais do que isso com as vendas de bebês.

— Sim, sim, eu reconheço que há alguma justiça nisso. Mas aquele casal... e se amanhã, eles tentarem jogar novamente e perderem tudo? Talvez não consigam mais parar e...

Ele riu, pressionando os lábios no centro de suas costas.

— Sou bem mais sutil do que isso. Os jovens Jerry e Karen vão dar a entrada para a casa que querem comprar nos subúrbios e deixar os amigos impressionados com a sorte que tiveram. Ambos irão concordar que usaram todo o estoque de sorte nesta única tentativa e voltarão a jogar apenas de vez em quando. Terão três filhos. Vão enfrentar sérias dificuldades no casamento no sexto ano, mas conseguirão superar.

— Bem. — Mel perguntou-se se algum dia se acostumaria com aquilo. — Nesse caso...

— Nesse caso — ele murmurou, passando os lábios pela sua espinha. — Por que você não esquece tudo isso e se concentra em mim?

Sorrindo consigo mesma, Mel deixou o conhaque na arca aos pés da cama.

— Pode ser. — Ela arqueou o corpo e girou, segurando-o com força antes de atirá-lo de volta na cama. Prendendo-o com as duas mãos, abaixou-se até que estivessem cara-a-cara. — Peguei você.

Ele fez uma careta, depois mordeu-lhe o lábio.

— Sim, pegou mesmo.

— E talvez eu queira mantê-lo preso, só mais um pouco. — Mel beijou-lhe a ponta do nariz, depois o rosto, o queixo, os lábios.

— O conhaque fica mais gostoso em você do que no copo.

— Experimente outra vez, só para ter certeza.

Com um brilho de humor nos olhos, ela abaixou o rosto e provou, longa e profundamente.

— Melhorou muito. Eu realmente gosto do seu gosto, Donovan. Entrelaçou os dedos nos dele, feliz por ele não ter se movido quando escorregou para beijar-lhe o pescoço.

Mel ficou provocando-o, brincando com seu desejo, e com o próprio, enquanto saboreava a sua pele.

Quente aqui, mais fresca ali, o intenso pulsar do coração sob os lábios dele. Adorava o formato do corpo dele, a largura de seus ombros, o peito forte e macio, o rápido estremecimento da barriga sob seu toque.

Gostava da maneira como sua mão parecia deslizar sobre ele, com sua pele vários tons mais clara, o anel reluzindo em suas nuances de cores contra a prata. Esfregando o rosto no corpo dele, sentiu não apenas paixão, mas uma emoção mais profunda e intensa que a atordoava como um vinho e embotava seus sentidos.

Sentiu um súbito ardor na garganta, os olhos ardendo, e seu coração parecia dissolver-se no peito.

Com um suspiro, levou os lábios até os dele.

Ela era a feiticeira naquela noite, Sebastian pensou, rolando sobre ela. Mel possuía o poder e o dom. Ela tomara seu coração, sua alma, seus desejos e seu futuro e os segurava delicadamente nas mãos.

Ele murmurou seu amor por ela, muitas e muitas vezes, mas o idioma do seu sangue era o gaélico, e ela não entendeu.

Moviam-se juntos, flutuando sobre a cama como se estivessem num lago encantado. Quando a lua começou a se recolher, transformando a noite em madrugada, eles estavam perdidos um no outro, rodeados pela magia a que entregavam-se mutuamente.

Quando Mel ergueu-se sobre ele, o corpo reluzindo sob a luz mortiça, seus olhos escuros de desejos, pesado de prazeres, Sebastian pensou que ela jamais fora tão linda. Nem tão sua.

Ele a procurou. E ela respondeu. Seus corpos se mesclaram. O momento foi doce, lindo e intenso.

Ela arqueou o corpo para trás, exigindo mais dele, estremecendo com o prazer que isso lhe dava.

Suas mãos se encontraram, agarrando-se com força enquanto ambos elevavam-se juntos até o clímax seguinte.

Quando não conseguiram chegar mais longe, quando ele esvaziou-se nela e seus corpos estavam fracos e molhados de amor, Mel escorregou por cima dele,

sem saber que seus olhos estavam úmidos. Mergulhou o rosto em seu peito, tremendo quando ele a abraçou,

— Não me solte — ela pediu, num sussurro. — Não me solte, a noite inteira.

— Não vou soltá-la.

Sebastian a manteve nos braços enquanto o coração dela lutava contra a certeza de que estava amando, e até que seu corpo se entregasse ao sono e ao esquecimento.

CAPÍTULO 11

Não foi difícil dar uma espiada nas agendas do salão de beleza e da academia de ginástica do Silver Palace. Se sorrisse bastante e desse boas gorjetas, Mel já sabia, seria capaz de dar uma espiada em qualquer coisa. E, com uma gorjeta um pouquinho melhor, foi fácil marcar um horário que coincidisse com o de Linda Glass.

Esta foi a parte simples. A parte complicada para Mel era a perspectiva de passar um dia inteiro usando o colante de ginástica.

Quando escolheu seu lugar na aula de aeróbica, em meio a uma dúzia de outras mulheres, enviou um sorriso amigável na direção de Linda.

— Então, resolveu experimentar? — A ruiva olhou no espelho, verificando se a cabeleira ainda mantinha-se devidamente presa sob a faixa.

— Agradeço muito a sua "dica" — Mel respondeu. — Com a mudança, acabei perdendo mais de uma semana de ginástica. Não precisa muito tempo para se perder a forma.

— E eu não sei? Sempre que viajo... — Linda interrompeu-se quando a instrutora mudou a fita no gravador. Um rock mais lento ressoou pelo salão.

— Está na hora de alongar, meninas. — Toda sorriso e músculos, a instrutora virou-se de frente para o espelho e de costas para a turma. — Agora, estiquem! — disse, numa vozinha animada, enquanto demonstrava.

Mel seguiu os movimentos de alongamento, aquecimento e depois para os exercícios mais pesados.

Embora se considerasse em excelente forma, teve de prestar toda a atenção aos movimentos. Obviamente havia se matriculado numa turma bastante adiantada e era uma questão de graciosidade e estilo além do condicionamento físico.

Antes que a aula estivesse na metade, Mel já desenvolvera uma profunda antipatia pela alegre instrutora, com seu rabinho-de-cavalo e voz animada.

— Mais um levantamento de perna e sou capaz de pular em cima dela — Mel resmungou.

Embora não tivesse a intenção de falar em voz alta, aparentemente foi a jogada perfeita. Linda enviou-lhe um largo sorriso.

— Eu ajudo. — Linda estava ofegando, enquanto executava o que a instrutora alegremente chamara de "chutes rápidos". — Ela não deve ter mais do que vinte anos. Merece morrer.

Mel deu uma risadinha e bufou. Quando a música finalmente parou, as mulheres todas curvaram-se num alívio molhado de suor.

Depois das checagens de pulso e relaxamento, Mel arrastou-se, até onde Linda estava e mergulhou o rosto numa toalha.

— É isso que ganho por tirar dez dias de folga. Com um suspiro cansado, Mel abaixou a toalha. — Não acredito que me programei para o dia inteiro!

— Sei o que está sentindo. Eu tenho aula de musculação agora.

— É mesmo? — Mel ofereceu-lhe um sorriso surpreso. — Eu também.

— Está brincando! — Linda massageou o pescoço e levantou-se. — Então acho que ao menos poderemos sofrer juntas.

Passaram a hora seguinte deslocando-se de pesos para bicicletas, de bicicletas para esteiras. Quanto mais transpiravam mais amigas se tornavam. A conversa transcorria dos exercícios para os homens, e dos homens para os antecedentes pessoais.

Foram juntas à sauna, depois para a hidromassagem. Encerraram a sessão com uma massagem.

— Não posso acreditar que você desistiu da carreira para cuidar da casa. — Estendida na mesa forrada, Linda cruzou os braços sob o queixo. — Não consigo imaginar uma coisa destas.

— Eu também não me acostumei à idéia, ainda. — Mel suspirou quando a massagista começou a trabalhar em suas costas. — Para dizer a verdade, ainda nem sei exatamente o que vou fazer. Mas é um tipo de experiência.

— É?

Mel hesitou, apenas o bastante para que Linda soubesse que tratava-se de um assunto delicado.

— Você entende, meu marido e eu estamos tentando iniciar uma família. Não tivemos sorte, até agora. Desde que já percorremos todo o caminho de exames e procedimentos médicos sem nenhum resultado, eu tive esta idéia de que, se parasse de trabalhar, talvez afastasse um pouco da tensão e... bem, alguma coisa pudesse acontecer.

— Deve ser muito difícil.

— É mesmo. Nós dois... Suponho que por sermos filhos únicos e não termos ninguém além de nós mesmos, desejamos tanto uma família grande. Parece tão injusto, sabe? Nós temos uma linda casa, estabilidade financeira, nosso casamento é bom. Mas parece que não conseguimos ter filhos.

Se as engrenagens não estivessem girando na cabeça de Linda, ela disfarçou muito bem.

— Imagino que vocês estejam tentando há bastante tempo.

— Há anos. Na verdade, o problema é comigo.

Os médicos nos disseram que haveria muito poucas chances de que eu pudesse conceber.

— Não tenho intenção de ofendê-la, mas vocês já pensaram em adoção?

— Se pensamos? — Mel esboçou um sorriso triste. — Nem sei lhe dizer em quantas listas nos inscrevemos.

Nós dois concordamos que poderíamos amar uma criança que não fosse biologicamente nossa. Sentimos que temos tanto para dar, mas... — Ela suspirou novamente. — Pode até ser egoísmo, mas nós realmente queremos um bebê. Talvez fosse mais fácil adotar uma criança mais velha, porém estamos relutantes quanto a isso. E nos disseram que a adoção pode demorar anos. Não sei como conseguiremos suportar todos aqueles cômodos vazios. — Fez com que lágrimas enchessem seus olhos e depois afastou-as. — Desculpe-me. Eu não deveria ficar falando sobre isso. Fico emocionada demais.

— Está tudo bem. — Linda estendeu o braço entre as mesas e apertou a mão de Mel. — Acho que ninguém entende estas coisas melhor do que uma mulher.

Almoçaram juntas, suco gelado e salada de espinafre. Mel permitiu que Linda guiasse a conversa delicadamente de volta para sua vida pessoal. No papel da ingênua e emotiva Mary Ellen Ryan, ela despejou informações sobre seu casamento, suas esperanças e seus temores. Derramou algumas lágrimas para dar um efeito melhor, mas enxugou-as bravamente.

— E quanto a você, não pensa em se casar? — Mel perguntou.

— Eu? Ah, não. — Linda riu. — Tentei uma vez, anos atrás. Mas gosto de liberdade. Jasper e eu temos um acordo muito bom. Gostamos um do outro, mas não deixamos que isso interfira nos negócios. Gosto de poder ir e vir quando quiser.

— Eu admiro você. — *Sua rameira fria e sem coração*. — Antes de conhecer Donovan, eu achava que iria viver sozinha, ter o meu próprio cantinho. Não que me arrependa de ter me apaixonado e casado com ele, mas acho que todas nós invejamos um pouco as mulheres que conseguem abrir seus próprios caminhos.

— Para mim, deu certo. Mas você está indo bem. Tem um marido que é louco por você e é bem-sucedido o bastante para lhe dar conforto e uma bela casa. Isso é quase perfeito.

Mel olhou para o copo vazio.

— Quase.

— Assim que vocês tiverem o bebê, será perfeito. — Linda deu-lhe uma palmadinha na mão. — Eu lhe dou a minha palavra.

Mel arrastou-se para dentro de casa, jogando a mochila de ginástica para um lado e chutando os tênis para outro.

— Aí está você. — Sebastian a olhava do balcão no andar de cima. — Eu estava prestes a enviar uma equipe de resgate.

— Deveria ter mandado uma maca.

O sorriso dele desapareceu.

— Você se machucou? — Já estava descendo a escada. Eu sabia que devia ter ficado de olho em você.

— Se me machuquei? — Mel rosnou para ele. — Você não sabe nem a metade. A instrutora de ginástica aeróbica deve ter sido contratada no inferno. O nome dela é Penny, só para você ter uma idéia. E é bonitinha como um maldito botão de rosa. Depois, caí nas mãos de uma rainha das amazonas chamada Madge, que me fez carregar pesos e correr em todas aquelas terríveis máquinas reluzentes. Pedalei, corri, levantei e abaixei. — Com uma careta de dor, ela pousou a mão na altura do estômago. — E, o dia inteiro, comi apenas umas folhinhas murchas.

— Uau! — Sebastian beijou-a na testa. — Pobrezinha.

Mel estreitou os olhos.

— Estou a fim de dar um soco em alguém, Donovan. Poderia ser você.

— E se eu lhe preparar um belo lanche?

Os lábios dela formaram um biquinho.

— Por acaso temos pizza congelada?

— Sinceramente, eu duvido. Venha. — Ele passou o braço em torno dos ombros dela, num gesto amigável, e levou-a para a cozinha. — Você pode me contar tudo enquanto come.

Mel desabou na cadeira da cozinha e apoiou os braços na mesa de tampo de vidro.

— Foi um dia e tanto. Sabia que ela... Linda... faz tudo isso duas vezes por semana? — Inspirada, Mel levantou-se e foi vasculhar os armários em 'busca de um saquinho de batatas chips. — Não sei por que alguém precisa ficar tão saudável assim — disse, com a boca cheia. — Ela parece ser boa gente, isto é, quando você conversa ela responde como uma pessoa normal, inteligente. — Com os olhos sombrios, Mel tornou a sentar-se. — Então, conforme você vai conversando, percebe que ela é inteligente demais. E também fria como um peixe.

— Imagino que vocês conversaram bastante. — Sebastian ergueu os olhos do super sanduíche que estava montando.

— E como. Abri meu peito para ela. Ela sabe que perdi meus pais quando tinha vinte anos. Como conheci você, uns dois anos depois. Toda a história do amor à primeira vista. E que você era bem romântico. — Mel mastigou uma batatinha.

— Eu era? — Sebastian deixou o sanduíche e um copo do refrigerante preferido de Mel diante dela.

— Pode apostar. Vivia me mandando rosas, levava-me para dançar e para

longos passeios ao luar. Você era louco por mim.

Sebastian sorriu, enquanto Mel dava uma mordida voraz no sanduíche.

— Tenho certeza disso.

— Você implorou para casar comigo. Meu Deus, isso aqui está ótimo. — Mel fechou os olhos e engoliu. — Onde parei?

— Eu estava implorando para você casar comigo.

— Certo. — Ela fez um gesto com o copo, antes de beber. — Mas eu fui cautelosa. Realmente fui morar com você depois de algum tempo, e depois deixei que você me mimasse completamente. Desde então, você tem feito de tudo para tornar minha vida um verdadeiro conto de fadas.

— Eu pareço um ótimo sujeito.

— Ah, sim, eu enfatizei muito este ponto. Nós somos o casal mais feliz do mundo. Exceto por uma única tristeza. — Mel franziu a testa e continuou comendo. — Sabe, no início eu estava me sentindo muito mal por ficar mentindo e inventando estas coisas. Sabia que era um trabalho, um trabalho importante, mas me parecia calculista demais. Ela era uma boa pessoa, amigável, e incomodou-me a maneira como eu a estava enganando.

Mel pegou o saquinho de batatas novamente, lambiscando enquanto organizava seus próprios pensamentos.

— Então, assim que surgiu o assunto do bebê, eu praticamente vi a maneira como ela mudou, entende?

Toda aquela doçura desapareceu, dando lugar a uma coisa fria, dura. Ela continuava sorrindo e mostrando-se simpática e amiga, mas parecia estar guardando tudo naquele cérebro e calculando os lucros. Portanto, depois disso, não me senti mal em deixá-la arrancar mais informações. Eu quero aquela mulher, Donovan.

— Quando irá vê-la novamente?

— Depois de amanhã. No salão de beleza, serviço completo. — Com um gemido, Mel afastou o prato. — Ela acha que sou uma mulher à procura de coisas para preencher o tempo. — Fez uma careta. — Uma tarde de compras também foi mencionada.

— Como sofremos para cumprir nossa missão.

— Muito engraçado. Considerando-se que você passou a manhã inteira batendo numa bolinha branca.

— Acho que não mencionei que detesto golfe.

— Não. — Ela sorriu. — Ótimo. Conte-me como foi.

— Nós nos encontramos no quarto *tee*. Por acaso, é claro.

— É claro.

— Então, acabamos jogando o restante da partida juntos. — Sebastian pegou

o copo dela e bebeu um gole do refrigerante. — Ele achou minha esposa muito encantadora.

— Naturalmente.

— Falamos sobre negócios, os dele e os meus. Ele está interessado em fazer investimentos, portanto fiz algumas sugestões sobre imóveis.

— Foi esperto.

— Eu tenho mesmo uma propriedade no Oregon que estou pensando em vender. De qualquer forma, fomos beber alguma coisa depois do jogo e conversamos sobre esportes e outras coisas. Eu consegui incluir na conversa o fato de que gostaria de ter um filho.

— Um filho homem, especificamente?

— Sim, como eu disse foi uma conversa do tipo masculina. Um filho para herdar o nome da família, para se jogar bola, parece que deu mais veracidade à conversa.

— Meninas também jogam bola — Mel murmurou. — Não importa. Ele pegou a isca?

— Apenas de leve. Eu enrolei um pouco, mostrei-me um tanto aborrecido e mudei de assunto.

— Por quê? — Mel endireitou-se na cadeira. — Se você o tinha no anzol, por que soltou?

— Porque achei que seria melhor. Você precisa confiar em mim nisso, Mel. Gumm ficaria desconfiado se eu começasse a fazer confidências tão depressa. Com as mulheres é diferente, é mais natural.

Ela refletiu um pouco sobre isso e, embora ainda estivesse franzindo a testa, assentiu.

— Está certo, eu concordo. E, sem dúvida, nós já fizemos o trabalho de base.

— Falei com Devereaux um pouco antes de você chegar. Amanhã mesmo eles devem ter um relatório minucioso sobre os antecedentes de Linda Glass. E Devereaux ficou de nos avisar assim que Gumm começar a agir para confirmar a nossa história.

— Isso é bom.

— Mais uma coisa: fomos convidados para jantar com Gumm e senhora, sexta-feira à noite.

Mel arqueou a sobrancelha.

— Isso é melhor ainda. — Inclinou-se sobre a mesa para beijá-lo. — Você fez um bom trabalho, Donovan.

— Creio que formamos um bom time. Você acabou de comer?

— Por enquanto.

— Então acho que devemos nos preparar para sexta-feira.

— Preparar o quê? — Mel enviou-lhe um olhar desconfiado, enquanto ele a obrigava a levantar-se. — Se vai começar a me enlouquecer com as roupas que devo usar...

— Não é nada disso. É o seguinte — Sebastian falou, levando-a para fora da cozinha. — Teremos de parecer um casal devotado e delirantemente feliz.

— É, e daí?

— Loucamente apaixonados — ele continuou, empurrando-a para as escadas.

— Eu sei qual é o plano, Donovan.

— Bem, eu acredito na escola "método de atuação". Por isso tenho certeza de que nossa performance será bem melhor se passarmos o maior tempo possível fazendo amor.

— Ah, entendo. — Mel virou-se, enlaçou os braços no pescoço dele e entrou no quarto de costas. — Bem, como você disse, temos de sofrer para cumprir nossa missão.

Mel tinha certeza de que algum dia se lembraria daquilo e daria boas risadas. Ou, pelo menos, daria um sorriso de alívio por ter sobrevivido.

Desde o início de sua carreira de policial, e depois de detetive, ela havia sido insultada, chutada, empurrada, tivera portas batidas na cara e no pé. Já fora ameaçada, recebera propostas ofensivas e, numa ocasião memorável, levara um tiro.

Porém, tudo isso era nada se comparado com o que estava sendo feito com ela no Silver Woman.

O exclusivo e caro salão de beleza do hotel oferecia de tudo, desde uma simples lavagem de cabelos até algo com o nome exótico, e aterrorizante, de "crioterapia".

Mel não teve coragem de experimentar este, mas estava recebendo tratamentos da cabeça aos pés, e cada centímetro do seu corpo se ressentia disso.

Havia chegado ao salão alguns minutos antes de Linda e, entrando novamente em seu papel, cumprimentara a mulher como se fosse uma velha amiga.

Durante a depilação com cera quente que, Mel não demorou a descobrir, realmente doía, conversaram sobre roupas e estilos de penteados. Sorrindo por entre os dentes cerrados, Mel deu graças por ter passado horas, na noite anterior, folheando revistas de moda.

Mais tarde, enquanto esperava secar a gosma que a esteticista passara em seu rosto, Mel tagarelou sobre como estava adorando morar em Tahoe.

— Nossa vista do lago é incrível. Mal posso esperar para conhecer as pessoas e fazer amigos. Adoro dar festas e receber.

— Jasper e eu podemos apresentá-los aos nossos amigos, Linda ofereceu,

enquanto a pedicura lixava suas unhas. Estando no ramo de hotelaria, nós conhecemos praticamente todo mundo por aqui.

— Isso seria maravilhoso. — Mel arriscou um olhar para baixo e tentou parecer satisfeita, em vez de horrorizada, ao ver que as unhas dos seus pés estavam sendo pintadas de fúcsia. — Donovan comentou comigo que encontrou Jasper no clube de golfe. Donovan adora jogar golfe — disse, esperando com isso obrigá-lo a passar horas no campo. — É mais uma paixão do que um hobby.

— Com Jasper é a mesma coisa. Mas eu não consigo me interessar por este esporte. — Linda começou a falar sobre as diversas pessoas que gostaria de apresentar a Mel, e sobre como poderiam reunir-se para jogar tênis ou velejar.

Mel concordava com animação, perguntando-se se seria possível alguém realmente morrer de tédio.

Seu rosto foi esfregado e limpo, depois lambuzado com um creme. Passaram algum tipo de óleo nos seus cabelos e envolveram-nos numa touca térmica.

— Eu adoro ser mimada deste jeito — Linda murmurou. As duas estavam recostadas em poltronas macias, tendo as mãos massageadas e as unhas manicuradas.

— Eu também — disse Mel, e rezou para que a tortura estivesse quase no fim.

— Creio que é por isso que me dou tão bem no meu trabalho. Na maior parte do tempo trabalho à noite, portanto tenho os dias livres. E posso aproveitar todos os benefícios do hotel.

— Faz tempo que você trabalha aqui?

— Quase dois anos. — Linda suspirou. — Nunca fiquei entediada.

— Você deve conhecer todo tipo de pessoas interessantes.

— Interessantes, ricas e poderosas. É disso que eu gosto. E, pelo que você disse no outro dia, seu marido também não é pouca coisa.

Mel teve vontade de rir, mas achou melhor esboçar um sorriso modesto.

— Ah, ele está muito bem. Pode-se dizer que Donovan tem um "toque mágico".

Seus cabelos foram enxaguados, massageados, Mel até que achou essa parte agradável, e já estava quase na hora dos toques finais. Mel percebeu que, se Linda não começasse logo a lhe fazer perguntas, ela própria teria de encontrar um jeito de tocar no assunto.

— Sabe, Mary Ellen, eu estive pensando no que você me falou no outro dia.

— Ah... — Mel fingiu um certo desconforto. — Sinto muito sobre aquilo, Linda. Eu não devia tê-la envolvido nos meus problemas logo depois que nos conhecemos. Acho que estava me sentindo um pouco perdida e sozinha.

— Bobagem. — Linda balançou as unhas gloriosas. — Nós nos demos bem, só isso. Você se sentiu à vontade comigo.

— Sim, é verdade. Mas fico um pouco envergonhada quando penso que aborreci você com toda essa história da minha vida pessoal.

— Eu não fiquei nada aborrecida. Fiquei emocionada. — A voz de Linda era suave como seda, com o toque certo de simpatia. Mel sentiu seus pêlos eriçarem. — E pensei muito, também. Por favor, me perdoe se eu estiver me intrometendo, mas você já considerou a idéia de uma adoção particular?

— Está se referindo a fazer a adoção através de um advogado que trabalha com mães solteiras? — Mel emitiu um suspiro desanimado. — Na verdade, nós tentamos esse caminho uma vez, mais ou menos um ano atrás. Não estávamos muito seguros se seria a maneira certa. O dinheiro não era problema, mas ficamos preocupados acerca da legalidade e da moralidade. Mas tudo parecia perfeito. Chegamos até a conversar com uma das mães. Nossas esperanças foram despertadas, demais, até. Começamos a escolher o nome, olhávamos vitrines com roupinhas de bebês. Realmente parecia que tudo iria dar certo. Porém, na última hora a garota acabou desistindo.

Mel mordeu o lábio, como se estivesse se controlando para não chorar.

— Deve ter sido terrível para você.

— Nós dois passamos por momentos difíceis. Chegamos tão perto e depois... nada. Desde então, nunca mais conversamos sobre tentar novamente este caminho.

— Posso entender porquê. Mas, por acaso eu conheço alguém que tem muita sorte em localizar bebês para pais adotivos.

Mel fechou os olhos. Tinha medo que eles se enchessem de escárnio, e não de esperança.

— É um advogado? — perguntou.

— Sim. Eu não o conheço pessoalmente, mas, como disse, a gente encontra muitas pessoas neste ramo de negócios, e ouvi falar nele. Não quero prometer nada nem lhe dar muitas esperanças, mas se você quiser eu posso verificar.

— Eu lhe agradeceria muito. — Mel abriu os olhos e encontrou os de Linda através do espelho. — Nem sei lhe dizer o quanto eu ficaria agradecida.

Uma hora mais tarde, Mel correu para fora do hotel e para dentro dos braços de Sebastian. E riu quando ele abraçou-a, dando-lhe um beijo exagerado.

— O que está fazendo aqui?

— Bancando o marido gentil e amoroso que vem buscar a esposa. — Sebastian afastou-se para admirá-la e sorriu.

Os cabelos dela estavam penteados de um jeito leve e sexy, os olhos pareciam maiores e mais profundos, graças à maquiagem perfeita, e os lábios estavam pintados no mesmo tom fúcsia das unhas.

— Em nome de Finn, Sutherland, o que fizeram com você?

— Não me venha com gracinhas.

— É claro que não. Você está fantástica. Deslumbrante. Nem parece a minha Mel. — Ele segurou-lhe o queixo para mais um beijo. — Quem é esta mulher tão arrumada e elegante que estou abraçando? .

Não tão irritada quanto gostaria, ela fez uma careta.

— É melhor não fazer piadinhas depois de tudo o que eu passei. Imagine que depilei até a virilha. Foi uma tortura selvagem. — Rindo, ela passou as mãos em torno do pescoço dele. — E minhas unhas dos pés estão pintadas de cor-de-rosa-choque.

— Mal posso esperar para ver. — Sebastian beijou-a de leve. — Tenho novidades.

— Eu também.

— Que tal caminharmos um pouco, minha linda esposa, enquanto lhe conto como Gumm está iniciando as sondagens sobre o estimável casal Ryan, de Seatle?

— Tudo bem. — Mel entrelaçou a mão na dele. — E eu vou lhe contar como, levada pela extrema bondade de seu coração, Linda Glass vai nos ajudar a entrar em contato com um advogado. Sobre uma adoção particular.

— Nós trabalhamos bem, juntos.

— Sim, Donovan, nós trabalhamos bem. — Satisfeita consigo mesma, ela caminhou ao lado dele. — Sem dúvida nenhuma.

Na suíte presidencial no último andar do hotel Silver Palace, Gumm olhava pela janela.

— Um casal encantador — comentou com Linda.

— E parecem loucos um pelo outro. — Ela bebeu um gole de champanhe enquanto Sebastian e Mel seguiam pela calçada de mãos dadas. — O jeito que ela fica quando diz o nome dele quase me faz pensar se são realmente casados.

— Eu recebi por fax as cópias da certidão de casamento e outros documentos. Parece que está tudo em ordem. — Gumm tamborilou os dedos nos lábios. — Se fossem espiões, não creio que tivessem tanta intimidade.

— Espiões? — Linda enviou-lhe um olhar preocupado. — Ora, Jasper, por que está pensando nisso? É impossível que alguém tenha chegado até nós.

— Não sei. Aquela história com os Frost me deixou preocupado.

— Bem, é uma pena que tenham perdido o bebê. Mas nós recebemos a nossa parte e não deixamos nenhum rastro.

— Deixamos Parkland. Eu não consegui localizá-lo.

— Então ele desapareceu, e pronto. — Linda encolheu os ombros e aproximou-se para pressionar o corpo contra o de Gumm. — Você não tem nada

com que se preocupar. Você guardou a promissória que ele lhe devia, e isso era legítimo.

— Parkland viu você.

— Ele não estava nem enxergando direito, de tão apavorado. Além disso, estava escuro e eu usei um lenço na cabeça. Parkland não me preocupa nem um pouco. — Linda beijou-o levemente. — Nós temos o "dom", benzinho. Estando numa organização como esta teremos tantos disfarces e saídas de emergência que eles jamais chegarão até nós. E o dinheiro... — Ela afrouxou-lhe a gravata. — Pense só em todo aquele dinheiro entrando...

— Você gosta de dinheiro, não é? — Jasper abriu o zíper do vestido dela. — Isso nós temos em comum.

— Temos muitas coisas em comum. E esta pode ser a nossa grande chance. Vamos cuidar bem dos Ryan e haverá uma bela comissão nos esperando. Eu garanto que eles são capazes de pagar o máximo por um bebê. A mulher está desesperada para ser mamãe.

— Vou esperar um pouco mais. — Ainda calculando, ele desabou com ela no sofá.

— Não há mal nenhum em fazer isso, mas estou lhe dizendo, Jasper, estes dois são de primeira qualidade. Não temos como perder. De jeito nenhum.

Mel e Sebastian tornaram-se companheiros constantes de Gumm e Linda. Saíam juntos para jantar, para jogar no cassino, para almoços no clube e animados jogos de tênis.

Dez dias daquela vida agitada já estavam deixando Mel impaciente e irritada. Várias vezes ela arriscou-se a perguntar à Linda sobre o advogado e a resposta, gentil e paciente, sempre era para que tivesse paciência.

Foram apresentados a dezenas de pessoas. Algumas Mel achou interessantes, outras escorregadias e suspeitas. Ela passava seus dias seguindo a rotina de "dondoca", com muito dinheiro e tempo à disposição.

E passava as noites com Sebastian.

Mel tentava não preocupar-se com seu coração. Tinha um trabalho a fazer e se, no decorrer dele, acabasse se apaixonando, era um problema que teria de resolver mais tarde.

Sabia que Sebastian gostava dela e que também a desejava. O que mais a preocupava era o fato de que ele parecia gostar ainda mais da mulher que ela estava fingindo ser... e que deixaria de ser assim que o trabalho terminasse.

Nem parece a minha Mel. Minha Mel, ele dissera. Havia uma esperança naquelas palavras e ela não conseguia afastá-la.

E por mais que quisesse que aquele caso se encerrasse e que a justiça fosse feita, Mel começou a temer o dia em que teriam de ir embora, encerrando

também aquele casamento de fachada.

Porém, quaisquer que fossem suas necessidades pessoais e suas esperanças secretas, ela não poderia permitir-se colocá-las na frente do que estavam tentando fazer.

Aceitando uma sugestão de Linda, Mel concordou em dar uma festa. Afinal, seu papel dizia que era uma anfitriã entusiástica, uma dona de casa perfeita e uma joia da sociedade.

Enquanto esforçava-se para entrar no vestidinho preto, rezou para que não cometesse nenhuma gafe terrível, capaz de revelar a todos a sua falsa identidade.

— Maldição — praguejou baixinho no instante em que Sebastian entrou no quarto.

— Algum problema, querida?

— O zíper ficou preso. — Ela estava metade dentro e metade fora do vestido, rubra, descabelada e furiosa como uma gata selvagem.

Sebastian ficou tentado a ajudá-la a sair do vestido, em vez do contrário.

Com um leve puxão, soltou o zíper e puxou-o até o final, na altura do meio das costas dela.

— Pronto. Você está usando a turmalina — ele disse, estendendo a mão por trás dela a fim de tocar a pedra entre seus seios.

— Morgana disse que era boa contra o estresse. E estou precisando de toda ajuda que puder obter. — Virando-se, Mel calçou os sapatos de salto alto, não sem lamentar. Isso fez com que ficasse da mesma altura que ele. — Sei que é ridículo, mas estou realmente nervosa. Nunca dei uma festa que tivesse algo além de pizza e cerveja. Você viu tudo aquilo lá embaixo?

— Sim, e também vi o bufê que contratamos, que vai cuidar de tudo.

— Mas eu sou... bem, eu sou a anfitriã. Deveria saber o que fazer.

— Não, você deve dizer às pessoas o que fazer e depois receber os elogios.

Ela sorriu um pouco.

— Não parece tão ruim. Mas alguma coisa terá de acontecer, e logo. Acho que vou ficar maluca se não acontecer. Linda fica enviando mensagens enigmáticas sobre ser capaz de ajudar, mas eu me sinto como se não estivesse fazendo nada, nas últimas semanas.

— Paciência. Daremos o próximo passo ainda esta noite.

— O que está dizendo? — Mel segurou-o pela manga. Nós combinamos não esconder nada um do outro. Se você sabe de alguma coisa, se tem alguma informação, precisa me contar.

— Nem sempre funciona como um reflexo perfeito dos acontecimentos. Eu sei que a pessoa que estamos procurando virá aqui esta noite, e que vou reconhecê-la. Nós estamos jogando bem até agora, Mel. E iremos até o fim.

— Tudo bem. — Ela respirou fundo. — O que me diz, benzinho? Está na hora de descermos para receber nossos convidados?

Sebastian fez uma careta.

— Não me chame de benzinho.

— Puxa, e eu que pensava estar pegando o jeito! — Ela começou a descer, depois parou no meio da escada, com a mão no estômago. — Ah, meu Deus, a campainha... Lá vamos nós.

De fato, não foi tão ruim quanto imaginava, Mel concluiu enquanto a festa transcorria por toda a casa e pelo terraço. Todos pareciam estar se divertindo como nunca. Uma agradável seleção de músicas clássicas, que Sebastian escolhera, suavizava o ambiente. A noite estava fresca o bastante para que deixassem as portas abertas e os convidados podiam entrar e sair à vontade. A comida estava excelente. E, mesmo que ela não reconhecesse os ingredientes de metade dos canapês, não teve nenhuma importância. Aceitou os elogios do mesmo jeito.

Havia vinho, risos e conversas interessantes. O que, ela supunha, eram os requisitos de uma boa festa. E era bom observar Sebastian movimentando-se pela sala, vê-lo sorrir para ela, ou parar ao seu lado para tocá-la ou trocar uma palavra íntima.

Qualquer um que olhar para nós vai acreditar, ela pensou. Somos o casal mais feliz do mundo, loucamente apaixonados um pelo outro.

Ela própria quase poderia acreditar, quando o olhar de Sebastian deslizava em sua direção e aquecia-se, enviando-lhe aqueles secretos sinais por todo seu corpo.

Linda reluzia, parecendo deslumbrante num vestido branco sem alças.

— Eu juro, Mary Ellen, seu marido não tira os olhos de você. Se eu conseguisse encontrar o irmão gêmeo dele, talvez até desse mais uma chance ao casamento.

— Não há ninguém como ele — Mel falou, com toda sinceridade. — Acredite, Donovan é único.

— E é todo seu.

— Sim, é todo meu.

— Bem, além de ter sorte no amor, você sabe como organizar uma festa. Sua casa é um espetáculo. — E, Linda calculou, devia valer meio milhão de dólares.

— Obrigada, mas realmente devo a você por ter-me recomendado o bufê. Eles são ótimos.

— É um prazer ajudá-la. — Linda apertou-lhe a mão e enviou-lhe um olhar significativo. — E estou falando sério, Mary Ellen.

Mel captou depressa.

— Você... Ah, desculpe estar insistindo, mas não consigo pensar em outra coisa nestes últimos dias.

— Não posso prometer nada — Linda falou, mas deu uma piscadela. — Há uma pessoa que gostaria de lhe apresentar. Você disse que eu poderia convidar alguns amigos.

— Sim, é claro. — Mel recolocou sua máscara de anfitriã. — Sabe, eu sinto que esta festa é tão sua quanto minha. Você e Jasper se tornaram grandes amigos para nós.

— Eu digo o mesmo de vocês. Venha por aqui, para que eu possa apresentá-la. — Segurando a mão de Mel, Linda começou a abrir caminho por entre os convidados. — Vou trazê-la de volta — dizia, rindo. — Preciso roubá-la só por um minuto. — Ah, aqui está você, Harriet. Harriet querida, quero que conheça a nossa anfitriã e minha amiga, Mary Ellen Ryan. Mary Ellen, esta é Harriet Breezeport.

— Como vai? — Mel apertou levemente a mão fina e muito clara.

A mulher devia ter bem mais de sessenta anos, com uma aparência frágil que era acentuada pelos cabelos brancos e os óculos de aros finos.

— Muito prazer em conhecê-la. Foi gentileza sua nos convidar. — A voz dela era quase um sussurro. — Linda contou-me o quanto você é encantadora. Este é o meu filho, Ethan.

Ele era tão claro quanto a mãe e extremamente magro. O aperto de mão foi ríspido e seus olhos negros pareciam com os de um pássaro.

— Linda festa.

— Obrigada. Não gostaria de se sentar, Sra. Breezeport? Ou beber alguma coisa?

— Ah, eu aceitaria um pouco de vinho. — A mulher deu um sorrisinho. — Não quero incomodar.

— Não é incômodo algum. — Mel guiou-a para uma cadeira. — Vou buscar-lhe uma taça de vinho.

— Ah, não, Ethan pode fazer isso. Não é, Ethan?

— É claro. Com licença.

— É um bom menino — Harriet falou quando o filho seguiu para a mesa do bufê. — Cuida tão bem de mim... — Ela sorriu para Mel. — Linda me disse que você mudou-se para Tahoe recentemente.

— Sim, meu marido e eu viemos de Seattle. Foi uma mudança e tanto.

— De fato, de fato. Ethan e eu às vezes passamos nossas férias aqui. Temos uma casa agradável num condomínio.

Ficaram conversando enquanto Ethan trazia um prato com canapês e uma taça de vinho. Linda já havia se esgueirado para longe quando Mel ergueu os olhos e

viu Sebastian se aproximando.

— Este é o meu marido — Mel deslizou a mão sob o braço dele. — Donovan, estes são Harriet e Ethan Breezeport.

— Linda comentou mesmo que vocês formam um par adorável. — Harriet ofereceu a mão a Sebastian. — Receio estar monopolizando a sua linda esposa.

— Geralmente sou eu o culpado disso. Na verdade, preciso roubá-la por um instante. Acho que há um probleminha na cozinha. Fiquem à vontade, por favor.

Sebastian levou-a através da sala até que, encontrando um cantinho isolado, entrou com ela dentro de um armário embutido.

— Donovan, pelo amor de Deus...

— Shh. — Sob a fraca luz, os olhos dele brilhavam. — É ela — cochichou.

— Quem é ela, e o que estamos fazendo dentro do armário?

— A senhora idosa. É ela

— É ela? — Mel repetiu: boquiaberta. — Desculpe, mas não espera que eu acredite que aquela frágil velhinha é a "cabeça" de uma organização especializada em raptos de bebês?

— Exatamente. — Sebastian beijou a boca atônita. — Estamos fechando o cerco, Sutherland.

CAPÍTULO 12

Mel encontrou Harriet Breezeport mais duas vezes nos dois dias seguintes, uma vez para um chá e outra numa festa. Se não fosse pela sua fé em Sebastian, ela teria rido da idéia de que aquela senhora de vozinha fina e sussurrante fosse a cabeça de uma organização criminosa.

Mas acreditava nele e por isso continuou observando, mantendo-se em seu papel.

Foi Devereaux quem passou-lhes a informação de que nem Harriet ou Ethan Breezeport possuíam uma casa em Tahoe.

Na verdade, não havia nenhum registro da existência de qualquer um deles.

Ainda assim, quando finalmente o contato apareceu não foi através deles, mas por um homem jovem e bronzeado, com uma raquete de tênis na mão. Mel acabara de jogar uma partida com Linda e estava bebendo um chá gelado, enquanto esperava que Sebastian completasse o jogo de golfe com Gumm. O rapaz aproximou-se, usando a roupa branca de tênis e com um sorriso devastador.

— Sra. Ryan?

— Sim?

— Meu nome é John Silbey. Um amigo comum indicou-me a senhora. Será que poderíamos conversar por um instante?

Mel hesitou, como imaginava que faria uma mulher bem casada diante da aproximação de um homem desconhecido.

— Está bem.

Ele sentou, pousando a raquete entre os joelhos bronzeados.

— Sei que pode parecer um tanto estranho, Sra. Ryan, mas, como disse, temos amigos comuns. Fui informado de que a senhora e o seu marido estão interessados em meus serviços.

— É mesmo? — Mel arqueou a sobrancelha, mas seu coração acelerava-se. — Você não parece ser um jardineiro, embora meu marido e eu estejamos desesperados atrás de um.

— Não, de fato. — Ele riu alto. — Receio não poder ajudá-los neste ponto. Eu sou advogado, Sra. Ryan.

— Ah? — Mel tentou uma expressão de esperançosa confusão, e aparentemente conseguiu.

Silbey inclinou-se um pouco mais e falou suavemente.

— Não é assim que costumo contatar os meus clientes, mas quando fiquei sabendo que a senhora estava aqui achei que seria uma boa oportunidade de nos

conhecermos. Soube que a senhora e seu marido estão interessados numa adoção particular.

Ela umedeceu os lábios e balançou o gelo em seu copo, para causar um efeito.

— Eu... nós temos esperança disso — falou, devagar. — Até já tentamos, mas tem sido muito difícil. Todas as agências que procuramos têm listas de espera enormes.

— Eu entendo.

E Mel percebia que ele entendia mesmo, e que estava contente em descobrir que ela era tão emocional, desesperada e fragilizada. Tocou a mão dela com simpatia.

— Nós já tentamos fazer a adoção através de um advogado, mas todo o processo acabou fracassando no último minuto. — Mel pressionou os lábios, como se quisesse impedir que tremessem. — Não sei se conseguiria passar por todo aquele desapontamento outra vez.

— Tenho certeza de que é muito estressante. Não quero lhe dar muitas esperanças antes de discutirmos o assunto em detalhes, mas posso afirmar que já representei várias mulheres que, por um motivo ou por outro, decidem entregar seus filhos para adoção. Tudo o que elas desejam para eles é um bom lar, onde sejam amados. O meu trabalho é ajudá-las, Sra. Ryan. E quando consigo, eu confesso que é uma das experiências mais gratificantes que uma pessoa pode ter.

E uma das mais lucrativas, Mel pensou, mas esboçou um sorriso trêmulo.

— Nós queremos muito proporcionar um bom lar para uma criança, Sr. Silbey. Se puder nos ajudar... nem sei lhe dizer o quanto ficaremos gratos.

O advogado tocou-lhe a mão novamente.

— Neste caso, se a senhora estiver de acordo, poderemos conversar mais sobre o assunto.

— Nós iremos ao seu escritório, a qualquer hora que lhe for conveniente.

— Na verdade, prefiro conversar com a senhora e seu marido num ambiente mais descontraído. Pode ser na sua casa, pois assim terei condições de informar à minha cliente onde vocês moram, como vivem e se comportam em seu próprio lar.

— Sim, é claro. É claro — ela disse, transbordando de excitação. — *Você nem tem um escritório, não é, patife?*— A qualquer hora que o senhor quiser marcar.

— Bem, infelizmente estou com minha agenda cheia pelas próximas duas semanas.

— Ah... — Mel não precisou fingir o desapontamento. Mas, enfim, para quem já esperou tanto...

Silbey aguardou um instante, depois sorriu com bondade.

— Acho que posso desmarcar um compromisso ainda esta tarde, a não ser que

a senhora...

— Oh, não. — Ela agarrou-lhe as duas mãos. — Seria maravilhoso. Estou, tão agradecida. Donovan e eu... Obrigada, Sr. Silbey.

— Espero poder ajudá-los. Às sete horas está bem para a senhora?

— Sim, está ótimo. — Mel enxugou as lágrimas de gratidão.

Depois que o homem se afastou, Mel continuou no personagem, certa de que alguém estaria observando. Enxugou os olhos com um lenço, pressionou a mão na boca. Sebastian encontrou-a fungando sobre o chá aguado.

— Mary Ellen. — Ao ver os olhos vermelhos e os lábios trêmulos, ele ficou imediatamente preocupado. — Querida, o que aconteceu?

Mas no instante em que tomou-lhe as mãos sentiu o súbito impacto da excitação dela, à ponto de quase derrubá-lo. Apenas um tremendo esforço de autocontrole impediu que demonstrasse o seu espanto.

— Ah, Donovan... — Mel levantou-se, avistando Gumm por cima do ombro dele. — Estou fazendo um pequeno escândalo, aqui. — Deu uma risadinha e enxugou as lágrimas. — Desculpe-me, Jasper.

— Ora, o que é isso. — Num gesto cavalheiresco, Gumm ofereceu-lhe um lenço de seda. — Alguém a incomodou, Mary Ellen?

— Não, não. — Mel soluçou, baixinho. — São boas notícias. Ótimas notícias. Acho que fiquei emocionada demais. Será que pode nos dar licença, Jasper? Envie minhas desculpas à Linda. Eu realmente preciso conversar a sós com Donovan.

— É claro. — Gumm afastou-se para dar-lhes privacidade, e Mel encostou o rosto no ombro de Sebastian.

— O que diabos está acontecendo? — ele indagou num murmúrio tranquilizante, enquanto afagava-lhe as mãos.

— Contato. — Sempre mantendo os olhos lacrimejantes e os sorrisos trêmulos, Mel afastou-se para encará-lo. — Apareceu aqui um advogado metido à besta, bem, duvido que seja advogado, e se ofereceu para nos ajudar com uma adoção particular. Faça uma cara de quem adorou a notícia.

— Eu adorei mesmo. — Sebastian beijou-a, por sua própria alegria e para o beneficio da platéia. — O que ficou combinado?

— Guiado pela bondade do seu coração e pela consideração por uma mulher desesperada, ele concordou em ir à nossa casa esta noite e discutir nossas necessidades em mais detalhes.

— É muita gentileza dele.

— Ah, sim. Posso não ter os seus dons, mas consegui ler a mente dele direitinho. Só de olhar para mim ele pensou: "otária". Quase pude ouvi-lo calcular os lucros. Vamos para casa. — Mel passou o braço em torno do dele. —

Este lugar está cheirando mal.

— Então? — Linda perguntou a Gumm, enquanto observavam Sebastian e Mel se afastando.

— Foi como tirar o doce de uma criança. — Contente consigo mesmo, Gumm fez sinal para o garçom. — Eles estão tão encantados com a idéia que farão o mínimo de perguntas e pagarão o preço máximo. Talvez ele se mostre um pouco mais cauteloso, mas do jeito que é louco pela mulher fará qualquer coisa para deixá-la contente.

— Ah, o amor... — Linda fez um muxoxo de desprezo. O pior negócio que existe. Então, você já escolheu a mercadoria?

Gumm pediu as bebidas e recostou-se para acender um cigarro.

— Ele quer um menino, portanto acho que devemos lhe fazer a vontade. Afinal, vai pagar um bocado por isso. Temos uma enfermeira em Nova Jersey pronta para selecionar um menino saudável, talvez ainda no próprio hospital.

— Ótimo. Sabe, eu até que gosto de Mary Ellen. Talvez eu faça um chá de bebê para ela.

— Uma idéia excelente. Eu não ficaria surpreso se, daqui a um ou dois anos, eles começarem a procurar outro bebê. — Jason olhou no relógio. — Acho melhor ligar para Harriet e avisá-la de que pode começar a acionar as engrenagens.

— Antes você do que eu — Linda falou com uma careta.

— Aquela velhota me provoca arrepios.

— Aquela velhota dirige um negócio que é uma mina de ouro — ele lembrou-a.

— Sim, e negócios são negócios. — Linda pegou o copo que o garçom deixara na mesa e ergueu-o num brinde. — Aos felizes futuros papai e mamãe.

— Aos vinte e cinco mil que ganharemos facilmente.

— Melhor ainda. — Linda bateu o copo no dele. — Melhor ainda.

Mel já sabia de cor o seu papel e estava pronta para entrar em cena quando Silbey chegou, às sete em ponto. A mão dela tremia um pouco, quando cumprimentou-o.

— Estou tão contente que tenha vindo.

— O prazer é meu.

Ela o levou para a ampla sala de estar, falando sem parar.

— Nós estamos nesta casa há duas semanas, apenas. Ainda quero fazer muitas modificações. Temos um quarto lá em cima, que seria excelente para o bebê. Espero que... Donovan. — Sebastian estava do outro lado da sala, servindo uma bebida. — O Sr. Silbey está aqui.

Sebastian também já sabia o seu papel. Mostrava-se um tanto reservado e nervoso, quando ofereceu a bebida para Silbey. Após as trocas de gentilezas de praxe, todos sentaram. Mel e Sebastian ficaram juntos no sofá, de mãos dadas para apoio mútuo.

Todo solícito, Silbey abriu a pasta de couro.

— Será que se importam se eu lhes fizer algumas perguntas? Apenas para conhecê-los um pouco melhor?

Ambos informaram os dados de suas identidades pré-estabelecidas, enquanto Silbey tomava notas. Mas foi a linguagem corporal entre eles que realmente contou. Os olhares rápidos e esperançosos que trocavam, a maneira como se tocavam. Silbey continuou a entrevista, ignorando totalmente que cada palavra que dizia estava sendo transmitida para dois agentes federais num quarto do andar de cima.

Nitidamente satisfeito com o progresso que estava obtendo, Silbey enviou-lhes um olhar encorajador.

— Posso afirmar que, na minha opinião pessoal e profissional, os senhores seriam excelentes pais. A seleção de um lar para uma criança é uma questão muito delicada.

Silbey fez um breve discurso sobre a estabilidade, responsabilidade e os requisitos especiais necessários para se criar uma criança adotada. Mel sentia o estômago revirar, embora continuasse sorrindo para ele.

— Posso ver que vocês dois pensaram neste assunto com muita seriedade e profundidade. No entanto, existe um detalhe que talvez queiram discutir com um pouco mais de tempo. As despesas. Sei que parece insensível colocar um preço em algo que deveríamos considerar um milagre, mas temos de aceitar a realidade. Existem as questões das despesas médicas, da compensação para a mãe, a minha remuneração, os custos legais e de cartório. Tudo isso, naturalmente, ficará ao meu encargo.

— Nós entendemos — Sebastian falou, desejando ter a liberdade de torcer o pescoço de Silbey.

— Pois bem, nós vamos precisar de vinte e cinco mil dólares de depósito, e depois mais cento e vinte e cinco mil ao final dos procedimentos legais. Nisso estão incluídas todas as despesas com a mãe.

Sebastian começou a falar. Afinal, ele era um homem de negócios. Porém, Mel apertou-lhe a mão com força e enviou-lhe um olhar de súplica.

— O dinheiro não é problema — ele disse, tocando o rosto dela.

— Tudo bem, então. — Silbey sorriu. — Eu tenho uma cliente. Ela é muito jovem, solteira. Quer terminar a faculdade e, depois de muito pensar, chegou a difícil conclusão de que isto seria impossível se tivesse de criar um filho sozinha.

Posso lhes fornecer todos os antecedentes médicos, tanto dela quanto do pai do bebê, mas ela está firmemente decidida a não divulgar mais nenhuma informação. Com sua permissão, vou recomendá-los a ela e falar a respeito de tudo o que conversamos.

— Oh! — Mel pressionou os dedos na boca. — Ah, sim, por favor.

— Para ser franco, vocês são exatamente o tipo de pais que ela esperava encontrar para o bebê. Creio que seremos capazes de concluir tudo de forma que todas as partes fiquem satisfeitas.

— Sr. Silbey. — Mel recostou a cabeça no ombro de Sebastian. — Quando... Isto é, quanto tempo pode demorar para termos uma resposta? E o bebê? O que pode nos dizer sobre a criança?

— Eu diria que teremos uma resposta nas próximas quarenta e oito horas. Quanto à criança... — Ele sorriu, benevolente. — Minha cliente deverá entrar em trabalho de parto a qualquer momento. E tenho a impressão de que, quando souber da notícia, ficará extremamente aliviada.

Quando finalmente acompanharam Silbey até a porta, Mel já havia derramado mais algumas lágrimas.

Mas assim que ficou a sós com Sebastian, o brilho de fúria secou-os imediatamente.

— Homenzinho horroroso!

— Eu sei. — Sebastian segurou-a pelos ombros. Ela vibrava como uma corda esticada. — Nós vamos apanhá-lo, Mel. Vamos agarrar todos eles.

— Pode apostar todo seu dinheiro nisso! — Ela marchou até as escadas, depois voltou. — Você sabe o que isso significa, não sabe? Eles vão raptar um bebê, um recém-nascido, provavelmente ainda no hospital!

— Lógica como sempre — ele murmurou, observando-a.

— Eu não aguento isso. — Mel pressionou a mão no estômago, que revirava-se. — Não posso suportar a idéia de alguma pobre mulher deitada numa cama de hospital, tendo de ouvir a notícia de que seu bebê foi raptado.

— Não vai demorar mais muito tempo. — Sebastian queria entrar nos pensamentos dela, ver por si mesmo o que ela estava pensando. Porém, dera-lhe a sua palavra. — Nós temos de continuar neste jogo até o fim.

— É... — Era exatamente isso que ela iria fazer. Sebastian não aprovaria, pensou, nem tampouco os federais. Mas existem ocasiões em que se tem de seguir o que o coração diz. — Temos de nos certificar de que os rapazes lá em cima conseguiram gravar tudo. — Respirou fundo. — Depois, acho que devemos fazer o que qualquer casal feliz e ansioso faria.

— O quê?

— Sair e contar aos nossos amigos mais chegados. E comemorar.

Mel estava no saguão do Silver Palace com uma taça de champanhe na mão e um sorriso nos lábios.

— Aos nossos novos e valiosos amigos.

Linda riu e brindou.

— Ah, não, aos felizes futuros pais!

— Acho que nunca serei capaz de lhe agradecer o bastante.

— Mel olhou de Linda para Gumm. — A vocês dois.

— Tolice. — Gumm deu uma palmadinha na mão dela. Linda simplesmente fez algumas perguntinhas a uma amiga. Mas nós dois ficamos felizes em saber que um gesto tão pequeno resultou em tantas alegrias.

— Ainda temos de assinar os papéis — Sebastian salientou. — E esperar a aprovação da mãe.

— Não vamos nos preocupar com nada disso. — Linda afastou tais detalhes com um gesto. — O que temos de fazer agora é planejar um chá de bebê. Eu adoraria organizá-lo para você, Mary Ellen, na minha cobertura.

Embora já estivesse mais do que farta de chorar, Mel deixou os olhos encherem-se de lágrimas.

— Isso tudo é tão... — As lágrimas derramaram-se enquanto ela se levantava. — Desculpem-me, com licença. — Como se estivesse tendo um ataque emocional, correu para o toalete das senhoras.

Como ela esperava, Linda a seguiu momentos depois.

— Que idiota eu sou.

— Ora, não seja tola. — Linda sentou ao seu lado, passando o braço em seu ombro. — Dizem que as futuras mamães choram mesmo por qualquer coisinha.

Com um risinho trêmulo, Mel enxugou os olhos.

— É, acho que sim. Será que você se importaria muito de buscar-me um pouco d'água, enquanto eu tento recuperar os danos na minha maquiagem?

— Fique aqui mesmo.

Mel calculou que teria vinte segundos, no máximo, portanto moveu-se rápido. Abriu a bolsinha de noite de Linda, remexeu entre o batom e o perfume e agarrou a chave da cobertura. Estava guardando-a no bolso da pantalona quando Linda voltou trazendo um copo.

— Obrigada. — Mel sorriu. — Muito obrigada.

O passo seguinte era afastar-se do grupo por pelo menos vinte minutos, sem ser detectada. Sugeriu um jantar de comemoração, mas que fossem jogar um pouco antes, como aperitivo. Sempre um anfitrião atencioso, Gumm insistiu em fazer ele mesmo os preparativos para o jantar. Cronometrando o tempo, Mel conseguiu esgueirar-se para longe de Sebastian e Linda em meio à pequena

multidão da mesa de vinte-e-um.

Pegou o elevador expresso, mantendo-se bem encostada às paredes espelhadas. O andar da cobertura estava silencioso, quando saiu do elevador. Mel checou o relógio, depois enfiou a chave na fechadura.

Não precisava de muita coisa. Com as provas que já haviam conseguido, precisava apenas encontrar provas da ligação entre Gumm e Linda com Silbey ou com os Breezeport. E achava que Gumm era o tipo de homem que guardava registros de tudo e os mantinha muito bem escondidos.

Talvez estivesse sendo precipitada, pensou enquanto encaminhava-se diretamente para a escrivaninha de ébano. Mas a idéia de que, naquele exato momento, a quadrilha estivesse planejando raptar um bebê fazia seu sangue fervilhar. Ela não iria ficar parada enquanto uma outra pessoa passava por tudo o que Rose e Stan tinham passado. Não quando havia uma chance de fazer a coisa certa.

Não achou nada de interessante na escrivaninha, e gastou cinco dos seus vinte minutos na procura.

Destemida, continuou olhando em toda parte, examinando as mesas em busca de tampos falsos, localizando um cofre atrás de uma fileira de livros. Adoraria ter tempo e habilidade para abrir o cofre, mas teve de admitir a derrota. Com menos de três minutos restando, encontrou o que procurava num local bem à sua vista.

O segundo quarto da suíte tinha uma decoração toda cheia de fricotes e era usado por Linda, como um pequeno escritório. Ali, em cima da escrivaninha provençal, estava um livro contábil com capa de couro.

À primeira vista, era exatamente o que parecia ser: Um registro diário das entregas para as lojas do hotel.

Mel quase fechou-o novamente, com desgosto, quando reparou nas datas.

Mercadoria adquirida 21/1. Tampa. Recolhida 22/1. Little Rock. Entregue 23/1. Louisville. Recebida CQD 25/1. Detroit. Comissão: $ 10.000.

Respirando mais devagar, Mel virou as páginas.

Mercadoria adquirida 5/5. Monterey. Recolhida 6/5. Scuttlefield. 7/5. Entregue 8/5. Recebida COD 11/5. Atlanta. Comissão: $ 12.000.

David, ela pensou, e não incomodou-se em conter uma torrente de palavrões. Estava tudo ali, todas as datas e cidades. E mais. Crianças relacionadas como se fossem pacotes a ser entregues e pagos no recebimento.

Pressionando os lábios com força, ela examinou as páginas e assoviou baixinho por entre os dentes.

B.B. encomendou nova mercadoria azul, West Bloomfield, Nova Jersey. Recolhimento entre 22/8 e 25/8.

Rota normal, recebimento e pagamento final com prazo até 31/8. Comissão estimada: $ 25.000.

— Sua desgraçada — Mel murmurou enquanto fechava o livro.

Lutava contra o impulso de quebrar alguma coisa, mas, em vez disso, examinou rapidamente o cômodo.

Certificando-se de que não havia nada fora do lugar, preparou-se para sair.

— Ah, provavelmente ela teve outra crise de choro — Linda dizia ao entrar pela porta principal, encaminhando-se para a sala. — Ele vai encontrá-la.

Mel olhou rapidamente em volta, e optou pelo armário embutido.

— Não posso afirmar que esteja ansioso em passar mais uma noite com eles — Gumm falou. — Aposto que ela vai ficar a noite inteira tagarelando sobre fraldas e mamadeiras.

— Nós conseguiremos aguentar, amor. Principalmente pelo dobro da nossa comissão normal. — A voz dela ficou mais baixa, quando foi para o quarto no lado oposto. — Acho que foi uma boa idéia mandar trazer o jantar para cá. Quanto mais agradecidos e emocionados eles estiverem, menos serão capazes de raciocinar. Assim que estiverem com a criança, não questionarão nada.

— É exatamente o que Harriet pensa. Ela já mandou Ethan dar início ao processo. Fiquei surpreso quando ela veio até aqui para conhecê-los pessoalmente, pois tem agido com mais cautela desde o caso com os Frost.

Mel mantinha a respiração lenta e calma. Pressionou o dedo na pedra do seu anel. A comunicação entre pessoas que se gostam, lembrou-se, e fechou os olhos. Bem, só lhe restava esperar. "Venha, Donovan, carregue seu traseiro para cá e traga a cavalaria."

Era arriscado, ela sabia, mas achou que os ventos estavam a seu favor. Enfiou a mão na bolsa, sentindo o volume reconfortante da sua arma. Não, deste jeito não. Respirou fundo, acalmando-se, e guardou o livro contábil na bolsa, em vez de tirar a arma. Deixou a bolsa no chão e abriu o armário.

— Eles vão entregar a mercadoria ao nosso contato em Chicago. — Gumm estava dizendo.

— Eu preferia pegá-la em Albuquerque — Linda falou. Sempre posso aproveitar uns duzentos dólares extra para a corrida. — Ela levantou a cabeça de repente quando Mel trombou de propósito numa cadeira. — O que diabos...?

Gumm atravessou a sala como um raio, torcendo os braços de Mel por trás das costas, enquanto ela se debatia.

— Solte-me! Jasper, você está me machucando!

— As pessoas que invadem as casas dos outros correm o risco de se machucar.

— Eu... eu só vim me deitar um pouco.. — Mel tentou dar uma expressão

enlouquecida aos olhos, para tornar a mentira ainda mais ridícula. — Não pensei que você fosse se incomodar.

— O que temos aqui? — Linda perguntou.

— Uma espiã. Eu deveria ter percebido. Devia ter sentido o cheiro.

— Da polícia? — Linda considerou.

— Polícia? — Com os olhos arregalados de espanto, Mel fez um esforço para se soltar. — Eu não sei do que vocês estão falando. Estava apenas descansando um pouco.

— Como foi que ela entrou? — Jasper disparou, e Mel deixou a chave que estava segurando escorregar para o chão.

— É a minha. — Praguejando com raiva, Linda abaixou-se para pegá-la. — Ela deve ter tirado da minha bolsa.

— Eu não sei o que... — Mel começou, mas Jasper calou seu protesto com um tapa que deixou-a atordoada.

Decidiu que estava na hora de trocar de cena.

— Tudo bem, tudo bem, não precisa ficar violento. — Estremeceu e engoliu ruidosamente. — Estou apenas fazendo o meu trabalho.

Jasper empurrou-a para a sala e jogou-a no sofá.

— Que trabalho?

— Escute, eu sou apenas uma atriz. Estou trabalhando para Donovan. Ele é um detetive particular. — Enrole, Mel pensou. Enrole bastante, ganhe tempo, porque ele está chegando. Sabia que ele estava indo para lá. — Fiz apenas o que me mandaram fazer. Não dou a mínima para os seus negócios. Na verdade, até aprecio um plano bem-feito.

Gumm foi até a escrivaninha e tirou um revólver da gaveta.

— O que está fazendo aqui?

— Você não vai precisar disso. — ela falou, engolindo em seco. — Donovan mandou-me pegar a chave e subir para dar uma olhada. Achou que poderia haver alguns papéis aí na escrivaninha. — Fez um gesto na direção da mesa de ébano. — Parecia ser coisa importante, você sabe. E ele está me pagando cinco mil pratas pelo trabalho.

— Uma atriz de segunda classe e um detetive particular! — Linda disparou, furiosa. — O que vamos fazer agora?

— O que temos de fazer.

— Escute, espere um pouco. É só você mandar e eu dou o fora daqui. Para fora do Estado, do país. — Mel tentou um tipo de charme mais ostensivo. — Isto é, foi ótimo enquanto durou, as roupas bonitas e tudo, mas não quero me meter em encrencas. Não ouvi nada, não vi nada.

— Você ouviu bastante — Gumm retrucou.

— Tenho uma péssima memória.

— Cale a boca — Linda gritou, e Mel estremeceu.

— Temos de falar com Harriet. Ela voltou para Baltimore para acertar os detalhes do último serviço. — Gumm passou a mão nos cabelos. — Ela vai ficar muito zangada. E vai precisar ligar para a enfermeira, Não podemos pegar uma criança se não temos um comprador.

— Vinte e cinco mil indo embora pelo ralo. — Linda enviou a Mel um olhar de profundo desgosto. — Eu gostava de você de verdade, Mary Ellen. — Aproximou-se de Mel e se abaixou, apertando a mão em torno de seu pescoço. — Mas agora terei muito prazer em deixar que Jasper cuide de você.

— Ei, escute...

— Cale a boca! — Linda atirou Mel para trás. — É melhor você arrumar alguém para fazer o serviço ainda esta noite. E precisa pegar o detetive, também. Acho que uma visitinha à casa deles seria bom. Um belo caso de assassinato seguido de suicídio.

— Eu cuido disso.

Ouvindo as batidas na porta, Mel tentou se levantar e, como esperava, Linda tapou-lhe a boca com a mão.

— Serviço de quarto, Sr. Gumm.

— O maldito jantar — Jasper resmungou. — Leve-a para o quarto e faça com que fique quieta. Eu vou atender.

— Com todo prazer. — Linda pegou a arma que Gumm lhe entregava e fez um gesto para que Mel fosse para o quarto ao lado.

Ajeitando os cabelos, Gumm abriu a porta e fez o garçom entrar com o carrinho.

— Não precisa arrumar a mesa. Nossos convidados ainda não chegaram.

— Chegaram, sim. — Sebastian entrou logo atrás do garçom. — Jasper, quero lhe apresentar o agente especial Devereaux, do FBI. No quarto, Linda praguejava e Mel sorria.

— Com licença — Mel falou educadamente antes de dar uma rasteira no pé de Linda e chutar a arma para longe.

— Sutherland — Sebastian falou com uma fúria contida, aparecendo na porta. — Acho que vai ter de me dar algumas explicações.

— Num minuto. — Sem pestanejar, Mel virou-se e deu um soco direto no rosto atônito de Linda. — Este aqui foi por Rose.

Ele não estava nada contente. Sebastian deixou isso absolutamente claro pelo restante daquela noite, através de todos os meios. Devereaux também não estava exatamente encantado, mas Mel achou que era uma ingratidão da parte dele, desde que ela só faltara amarrar as provas com um laço e entregá-las de presente

numa bandeja.

Sebastian tinha o direito de ficar zangado, pensou. Afinal, ela agira por conta própria. Mas ela era a profissional e, além disso, tudo saíra exatamente como havia planejado. Então, qual era o problema?

Mel fez a mesma pergunta a ele várias vezes, enquanto arrumavam as malas para voltar para casa, durante o voo para Monterey, e quando Sebastian a deixou em seu escritório.

A única resposta dele foram aqueles olhares longos e enigmáticos. E a última coisa que ele lhe disse deixou-a em silêncio, sentindo-se miserável.

— Eu mantive minha palavra, Mary Ellen, e você não. Numa questão de confiança, isso é o que basta.

Isso tudo fora há dois dias, ela pensou enquanto remoía-se sentada na escrivaninha. E, desde então, ele não dera o menor sinal de vida.

Mel até chegara ao ponto de engolir o orgulho e ligar para ele, mas fora atendida pela secretária eletrônica. Não que sentisse que lhe devesse desculpas. Mas realmente achava que ele merecia uma segunda chance de ser razoável.

Brincou com a idéia de procurar Morgana ou Anastásia e pedir que intercedessem. Mas isso já seria fraqueza demais. Tudo o que ela queria era acertar novamente as coisas entre eles. Não, admitiu, ela queria muito mais. E era isso que a estava matando aos poucos.

Só havia um jeito de resolver isso, ela decidiu, e pulou para fora da escrivaninha. Iria caçá-lo onde quer que ele estivesse, empurrá-lo contra a parede, se necessário, mas o obrigaria a ouvir o que tinha a lhe dizer.

Durante todo o trajeto pela estrada tortuosa da montanha, Mel foi praticando o que iria dizer, e como iria falar. Experimentou ser dura, depois calma e solene, e até fez uma tentativa de parecer penitente. Quando nada disso deu certo, optou pela tática agressiva. Iria simplesmente marchar para dentro da casa dele e obrigá-lo a sair daquela greve de silêncio. Já estava farta daquilo.

E se ele não estivesse em casa, ela esperaria.

Mas ele estava ali, Mel descobriu assim que atingiu o topo da montanha. Mas, certamente, não estava sozinho. Havia três outros carros estacionados na frente da garagem, inclusive o que parecia ser a limusine mais comprida do mundo.

Ela saiu do carro e ficou ali parada, perguntando-se o que faria em seguida.

— Eu lhe disse, não disse? — Mel olhou em volta e avistou uma mulher bonita, usando um vestido vaporoso na altura dos tornozelos. Uma loira de olhos verdes. A mulher continuou com uma evidente satisfação no sotaque irlandês. — Eu disse que alguma coisa o estava incomodando.

— Sim, querida. — O homem ao lado dela era alto e desajeitado, com os cabelos grisalhos formando um dramático bico-de-viúva no alto da testa larga.

Parecia bastante atraente usando culotes e botas de montaria.

Uma lente de aumento vitoriana pendia de um cordão em seu pescoço. — Mas fui eu quem lhe disse que era por causa de uma mulher.

— Ainda assim. — A mulher praticamente deslizou pelo gramado, estendendo os dois braços gorduchos na direção de Mel. — Olá, olá, seja bem-vinda!

— Ah, obrigada. Eu, ahn, estou procurando...

— É claro que está — a mulher falou, com um riso alegre. — Qualquer um pode ver isso, não é mesmo, Douglas?

— Bonita — o homem falou em resposta. — Difícil de conquistar. — Ele perscrutou-a com olhos tão parecidos com os de Sebastian, que Mel começou a juntar dois mais dois. — Ele não falou sobre nós, o que explica tudo.

— Acho que sim — Mel respondeu, após um instante. Eram os pais dele, pensou, desanimada. Uma reunião de família não era a melhor ocasião para um confronto. — Não quero incomodá-lo, se está com visitas. Talvez o senhor pudesse avisá-lo que estive aqui.

— Bobagem. A propósito, eu sou Camilla. Mãe de Sebastian.

— Ela pegou Mel pelo braço e levou-a na direção da casa. Entendo muito bem porque você o ama, minha querida criança. Eu mesma o amo há muitos anos.

Em pânico, Mel procurou uma saída de emergência.

— Não, eu... Isto é, eu... eu acho que deveria voltar mais tarde.

— Não há momento como o presente — Douglas falou, e deu-lhe um empurrãozinho amigável para a porta. — Sebastian, olhe só o que trouxemos para você. — Levou a lente ao olho e espiou em volta, parecendo uma coruja. — Onde está aquele menino?

— Lá em cima. — Morgana apareceu, vindo da cozinha. Ele vai... Ah, olá.

— Olá. — O frio cumprimento confirmou à Mel que fora má idéia entrar. — Eu já estava... indo embora. Não sabia que sua família estava de visita.

— Ah, eles costumam aparecer de vez em quando. — Depois de um longo e profundo exame nos olhos de Mel, o sorriso de Morgana aqueceu-se. — Pisou na bola, não é? — murmurou. — Tudo bem, ele vai superar.

— Eu realmente acho que devia...

— Venha conhecer o restante da família — Camilla falou com alegria, mantendo o braço de Mel firmemente preso enquanto marchava na direção da cozinha.

Os aromas mais deliciosos enchiam o ar e o cômodo cheio de gente. Uma mulher alta e majestosa estava rindo gostosamente enquanto mexia alguma coisa no fogão. Nash estava numa banqueta ao lado de um homem de meia-idade cujos cabelos prateados pareciam brilhar. Quando o homem ergueu os olhos para

ela, Mel sentiu-se como um inseto sentado num alfinete.

— Ei, Mel! — Nash acenou-lhe e ela foi introduzida na fraternidade. Seguiram-se as apresentações, sempre comandadas por Camilla.

— Meu cunhado, Matthew — ela começou, indicando o homem ao lado de Nash. — Minha irmã Maureen, lá no fogão. — Maureen acenou distraída e cheirou o conteúdo da panela. — E minha outra irmã, Bryna.

— Olá. — Uma mulher tão bela quanto Morgana adiantou-se para cumprimentar Mel. — Espero que não esteja assustada demais com tudo isso. Nós todos chegamos hoje cedo, um tanto inesperadamente.

— Não, não... de verdade. Eu não quero atrapalhar. Realmente devia ir...

Mas era tarde demais. Sebastian entrou na cozinha, seguido por Ana e um homem baixo, moreno, com olhos reluzentes.

— Ah, Sebastian! — Bryna continuou segurando a mão de Mel. — Temos mais companhia. Mel, este é Padrick, pai de Ana.

— Olá. — Mel achou mais fácil olhar para ele do que para Sebastian. — Muito prazer.

Ele aproximou-se com passos largos e deu-lhe um beliscãozinho na bochecha.

— Fique para o jantar — disse. — Vamos pôr um pouco de carne em seus ossos. Maureen, minha flor do campo, o que é este cheiro maravilhoso?

— Goulash húngaro.

Padrick piscou para Mel.

— E nem um olho de salamandra no caldo, eu garanto.

— Sim, bem, agradeço o convite, mas realmente não posso ficar. — Arriscou-se e lançou um olhar para Sebastian. — Desculpe-me — murmurou quando ele limitou-se apenas a fitá-la com aqueles olhos calmos, inescrutáveis. — Eu não devia... Isto é, eu devia ter ligado antes. Falo com você mais tarde.

— Nos deem licença — Sebastian falou para o grupo, pegando o braço de Mel quando ela tentava se afastar. — Mel não viu o potrinho, desde que ele nasceu.

Embora soubesse que era covardia, Mel lançou um olhar desesperado para trás, enquanto ele a empurrava porta afora.

— Você está com visitas.

E as visitas correram para a janela todas ao mesmo tempo, para observar os acontecimentos.

— Família não é visita — ele disse. — E, já que você se deu ao trabalho de vir até aqui, creio que tem alguma coisa a dizer.

— Bem, eu tenho mesmo. E vou dizer quando você parar de me empurrar.

— Ótimo. — Sebastian parou perto do estábulo, onde o potro estava ocupado mamando. — Então fale.

— Eu queria... Eu conversei com Devereaux. Ele disse que Linda resolveu

cooperar e entregou tudo. Eles têm o bastante para trancar Gumm e os Breezeport por um bom tempo. Além dos outros envolvidos, como Silbey.

— Eu sei de tudo isso.

— Ah, bem, eu não tinha certeza. — Mel enfiou as mãos nos bolsos. — Vai demorar algum tempo para que localizem todas as crianças e devolvê-las para os verdadeiros pais, mas... Deu certo, droga! — ela explodiu. — Não sei por que você está tão inflexível quanto a isso.

Ele falou num tom calmo, que a deixou decepcionada.

— Não sabe mesmo?

— Eu fiz o que achei que seria o melhor. — Ela chutou a terra, depois começou a andar ao longo da cerca. — Eles já estavam fazendo planos para raptar outro bebê. Estava bem ali, no livro.

— O livro que você foi procurar e encontrou. Sozinha.

— Se eu lhe contasse o que pretendia fazer, você tentaria me impedir.

— Errado. Eu teria impedido.

Mel franziu a testa.

— Viu só? Fazendo do meu jeito, evitei uma porção de sofrimentos.

— E arriscou-se a ter mais sofrimentos ainda. — A raiva que ele estava lutando para conter explodiu de repente. — Você ficou com o rosto machucado.

— Um acidente de trabalho — ela retrucou. — Além disso, o rosto é meu.

— Bom Deus, Sutherland! A mulher tinha uma arma apontada para você.

— Apenas por um minuto. Escute, Donovan, o dia em que não puder lidar com uma "babaca" como aquela Linda Glass, eu me aposento. Estou lhe dizendo que simplesmente não consegui suportar a idéia de que estavam prestes a raptar outro bebê, por isso segui meus instintos. — Os olhos dela eram tão eloquentes que Sebastian sentiu a raiva diminuir um pouco. — Eu sabia o que estava fazendo, e também sei que parece que estava abandonando você. Mas não estava. Eu o chamei.

Sebastian respirou fundo, tentando se acalmar. Mas não conseguiu.

— E se tivesse sido tarde demais?

— Bem, não foi. Então, qual é o problema?

— O problema é que você não confiou em mim.

— É claro que confiei! Em quem mais eu estava confiando quando fiquei presa naquele armário e tentei usar o anel, ou qualquer outro contato que tivéssemos, para chamá-lo e também aos federais? Se não confiasse em você, teria saído dali naquele mesmo instante, levando o livro. — Mel agarrou-o pela camisa e encarou-o. — Foi porque confiava em você que agi daquela maneira. Fiquei lá, permitindo que eles me apanhassem... porque eu sabia que podia confiar em você para me salvar. Tentei lhe explicar tudo isso, antes. Eu sabia que

eles me diriam coisas que Devereaux poderia usar e, tendo o livro como prova, poderiam acabar com a quadrilha de uma vez.

Aprumando-se, Sebastian virou-se. Por mais zangado que estivesse, via a verdade naquilo. Talvez não fosse o tipo de confiança que ele queria, mas era confiança.

— Você podia ter sido ferida.

— É claro. Eu posso ser ferida todas as vezes que aceito um caso. É o que faço, o que sou. — Mel engoliu em seco, lutando para desfazer o nó na garganta. — Eu tive de aceitar você, e o que você é. E, acredite, não foi fácil. Se quisermos continuar sendo... amigos, acho que você pode fazer o mesmo.

— Talvez você tenha razão. Mas eu não gosto do seu estilo.

— Ótimo — ela disparou de volta, piscando para clarear a visão. — Pois eu digo o mesmo.

Na janela da cozinha, Camilla balançou a cabeça.

— Ele sempre foi tão teimoso...

— Aposto dez libras que ela vai vencê-lo pelo cansaço. Padrick apalpou o traseiro da esposa afetuosamente. — Dez libras, sem truques.

— Shh — ela falou. — Assim não conseguimos escutar.

Mel exalou um suspiro trêmulo.

— Bem, de qualquer forma, agora já sabemos como ficamos. Sinto muito.

— O quê? — Sebastian virou-se e ficou atônito ao ver as lágrimas no rosto dela. — Mary Ellen...

— Não. Eu vou superar tudo isso. — Ela limpou as lágrimas, com raiva. — Eu tenho de fazer o que acho que é certo. E ainda acredito que o que fiz estava certo, mas lamento que tenha ficado tão zangado comigo. Porque eu... Ah, odeio isso! — Mel esfregou as mãos no rosto, esquivando-se quando ele quis se aproximar. — Não. Não quero. Não preciso ser acalmada, nem acariciada, mesmo que esteja agindo como um bebê. Você estava com raiva e acho que não posso culpá-lo por ter me dado um fora.

— Dado um fora em você? — Ele riu. — Eu a deixei sozinha e bem longe de meu alcance até me certificar de que poderia impedir-me de esganá-la, ou de lhe dar um ultimato que você teria atirado em minha cara.

— Seja lá o que for. — Mel fungou e recuperou um pouco do controle, — Acho que o que fiz realmente magoou você, mas não tive essa intenção.

Sebastian sorriu um pouco.

— Digo o mesmo.

— Tudo bem. — Devia haver algum jeito de encerrar aquilo com um pouco da dignidade intacta. — Então é isso, eu queria esclarecer as coisas e lhe dizer que acho que nós fizemos um bom trabalho. E, agora que está terminado, achei

melhor lhe devolver isso. — Foi difícil, uma das coisas mais difíceis que ela já fizera, tirar o anel do dedo. — Parece que os Ryan estão se divorciando.

— É verdade.

Sebastian pegou o anel e segurou-o na palma da mão enquanto a observava. Não era necessário mergulhar nos pensamentos dela para saber que estava sofrendo. Não que fosse particularmente nobre de sua parte, mas isto o deixou bem satisfeito.

— É uma pena — Sebastian acrescentou, roçando as costas da mão no rosto dela. — Mas, de qualquer jeito, eu prefiro você a ela.

Mel piscou.

— É mesmo?

— Sem dúvida. Estava começando achá-la um pouco chata. Ela nunca discutia comigo e não saía da manicure, — Com delicadeza, ele espalmou a mão no rosto dela e puxou-a para si. — E, certamente, nunca ninguém a apanharia usando uma calça jeans como esta.

— Acho que não — ela murmurou, entregando-se a ele, ao beijo. Mel sentiu-se tremer, sentiu as lágrimas emergindo novamente quando abraçou-o. — Sebastian, eu preciso... — Abraçou-o com mais força, colando os lábios nos dele.

— Fale.

— Eu quero... Ah, meu Deus, você me assusta. — Ela afastou-se, os olhos molhados e aterrorizados. — Apenas leia a minha mente, está bem? Pelo amor de Deus, veja o que estou sentindo e me dê um tempo.

Os olhos dele obscureceram-se, as mãos seguraram-lhe o rosto. Ele olhou e viu tudo o que sempre estivera esperando.

— Mais uma vez — ele murmurou, beijando-a. Mas desta vez foi um beijo sedutor, delicado. — Não pode me dizer? Não consegue dizer as palavras. Elas são a magia mais verdadeira.

— Não quero que você pense que estou pressionando. Mas é que eu...

— Eu amo você — ele completou.

— Sim. — Mel esboçou um sorriso fraco. — Você pode dizer que eu atravessei os limites. Eu não ia tocar neste assunto, mas achei que deveria. Achei que deveria falar com você, frente a frente. E foi um tanto estranho, quando você está com a casa cheia de visitas.

— Que estão todos com o nariz colado na janela da cozinha, adorando tudo isso quase tanto quanto eu.

— O quê? — Mel fez um giro para trás, ruborizou e virou-se novamente. — Ah, meu Deus. Escute, eu vou embora. Não posso acreditar que fiz uma coisa destas. — Nervosa, levantou a mão para arrumar os cabelos. E viu que o anel

retornara ao seu dedo.

Enquanto ela o olhava, Sebastian deu um passo para trás.

— Eu dei esta pedra à Morgana. É uma pedra que guardei como se fosse um tesouro, por toda minha vida. Pedi a ela que mandasse fazer um anel. Para você. Para você — ele repetiu, esperando até que ela erguesse os olhos para encará-lo. Porque você é a única mulher que eu quero que use esta pedra. É a única mulher com quem quero compartilhar minha vida. Eu o coloquei em seu dedo pela segunda vez, agora, e nas duas vezes foi como um pedido para você. — Ele estendeu a mão, oferecendo-a. — Ninguém, em nenhum tempo, em nenhum lugar, irá amá-la tanto.

Mel tinha os olhos secos, naquele momento, e estava subitamente calma.

— Está falando sério?

Sebastian sorriu.

— Não, Sutherland, estou brincando.

Rindo, ela atirou-se nos braços dele.

— Tarde demais. Eu tenho testemunhas. — O aplauso espontâneo vindo da cozinha a fez rir novamente. — Ah, Donovan, eu o amo tanto. Vou fazer o possível para tornar sua vida memorável.

Ele pegou-a no colo e a fez girar no ar.

— Eu sei. — Depois de mais um longo beijo, tomou-lhe a mão. — Venha, vamos ao encontro da sua família. Nós estávamos, todos, esperando por você.

*****FIM*****

Table of Contents

Fascinado
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12